



CHERYL HOLT

A RAINHA DO ROMANCE SENSUAL

A FILHA
DO
VIGÁRIO

Não há melhor acordo do que
aquele que é selado com um beijo...



Ficha Técnica

Título original: Complete Abandon

Título: A Filha do Vigário

Autor: Cheryl Holt

Tradução: Maria Ponce de Leão

Revisão: Isabel Garcia

ISBN: 9788797417696

"MEB"

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Cheryl Holt, 2003

Publicado com o acordo de St. Martin's Press, LLC.

em conjunto com International Editors' Co.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Cheryl Holt

A FILHA DO VIGÁRIO

Tradução *Maria Ponce de Leão*

WAKEFIELD, INGLATERRA, 1813

EMMA FITZGERALD saiu do caminho do relvado aparado que rodeava Wakefield Manor. Pôs-se em bicos de pés e espreitou através de uma janela aberta para um dos luxuosos salões. Que cena chocante se lhe ofereceu! Às dez da manhã!

No meio da sala, uma mulher, com o corpo artisticamente coberto, estava reclinada num canapé. Era bonita, atraente, com o cabelo ruivo e brilhante preso ao alto. Tapada apenas com um robe branco e transparente, apertado na cintura, tinha um dos seios totalmente exposto, com o mamilo grande e alongado. Bebia pequenos goles de um copo de vinho – a uma hora tão matutina! – agarrando o pé da taça ornada e balouçando o conteúdo.

Quando se virou para o lado, o robe abriu-se mais e revelou o ventre curvilíneo, as coxas moldadas, as pernas compridas, as suas... as suas partes privadas. Surpreendentemente, não tinha pelos lá em baixo, e os lábios inferiores pareciam tão macios como o rabo de um bebé.

– Oh, meu Deus! – murmurou Emma ao observar a cena lasciva.

Como e porquê uma mulher faria uma coisa daquelas?

Tendo em conta as histórias que circulavam sobre John Clayton, visconde de Wakefield, e os seus duvidosos companheiros que se tinham instalado na propriedade, o comportamento extravagante da mulher não era surpreendente. Contudo, um episódio tão ofensivo e ousado, exposto aos olhos de todos, era repreensível. Qualquer pessoa poderia passar por ali.

O famoso aristocrata ultrapassava definitivamente os limites do permitido.

A encantadora mulher soltou uma gargalhada sensual e alegre e Emma gostou do som. Manteve-se diante da janela, curiosa por saber que acontecimento provocara a jovialidade da dama. Devido à bisbilhotice da aldeia, já tinha previsto que a mansão era habitada por snobes arrogantes e intratáveis e, por conseguinte, aquele surto espontâneo de alegria pareceu-lhe estranho.

Olhou para os dois lados, verificando que estava protegida pela curva do caminho e pelos arbustos. Caso se demorasse, ninguém a veria. O risco de ser descoberta era mínimo e um impulso malicioso deve tê-la impelido, pois continuou a observar, analisando pormenorizadamente todas as aparências daquela exibição indecente.

Um homem apareceu em cena. Parcialmente vestido, estava sem camisa, mas tinha os membros inferiores tapados por calças beges e botas de montar pretas. Estava de costas para Emma que analisou fascinada e sub-repticiamente a sua

anatomia.

Era alto – pelo menos 1,82 m – com ombros largos, mas uma cintura e ancas estreitas. Tinha braços musculosos, bem definidos e o porte de um cavalheiro que praticava esgrima ou pugilismo como técnica para se manter em boa forma física.

Independentemente do desporto a que se dedicasse, o certo é que resultava. Era dono de um corpo fantástico e másculo que lhe proporcionava elegância.

Ele dirigiu-se ao aparador, aproximando-se da janela onde Emma se encontrava e a jovem escondeu-se nos arbustos. Não podia ser detetada no meio das sombras. Mas ele não olhou nessa direção, pois estava muito mais interessado numa bebida. Estendeu o braço para uma garrafa de cristal, serviu-se de um copo com um líquido acastanhado, esvaziou-o de um trago, após o que encheu um segundo que teve o mesmo destino.

Virando-se para a janela, passeou o olhar pelo relvado. Aquela proximidade deu a Emma a desculpa ideal para não se mexer de onde estava e espreitar furtivamente. O que viu deixou-a boquiaberta.

Este homem era maravilhoso. Deslumbrante. Tinha algo de divino.

Os traços do rosto eram perfeitos, como se um deus se tivesse dado ao cuidado de o criar. Cada um dos ossos e cada pedaço de pele estavam impecavelmente colocados para produzirem o melhor efeito. O cabelo era brilhante, louro, da cor de trigo maduro, despertando numa mulher o desejo de enterrar os dedos naquela floresta dourada. Alguns dos caracóis revoltos pendiam descuidados sobre a testa nobre. Na nuca eram mais compridos e apetitosamente encaracolados, como se tivesse estado demasiado ocupado para deixar que o criado lhe fizesse um corte apropriado.

Os olhos eram azuis e penetrantes, como se dizia sobre as águas do Mediterrâneo. Não que ela se tivesse aproximado do Mediterrâneo ou alguma vez conseguisse fazê-lo, mas era dessa cor que as imaginava.

Uma tentadora penugem cobria-lhe o tronco imenso. Tinha um tom um pouco mais escuro do que os cabelos louros. No peito era bastante espessa e depois estreitava-se numa linha mais fina que desaparecia nas calças e nas partes inferiores masculinas.

Quando cruzou as mãos atrás da nuca e se espreguiçou, ofereceu a Emma uma visão fascinante dos tufo de pelos hirsutos debaixo dos braços e da proeminente caixa torácica.

Naquela posição tornava-se ainda mais notório como as calças estavam justas. Tinha umas coxas musculosas, fantasticamente delineadas, e as partes vitais ressaltavam explicitamente. Emma conseguia distinguir os contornos e havia sem dúvida muito para investigar.

Ele colocou-se de lado, oferecendo-lhe uma visão de perfil do pênis. Agora parecia ter-se avolumado, talvez devido à contemplação da beleza nua estendida no canapé. Visivelmente incomodado, espalmou o tecido com a mão, numa tentativa de reduzir a ereção.

Como um cavalo de corrida antes da partida.

A frase rude ecoou e ela corou da raiz dos cabelos à ponta dos pés.

O que fazia ali, esgueirando-se pelos arredores e espreitando pela janela, cogitando sobre o tamanho dos genitais de um homem robusto? Ele estava sem dúvida prestes a envolver-se com a mulher deitada no canapé e Emma recusava-se a observar.

Recordou, decidida, o motivo que a trouxera ali, a justiça da sua missão. A sua visita à casa senhorial nada tinha a ver com aquele canalha viril e não seria dissuadida por ele nem pelo sórdido espetáculo que estava prestes a desenrolar-se.

Irritada consigo, recuou um passo e, por cima da cabeça, avistou as persianas brancas e os caixilhos das janelas, bem como os tijolos cinzentos da imponente mansão. O edifício situava-se no alto de uma colina e, por conseguinte, os seus abastados ocupantes podiam observar desdenhosamente os pobres habitantes que viviam lá em baixo. Sob o sol de julho, os vidros das dúzias de janelas luzidias brilhavam como diamantes.

Emma vagueou o olhar pelas traseiras da mansão. Apesar da pobreza que dominava nesses dias a economia local, a propriedade parecia bem tratada. Os relvados verdes apresentavam-se meticulosamente cuidados, os jardins limpos, os arbustos e as sebes aparados, os canteiros libertados de ervas daninhas e arranjados com bom gosto.

Emma sentiu-se enraivecida pela ostentação aqui existente quando as pessoas das aldeias circundantes estavam a lutar tão fortemente pela sobrevivência.

Mantinha fechadas no punho as ordens de despejo que o visconde tinha enviado a vários dos seus conhecidos no dia anterior. As impiedosas missivas tinham como alvo viúvas e idosos, aqueles com menos condições de sobrevivência e os mais necessitados. Alguns casos visavam os que tinham sido assegurados de habitação vitalícia pela família Clayton em compensação pelo trabalho prestado.

A maior parte dos destinatários não conseguira ler as terríveis notícias. Extremamente preocupados, tinham-se dirigido a toda a pressa à pequena cabana arruinada para onde ela se mudara – com a mãe doente e a irmã mais nova – depois de o pai ter morrido e a família deixar de ter rendimentos.

Os vizinhos de Emma tinham-lhe ido pedir esclarecimentos e informações, como sempre o haviam feito, implorando uma tranquilidade que ela não podia

dar-lhes.

Também ela recebera uma das ordens de despejo ilegítimas, depois de o pai ter dedicado quase meio século a trabalhar para a propriedade dos Wakefield.

O visconde não tinha vergonha? Desconhecia o sentido de dever e lealdade?

Bom, ela não iria tolerar submissamente uma conduta tão abominável, em especial vinda de um homem rico, mimado e inútil como John Clayton. Já uma vez desistira de um teto sobre a sua cabeça sem um protesto e não estava disposta a fazê-lo de novo. Se o visconde estava decidido a prosseguir, ninguém se dobraria calmamente às suas ordens.

Não, enquanto Emma Fitzgerald tivesse uma palavra a dizer.

Percorrida por uma nova onda de raiva e de convicção, tentou imaginá-lo.

Como seria uma criatura tão reles?

«Majestoso como um anjo pintado no teto de uma igreja», afirmara a irmã da governante.

«Um diabo de língua de prata capaz de encantar a serpente do Paraíso», tinha sido a opinião da mulher do jardineiro.

«Normalmente a bebericar álcool ao meio-dia», foi a conclusão do jardineiro.

Tanto quanto ela sabia, o canalha desavergonhado não aparecera anteriormente na propriedade. Herdara o título no outono passado, aos trinta anos, depois de o pai, Douglas Clayton, haver falecido. Tinha sido visconde durante quase um ano e a sua total abdicação de responsabilidade valera-lhe um rendimento significativo, aliado a uma imensa liberdade para esbanjar com os seus devassos prazeres.

De acordo com os rumores – que eram muitos – os seus passatempos favoritos eram jogos de azar, mulheres devassas e libertinagem. Era um cosmopolita, um libertino elegante e dissoluto que adorava a depravação. A sua história de vida resumia-se, até então, a deboche, imoralidade e vício, sem que alguma vez tivesse denotado uma conduta exemplar ou ética.

Parecia não haver depravação que lhe escapasse, nem aventura muito ousada, qualquer indiscrição demasiado escandalosa ou atrocidade exageradamente cruel.

Como ousava aparecer ali agora, exigindo mais do que os seus leais rendeiros podiam fornecer? A fim de poder regressar a Londres e desperdiçar o dinheiro deles, ganho a pulso, nas mesas de jogo.

Ele viajara até à propriedade com um séquito londrino a reboque. Constava de um enxame de mulheres bonitas e descomprometidas e de um bando de homens desprezíveis e impertinentes. O par que ela tinha observado representava um exemplo consumado do irreverente grupo. Os recém-chegados tinham-se instalado de armas e bagagens, espezinhando a criadagem com as suas ordens e

exigências.

Divertiam-se e bebiam, ficando de pé até de madrugada. Um infindável jogo de cartas mantinha-se em progresso com apostas elevadas. A embriaguez era galopante tal como as ousadas formas de nudez e tudo indicava que as companhias de Wakefield eram dadas a fornicações lascivas, desfrutando sistematicamente de relações sexuais com vários parceiros.

O visconde só estava na propriedade há uma semana e, nesse espaço de tempo, conseguira transformar rapidamente a plácida mansão num verdadeiro antro de pecado e de iniquidade.

O seu pobre pai, o respeitado vigário Fitzgerald, devia andar às voltas no túmulo.

Emma dispunha-se a ir embora quando a mulher deitada no canapé se pronunciou:

– Está um dia bonito lá fora? – Tinha uma voz rouca, sedutora, e Emma interrogou-se se seria o seu tom de voz natural ou um pedantismo exercitado.

O homem estava distraído, mas respondeu:

– Está bastante bonito.

– Podemos ir andar a cavalo?

– Talvez – anuiu num tom displicente.

– Já que estás em pé, querido, podes voltar a encher-me o copo?

Por qualquer motivo, o simples pedido fez com que o homem a fulminasse com o olhar por cima do ombro. Estava impaciente e irritado.

– Não sou o teu *querido*, nem a porra do teu escravo. Vai tu servir-te.

Uma discussão de amantes. Que indiscrição, que indelicadeza da sua parte estar à escuta. Contudo, Emma não planeava desistir.

A mulher fez um beicinho de amuo credível.

– Não me digas que continuas zangado por causa do incidente com aquela criada desenxabida. Ela merecia uma bofetada.

Emma ergueu as sobrancelhas surpreendida, pois imaginava que jovem tinha sido vítima do mau humor desta mulher depravada. Esperava ansiosamente a chegada de um dos vizinhos para ficar ao corrente de todos os pormenores.

O homem brindou a mulher com um olhar tão irado que ela se mexeu inquieta. Ele abriu a boca como para fazer um comentário desagradável, mas no momento seguinte a raiva desapareceu, como se tivesse ponderado se o assunto merecia uma discussão e resolvido que não valia um dispêndio de energia.

– São um bando de rústicos! – exclamou.

Foi tão brusco que Emma se sentiu gravemente ofendida e interrogou-se como podia tê-lo considerado atraente. Era sem dúvida um homem interessante, desde que não abrisse a boca.

– Não entendem o conceito de executar devidamente as tarefas – prosseguiu –, e não têm discernimento bastante para compreenderem os erros. Antes de virmos avisei-te que tinhas de lidar com a situação.

– Esqueceste-te de mencionar que o pessoal doméstico se compunha de bárbaros grosseiros.

– Sobreviverás.

– Sim, bom... – acabou por condescender – ...com todo o desleixo que há por aqui é como se estivéssemos acampados numa gruta.

– Às vezes, és mesmo uma cabra. – Espreitou lá para fora e revirou os olhos com repugnância, talvez fosse desespero, e Emma teve a ligeira suspeita de que esta mulher podia levá-lo a ultrapassar os limites, mas era demasiado egoísta para se aperceber.

– É assim que se progride na vida – reagiu ela num tom malicioso e fazendo beicinho. – Mas é isso precisamente o que te agrada em mim.

– Estás redondamente enganada – disse ele tão baixo que apenas Emma ouviu.

Apoiou-se no parapeito com um braço e esta postura ressaltava a sua figura esguia. Emma ficou petrificada. Estava tão próxima dele que conseguia avistar os pelos por baixo do braço, bem como as pequenas elevações na auréola castanha do mamilo. Além disso, ia jurar que sentiu o cheiro a terra da pele.

– Georgina – dirigiu-se à mulher, tratando-a pelo nome –, apenas permiti que me acompanhasses com o mero propósito de diversão. Se não te consideras à altura dessa tarefa, terei todo o prazer em mandar-te de volta para a cidade.

O comentário era obviamente uma ameaça e teve um efeito surpreendente. Georgina franziu a testa com uma expressão inquieta e assustada que foi bruscamente dissimulada e substituída pela tentativa de um falso sorriso.

– Não discutamos a esta hora da manhã – ronronou, gotejando de uma promessa sexual. – Não te quis irritar queri... – Interrompeu-se antes de pronunciar o detestado tratamento. – Sentias-te melhor se pedisse desculpa àquela estúpida?

– Nem tens a menor ideia até que ponto – riu ele.

– Podia fazê-lo por ti.

Ele soltou mais uma risada e o alívio de Georgina era palpável devido a ter evitado uma catástrofe, embora Emma não conseguisse deduzir que calamidade ela receava.

Georgina deslizou para fora do canapé, aproximou-se do homem e desatou o cinto do robe nesse percurso.

Eles preparavam-se para se entregar ao ato sexual. Apesar da sua repugnância, Emma não conseguiu afastar-se do seu posto de observação.

Estava pregada ao chão, excitada por ter finalmente a oportunidade de

aprender segredos em que pensava com tanta frequência. Os intrigantes mistérios da conduta libidinosa estavam prestes a ser revelados.

A sua pulsação aumentou, a respiração tornou-se ofegante e o suor formou-se nas palmas das mãos.

No mais íntimo de si ela era uma prostituta. Quem iria adivinhar que, por baixo da aparência correta e adequada da filha de um vigário, se ocultavam instintos tão vulgares e uma personalidade lasciva? Bem no fundo, era dominada pela imoralidade. Que tormento!

Georgina encontrava-se mesmo por trás dele. Abriu ainda mais o robe, desnudou os seios e esfregou-se nas suas costas, rodeando-lhe a cintura com as mãos para lhe acariciar o ventre e o peito.

– Estás muito nervoso – brincou. – Vem descontrair-te.

– É para isso que te pago. Já era altura de te recordares.

Ela era sua amante. Que decadente. Emma nunca tinha conhecido alguém com uma vida tão devassa.

Georgina deteve-se a meio das carícias.

– Não sejas cruel. Já disse que lamentava.

Ficaram parados, à beira de uma discussão mais acalorada, mas o homem cedeu, pegou numa das mãos dela e conduziu-a até mais abaixo. Emma não sabia bem se estava a dar-lhe permissão, ou a ordenar submissão, mas Georgina acedeu de imediato.

Com uma destreza experiente, acariciou-o, premindo e apertando o membro, esticando o tecido sobre a ereção. Não foi preciso muito para que ele fletisse as ancas e a mulher continuou a excitá-lo enquanto desapertava lentamente os botões das calças. Por fim, puxou-as para baixo, revelando o membro que apertou na mão, formando um anel com os dedos onde ele podia enfiar-se languidamente.

Emma seguia os movimentos como se estivesse enfeitiçada, incapaz de desviar o olhar.

Era tão belo. Tão viril.

Como cuidava muitas vezes dos doentes da aldeia, a nudez não lhe era estranha, e tinha visto a sua quota-parte de membros masculinos, mas nenhum como este. Por regra, observava os pénis de velhos moribundos ou jovens doentes e eram sempre pequenos e enrugados. Mas este aqui, não.

O seu falo era rijo e orgulhosamente ereto. Parecia tão viril, tão potente. Tão... tão... gigantesco.

Vá, vá, sai daqui, repreendia-a baixinho uma voz interior, mas ela não conseguia simplesmente mexer-se, tal como era incapaz de parar o trajeto do sol no céu. Envergonhava-se da sua conduta, mas ao mesmo tempo sentia-se

excitada e não perdia um segundo daquela cena indecente.

Georgina tinha obviamente feito amor com ele muitas vezes, pois sabia ao pormenor o que o parceiro desejava e quando o desejava. Moveu-se em volta do seu tronco até ficar diante dele e, em seguida, libertou-se do robe deixando-o cair no chão.

Emma observou a mulher como se ela fosse uma cobaia de laboratório. Tinha seios fartos e voluptuosos e ancas largas e graciosas. Comparativamente, achou-se muito magra. Embora sempre tivesse considerado o seu corpo bem modelado, face à mulher fatal de formas generosas e bem proporcionadas, sentiu-se inadequada, magra e vulgar.

Surpreendentemente, Georgina não só não tinha pelos entre as pernas, como também os removera debaixo dos braços e nas pernas. Era elegante e tinha uma pele macia e sedosa. O corpo pareceu excitar o homem de uma forma inacreditável, dado que a sua ereção aumentou drasticamente.

Agarrou Georgina pelas ancas, forçou-a a dar meia volta e empurrou-a contra a parede o que a obrigou a apoiar-se com as duas mãos para conseguir equilibrar-se. Depois enfiou-se entre as suas coxas, ergueu-a e, sem qualquer limite ou consideração, penetrou-a com violência e iniciou um ritmo deliberado, fornecendo a Emma uma ótima demonstração e um total esclarecimento.

No momento em que o amante a penetrou, Georgina respirou fundo mas, como se estivesse habituada àquele tratamento rude, não se queixou verbalmente. Com uma expressão entediada, manteve-se encostada à parede, olhando em frente. Estava obviamente ansiosa pelo final do ato, e Emma sentiu-se confusa.

Como é que uma mulher podia ser montada por um vilão tão atraente e permanecer tão desprendida?

O homem não demorou muito a atingir o orgasmo. Quando o esperma jorrou, as pernas tremeram-lhe no momento do impacto, mas além desse estremecimento temporário, não mostrou qualquer reação. Estava tão calmo como se bebesse a sua chávena de chá do pequeno-almoço.

Em seguida, e sem uma única troca de palavras, desenfiou-se dela, meteu o pénis dentro das calças e abotoou-as.

Emma teve a sensação de haver sido defraudada e franziu a testa. Embora não fosse decididamente perita em assuntos carnavais, também não era uma jovem pudica. Na qualidade de solteira virgem, nunca tivera sexo, mas durante os seus vinte e oito anos ajudara a trazer ao mundo centenas de bebés e tinha ouvido ainda mais histórias sobre a forma como haviam sido concebidos.

O amor carnal devia ser exercido com uma paixão veemente, pleno de entrega e de prazer, mas aquela união apresentara-se tão vazia de emoção que se sentia

quase desapontada por haver permanecido até ao grande final.

Estava particularmente surpreendida com a atitude impassível do cavalheiro. Ele era um herói das mulheres, vivaz e robusto. Esperara que se mostrasse muito mais à altura, pois decerto conhecia os métodos de dar prazer a uma mulher.

Não esperava mais? Não procurava mais? Não ansiava mais?

Se alguma vez ela tivesse hipótese de dar vazão aos seus instintos básicos, não perderia a oportunidade. O que não daria para colocar as mãos na sua imponente anatomia. Mostrar-lhe-ia uma ou duas coisas sobre desejo.

Sobressaltou-se ao notar o rumo adotado pelos seus pensamentos absurdos. À medida que os anos avançavam, as suas reflexões tornavam-se mais exorbitantes e bizarros. Ser solteira estava a enlouquecê-la.

Abanando a cabeça devido à sua estupidez e ousadia, afastou-se da janela ao mesmo tempo que Georgina rodava na direção do homem. A prostituta paga esforçava-se por se recompor, por parecer satisfeita e excitada, sem desejar que ele detetasse a sua indiferença.

Apalpou impudente a parte da frente das suas calças, satisfeita pelo chumaço encontrado, a prova do controlo que tinha sobre ele.

– Sentes-te melhor?

O homem reagiu com um encolher de ombros indiferente.

– Não.

– És uma besta, Wakefield. Não sei por que me interessei por ti.

Wakefield! O odioso aristocrata em pessoa. Devia ter sabido de quem se tratava. Como podia não ter adivinhado?

Pensar que estivera no meio dos arbustos, a fantasiar e a babar-se por ele. Que embaraçoso.

Chocada e enraivecida, afastou-se sem olhar para trás, sem desejar ver ou ouvir mais nada daquele par desprezível.

– Wakefield e a amante.

Sentia-se imunda com aquele deboche. Que par detestável. Como podia ter-se deixado fascinar?

Por conseguinte, era assim que o visconde passava as manhãs. Entre assinar as ordens de despejo para viúvas e aleijados, comia, bebia álcool e fornicava com prostitutas.

Resmungando entredentes, deu a volta à mansão, afastando-se do terraço e sentiu-se aliviada por não encontrar os hóspedes que, provavelmente, ainda estavam deitados.

Por uma questão de hábito dirigiu-se à porta dos criados, mas depois parou. Encontrava-se ali numa missão oficial e não ia humilhar-se, esgueirando-se até à porta das traseiras como uma pedinte.

Iria até à porta principal. Se o visconde não aprovasse, tanto pior para ele.

Tomada de uma justa indignação, percorreu o acesso, subiu as escadas, e bateu três vezes com a aldraba contra a porta.

Um mordomo magro vestido com um fato preto e caro veio abrir. Não era um habitante local que conhecesse e, por conseguinte, tratava-se provavelmente de um empregado de Wakefield, de Londres.

– Estou aqui para falar com o visconde de Wakefield – anunciou, sem lhe dar tempo a dizer uma palavra.

Ele fitou-a com um ar condescendente.

– E é...?

– Emma Fitzgerald. Da aldeia. – Não se deixaria rebaixar pelo pomposo laçao. – Trata-se de uma petição e exijo ser recebida imediatamente.

– Tenho a certeza de que Sua Senhoria está demasiado ocupado para poder recebê-la.

– Quando estará disponível?

– Nunca – respondeu, preparando-se para lhe fechar a porta na cara.

Ignorando-o, Emma empurrou-a com toda a sua força, tropeçou na ombreira e viu-se no *hall* de entrada. Aparentemente, as pessoas eram mais delicadas na cidade, ou talvez ele dispusesse de mais autoridade aqui, ou o mordomo tivesse ficado surpreendido pela quebra de etiqueta. Enquanto ponderava na atitude a adotar com ela, abria e fechava a boca como um peixe apanhado na beira de um rio.

Emma deixou-se cair numa cadeira.

– Vou esperar.

– Mas é claro que não. Vou encarregar-me de que os criados a acompanhem até lá fora.

Emma fez uma expressão tão maldosa que ele recuou.

– Pensa mesmo que conseguem?

Ele cuspiu as primeiras palavras e depois optou por um tom arrogante.

– Podem passar horas antes que o visconde esteja disponível.

Pondo-se em pé, Emma apontou-lhe um dedo ao peito.

– Diga da minha parte a esse canalha que, se não me mandar chamar dentro de quinze minutos, irei ao encontro dele. – Esboçou um sorriso malévolo. – E aí do homem que tentar deter-me.

O mordomo resmungou entredentes e afastou-se com o intento de comunicar ao patrão a notícia de que uma jovem exigia falar com ele.

2

JOHN CLAYTON, visconde de Wakefield, endireitou-se na cadeira e franziu a testa para Rutherford, o mordomo que trouxera de Londres, dado ter a certeza de que ninguém do pessoal doméstico provinciano seria capaz de lidar com o seu estilo de vida. Rutherford não se sentia chocado com os maus hábitos de John. Ou, caso se sentisse, dissimulava bem.

– Disseste que é uma mulher da aldeia? Com uma petição?

– Sim, milorde.

– Tens a certeza de que compreendeste bem?

– Sem dúvida – fungou Rutherford, ofendido por a sua competência ter sido posta em causa. – Exige ser recebida imediatamente.

– Diabos a levem!

John apoiou os cotovelos na secretária e escondeu o rosto nas mãos. Depois de uma semana de excessos lascivos, sentia-se cansado, resacado e mal-humorado. Doía-lhe imenso a cabeça, tinha a testa a latejar e o estômago protestou contra a tentativa de comer alguma coisa. Teria imensa sorte caso não desmaiasse de cansaço e falta de moderação.

E agora isto! Como se alguma vez concordasse em ser confrontado por uma... qualquer... mulher. Já tivera algumas discordâncias com Georgina e ainda nem sequer era meio-dia. Não estava disposto a irritar-se ainda mais, discutindo com uma aldeã afoita e decidida.

– Diz-lhe que não, Rutherford. Manda-a embora.

– Já tentei, *sir*. Ela recusa.

– O que significa isso?

– Bem, informei-a de que estava demasiado ocupado, mas ela forçou a entrada.

– Que estranho. Nesse caso, expulsa-a à força.

Duas manchas rosadas tingiram as faces do mordomo.

– Não o aconselharia, *sir*.

– Porque não? – reagiu John com uma gargalhada. – É demasiado pesada para transportar? Está armada?

– Não – respondeu Rutherford num tom hesitante –, mas parece enfurecida, e um tanto louca. Acredito que seria capaz de atingir fisicamente alguém, se a provocassem.

De um canto da sala, o seu meio-irmão, Ian MacDonald Clayton, soltou uma forte gargalhada.

– Mal posso esperar para conhecer essa mulher.
– Cala-te, Ian – resmungou John entredentes. Sentia um martelar tão forte na cabeça que receou que o cérebro lhe saltasse.
– Oh, fala com ela, Wakefield – murmurou Georgina do outro canto da sala. – Pode ser divertido. Precisamos de um pouco de entretenimento nesta casa sombria.

John vagueou o olhar entre o seu irmão e a amante, interrogando-se sobre se haveria uma forma de desaparecer por magia. Algum deles notaria se ele desaparecesse misteriosamente? Não seria divertido descobrir onde iria parar?

Independentemente do lugar, seria sem dúvida melhor do que ali.

– O que te parece que ela quer? – perguntou a Ian. O irmão sabia muito mais sobre a classe baixa, pois ele próprio lhe pertencia e tinha o maior gosto em vincar regularmente esse facto a John. Como se a vulgaridade tivesse algum mérito.

– O teu apoio. O que te parece?

– Pensei nisso – retorquiu. – Mas de que maneira?

– Existe visivelmente uma injustiça que ela pensa que só tu, como *lorde*, podes solucionar.

Ante a ênfase trocista que John colocara na palavra «lorde», John fulminou-o com o olhar. Ian adorava recordar sarcasticamente a John a sua posição privilegiada, uma posição que teria pertencido a Ian num mundo mais justo e que John nunca desejara. O tema constituía uma barreira permanente entre ambos e Ian mostrava-se sempre trocista quando ele vinha à tona.

Contudo, John não podia alterar as leis britânicas de legado e vinculação.

Ao longo de inúmeras disputas, tinha dito a Ian e ao estúpido do pai de ambos que, se possível, largaria tudo no colo de Ian e deixaria de bom grado que fosse ele a tomar as rédeas daquele aborrecido fardo.

Se Ian tivesse assumido as responsabilidades, John poderia estar em Londres onde, nesse momento, estaria a jogar às cartas e a seduzir belas mulheres. Em vez disso, encontrava-se emperrado no campo, a pôr ordem nos livros de contabilidade da propriedade após anos de negligência pelo seu querido pai e prestes a ser desafiado por uma mulher irritável e histérica.

– Não me parece que ela se vá embora sem fazer alarido – declarou Ian num tom calmo e racional. Sempre racional. Era sempre racional. – Podes perfeitamente falar com ela.

Sorria, desejoso do alvoroço iminente, fascinado por poder ver o meio-irmão contorcendo-se nervoso. John considerou seriamente a hipótese de dar um salto por cima da secretária, agarrá-lo pelo pescoço e...

– Oh, vá lá, Wakefield – incitou Georgina com o seu tom de voz sedutor que

lhe arranhou os nervos.

John vagueou o olhar de um para o outro, respirou fundo e em seguida dirigiu-se a Rutherford:

– Podes trazê-la. Mas avisa-a de que, se causar distúrbio, a agarro e me encarrego de a atirar pela janela fora.

– Muito bem, *sir* – anuiu Rutherford e recuou com uma vénia deferente.

– E tu! – sibilou John a Georgina. – Fica quieta. Não quero ouvir um pio da tua boca.

– Mas assim não será divertido...

– Nem um pio – repetiu num tom grave.

Pouco depois ouviram-se passos no corredor e Rutherford parou junto à porta aberta anunciando:

– Menina Emma Fitzgerald, *sir*, filha do recentemente falecido vigário Fitzgerald, pastor de longa data da paróquia de Wakefield.

A filha de um vigário? John dificilmente conseguiu abafar o seu grunhido de desgosto. A manhã ainda podia piorar? Nunca mais chegava a tarde?

Uma mulher baixa que nem sequer lhe chegava aos ombros, transpôs a ombreira da porta, e engoliu uma risada ao pensar no medo que Rutherford mostrara da mulherzinha mal-humorada. Pela descrição do mordomo imaginara uma amazona armada e disposta a lutar pelos seus sequazes.

Na realidade, ela parecia como se uma brisa pudesse arrastá-la.

Era magricela, como se nunca tivesse comido o suficiente. John detestava mulheres magras, preferindo as voluptuosas e de seios fartos, embora tivesse de admitir que ela tinha uns seios bem modelados e atraentes, com o tamanho certo para encher as mãos de um homem. A cintura estreita acentuava o peito, fazendo com que parecesse mais cheia do que realmente era.

Bonita, tinha o ar saudável de uma rapariga do campo: faces rosadas, lábios cor de rubi, olhos castanhos e brilhantes, uma pele impecável e dentes brancos. O cabelo era provavelmente espetacular, mas não se distinguia à primeira vista. Muito encaracolado, parecia castanho com madeixas ruivas, mas ela tinha-o apanhado ao alto e enfiado numa rede.

O vestido em nada contribuía para acentuar o seu encanto natural. Simples e preto – roupa de luto? – ensombrava-lhe o brilho dos olhos e estava abotoado até ao pescoço com as mangas apertadas nos punhos, como se ela não se atrevesse a mostrar o mínimo pedaço de carne.

Era sem dúvida filha de um vigário. Vestia-se como tal e o aspeto correspondia. Seria uma beata devota? Uma carpideira? Uma queixosa?

Detestava mulheres obstinadas. Eram a praga da sua existência. Georgina e a sua alegada noiva, Caroline, eram os dois piores exemplos.

Examinou-a mais insistentemente do que era necessário e, ao fazê-lo, compreendeu que o seu mordomo tinha motivos para se acautelar. Embora fosse baixa, emanava uma arrogância desconcertante. A sua postura e confiança faziam-na parecer mais alta do que realmente era, uma mulher moral e honesta, arvorando como bandeira um sentido de equidade e de justiça, e ele detestou-a à primeira vista.

– Menina Fitzgerald. – Fez-lhe um aceno de cabeça, levantou-se e ofereceu-lhe o seu sorriso mais sedutor que, por norma, derrubava a resistência de qualquer mulher e o ajudava sempre a desnudar uma amante reticente.

Para seu grande espanto, o sorriso não produziu o mínimo efeito.

– Visconde de Wakefield.

Emma tinha uma voz sedutora e lasciva que contrastava com a sua figura diminuta. Era o tipo de voz que levava um homem a fantasiar sobre lençóis de seda e colchões macios, quartos iluminados à luz das velas e noites escaldantes. Contudo, essa imagem de sexualidade tórrida foi estragada pela forma como ela o olhou por cima do narizinho arrebitado – como se ele fosse um inseto repugnante.

Esforçando-se por retomar a compostura, iniciou o diálogo com um comentário estúpido:

– Foi muito simpática ao fazer-me esta visita. Em que posso ajudá-la?

Emma mediu-o com um evidente desprezo e o seu olhar penetrante inquietou-o. Arguta e introspetiva, parecia conseguir chegar ao mais recôndito da sua alma onde se escondia o seu caráter perverso e a sua personalidade corrupta.

Ela viu mais do que deveria, como se tivesse detetado todas as falhas e defeitos do seu ser e não havia nada que ele pudesse dizer ou fazer que a surpreendesse.

Repentinamente nervoso, e com necessidade de ocupar as mãos, deu a volta à secretária e dirigiu-se ao aparador onde se serviu de três dedos do uísque escocês que os familiares de Ian generosamente forneciam. Levou o copo aos lábios no preciso momento em que ela se expressou num tom rígido:

– Não vou negociar com um homem que toma bebidas fortes a meio do dia. Insisto em que esteja lúcido.

– Bem, eu... eu...

John ficou totalmente perplexo. Ao longo dos seus trinta anos de vida, ninguém se tinha atrevido a proibir-lhe que bebesse – à exceção do pai, mas esse não contava.

Apanhado de surpresa, continuou a agarrar o copo, sem saber o que fazer com ele. Teve a repentina sensação de que pesava toneladas. Não estava disposto a pôr de lado a bebida só porque ela o ordenara, mas Emma fitava-o de uma

maneira tão depreciativa que foi incapaz de beber um único gole.

Compondo uma expressão de indiferença, deu novamente a volta à secretária e pôs a bebida de lado como se fosse o que há muito tencionava fazer. Ian, patife como era, estava satisfeitíssimo com a crítica dela, e levou a mão à boca para ocultar o entusiasmo.

– Menina Fitzgerald – interferiu Georgina num tom estridente. – Como ousa ser tão arrogante com o visconde? Lembre-se do seu lugar.

Nem se deu ao trabalho de olhar para Georgina. Em vez disso continuou a fitar John com um olhar severo e anunciou:

– Nem tão pouco desejo qualquer contacto com uma das suas prostitutas londrinas.

Georgina respirou fundo, ofendida, e Ian soltou uma gargalhada. O próprio John ficou surpreso e impressionado. Só uma pessoa muito atrevida – ou muito estúpida – se meteria com um tigre como Georgina. A menina Fitzgerald não era estúpida, portanto devia ser feita de aço.

– Ela apanhou-te, não foi Georgie? – espicaçou Ian. A animosidade entre os dois era lendária e ele incitou-a ainda mais usando o diminutivo que ela detestava.

– Cala a boca – sibilou Georgina. – Wakefield, não vais por acaso permitir que ela me insulte desta maneira, pois não? Quero que seja chicoteada e expulsa.

Como se nem Georgina ou Ian tivessem feito qualquer observação, a menina Fitzgerald proclamou num tom humilde:

– Sou uma mulher respeitada nesta comunidade. Por conseguinte, não deveria ser obrigada a confraternizar com nenhuma das suas prostitutas.

– Basta! – exclamou Georgina, levantando-se de um salto. – Escute aqui, sua beata hipócrita e irritante...

John avaliou as duas adversárias – a menina Fitzgerald, calma e composta, Georgina, prestes a explodir – e Ian que mal continha o riso. Ansiou por estar numa divisão cheia de homens, apreciando um charuto e um bom jogo de dados.

Detestava aquelas cenas! Contudo, Georgina estava tão irritada que certamente aplicaria uma bofetada, o que ele não podia permitir.

– Basta! – rugiu. O seu grito assemelhou-se a um raio trespassando a cabeça dorida, tão poderoso que o cegou temporariamente. Por fim, levou a mão à cabeça, como se pudesse impedir que o cérebro explodisse.

Quando recuperou a visão, verificou aliviado que Georgina obedecera à sua ordem. Ian também se mantinha silencioso. John nunca levantava a voz porque, geralmente, não ligava ao que acontecia à sua volta e sobressaltara-os a ambos.

– Georgina, estás dispensada – decretou com os olhos postos na adversária.

Ofendida, a amante resmungou entredentes, mas depois pensou duas vezes e

apressou-se a sair.

– Tu também, Ian. – Ao ver que o meio-irmão não se mexia, John fitou-o com uma expressão severa. – Sai.

– Precisas de mim – assinalou Ian, enraivecido. – Para te lembrar do que falámos.

O comentário velado à sua tendência para exagerar, levou John a interrogar-se sobre o motivo por que eram amigos. O estúpido convencido podia tornar-se demasiado vexatório, em especial nas situações em que o comportamento irresponsável de John chocava com a irritante sobriedade e serenidade de Ian.

Ian saía-se sempre como um santo virtual, enquanto John era constantemente olhado como um pecador.

John tinha começado a procurar Ian com dezoito anos imaturos. Ficara satisfeitiíssimo por localizar um irmão desconhecido, pois havia suposto que uma relação cordial serviria para exasperar o pai.

Ian, dois anos mais velho, era o resultado escandaloso do amor secreto do ilustre Douglas Clayton. Por conseguinte, Ian fora uma tentação a que John não pudera resistir. Mal se tornara adulto e atingira a independência – e espalhou o terror em Londres – tornara-se amigo do homem que tinha o mesmo pai e usava o mesmo nome, embora com uma leve variante estrangeira do seu.

Só estabelecera a relação para irritar o pai, mas, dado que tanto a mulher como a amante implicadas no nascimento dos dois filhos já tinham falecido, Douglas não se importou com o contacto entre os dois irmãos, e John ganhara o único amigo genuíno que alguma vez tivera.

– Muito bem – rugiu para Ian. – Fica se estás interessado, raios te partam!

– Não pragueje na minha frente – ordenou a *menina Convencida*.

– Menina Fitzgerald – começou, tentando ser paciente –, invadiu a minha casa, ofendeu os meus convidados, revelou-se inconveniente e só se encontra aqui há dez minutos. Na minha própria casa, praguejo sempre que me apetecer.

Pronto! Mostrara-lhe como era, mas aquela chata não estava na disposição de se calar.

– É um bárbaro, *sir*.

– Já me disseram isso. Em várias ocasiões.

Tentou não desviar o olhar, mas foi incapaz. Ela tinha uma forma incomodativa de o medir dos pés à cabeça, que o enervava como se tivesse feito algo de errado. Sob a sua austera avaliação, sentia-se prestes a levar uma palmada do tutor – uma situação que lhe tinha sido muito familiar quando era um rapazinho.

– Não vou tolerar isso! – declarou num tom impertinente. – Endireite-se. Já.

Se ela tivesse um ponteiro na mão, era bem possível que o atingisse nos nós

dos dedos.

– Não me diga como devo comportar-me!

– Alguém devia fazê-lo. Que idade tem? Sete? Oito? Comporta-se como uma criança. – Virou-se para Ian. – Quem é você?

– A ovelha ronhosa da família – respondeu Ian num tom brusco.

– Bem vejo – declarou, convicta. – A sua mãe não o ensinou a levantar-se quando uma senhora entra numa sala? Onde estão as suas maneiras?

O inabalável Ian foi apanhado desprevenido pela sua crítica sem meias medidas e, surpreendentemente, as palavras dela resultaram. Levantou-se com uma expressão sombria.

– Aparentemente, esqueci-as, menina Fitzgerald. Peço desculpa pelo lapso. – Aproximou-se e esboçou uma vénia que invariavelmente fazia com que as mulheres desfalecessem ante aquele diabo de cabelo preto e olhos azuis. – Ian Clayton, ao seu dispor.

– É o escocês, não é? – perguntou ela. – Uma espécie de... irmão mais velho?

– Bem... sim – confirmou, optando por não aprofundar a complicada filiação patrimonial que, de qualquer forma, não se adequaria aos seus ouvidos.

– Como pode esperar que esse patife – retorquiu, apontando para John – se comporte devidamente, se não lhe dá o exemplo?

– Tem novamente razão. Vou esforçar-me mais de futuro.

– Apreciaria se o fizesse.

A mulher brindou Ian com um sorriso radioso e John deu-se conta fascinado de como ela parecia cativante e encantadora. Com roupas modernas e um chapéu elegante, seria realmente bonita.

Era uma pena que tamanha beleza se perdesse e, embora com aquela língua cáustica, nenhuma roupa do mundo pudesse torná-la mais atraente.

Ian devolveu o sorriso à mulher e John sabia perfeitamente o que se passava na mente perversa do irmão. Dado que quanto mais tempo a menina Fitzgerald demorasse, mais enraivecida John ficaria, Ian resolvera iniciar uma conversa que atrasasse a sua saída.

Antes que Ian tivesse hipótese de espalhar o seu encanto irresistível, John interrompeu:

– Estou muito ocupado, menina Fitzgerald – mentiu. Na verdade, não tinha o mínimo plano importante para esse dia, além de se ocupar com os livros de contabilidade da propriedade. – Pode fazer o favor de expor o seu problema? Porque está aqui?

– Vim por causa das ordens de despejo.

– Que ordens de despejo?

– As que enviou ontem. – Visivelmente enraivecida pela sua incapacidade de

se recordar, agitou alguns papéis.

– Oh, essas...

A situação financeira da propriedade era frágil e o afastamento desses malandros que há anos não pagavam renda, parecia a medida correta para começar a recuperar ganhos. Assinara as ordens quase sem pensar. Além disso, eram só cerca de uma dúzia de pequenos agricultores. Porque protestava a mulher?

– Qual é o problema das ordens de despejo? – inquiriu, exaltado.

– Como foi capaz? – A dedicação dela à causa era tão profunda que os olhos se lhe encheram de lágrimas.

– Bem, eu... eu – balbuciou novamente. A mulher estava a transformá-lo num idiota gago. Franziu a testa na direção de Ian, num visível pedido de ajuda, mas caiu em saco roto.

John detestava quando as mulheres dramatizavam e não tencionava aguentar uma crise de choro.

Serviu-se da estatura imponente para a fitar de uma maneira que não admitia réplica.

– Não serei interrogado, nem me deixarei vilipendiar, sobre quaisquer decisões que tome em relação à propriedade. E decerto não tenciono responder a pessoas da sua laia.

– Eis o poderoso e arrogante *lorde*. – Emma pronunciou o título com o mesmo desprezo que Ian usava constantemente. Permeou-o em simultâneo de uma ampla quantidade de desprezo e John acabou por se sentir como se cometesse qualquer crime horrendo pelo mero facto de existir.

– É exatamente o que sou, menina Fitzgerald. Lorde. Também o dono da propriedade, devo recordar-lhe.

Não estava disposto a deixar-se perturbar por aquela mulher turbulenta. A decisão de despejo tinha sido a primeira que desde há anos tomara relativamente à propriedade – uma propriedade a que nunca desejara estar ligado – e não permitiria ser desafiado pela mandatária da aldeia.

– Bem, pode ser o lorde aqui, mas está a criar uma bela confusão e acabou de chegar. Nem me atrevo a imaginar as coisas idiotas que fará se passar um mês inteiro na mansão.

Como é que ela se atreve? A pequena déspota!

– Levarei em conta a sua opinião. – Emanando sarcasmo, dirigiu-se à porta para mostrar que a entrevista tinha acabado, mas ela não se mexeu.

Como podia ser mais explícito?

– Mas algumas dessas pessoas serviram lealmente a sua família durante gerações. O senhor Gladstone, por exemplo, trabalhou arduamente nos estábulos

durante setenta e nove anos. Não tem culpa que o reumatismo se tenha tornado tão doloroso que o impede de continuar. A senhora Wilson é viúva e tem doze filhos. Para onde irão? O que farão?

Uma viúva? Com filhos? Um homem velho e doente? Ele poderia ter...?

Não, não iria começar a pensar nisso.

– São problemas deles e não meus – declarou num tom indiferente que soou arrogante e pretensioso aos seus próprios ouvidos.

– Essa não é uma boa atitude cristã.

John abandonou a segurança da secretária e dirigiu-se-lhe sem se aproximar demasiado, não fosse ela morder.

– A nossa conversa chegou ao fim, menina Fitzgerald.

– Não, não chegou.

– Não estou disposto a ouvir mais parvoíces.

– Parvoíces! – espumou ela. – Bem, só agora comecei e é melhor sentar-se e pôr-se à vontade. Vamos ter uma longa conversa.

– Não vamos discutir esse problema – insurgiu-se John tão alto, que quase gritou.

Ignorando-o, Emma começou a vasculhar os seus documentos como se procurasse uma lista de queixas. John procurou de novo o apoio de Ian, mas o irmão limitou-se a sorrir e a encolher os ombros. Era indubitável que a discussão lhe agradava.

John não tinha a mínima ideia do que devia fazer. Embora tivesse ameaçado a Rutherford que ele próprio a expulsaria, não conseguia imaginar-se a levantá-la do chão e a içá-la como a um saco de batatas. Tão pouco se imaginava a chamar os criados para a porem fora. Dada a sua raiva poderiam ser necessários mais do que um criado e, embora ela lhe bulisse com os nervos, não conseguia suportar a ideia de observar vários indivíduos robustos a enfrentá-la.

Entretanto, ela já ia a meio da conversa e lançara-se num discurso apaixonado sobre a aldeia, a propriedade e as necessidades da comunidade. Enquanto despejava uma infindável torrente de palavras, salpicava-a de afrontas e insinuações quanto à sua inteligência, capacidade de raciocínio e aptidão para administrar.

Fervilhando de entusiasmo, prosseguiu sem parar, mencionando várias famílias e nomes, fornecendo datas, duração de serviço, estado de pobreza e ele sentiu-se impressionado com a apresentação. No seu meio social atribuía-se um grande valor ao termo *desprendimento* e, por conseguinte, era refrescante conhecer alguém tão emotivo e dando aquela importância ao próximo.

Quando fora a última vez que se importara a fundo com alguma coisa?

Não conseguia lembrar-se.

Fascinado, hipnotizado, recuou um passo apoiando as ancas na beira da secretária e viu-se forçado a admitir que nunca conhecera ninguém igual. Ela não demonstrava qualquer respeito pela sua posição superior e ignorava as suas ordens ou decisões.

Ian era a única outra pessoa das suas relações que não se mostrava permanentemente disposto a cair nas suas boas graças, para elogiar ou pedir. As pessoas queriam incessantemente alguma coisa dele: dinheiro, favores, apoio. Admiravam a sua posição e a sua riqueza. Tinham medo dele, sentiam inveja, deslumbre e acobardavam-se.

Contudo, não era esse o caso de Emma Fitzgerald. Sim, queria algo dele – pronunciava as suas exigências com voz bem alta e clara –, mas não exigia nada para ela. Cada solicitação era feita em prol dos outros. John nunca conhecera ninguém tão generoso e altruísta.

A sua natureza benevolente era admirável. Talvez fosse uma pessoa genuinamente boa o que, tendo em conta os palhaços e parasitas que formavam o seu círculo de companhias, era uma variante simpática.

Ou talvez não tivesse inteligência bastante para compreender o perigo que corria ao ofendê-lo. Com um estalar de dedos ou um rabisco da caneta podia arruiná-la. Ou não entendia isso ou era-lhe indiferente.

Que humilhante. Que maravilhoso. Que insultuoso.

Ela desconheceria o seu poder, a sua autoridade, a sua onipotência?

Aparentemente não.

Observou-a e pensou que poderia aplicar aquela bonita boca em muitas tarefas que eram mais vantajosas do que conversa, mas, no exato momento em que lhe ocorreu a ideia, corou, envergonhado por se ter tornado tão devasso a ponto de ter pensamentos lascivos sobre a filha de um vigário.

A sua moral caíra a pique.

Mas ele queria vê-la pelas costas, raios! A dor de cabeça piorava a cada segundo e ansiava por uma sala escura onde pudesse beber, jogar às cartas e trocar carícias com mulheres alegres, lascivas e silenciosas.

Da boca saía-lhe uma chusma inquebrantável de palavras. Como fazê-la parar?

Já decidira não usar a força física para a expulsar e não estava disposto a iniciar uma competição verbal, pois não tinha a certeza de que sairia vencedor.

Ponderou momentaneamente concordar com ela, anular as ordens de despejo e deixar que os rendeiros permanecessem, mas afastou a ideia com a mesma rapidez com que surgira. Não mudaria de opinião só porque esta mulher era irritante.

– Portanto, como vê, milorde Wakefield – disse Emma, interrompendo

bruscamente as suas fantasias –, é impossível levar por diante o seu ignóbil plano.

Foi apanhado de surpresa. Nem mesmo o seu próprio pai, quando Douglas se zangara e vociferara, alguma vez rotulara de ignóbil as ações de John. Tratava-se de mais um comentário ofensivo e não sabia se deveria rir, gritar ou encarcerar aquela piranha atrevida.

Ela era demasiado ousada.

Emma inclinou a cabeça para o lado e cruzou os braços sobre o peito, aguardando a sua resposta. A posição dos cotovelos fez ressaltar a subida e descida dos seios e John observou-os com despudor e lentamente. O ataque de raiva elevara-lhe a pulsação e acelerara-lhe a respiração, avolumando os mamilos. Ele conseguia distingui-los por baixo do tecido do vestido.

Como pudera considerá-la magricela? Era arredondada em cima e apostava que o traseiro também seria redondo. As ancas formariam uma curva a partir da cintura estreita, e as pernas seriam compridas e esbeltas, pernas que se enrolariam à volta da cintura de um homem e o apertariam quando...

Filha do vigário! Filha do vigário! O refrão ecoou como uma sirene na sua cabeça, recordando-lhe a sua posição modesta. Endireitou-se bruscamente como se fosse impróprio relaxar a postura diante dela.

– Então? – perguntou num tom arrogante.

A solução do seu dilema, que lhe ocorreu subitamente, era tão indecente, mas tão engenhosa, que ignorava porque não pensara nela antes. Devia estar mais cansado do que julgara.

Embora Ian fosse o bastardo por nascimento, era John quem merecia essa designação. A sua conduta era regularmente deplorável; o pai declarava que não se poupava a esforços para ser irritante, o que era verdade. Comportava-se na maior parte do tempo como um escroque desprezível.

John sabia exatamente como podia afastar uma pessoa como a menina Fitzgerald. Não lhe seria nada difícil expulsá-la da propriedade. Era óbvio que ela ouvira histórias sobre a sua desonrosa reputação. Se agisse de uma forma odiosa, não a surpreenderia. Ela esperaria exatamente um comportamento monstruoso da sua parte. Uma proposta vergonhosa que ela recusaria por uma questão de honra e jamais aceitaria, iria provocar-lhe uma sensação de desmaio e fazer com que fugisse aterrorizada.

Se se mostrasse suficientemente vulgar, ficaria demasiado envergonhada para voltar à propriedade e ele nunca mais tinha de ser confrontado com as suas opiniões corretas ou condescendentes.

Seria uma coisa extremamente simples e divertida.

Pobre menina Fitzgerald. Estava prestes a ficar extremamente chocada.

– Bem... – começou ele, batendo pensativamente com a ponta de um dos dedos no lábio inferior, enquanto a olhava como um gato observa um canário fechado numa gaiola. Um riso calculado desenhou-se-lhe nos lábios. Ela pareceu reparar de imediato que o seu comportamento mudara e recuou um passo, mas John não estava disposto a deixar escapar a presa. Não, após ter escutado cortesmente as suas invetivas. Abandonou o lugar na beira da secretária e aproximou-se até ficar tão indecentemente próximo que as biqueiras das botas deslizaram para baixo da orla da saia.

Surpreendentemente, ela não recuou mais e manteve-se corajosamente firme.

– Talvez pudesse ser convencido a mudar de planos – declarou.

– De que maneira? – A jovem mulher esboçou um sorriso hesitante, esperando visivelmente tê-lo convencido com os seus argumentos.

John fitou os olhos castanhos, momentaneamente distraído por serem tão límpidos e penetrantes. A sua pele era macia como seda, as faces rosadas e suaves e...

A filha do vigário! A campainha de alarme soou de novo e ele voltou à realidade e resolveu levar a bom termo a sua maquinação.

Era um mestre do descaramento – tivera a vida inteira para praticar – e, por conseguinte, a ingénua e íntegra menina Fitzgerald não tinha a mínima hipótese contra a sua audácia.

– A minha decisão tem bases financeiras e não pessoais. Portanto, a mudá-la, teria de fornecer-me uma remuneração especial.

– O que quer dizer?

Ela era tão franca, inocente e sincera. Quase lamentou enganá-la, mas era, e sempre fora, um perfeito canalha.

– Se permitir que os seus amigos fiquem – prosseguiu num tom meloso, atraindo-a à armadilha –, teria de reembolsar-me pelos problemas causados.

– Que problemas podem causar-lhe? – inquiriu, furiosa. – São velhos, doentes e debilitados.

– Sofreria prejuízos financeiros caso permanecessem. – Esforçou-se por adotar um tom pensativo e grave. – Mas estaria disposto a abdicar dos lucros se fizesse algo que compensasse o meu prejuízo.

– Eu? Não tenho dinheiro.

– Bem, não estava a referir-me a dinheiro.

– A quê, então? – Ela continuava sem fazer a mínima ideia para onde ele estava deliberadamente a conduzi-la.

– Sentir-me-ia compensado se... – Fez uma pausa e piscou o olho. – ... se recebesse algo que estimulasse a minha fantasia.

Pelo canto do olho observou que Ian se mexia incomodado com o rumo da

conversa, mas conhecia o irmão. Caso Ian sentisse alguns escrúpulos sobre a conduta de John, expressaria a sua opinião quando estivessem a sós.

Infelizmente, a Emma Fitzgerald não estava familiarizada com a tendência de John para a depravação, nem suspeitava de como era dado a portar-se com despudor. O seu rosto era um livro aberto que permitia a John ver facilmente o que tinha escrito: compreendia aos poucos que ele estava a fazer-lhe uma proposta indecente.

Com a arrogância de uma princesa, inquiriu:

– O que está exatamente a sugerir?

– Tem uma única coisa com valor para um homem como eu.

Sem qualquer pudor, vagueou o olhar lascivo pelo corpo feminino, demorando em todos os locais apetitosos e em seguida ergueu novamente a cabeça até os olhares de ambos se encontrarem.

– Lorde Wakefield, está a fazer-me uma... uma... proposta indecente.

– Naturalmente. O que mais tem para oferecer?

Tal como havia previsto, a jovem mulher respirou fundo.

– Era capaz de me roubar a virgindade para... para... livrar os meus vizinhos das suas dívidas?

– Acho-a bastante atraente – reagiu sem peias, como se um dos seus passatempos fosse seduzir mulheres castas –, e há muito tempo que não me passa pelas mãos uma jovem camponesa. Imagino que será extremamente divertido.

As palavras afrontaram-na muito como seria de esperar e franziu a testa.

– Penso que é o comentário mais ofensivo que alguém pronunciou na minha presença.

– Não duvido – disse John com um encolher de ombros e uma risada despreocupada. – Temo ser famoso pela minha conduta repreensível.

– É um verdadeiro perverso.

– Sem dúvida.

John esperara que ela se mostrasse enraivecida, ofendida ou chocada, mas a jovem mulher não denotou a indignação prevista. A menina Fitzgerald era feita de duro aço. Chegara a altura de elevar a parada e fazer com que ela abandonasse a sala, envolta numa nuvem de repugnância e desprezo.

– Ignoro até que ponto é versada na sedução, mas sou famoso pelas minhas capacidades como amante. Posso garantir-lhe que ficará *satisfeita*.

Vincou a palavra «satisfeita» para que até mesmo a virgem mais inocente compreendesse o teor geral do seu intento.

– Está a propor que nos deitemos juntos como marido e mulher?

– Sim. Mas não apenas uma vez. Teria de exigir vários encontros do género

antes de ficar totalmente compensado. – Com o sobrolho carregado, fingiu refletir numa recompensa à medida. – Que tal um encontro por cada pessoa da sua lista? Isso deveria contentar-nos, presumo.

– Está a dizer... que me considera o género de mulher que... presume que estaria disposta a...

John sorriu. A jovem mulher era tão iletrada que não tinha vocabulário para descrever a sua sórdida proposta. Ia ser tudo muito melhor do que conjecturara. Mais alguns insultos habilmente expressos e livrar-se-ia dela para sempre.

– Não se esqueça de que, se me agradar, terá direito a um pequeno extra. Qualquer das minhas amantes pode confirmar-lhe que sou generoso quando fico satisfeito. Gosto particularmente de oferecer joias.

A última declaração ultrapassou um pouco os limites, mas desejava provocar-lhe um frenesim de ira moral. Preparou-se para uma bofetada enfurecida, um guincho de repugnância ou um soluço de desespero, mas, para sua infinda desilusão, nada disso aconteceu.

Em vez disso, procedeu a uma análise do corpo dele que se revelou muito mais tórrida e completa do que a visualização que ele acabara de fazer da sua anatomia. Vagueou o olhar desde o rosto ao peito e até ao ventre. Mais para baixo, até às virilhas, onde o pénis indisciplinado teve a ousadia de se avolumar sob o seu escrutínio, fazendo com que as calças ficassem demasiado esticadas.

Deteve-se, atrevida, examinando o tamanho e volume. Em seguida, a sua fervorosa avaliação passou aos lábios, inspecionando-os de uma maneira tão ávida que ele corou.

Percorridos os últimos centímetros, fixou-se nos olhos e também ela esboçou um sorriso malicioso, feminino e lascivo que o levou a interrogar-se freneticamente sobre o que havia desencadeado.

– Porque não? – retorquiu subitamente. – Até que ponto pode ser vil? E se tiver metade da capacidade de que se gaba, talvez seja divertido.

3

EMMA manteve uma expressão séria, encantada por conseguir permanecer tranquila sob o seu escrutínio tão intenso. Dada a sua reação inesperada, Wakefield ficou confuso e boquiaberto. Mexeu-se nervosamente como a interrogar-se sobre se tencionava seduzi-lo.

Não deixava de olhar cautelosamente para o irmão, desejando que o outro Clayton presente na sala o resgatasse daquela situação em que se metera por estupidez. Contudo, o indivíduo optou sensatamente por se manter de fora do problema.

Emma não tinha muitas certezas quando deduziu que Wakefield não fizera a proposta a sério. Ninguém poderia ser tão desprezível! Algures no meio da sua conduta idiota, percebera que ele estava a tentar criar uma onda de ressentimento que a afastasse. Infelizmente para ele, não estava a lidar com uma juvenzinha tímida e recusou sair pacificamente.

Por alguma razão, Emma compreendera muito mais do que deveria a seu respeito. O seu profundo discernimento não tinha nada a ver com o facto de já o ter visto quase nu e a ter relações sexuais.

Era magnífico, extraordinário, diferente de qualquer pessoa que conhecera até então. O seu carisma e a sua elegância cobriram-na como uma onda, fazendo-a ansiar por se manter na sua presença enquanto ele permitisse.

Surpreendentemente, não era o diabo como ela e outros o haviam pintado, mas um homem escandalosamente bonito, sofisticado e fascinante. Para seu pesar, a animosidade, que tencionava albergar contra ele, desaparecera e fora substituída por curiosidade. Estava fascinada e encantada pois, ao longo da calorosa discussão, ele mostrara um engenho como nunca tinha encontrado.

Havia uma estranha ligação entre ambos. Sentira-a no momento em que entrou na sala e ele a fixara com os seus incríveis olhos azuis. Quando o espiara do lado de fora da casa, tinha reparado nesses olhos, mas não estava preparada para que a hipnotizassem com a proximidade. Sentia como se conseguisse perscrutar as suas profundezas azuis e divisar todo o caminho até à sua alma.

Infelizmente, o que descobrira não era muito encorajador.

Ele conseguira portar-se como um canalha. Gostava que as pessoas o julgassem um patife, um vilão amoral, o que claramente até era. Ostentava a sua dissolução de uma forma tão consciente e frequente que todos partiam do princípio que era na verdade um inútil.

Embora se esforçasse por ocultar o seu lado bom, no fundo, era um cavalheiro

com princípios. A sua ética, se é que assim se poderia designar, expressava-se de uma forma bizarra. Ela tinha de compreender o que o incitava a ser assim para poder descobrir a forma de o vencer. Ao apelar à sua natureza mais honrosa, poderia levá-lo a fazer o que precisava de ser feito.

Todos os tipos de relações cordiais desenvolviam-se entre os mais diversos géneros de pessoas e estava suficientemente otimista para supor que existia algum propósito no seu encontro com aquele desavergonhado, um objetivo para os dois. O seu peculiar conhecimento quanto aos seus traços de personalidade seria extremamente útil. Dado tratar-se de um macho típico, nunca suspeitaria de que estava a usá-lo para realizar os seus próprios objetivos.

Embora tivesse tentado dissimular a sua reação, ficara chocado e consternado quando ela mencionou a miséria do Sr. Gladstone, um nítido indicativo de que tinha consciência. Poderia fornecer um imenso apoio à comunidade, se fosse conduzido na direção certa, mas seria impossível pressioná-lo se não passasse tempo com ele.

Era um homem irascível e inteligente, mas facilmente atraído pelo vício e pela devassidão, e não tolerava a rebeldia. Ninguém o contrariava ou repudiava as suas opiniões absurdas. Era extremamente convencido por si próprio e pela posição que ocupava. Os argutos comentários e observações que ela fizera tinham-no perturbado e não condescenderia a aceitar a sua companhia, se ela não se esforçasse por aprofundar o conhecimento.

Emma avaliara rapidamente a situação: se quisesse atraí-lo para o seu lado, teria de persuadi-lo a que era capaz de ocupar as suas horas de uma forma tão interessante como qualquer prostituta. Caso fosse incapaz de convencê-lo que a associação de ambos seria divertida, expulsá-la-ia da mansão e não teria oportunidade de armar as suas ciladas.

Emma era perita em levar os homens a fazer o que deviam. Conseguia influenciá-los a assumir as suas responsabilidades. Ainda na semana anterior convencera um rapaz da aldeia a casar com uma jovem que precisava de um marido. Era mestre no uso da manipulação e de truques para levar os seus objetivos a bom termo. Tinha aprendido a artimanha com o pai que dominava na perfeição a arte da coação subtil.

Wakefield não era diferente de qualquer outro homem. Poderia ser conduzido, empurrado, e Emma estava mais do que disposta a encarregar-se de o fazer. Desde que, no final, o convencesse a revogar as ordens de despejo e nunca lhe ocorresse que a vitória lhe escapasse.

Não podia ter sido filha de um vigário durante quase três décadas sem absorver alguns dos ensinamentos do pai: em todas as ocasiões o *certo* estava destinado a prevalecer sobre o *errado*.

Se tivesse de consentir num caso, assim faria, mas isso não significava que tivesse de seguir em frente. Os seus objetivos eram nobres e justos e estava disposta a prometer-lhe o que quer que fosse – até mesmo atos sexuais selvagens e perversos – se alcançasse os compromissos de que necessitava para o dissuadir. Iria provocar e flirter e levá-lo constantemente a acreditar que estava prestes a seduzi-la, mas jamais o conseguiria, embora não precisasse de o saber.

Embora fosse, por norma, uma pessoa sincera e honesta que jamais pensaria em mentir ou intrometer-se em falsidades, não desviava o olhar e prevaricava na sua retidão. Da mesma maneira que ele não deveria ter feito a repugnante proposta, ela não tinha qualquer reserva quanto a enganá-lo.

Se mais tarde viesse a renegar a sua fé, que mal tinha? Ninguém lamentaria. Ele não ousaria contar a ninguém o que fizera e ela jamais confessaria. Se, por qualquer infortúnio, o acordo feito viesse a público, não haveria uma pessoa viva que a repreendesse por recusar ceder ao desprezível aristocrata, embora tivesse de admitir que não reclamaria muito alto se uma pequena quantidade de *cedência* realmente acontecesse.

Emma não consideraria o acordo como um fracasso total se conseguisse roubar alguns beijos antes que a transação ficasse concluída. Que mulher lamentaria ser beijada por um canalha insolente?

Não ela, certamente.

Já tinha sido beijada – apaixonadamente e muitas vezes – e gostara. Demasiado. Tanto que se tinha assustado e não voltara a tentar uma tal frivolidade.

O outono da luxúria, era como se lhe referia.

Tinha dezassete anos quando um grupo de ceifeiros se deslocara para ajudar na colheita e ela apaixonara-se por um dos trabalhadores do campo. Charlie revelara-se totalmente desajustado, um indivíduo robusto, que emanava charme e virilidade e Emma não conseguira resistir ao seu encanto.

Durante uma semana tinha-se esgueirado durante a noite para estar com ele. Charlie transpirava luxúria e os seus beijos inflamados tinham despertado um tal tormento corpóreo em si, que ainda não estava certa de ter recuperado.

Após esse breve capricho, passara a evitar a companhia dos homens, dedicando-se a ajudar o pai no seu cargo. Com essa atitude tinha-se privado da possibilidade de outra transgressão corporal. A eterna castidade que impusera a si própria era uma penitência pelos pecados cometidos.

Mas à noite, quando estava deitada na sua cama solitária, recordava aquele maravilhoso episódio e como se sentira mulher. Mesmo depois de todos esses anos, lembrava-se do esplendor que o desejo engendrava e, como já provara uma vez ter uma moral fraca, sempre suspeitara de que estaria disposta a agarrar

impetuosamente uma nova oportunidade, caso algum parceiro com boa aparência tivesse a ousadia de se mostrar interessado.

Por exemplo, um indivíduo como Wakefield. Nunca conhecera ninguém como ele e provavelmente tal não aconteceria. Por conseguinte, não se arrependeria de um ou dois beijos ardentes.

Se ele tentasse em transformá-los em algo mais, não a preocupava a sua capacidade de lidar com a situação. Não era uma adolescente ávida de prazer. Sabia como mostrar-se inflexível e, embora ele não se poupasse a esforços para fingir o contrário, Emma apercebeu-se da integridade que espreitava sob a dura concha exterior. Aceitaria quaisquer restrições que ela impusesse à sua conduta.

Estava agora tão próximo, numa tentativa de a intimidar, que ela conseguia cheirar a goma da sua camisa, o sabonete com que tomara banho. Emanava um odor terroso, um misto de ar fresco, cabedal e de outros aromas masculinos como tabaco e cavalo.

Apelava à faceta lasciva e picante do seu íntimo secreto, o lado que ela se esforçava religiosamente por asfixiar e somente tinha revelado a um robusto trabalhador de campo itinerante.

Sentia-se livre e perversa, travessa e maliciosa, uma mulher disposta a envolver-se em qualquer devassidão.

Por outras palavras, uma mulher completamente oposta de si.

Avançou uns dois centímetros e reduziu a distância que os separava. A perplexidade de Wakefield aumentou. Ele oferecia uma leitura tão fácil! Não conseguia entendê-la, o que ela pretendia ou até onde a sua indecente proximidade o conduzia.

Isto seria tão gratificante! Também rentável para tantas pessoas indigentes.

– Ora, então – pronunciou num tom de negócio –, tenho a certeza de que não me censuraria, caso insistisse em que firmássemos o nosso pacto por escrito.

Não sabia de onde lhe chegara aquele impulso brilhante, mas se tivesse a assinatura dele num acordo, estava certa de que poderia usar o registo escrito para forçar o cumprimento das cláusulas.

– Por escrito – repetiu Wakefield, atordoado.

– Sem ofensa, milorde, mas decerto entende o meu ponto de vista. Seria estúpida se entregasse a minha virtude apenas mediante uma conversa privada. Caso sucumbisse aos seus múltiplos encantos, e o senhor não cumprisse a sua parte do nosso negócio, que recurso teria para o forçar?

– Não acredita na minha palavra?

– Mal o conheço e o que sei é bastante horrível. Porque devo acreditar no que tem a dizer? – Olhou por cima do ombro para o irmão. – Acreditaria na sua palavra, senhor Clayton?

– Não. De forma alguma.

Ante a resposta do irmão, Wakefield ficou tão enraivecido que aumentou o contentamento de Emma quanto à sabedoria do seu esquema.

Wakefield balbuciava e gaguejava em busca de uma resposta adequada e a jovem mulher dirigiu-se ao irmão.

– Senhor Clayton, quer ter a bondade de transcrever os termos? – Esboçou um sorriso a Wakefield. – Será benéfico ter uma testemunha, não concorda?

– Certamente – disse ele.

Wakefield fulminou Clayton com o olhar e trocaram uma comunicação silenciosa que ela guardou para uma posterior dissecação e análise. Eram obviamente muito chegados e teria de incluir Ian Clayton nos seus planos. Se os dois irmãos fossem tão próximos quanto pareciam, podia ser capaz de o usar na sua manipulação do visconde.

– Terei muito gosto em ajudá-la, menina Fitzgerald – disse finalmente Ian Clayton e dirigiu-se à secretária, mas só depois de Wakefield lhe ter dado uma permissão taciturna.

Outro detalhe fascinante para refletir!

Ian procedeu a uma grande exibição ao sentar-se e a mergulhar a pena na tinta e Emma foi dominada pela sensação de que estava a desfrutar o interlúdio. Não havia dúvida de que ela superara Wakefield de uma forma desabitual e Ian Clayton apreciava a situação.

– Por onde gostaria de começar? – Parecia inocente e delicado, e mantinha visivelmente a atenção desviada de Wakefield.

Quanto ao visconde, afastara-se dela, criando espaço ou talvez delimitando território. Com os braços cruzados sobre o peito e claramente irritado, franzia a testa.

– Vamos começar com um título – sugeriu Emma. – «Acordo entre as Partes» ou algo do género. Depois colocamos os nossos nomes e identidades.

A pena arranhou a página enquanto ele escrevia um parágrafo de introdução.

– Que tal lhe parece? – perguntou Clayton e Emma deslizou para trás da secretária a fim de ler por cima do seu ombro.

– Excelente – aprovou, erguendo os olhos para Wakefield que continuava de sobrolho franzido. – Quer ler o que o senhor Clayton escreveu até aqui?

– Não.

– Então, muito bem. Continuemos – decidiu e ditou: «O visconde de Wakefield estipula que irá rescindir as ordens de despejo para os seguintes catorze rendeiros.» – Pousou a sua lista no tampo da secretária e alisou-a, indicando cada um dos nomes à medida que Clayton os escrevia no documento.

– «Em troca, a menina Fitzgerald protagonizará catorze episódios de relações

sexuais.»

Ante o fraseado sem peias, Clayton corou até às orelhas, mas continuou a escrever, como se ela não tivesse dito nada de impróprio. Quanto ao visconde, engoliu em seco.

Apanhado na própria armadilha! Que coisa fantástica! Emma esperava que ele sufocasse de vergonha antes de terem acabado.

Fingindo ingenuidade, perguntou-lhe:

– Concorda com a linguagem?

Ele fez uma pausa, percorreu-a com um olhar descaradamente carnal e dirigiu-se a Clayton:

– Quero que a frase acabe desta maneira: «...relações sexuais da forma que mais aprouver a Wakefield.»

Com um esboço de sorriso e fitando-a enraivecida, parecia grasnar, *Faça melhor!*

Não entendia que, por mais que desse largas ao orgulho e se pavoneasse, a sua arrogância não produziria qualquer efeito.

Clayton fitou-a.

– Concorda com esse acréscimo?

– Sim. Agora: «O visconde não ordenará mais expulsões pelo prazo de um ano. Nessa altura, se considerar que a situação exige uma ação tão drástica, não prosseguirá sem que consulte a menina Fitzgerald e lhe dê uma oportunidade de o levar a mudar de opinião da maneira que exigir.»

O corpo de Wakefield enrijeceu.

– Um minuto, com mil raios! Não estou disposto a aceitar um acordo em que ficarei eternamente preso aos seus caprichos e...

– Não pragueje na minha frente.

Ele mordeu o lábio com tanta força que podia ter feito sangue.

– As minhas desculpas – murmurou. – Contudo, fala como se fosse aproveitar-me de si para sempre.

– Acredito que o fará, mas gostaria de pensar que irá recuperar a sensatez muito antes. – Esboçou um aceno de cabeça a Clayton. – Acrescente mais uma nota sobre a nossa coabitação daqui a um ano, se for necessário.

Ian sorriu.

– De acordo, John?

– Ótimo! – rugiu o visconde.

– Há mais alguma coisa em falta, menina Fitzgerald? – inquiriu Clayton.

– Há mais duas cláusulas – disse Emma –, mas como não sei se pertencem ou não ao contrato, e deixarei que me aconselhe.

– Quais são?

– Bem, eu não posso suportar um bêbado...

– Um bêbado! – ripostou Wakefield.

– ... por conseguinte, o visconde deve abster-se de beber. Isso deve ser incluído? Ou posso confiar que se manterá sóbrio?

– Menina Fitzgerald – reagiu o visconde. – Não vai intrometer-se nos meus hábitos de bebida!

– *Sir*, está a negociar o privilégio de violar a minha pessoa regularmente, portanto abdicarei de muito mais. Deve desistir de *algo*, fazer uma concessão.

– Ela apanhou-te nesse ponto, John – troçou Clayton. – É melhor incluí-lo – murmurou num tom conspiratório. – Ele pode ser muito obstinado em relação aos seus vícios. – Rabiscou as palavras e acrescentou: – E a outra?

– As suas mulheres devassas e os companheiros parasitas terão de regressar a Londres.

– O quê?! – exclamaram os dois homens em simultâneo.

Ficaram ambos horrorizados com o ultimato, perplexos por ela ter a ousadia de abordar o escandaloso tema. Ela precisava sem dúvida de possuir o controlo sobre os dois libertinos.

– Receio ver-me obrigada a insistir.

Emma detetou uma oportunidade para livrar a propriedade dos parasitas e rufias que tinham viajado com o visconde e enlouqueciam o pessoal com o seu desprezível comportamento.

A paz e a tranquilidade geradas pelo seu afastamento seriam bem-vindas, tanto mais que ela desejava Wakefield só para si, sem a distração do corrupto séquito. Estando os dois em reclusão, teria mais oportunidades de alterar a sua conduta.

– Você é um espanto, menina Fitzgerald! – exclamou o visconde. – Insultou-me por quase todas as minhas tendências perversas. Há alguma coisa que se tenha esquecido de mencionar?

– Não me parece.

– Tenho pena do indivíduo com quem se casar. Já é irritante de gema. Vai tê-lo totalmente castrado antes da noite de núpcias.

– Acredito que esteja certo – riu Emma alegremente. Como se algum homem viesse a casar com ela! O único que demonstrara um interesse acrescido era o novo vigário, Harold Martin, e Emma estremeceu ao refletir na vida miserável que levaria.

O visconde e o irmão trocaram olhares, Wakefield enraivecido e Clayton surpreendido com a sua ousadia. Especulavam sobre como se haviam metido naquele imbróglio e como se livrariam do mesmo. Tinham começado a falsa discussão como uma graça que proporcionaria uma série de histórias divertidas para espalhar.

Não tinham contado com a perspectiva de que ela os ultrapassasse.

Outra troca de olhares subtil verificou-se entre eles. Aparentemente, encolheram os ombros em uníssono. Mediante acordo tácito tinham decidido acalmá-la, enquanto pensavam numa forma de a colocar de fora do acordo.

Mas não é que os esperava uma surpresa!

Clayton mergulhou a pena na tinta e acrescentou a sua decisão de que os visitantes de Wakefield regressassem à cidade. Quando acabou, estendeu-lhe o documento para que o examinasse.

– Como está?

– Perfeito – concordou Emma num tom afável. – Assinemo-lo para o tornar oficial.

– Assinemo-lo – imitou Wakefield maliciosamente.

Clayton traçou três linhas na parte inferior. Uma para ela, uma para Wakefield, e uma para Clayton que serviria de testemunha. Emma pegou na pena e escreveu o nome com a sua habitual caligrafia ordenada, e em seguida estendeu o documento ao visconde, fitando-o como se fosse uma cobra venenosa.

– És o próximo – incitou-o Clayton.

Sem divisar qualquer maneira de solucionar o problema, Wakefield deu a volta à secretária e arrancou-lhe a pena da mão. Para chegar ao contrato, teve de se espremer entre ela e Clayton, e, ao fazê-lo, ficou encurralado contra ela.

Persuadida da sua descontração, não se afastou e permitiu o contacto impróprio, inalando o lascivo perfume masculino, observando o intrigante dourado dos cabelos, mas no último segundo desviou o rosto para não lhe dar a entender onde tinha demorado o olhar.

Ele escreveu o nome com um enorme floreado, depois estendeu a pena ao irmão, e quando Clayton rabiscou o nome, Wakefield sussurrou-lhe:

– Insolentezinha!

Emma sorriu, soltando uma pequena risada e incapaz de dissimular o seu contentamento.

Clayton secou a tinta e Wakefield arrebatou-lhe o papel. Com toda a probabilidade tencionava escondê-lo, mas ela arrancou-lho, dobrou-o e enfiou-o no corpete do vestido sem dar tempo a que qualquer deles reagisse.

Wakefield ficou horrorizado.

– Não vai guardá-lo!

Oh, como ela gostava da sua proximidade! Não conseguia lembrar-se de quando tropeçara num homem tão elegante, tão atrevido e distinto.

Wakefield erguia-se acima dela, envolvia-a com o seu calor e perfume, fazendo com que a pele se lhe arrepiasse, os batimentos cardíacos aumentassem e os sentidos despertassem. Mas embora adorasse a sua proximidade, era

demasiado astuta para se iludir com a sua magnificência.

– Não estou disposta a permitir que fique na sua posse – venceu num tom cáustico. – Estou certa de que desapareceria.

Mediante os punhais invisíveis que os dois homens trocaram, tornou-se vergonhosamente óbvio que faziam tenção de o destruir quando ela se fosse embora, mas o seu truque não estava a progredir segundo o antecipado. Tinham suposto que poderiam mandá-la embora com a tola convicção de que estabelecera um acordo, sem que lhe restasse qualquer maneira de o provar, ou de manter Wakefield fiel à promessa feita.

Para desgosto de ambos, ela não se portara submissamente como tinham calculado.

– Quando começamos? – perguntou ela.

Wakefield ansiava visivelmente por responder *Nunca!*, mas era demasiado egoísta para o dizer em voz alta. Em vez disso, deu a volta à secretária e fingiu ser magnânimo.

– Quando lhe conviria?

– Que tal agora?

Por sorte, não estava a engolir um pedaço de comida ou ter-se-ia engasgado.

– Agora? – ecoou baixinho. – Apanhado numa emboscada, recuperou rapidamente. – Não me é possível. Estou muito ocupado hoje. – Franziu o sobrolho ao irmão. – Não é verdade, Ian?

– Não tens nada em agenda.

Se o olhar matasse, Clayton teria caído redondo no chão.

– Tenho a certeza de que te esqueceste... – clarificou Wakefield num tom tenso – ... que tinha planeado ir andar a cavalo com alguns dos nossos convidados.

– Tinhas mesmo? – retorquiu Clayton com um sorriso inocente. – É a primeira vez que o mencionas. – Wakefield deu um passo ameaçador na sua direção e Clayton ergueu os braços num gesto de rendição. – Mas também não estou sempre a par da tua agenda.

– Amanhã, então? – interferiu ela. Já tivera a sua conta daquela dupla indecente e do jogo que estavam a fazer. – Gostava realmente de seguir por diante para poder dar uma garantia inicial aos que receberam as suas cartas de despejo. Muitas pessoas já estão a embalar os seus pertences, e com um enorme desespero, enquanto falamos.

Wakefield desejava levantar objeções, mas ela encostara-o à parede. Tinha o acordo assinado enfiado entre os seios e apenas conseguiria recuperá-lo, se a deitasse ao chão e lho arrancasse. Enquanto o mantivesse na sua posse, a jovem mulher teria oportunidade de reverter a sua decisão; ele não podia faltar ao

compromisso.

– Amanhã estará muito bem.

– À uma hora?

– Sim – concordou, irritado.

– Estará sóbrio e os seus amigos terão ido embora?

– Sim, menina Fitzgerald! Sim! – Exasperado, fez um gesto na direção da porta. – É tudo?

Mostrava-se tão empolgado que a surpreendeu por não se pôr de joelhos e suplicar-lhe que desistisse e se fosse embora, e não resistiu a picá-lo um pouco mais.

Sabia que devia sair enquanto estivesse por cima, mas estava a passar um tempo tão maravilhoso na companhia dele que não se decidiu a abandonar a sala.

Aqueles escassos minutos haviam sido tão revigorantes e vitais na sua lamentável vida triste, que se sentiu incapaz de terminar aquele primeiro encontro. Gostava de ter a sua atenção focada nela, desejava prolongar a sua presença.

– Na verdade, há mais uma coisa.

– O quê? – rosnou ele.

– Pensei que poderia dar-me um beijo de despedida. Assim, faria uma ideia do que esperar.

– Do que *esperar*? Acabou de negociar um contrato sexual e não sabe como beijar um homem?

– Bem, claro que sei como *beijar* um homem. Preocupa-me mais... bem... se a experiência será repugnante ou não. – Tratava-se de uma mentira descarada. Previra que seria notável, mas era tão divertido vê-lo fumegante.

– Ouviste isso, John? – interferiu Clayton com uma risada. – Ela preocupa-se que beijar-te possa ser repugnante!

Wakefield ultrapassara as suas restantes ofensas sem atribuir muita importância, mas a calúnia sobre as suas capacidades viris era demasiado. Sobretudo o facto de ela questionar a sua aptidão na frente do irmão. Era obviamente pretensioso quanto à sua reputação entre as mulheres, mas devido à apática cópula a que assistira, Emma não compreendia o que levaria uma amante a delirar.

– Aproxime-se, menina Fitzgerald.

Emma espicaçara o seu ego de uma forma chocante e sofreria as consequências, mas estava ansiosa por ver acabar esta sua primeira incursão com ousadia. Deu a volta à secretária com uma postura atrevida e aproximou-se dele até quase se tocarem. O corpo do visconde estava tão tenso como uma corda de arco e Emma supôs que iria agarrá-la bruscamente, que a atacaria com um beijo

castigador.

Surpreendentemente, Wakefield pousou-lhe as mãos nos ombros tão ao de leve que mal as sentia e depois inclinou-se e colou ternamente os lábios aos dela. Foi o momento mais casto e precioso da sua vida. O respirar dele aflorou-lhe o pescoço; era quente e sabia a...

Chegou bruscamente ao fim. Ele afastou-se, terminando o beijo sem lhe dar oportunidade a que fechasse os olhos.

Os olhares fixaram-se e surgiu entre ambos a mais estranha sensação de entendimento e afinidade. Também ele se apercebera da sua doçura, também estava perplexo e confuso.

Ocultando apressadamente a perplexidade, aclarou a garganta.

– Confio que não fosse demasiado... *repugnante*?

– Não – respondeu ela num tom duro. – Apenas dececionante?

– *Dececionante*?

– Você parece um indivíduo tão viril. – Vagueou o olhar perscrutador pelo torso e em seguida subiu. – Julguei que pudesse imbuí-lo com um pouco mais de... *ardência*... acho.

Porque persistia em atirá-lo? Não bastava que tivesse triunfado em todas as situações? Já tinha obtido a maior parte do que esperava conquistar e nem sequer haviam começado a lutar com vista a uma resolução.

O canalha levava-a a fazer ou dizer qualquer loucura, só para ver a reação que conseguiria provocar-lhe. Absurdamente, sentiu o desejo ardente de obter uma reação, como se o Bom Senhor a tivesse enviado especificamente para o despertar após um longo sono. Contudo, a sua ofensiva assemelhava-se muito a dar uma cotovelada num gigante adormecido.

Wakefield olhava-a com uma raiva tão fria e controlada que ficou apreensiva. Atrás dela, Clayton ria alegremente e fazia observações veladas e sarcásticas sobre a perícia sexual de Wakefield, mas Emma não conseguia decifrá-las. A força poderosa da concentração de Wakefield inundava-a e assemelhava-se a ser sugada por um remoinho.

– Ian – disse calmamente, sem se dar ao trabalho de se virar, num tom que não admitia discussão. – Deixa-nos sós.

– É realmente demais para mim. – Clayton continuava a rir. – Há uma eternidade que não me divertia tanto.

– Sai! – Wakefield não ergueu a voz mas a veemência com que pronunciou a palavra foi tão feroz que ecoou nas paredes como um grito.

Reinou o silêncio na sala e Clayton empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Emma apenas conseguia ouvir o tiquetaque do relógio pousado na cornija da lareira e o batimento da pulsação. Clayton passou junto a eles e fez uma pausa,

incomodado pelo nível a que ela elevara a fúria de Wakefield.

– Se precisar de mim, menina Fitzgerald... – ofereceu-se Clayton num tom galante, preocupado por deixá-la sozinha com o nobre irritado.

– Não precisarei – afirmou, confiante. – Não receio o visconde de Wakefield. Ele jamais me faria mal.

Ele podia resmungar e rugir, mas não iria mais longe do que com a sua língua cáustica e ela aguentaria a perversidade do vocabulário.

Clayton vagueou o olhar de um para o outro e depois abandonou a sala.

Estavam apanhados num desafio de olhares até a porta se fechar nas suas costas e mal isso aconteceu, Wakefield caminhou arrogante, roçando o corpo no dela. Troncos, ventres, coxas, pés emaranharam-se e o estímulo provocado pelo toque anatómico foi tão poderoso que ela estremeceu e viu-se com o traseiro encostado à beira da secretária.

Wakefield aproveitou-se da sua vantagem, pairando sobre ela e inclinando-se o que a fez perder o equilíbrio e dobrar-se para trás. Antes de a deixar cair sobre o tampo da secretária, impediu a queda, colocando a palma da mão entre as suas omoplatas. Manteve-a aí, examinando-lhe as feições e totalmente inseguro sobre o que fazer com ela.

– Que nunca se diga... – aproximou-se mais com um movimento subtil das ancas, insinuando-se entre as suas pernas. – ... que John Clayton deixou uma dama *desapontada*.

Emma humedeceu nervosamente o lábio inferior, capturando de imediato toda a sua atenção.

– Talvez *desapontada* seja um pouco forte.

– Cale-se, mulher! Atormenta-me com a sua incessante tagarelice!

Deliberada e tentadoramente, baixou-a até as suas costas atingirem a superfície de carvalho polido. Acompanhou o movimento, estendeu-se com o peito imenso achatando-lhe os seios e as partes inferiores pressionando as dela.

Ele estava rijo! Tinha uma ereção pesada e volumosa, e Emma respirou fundo ao detetar a enorme protuberância.

Com os braços apoiados de cada um dos lados dela, prendeu-a de uma forma eficiente, mas sem lhe causar qualquer receio. Emma sentia-se excitada e fascinada. Ignorava as intenções dele e pouco lhe importava. Era fantástico tê-lo assim tão perto e prendeu os pés por trás das ancas masculinas, incitando-o.

Wakefield ficou excitado com o pequeno encorajamento, arregalou os olhos e dilatou as narinas.

– O que quer que decida fazer-te neste instante, mereces. Entendes isso, minha rameira idiota?

– Não me assusta, por conseguinte pare de tentar. E não sou uma *rameira*!

Mas ele continuou a mostrar-lhe que possivelmente o era.

Murmurou algo que ela não conseguiu interpretar e em seguida beijou-a, pousando os lábios nos dela. O ato foi impulsivo e rápido. Sem aviso, a língua penetrou-a e Emma ficou rígida, e em seguida relaxou e envolveu-lhe o pescoço com as mãos, para o aproximar mais do seu corpo.

A boca de Wakefield moldava-se na perfeição com a dela, como se tivesse sido feita para beijar e nada mais. Pestanejou e deixou-se arrebatado.

Como suspeitara, Wakefield era um homem ardente quando o desejava. Havia um fogo e uma intensidade cozinando a lume brando sob a superfície que estava cuidadosamente protegida. O desprendimento e o desapego que notara quando ele tivera relações com a amante estavam ausentes.

Plena de um ardor suprimido, a sua excitação era visível ao pressioná-la. Sem qualquer vergonha do seu estado, permitiu descaradamente que ela sentisse a sua ereção e Emma sorriu com a indiscrição maliciosa.

Wakefield cheirava tão bem, um misto de *brandy* e de hortelã, e Emma gemeu deliciada. O som ecoou por todo o corpo dele, parecendo descer até ao falo. Fletiu o corpo e começou a empurrar através das saias com um ritmo igual ao da língua.

O corpo da jovem mulher era maduro, estava húmida no sexo, premente de desejo e ansiosa pelo seu toque, mas ele não avançava, sem deixar que as mãos se mexessem, conservando-as firmemente apoiadas no tampo da secretária.

Ultrapassando todos os limites sensatos, ele prosseguiu até o pénis necessitar implacavelmente de chegar ao final, até o tronco enrijecer e ela desejar loucamente que ele fizesse algo mais do que o beijo ardente que nenhum deles se mostrava disposto a parar. Era demasiado delicioso e dissoluto, transportando-a para um reino desconhecido que ultrapassava todos os seus sonhos.

Por fim... por fim, ele afastou-se. As respirações eram ofegantes, os corpos desejavam unir-se e ocorreu-lhe que se ele pedisse, estaria disposta a cometer qualquer ato imprudente. Nada antes a tinha preparado para aquele fogo insistente que a levava a desejar selvaticamente arruinar-se.

Ele fitou-a a uma distância de meros centímetros da sua boca, respirando ofegante, com um olhar penetrante e ela estava em êxtase.

A luxúria que a envolvera tinha-se repercutido com igual força nele.

– Achou agora o meu beijo mais do que suficiente? – perguntou ele num tom arrogante.

– Diria que foi... – Fez uma pausa para causar mais efeito – ... adequado.

Wakefield soltou uma gargalhada.

– Atrevida e convencida!

Transferindo o peso para os pés, ergueu-se, mas não sem que antes pousasse

as palmas das mãos nos ombros femininos e os acariciasse num lento e lânguido percurso prolongado pela clavícula, os seios, o sexo e as coxas. Depois endireitou-se, ajeitou as roupas e compôs-se.

– Vá para casa, menina Fitzgerald, e não volte – advertiu. – Porque se for idiota bastante para provocar um segundo confronto, não posso garantir que irei parar.

Com essas palavras, girou sobre os calcanhares e saiu, fechando a porta atrás de si. Sozinha, ela permaneceu obscenamente estendida na secretária e fitando o teto. Tinha a saia puxada para cima, as pernas desnudas e pendentes da borda, o corpete torcido e o cabelo descaído. Precisava de se pôr de pé e alisar a roupa antes que alguém entrasse, mas, infelizmente, tinha os joelhos fracos e deslizou para o chão, enroscada num tecido da saia e da roupa interior.

O homem era um feiticeiro! Com um mero beijo, esmagou-lhe as defesas, deitou por terra as restrições, destruiu o seu senso comum e tornou-a ansiosa por mergulhar em qualquer depravação.

Pela primeira vez desde que o conhecera, sentiu-se assustada. Não dele, mas de si própria e do que poderia ser capaz de fazer por sua instigação.

O que desencadeara?

Ergueu-se aos tropeções e, sem encontrar vivalma, esgueirou-se para fora da mansão e dirigiu-se a casa com o acordo assinado enfiado discretamente na combinação.

4

– NÃO ESTÁS a pensar dar seguimento a isto?

John olhou para Ian por cima da borda do copo de uísque.

– O que te parece?

– Tendo em conta a tua maneira de agir, quem sabe?

– O que raio significa isso?

– Significa que podes cometer qualquer ato imprudente. O que te deu para iniciares uma artimanha tão idiota?

Ah, uma pergunta que fizera a si próprio uma dúzia de vezes desde o seu encontro auspicioso com a indomável menina Fitzgerald no dia anterior.

O que o possuía?

Durante o encontro, tivera um motivo válido para o ardil, embora não conseguisse lembrar-se de qual fora. Desejara livrar-se da irritante mulher para se assegurar de que ela não voltaria, mas o subterfúgio não tinha dado o resultado pretendido.

Como é que a baixinha irritante virara tão habilmente o jogo a seu favor? Ainda bem que não era jogadora! Que mulher astuta! Se tivessem apostado um contra o outro, ele perderia certamente todos os seus bens. Ela desequilibrava um homem, impedia-o de tomar o curso mais adequado, de se manter no caminho indicado.

Uau... não ficaria surpreso se viesse a saber que ela se exercitara para ser bruxa.

Tinha os olhos a arder devido à insónia, fumo do charuto e demasiado álcool. A cabeça latejava-lhe, doía-lhe o corpo e desejava ter tido o discernimento, como haviam feito os seus hóspedes, de cair na cama antes do amanhecer.

A casa estava silenciosa. Ele e Ian eram os únicos que vagueavam pelas salas cavernosas e vazias que tanto odiava.

– Não te preocupes – respondeu. – Tomei a menina Fitzgerald a meu cargo. Ela não voltará.

– Hum! – duvidou Ian. – Se acreditas nisso, transformaste-te num completo idiota.

– Preguei-lhe um susto tremendo.

– Como?

– Beijei-a arrebatadoramente.

Mesmo para os seus próprios ouvidos, o ato parecia-lhe estúpido. Como é que os seus lábios se haviam unido aos dela? Como fora provocado a ponto de a

deitar em cima do tampo da secretária, envolto nas suas pernas, com o pénis ereto e latejante?

Aquela estadia desagradável no campo estava a enlouquecê-lo! Era a única explicação.

– Oh! Estou certo de que ficou assustadíssima – comentou Ian, revirando os olhos, incrédulo. – Para um homem que supostamente sabe tudo sobre mulheres, portas-te como um idiota.

– Confia em mim. Não voltará a pôr os pés aqui.

– Não. *Confia em mim*. Chegará dentro de quinze minutos.

– Porquê?

– Porque será uma da tarde.

– E?

– Combinaste encontrar-te com ela à uma.

– Não estava a falar a sério.

– Bem, o que não era infelizmente o caso da menina Fitzgerald.

Ian dirigiu-se à janela e contemplou os relvados que se encontravam nas traseiras da mansão.

A cada ano que passava, o humor do irmão mudava e, muitas vezes, parecia francamente ético na sua renúncia ao vício e à folia. Quanto mais John se entregava a um prazer desenfreado, menos Ian o fazia, embora por norma mantivesse as opiniões para si quanto à tendência de John para os excessos. Aparentemente, com a menina Fitzgerald numa posição superior, Ian sentia que tinha o dever de cair nas suas boas graças, convencido de que a irritante mulherzinha precisava de um defensor.

Como se Emma Fitzgerald precisasse de ajuda para se desembaraçar na vida!

A mulher era uma harpia, uma víbora, com garras semelhantes às de um felino que as mergulhava e as retirava. Recusando ceder, assemelhava-se a um cão faminto a lutar por um osso, com os dentes presos ao que desejava. Estremeceu só de se recordar a voracidade com que a pequena harpia atacava e não largava.

Pouco necessitava da intrépida ajuda de Ian!

John fitou os ombros rígidos de Ian. Ultimamente, ele mostrara-se mal-humorado, insatisfeito e irritado. John sentia-se curioso quanto ao motivo e dispunha-se a inquirir, quando Ian soltou uma estranha risada que fez com que os pelos se arrepiassem na nuca de John.

– O que se passa? – quis saber John.

– A nossa fantástica menina Fitzgerald não só é teimosa – respondeu, girando sobre os calcanhares com um olhar explicitamente venenoso –, como chegou mais cedo.

– Estás a brincar.

– Não, não estou. Está a atravessar o pátio, enquanto falamos.

– Com mil raios! – exclamou John, levantando-se de um salto e avançando aos tropeções até à janela.

Lá estava ela! Extremamente confiante! Não tinha um pinga de juízo?

Num silêncio tenso, viram-na aproximar-se e John experimentou a estranha sensação de que o seu destino se aproximava, como se a morte estivesse a bater-lhe à porta. Quando ela entrasse na casa, não voltaria a ser o mesmo e ponderou fugazmente sobre se deveria esconder-se para que ela não o descobrisse.

– Tinha-te dito! – comentou Ian num tom irritado.

– O que se passa com ela? – John não esperava uma resposta, dado que Ian não compreendia o sexo feminino melhor do que ele.

– Vai impedir-lhe o caminho. Não a deixes entrar.

John expressou-se com a sua habitual voz autoritária, esquecendo-se temporariamente de que Ian nunca cumpria as suas ordens, nem John as ditava ao irmão. Embora os seus estatutos de nascimento diferissem totalmente, Ian era uma das pessoas que John respeitava como seu igual e mal abriu a boca, lamentou ter pronunciado as palavras.

Um fulgor de ira brilhou no rosto de Ian mas foi rapidamente disfarçado.

– Não. Foste tu que arranjaste o imbróglio. Agora livra-te dele. Por uma vez. – Dirigiu-se à porta, mas parou na ombreira. – Não a magoes.

– Ora, por favor! – Como se pudesse *magoar* aquele maldito traste. Como é que Ian pensara tal coisa?

– Ela não é uma desgastada prostituta da cidade. É uma casta e honrada dama.

– Casta! – troçou John. – Não é nenhuma virgem.

Uma virgem não teria a perícia de beijar como ela, aplicando habilmente as mãos, a língua e o corpo. Os testículos acusaram a lembrança de quão lascivo e picante fora o interlúdio.

Beijar Emma Fitzgerald tinha sido emocionante e intrigante. A jovem mulher entregara-se inteiramente ao beijo, saboreando-o de uma forma diferente de todas as suas amantes.

John chafurdava com regularidade na atividade carnal, mas a mesma tornara-se desinteressante e rotineira. Quando se desgastara a novidade e a excitação? Quando fora a última vez que tinha beijado alguém com verdadeiro empenho?

Dado que geralmente pagava pelo prazer obtido, os preliminares que conduziam ao ato final eram uma perda de energia. Para quê retardar o prazer mediante um ardor frívolo e fingido? Às suas parceiras não lhes era permitida satisfação física. Estavam ali somente pelo dinheiro que podiam ganhar e, então, porquê fingir que se tratava de mais do que uma simples transação comercial?

– Não te atrevas a dar seguimento a esse estúpido contrato que assinaste com

ela.

- Depois das suas travessuras, merecia que o fizesse.
- Ela está desesperada. Expulsaste gente pobre!
- São preguiçosos e...
- Consegues ser um idiota chapado!

Os irmãos raramente discutiam e o comentário irritante acendeu uma faísca no temperamento de John.

Embora a sua raiva fosse imatura e irracional, enfureceu-se com o ataque à sua competência. Durante toda a vida, tinha sido forçado a ouvir as duras críticas do pai de que nunca chegaria a ser alguém, que não possuía nenhuma das características necessárias para ser um visconde.

O seu santo e falecido irmão mais velho, James, devia ter herdado o título, mas morrera afogado num acidente de barco quando John era uma criança, e ele vira-se forçado a ouvir repetidamente que não conseguia chegar aos calcanhares do seu defunto irmão.

Depois de lhe repetirem constantemente que era um fracasso e um imbecil, tinha passado duas décadas a reforçar as baixas expectativas de todos até a sua conduta ficar enraizada. Com a morte do pai, no ano anterior, herdara todas as responsabilidades, embora não as tivesse desejado.

Enquanto fora capaz, tinha evitado assumir as suas obrigações, mas não podia continuar a esquivar-se. A situação financeira era terrível em todas as propriedades e compreendia o que devia ser feito para corrigir a má gestão do pai, estava preparado para fazer opções difíceis.

Quem era Ian para pôr em causa as suas capacidades?

Dado que o meio-irmão residira na casa de John durante os últimos doze anos e conquistara um padrão de vida bastante elevado devido à generosidade concedida pela propriedade Wakefield, quem era ele para se queixar de como John optava por a resgatar?

– O que sugeres? Que cancele as ordens de despejo só por que ela bateu as pestanas dos seus belos olhos castanhos?

– Quero lá saber do que fazes com os teus pertences – retorquiu Ian, mordaz.
– É inteiramente da tua conta. Só estou a pedir que não a maltrates. – Fez uma pausa e acrescentou num tom ameaçador: – Ou então terás de te haver comigo.

De que diabo estava ele a falar?

Ian afastou-se antes que John pudesse interrogá-lo.

Irritado, com fome e ressecado, dirigiu-se ao sofá e estendeu-se, bebendo em pequenos goles e ponderando o seu estado patético: sem amigos genuínos, sem dinheiro nos cofres da família, um irmão que o detestava, uma amante que não conseguia suportar, uma suposta noiva que mentiu a si própria e se declarou

apaixonada por ele apenas porque o seu pai tirano lhe ordenou que o fizesse.

Como acabara por se ver metido numa conjuntura tão lamentável?

Soaram vozes no corredor e esticou-se para descobrir quem poderia ser, embora tivesse a certeza de que Ian exibiria toda a sua gentileza e receberia pessoalmente a menina Fitzgerald. Pouco depois, uns passos solitários avançaram na sua direção e emitiu um suspiro resignado.

Ian executara uma pequena vingança, dando a Emma Fitzgerald indicações específicas sobre a localização de John e, segundos depois, ela entrou na sala.

Estava trajada exatamente como na manhã anterior. Tinha o mesmo penteado severo, o mesmo vestido escuro e ele interrogou-se se apenas possuiria um. Que triste para alguém tão atraente ter tão poucas oportunidades para se embelezar. Se lhe pertencesse, optaria por vesti-la de vermelho a fim de acentuar as cores do rosto e decretaria que, sempre que estivessem sós, escovaria o cabelo, deixando-o tombar e...

– Wakefield, está a beber!

– Sim, estou, menina Fitzgerald. – Ergueu bruscamente o copo na sua direção e em seguida sorveu um longo trago.

– As suas companhias também continuam na mansão! A sua amante está aqui! Vi-a a descer as escadas.

– Já se levantou e anda por aí? – questionou ele, indiferente.

– Violou todos os termos do nosso acordo e ainda nem sequer começámos!

– Não existe acordo.

– Existe, sim! – Avançou até junto dele e arrancou-lhe o copo, despejando o conteúdo no chão. – Ele ficou tão surpreendido que nem sequer levantou objeções. Furiosa, Emma pairava sobre ele, as mãos nas ancas, furiosa como qualquer governante que ele irritara quando era um rapazinho. – Não vou permitir que se esgueire sorrrateiramente!

– Menina Fitzgerald, sei que tenho uma reputação lamentável, mas não pode com toda a certeza supor que vou permitir que se desonre ao ser seduzida por mim! Por mais nobre que seja a sua causa! – Esforçou-se por se mostrar conciliador. – Estava a brincar!

– Mas eu não! Pode não atribuir qualquer valor às suas promessas, mas as minhas são sinceras e feitas com seriedade! – Apanhando-o de surpresa, dirigiu-se à porta e rodou a chave na fechadura. – Vamos prosseguir! Quer o deseje ou não!

O que, com mil diabos, lhe propunha?

Na verdade, John passou por um momento aflitivo ao achar que ela ia obrigá-lo. A ideia era tão absurda que riu em voz alta, uma forte gargalhada vinda do mais íntimo como não lhe acontecia há muito, mas a sua alegria desapareceu

quando ela se dirigiu às janelas e correu os reposteiros, apertando-os para que ninguém do lado de fora pudesse espreitar.

Com um sorriso tão antigo como o de Eva, avançou até junto do sofá, e sem o deixar protestar, pôs-se em cima dele e cavalcou-o. Apoiou os joelhos nas almofadas e as coxas nas dele. Ergueu a saia e baixou-se para que as suas partes íntimas tocassem no seu falo que se avolumou, provocando um inchaço nas calças enquanto ela se mexia tentadoramente. Em seguida, inclinou-se encostando os seios ao peito dele, com os lábios a poucos centímetros.

– Posso ficar duas horas, Wakefield, e temos muito que fazer. – Entrelaçou os dedos no seu cabelo, percorreu os pelos encaracolados das costas e em seguida baixou-se e iniciou um beijo, unindo a deliciosa boca com a dele num impacto eletrizante e magnífico.

A mulher era um mistério absoluto e John sentia-se confuso sobre como havia de continuar. Tinha tentado explicar-lhe, adverti-la, e assustá-la, mas o sucesso fora nulo e não conseguia divisar uma maneira de a levar a desistir e ir embora.

No instante presente, o seu corpo fabuloso estava pressionado contra o dele, lançando faíscas em vários pontos eróticos. A sua ereção era tão forte que se tornava dolorosa. Aqueles seus lábios maravilhosamente sedutores moldavam-se aos seus e, no entanto, mantinha-se sentado como um idiota, inerte como uma estátua de mármore, as mãos de cada lado e recusando participar como era imperativo.

Por uma vez na sua vida desprezível, resolvera agir como o cavalheiro que o seu nascimento e origem diziam que era. Não fazia tenção de incentivá-la ou de avançar pela estrada que ela parecia decidida a percorrer.

Ia salvá-la da sua loucura!

Emma humedeceu o seu lábio inferior.

– Corresponda-me ao beijo, Wakefield.

– Não posso.

– Pode sim.

– É errado. – Essas palavras viriam dele? O que estava a acontecer? Na sua presença estava a tornar-se um autêntico tímido.

– Tem razão, mas seja como for, vamos fazê-lo. – Acariciou-lhe os ombros, o peito, massajando em círculos lânguidos.

– Não faça isso – ordenou, mas sem convicção.

Agarrou-lhe nas mãos, detendo os movimentos circulares, mas Emma entrelaçou os dedos de ambos, de uma forma terna, como se fossem namorados adolescentes. Semelhante a um gato satisfeito, arqueou as costas, ressaltou os seios e esfregou-os para cima e para baixo, os mamilos excitados apelando aos seus instintos masculinos.

– Imagine como seria ótimo sentir as minhas mãos a acariciá-lo – disse ofegante e ávida. – Ter a minha boca em si. Gostaria, não é verdade?

Chocado por ela levantar a possibilidade, sentiu dificuldade em encontrar uma resposta.

Ela estava louca? Que homem não imploraria por ter aqueles lábios de rubi a envolvê-lo? Que paraíso lascivo ela seria!

A imagem que Emma descreveu, ajoelhando-se na sua frente, desabotoando-lhe as calças, deslizando os dedos esguios para o manipular e provocar era mais do que conseguia aguentar. Era um ser humano e não tinha por hábito abster-se.

A restrição era uma estupidez! Não a tinha advertido quanto às consequências se persistisse? Contudo, ela era suficientemente tola para lhe oferecer a mais succulenta das delícias. Não estava disposto a resistir.

Agarrou-a, devolveu o beijo, intensificou-o e ela gemeu de prazer. As mãos masculinas desceram até às suas nádegas, apertando-as e servindo-se da pressão como uma alavanca para a acariciar com o seu falo ereto.

Estava tão pronto! Tão rapidamente! O que havia nela que o atraía daquela maneira? Um leve beijo e estava prestes a vir-se nas calças como um rapazinho?

Os dedos hábeis dela desceram até ao seu pénis. Brincou, acariciando-o e pressionando-o através do tecido, até ele se encontrar frenético para ser desnudado e exposto ao seu ardor.

Emma desabotoou-lhe a camisa e traçou um caminho fogo ao longo do seu pescoço, enterrando o nariz nos pelos do peito. Ofegante e perscrutadora, procedeu a umas lambidelas com a língua até encontrar os mamilos que mordiscou com os dentes e chupou até ele se contorcer debaixo dela.

Porque é que ele não cooperava?

Com uma repentina premência, John necessitava de a ter estendida e com as pernas apartadas. Sentia-se frenético por a tomar, por se satisfazer à sua custa. Prendeu-lhe as ancas para a rodar, para a tirar do colo a fim de saciar os seus impulsos masculinos, mas, quando iniciou o movimento, ela retirou-se, perscrutando-o com os olhos castanhos. Denotava um franzir de testa consternado.

– Esteve recentemente com outra. Consigo cheirar o seu perfume.

Surpreendentemente, ficou envergonhado e confuso, e não se lembrava de alguma vez ter perdido a fala. Corou até às pontas dos cabelos, sentindo-se como se tivesse sido apanhado numa situação inexplicável e pecaminosa.

Emma mostrava-se tão horrorizada e magoada por ele ter tido sexo. Dada a maneira perturbada como o examinava, invadiu-o a ridícula impressão de que a tinha enganado, de que fora descoberto e necessitava de lhe pedir perdão ou justificar a sua conduta.

Não se explicava! A ninguém! Ele era o visconde de Wakefield. A sua conduta e comportamento não eram tópicos a ser abordados e ninguém o repreendia. Contudo, Emma Fitzgerald considerava totalmente apropriado expressar uma opinião sobre o assunto, enquanto ele se mantinha sentado, pensando que devia ser expiado.

Foi um dos momentos mais absurdos e ridículos da sua vida.

– Menina Fitzgerald, decerto não espera que eu...

Sentia-se demasiado incomodado para conseguir acabar a frase.

– Mas sabia que eu vinha cá... – disse, avaliando-o na expectativa de encontrar uma razão para o incompreensível. – ... e não teve a decência de se lavar primeiro. Não devia ter respeito por mim? Como mulher? Como pessoa?

A sua indignação era verdadeira, o insulto genuíno e ele sentiu-se o canalha que o acusavam repetidamente de ser. Estranhamente, ao testemunhar a sua perturbação, ficou envergonhado. Estava tão habituado à lascívia e à dissipação que se esquecera de como os que levavam uma vida normal encaravam as suas tendências. Tal como Ian lhe lembrava lealmente, podia ser uma pessoa repugnante. Às vezes, agia de uma forma ofensiva para ele próprio!

– Lamento. – O pedido de desculpa escapou-lhe antes de se dar conta que o pronunciaria. – Na verdade, não previ que se atreveria a visitar-me. Estive toda a noite a pé e...

– Não se deitou?

– Não.

– Wakefield! – repreendeu-o suavemente e a sua meiga entoação repercutiu-se no seu íntimo e chegou-lhe ao coração fazendo com que ele se contorcesse e expandisse como se não coubesse na caixa. – Suponho que também não comeu.

– Bem...

– Não fez mais nada do que divertir-se e beber? Desde ontem?

– Isso mesmo – admitiu. – O seu comportamento, quando examinado através dos seus olhos, deixava-o contrito e envergonhado.

– Francamente! Tem de cuidar melhor de si próprio! Como se aguentará comigo, se não o fizer? – acrescentou com um sorriso malicioso.

Como, na verdade?

Com uma espécie de inveja, observou como ela compunha e voltava a abotoar habilmente a sua camisa, e depois se punha de pé, ágil e dinâmica, pronta para enfrentar o mundo e enquadrá-lo na sua versão de como deveriam ser as coisas.

Devia ter havido uma altura em que ele igualara o seu entusiasmo, mas não se lembrava de quando. Muitas das atividades que exercera anteriormente haviam perdido todo o interesse. Às vezes conseguia praticar esgrima, mas além desse entretenimento, não havia muito que lhe interessasse além dos seus vícios.

A jovem mulher dirigiu-se às janelas e puxou os cortinados, abrindo-os até onde podiam chegar. A luz do sol inundou a sala, fazendo-lhe arder os olhos e latejar a cabeça.

– Menina Fitzgerald! Importa-se?

– Nem um pouco – respondeu, impertinente. – Como se chama o seu mordomo? Rutherford?

– Sim. Porquê?

Ele mantinha-se reclinado no sofá com um braço a proteger-lhe os olhos da luz, quando ela gritou bruscamente para o corredor:

– Rutherford. Venha cá imediatamente. Preciso de si.

– Deus do céu, menina Fitzgerald. Está a tentar acordar os mortos?

– Dada a indolência do seu criado, bem poderia estar.

Finalmente o mordomo apareceu. Mostrava-se irritado, tomando sem dúvida Emma Fitzgerald por uma das companhias londrinas de John. Embora Rutherford tentasse ocultar os seus sentimentos, abominava a maioria dos conhecidos de John.

Nem por sombras sabia que a criatura que tinha gritado era a sua mais recente inimiga!

– Você! – Sentiu-se chocado ao descobrir que ela se esgueirara sem o seu conhecimento ou a sua permissão. – O que *faz* aqui?

– Lorde Wakefield não o informou? Estarei aqui todas as tardes. Durante pelo menos duas semanas. Talvez mais, se me convir. – Deu meia volta para que Rutherford não visse que piscara o olho a John. – Estou a ajudá-lo a avaliar a situação financeira da propriedade.

– Raios! – resmungou John que especulara como é que ela ia justificar os seus repetidos encontros com os que pudessem questionar as suas entradas e saídas. Com que então, *trabalhava* para ele?

Inclinou-se e apoiou o queixo nas mãos. A jovem senhora era mais ousada do que qualquer pessoa que conhecera.

– Ele está a pagar-me uma quantia exorbitante pela minha *ajuda* – declarou, triunfante. – Não poderia deixar passar a oportunidade.

Para filha de um vigário, as mentiras saíam-lhe facilmente! Não podia ignorar o facto se fizesse negócios com ela. Era capaz de todos os tipos de embuste e tinha de se pôr à defesa para não ser enrolado num dos seus esquemas que estava agora convencido de serem muitos.

– Ela ainda não fez muita coisa para demonstrar o seu valor, Rutherford – assinalou.

– Mas farei – apressou-se a contrapor. – Serei digna de cada centavo.

Alguma vez deixaria que um homem tivesse a última palavra?

– Ora, então – prosseguiu. – Lorde Wakefield informou-me de que estive a debochar durante toda a noite...

– Menina Fitzgerald! – interrompeu John, incomodado pela dissecação pública das suas tendências profanas, mas ela não perdeu a batida.

– ... portanto está com dificuldade em concentrar-se no negócio. Precisa de um jarro de chá. O mais forte que Cook consiga preparar.

– Café – contrapôs John.

– Também pequeno-almoço – acrescentou Emma. – O que quer que Cook possa preparar a esta hora do dia, mas um prato cheio.

– Sua senhoria não toma o pequeno-almoço – proferiu Rutherford, imperioso.

– Passa a tomar. Deve dar-lhe de comer todas as manhãs antes da minha chegada.

– Fala como se eu fosse uma criança – observou John, irritado.

– Bem, porta-se como se o fosse – replicou Emma num tom sereno e olhou para Rutherford. – Também precisa de um banho. Mande-o preparar de imediato lá em cima. Se vou passar algum tempo na sua companhia, há que pôr fim aos seus maus hábitos.

Rutherford quase se engasgou e fitou o visconde com visível perplexidade, mas como John já tinha aprendido, quem poderia deixar de cumprir uma das ordens de Emma Fitzgerald? Assemelhava-se a tentar impedir o vento de soprar.

Inclinou a cabeça.

– Trata disso.

– Muito bem, milorde.

Afastou-se mas Emma Fitzgerald chamou-o.

– A propósito, Rutherford, *todos* os amigos de lorde Wakefield viajarão para Londres amanhã de manhã.

– O quê! – exclamou John, soerguendo-se. – O que disse?

– Neste preciso momento – insistiu ela –, o seu irmão está a dar a notícia aos convidados. Por conseguinte, é melhor informar o pessoal de que deverão fazer as malas.

– Espere o raio de um minuto!

– Não pragueje! – repreendeu enquanto o mordomo se afastava e John tinha a certeza de que o filho da mãe estava sorridente. Há anos que Rutherford se encontrava ao serviço do visconde e tinha a certeza de que ninguém diria a John o que fazer e ninguém o iria fazer nesse momento.

Não lhe apetecia permanecer no campo, sem companhia nem folia noturna para lhe aliviar o tédio, nem uma amante que atendesse às suas exigências carnavais.

Mas afinal, pensou com malícia, há a deliciosa menina Fitzgerald para

ocupar o lugar de Georgina.

Um enigma fascinante.

Levantou-se.

– Já a aturei bastante, menina Fitzgerald, mas acabou por ir longe de mais.

– Concordou, Wakefield. Não permitirei que volte atrás. – Dirigiu-se à porta e fez um gesto para que seguisse para o seu quarto. Ele obedeceu cegamente sem discutir.

Como é que o tinha feito? Porque a deixara?

Por regra, era totalmente intratável, mas ao interagir com Emma Fitzgerald, ela mostrava-se tão inflexível e ele tão indiferente, que parecia mais fácil anuir. Além disso, gostava de a ouvir e observar. Não conseguia lembrar-se de quando estivera com alguém que denotasse uma tal paixão por pormenores. A sua atitude era refrescante.

– Os meus amigos vão ficar – contrapôs ao chegar junto dela.

Tinha de localizar Ian e rescindir a ordem dela! Como era possível que o maldito do seu irmão seguisse as instruções da megera sem obter primeiro o consentimento de John?

– Não, não vão.

Como se fosse dona da mansão, dirigiu-se à escada e subiu. John foi atrás dela de olhos postos na forma como a saia balançava encantadoramente no traseiro a cada passo.

– A sua reputação ficará irrevogavelmente manchada se me acompanhar ao meu quarto.

– Não tenciono permanecer muito tempo.

– Então, porque me acompanha?

– Porque não vou perdê-lo de vista até ter a certeza de que regressou a um estado decente. Não consigo suportar a sua preguiça.

Apressou-se, sem certezas quanto ao caminho, e ele dirigiu-a. À medida que avançavam, o seu desejo intensificou-se. Dentro em pouco, ficariam sequestrados no seu quarto. Ela poderia supor que estava somente a conduzi-lo pelas escadas, mas não se apercebia da sua animalidade de macho.

Como se fosse deixá-la ir embora, uma vez que estivessem sozinhos!

De olhos postos no balanço dos quadris, e na curva do delicioso traseiro, seguiu atrás dela. Desejava soltar-lhe o cabelo, verificar se era tão sedoso quanto parecia. Desejava tirar-lhe a roupa, tê-la nua.

O seu desejo por ela assumiu contornos tão perigosos que, quando entraram no quarto e fechou a porta, tinha o pénis tão volumoso que receou que pudesse explodir nas calças.

Sem lhe dar oportunidade a que contestasse, lançou-se sobre ela como um

animal selvagem, empurrando-a contra a porta e agarrando-lhe as ancas para que lhe rodeasse a cintura com as pernas. Aprisionando-a, equilibrando-a com os quadris, tomou-lhe a boca num beijo abrasador ao mesmo tempo que pressionava os dois excitantes globos.

– Wakefield, temos de parar – protestou ela e John teve de limitar-se a beliscar e morder a sua face e a orelha. – Rutherford não tardará a vir preparar o banho e trazer o pequeno-almoço. Irá ver-nos.

– Está habituado à minha promiscuidade. Nem sequer pestanejará.

– Wakefield! – repreendeu-o e a censura atingiu-o como um balde de água fria na sua violenta luxúria. – Tenha vergonha.

– De quê? O que disse?

– Quantas vezes preciso de recordar-lhe que não sou, e nunca serei, uma das suas prostitutas londrinas?

Afastou-o com um empurrão e em seguida abriu a porta no momento em que passos pesados soavam no corredor. Vários homens transportavam jarros para encher a banheira. Emma Fitzgerald sabia todos os seus nomes e supervisionou os preparativos como se fosse a governante ou – que a ideia fosse para bem longe – a sua mulher.

Os criados reagiram às suas palavras, como nunca acontecera com ele, e fizeram o trabalho sem discutir ou vacilar. Era visível que a respeitavam tanto, para além de qualquer censura, que ninguém pareceu considerar indecente a sua presença nos aposentos privados do visconde.

– Ah, aqui está o seu pequeno-almoço – disse Emma, enquanto duas criadas transportavam bandejas.

Procedeu a uma conversa simples com as jovens, fornecendo observações cáusticas sobre o motivo por que se encontrava naquele quarto de dormir e se relacionava com a discussão sobre a propriedade e algumas das decisões recentes do visconde. A maneira como pronunciou *decisões* não deixou dúvidas de que todos estavam cientes, e furiosos, quanto às ordens de despejo.

Todos os ouvidos estavam virados na sua direção e sempre que ela se lhe referia, os empregados deitavam-lhe olhares furtivos e furiosos que faziam com que mudasse desconfortavelmente de posição.

Emma colocou os pratos e os acompanhamentos num dos lados da mesa e, em seguida, mandou embora os criados. Enquanto saíam, questionou um deles sobre um novo bebé, outro sobre uma avó doente, acenando e tagarelando até se terem retirado pelo corredor e virado a esquina.

Quando era evidente que ninguém iria notar, fechou a porta, e as suas esperanças aumentaram de que os corpos de ambos pudessem unir-se, mas ele não demonstrou o ardor que quase o dobrara na biblioteca. Ela sentira-se tão

ardente e inflamada, proficiente na exploração da sua ereção, e ele desejava atraí-la de volta à onda erótica onde haviam ficado.

O que seria necessário para reacender a chama? John estava decidido a colher alguma satisfação.

Emma continuava a afirmar que tinham um acordo e que necessitavam cumpri-lo. Que assim fosse. Insistira para que ele cumprisse as condições e John começava a refletir nas vantagens. Se ela podia exigir a sua adesão, sentia-se no pleno direito de exigir a dela.

A jovem mulher encontrou a solução ideal para o dilema ao perguntar:

– Gostaria de tomar banho? Ou vai tomar o pequeno-almoço primeiro?

– Vou começar pelo banho – respondeu, estendendo os braços. – Dispa-me.

Como é que ela poderia recusar?

E_{MMA} fitou-o boquiaberta, tentando pensar numa forma de se recusar, mas lamentavelmente não se lembrou de nada aceitável e ocorreu-lhe que era incapaz de encontrar uma desculpa porque, no fundo, era uma rameira. Adoraria observá-lo a despir-se. Peça por peça. Até ficar nu e à sua mercê.

Wakefield desconhecia a sua curiosa indiscrição e, por conseguinte, não sabia que ela vislumbrara o que estava protegido por trás das modernas calças. Um pouco antes, acariciara-o levemente com as mãos e fora uma aventura gloriosa!

Tinha-o deixado tão excitado e a ela própria! Ela, Emma Fitzgerald!

O canalha viril havia sido excessivamente provocado, mas ela controlara o orgulho quanto ao papel desempenhado na incitação. Ele era um libertino absoluto e provavelmente teria tido uma ereção, caso uma cadela passasse por perto! Distribuía favores sem peias e a prova residia no perfume que a sua pessoa emanava.

Graças a Deus que o tinha detetado ou quem sabe em que situação se meteria. O cheiro amargo sobressaltara-a. Viera até ali para o convencer a cancelar as ordens de despejo e não para fornicar com ele, malgrado o muito que a sua pobre carne implorasse por essa oportunidade.

Tendo dormido muito pouco, estava a recorrer à adrenalina. O beijo que haviam partilhado no dia anterior deixara-a irritada, desconfortável e dorida em sítios esquecidos há anos.

De madrugada, andara de um lado para o outro a censurar-se, tentando controlar as suas lascivas emoções, esforçando-se por analisar o que tinham feito, diminuir o impacto e a importância, mas em vão. Com uma alegria quase insana, o corpo tinha pedido mais, enquanto o coração...

Oh, o seu estúpido coração!

Sempre estivera sozinha. Ao observar a estrada da sua vida apenas divisava luta e solidão. Isolamento e desespero. Nem um pinga de alegria, de felicidade, de satisfação.

À semelhança de uma jovem tola e apaixonada, vira-se a perguntar: *Porque não?* Porque não ir mais longe do que tencionara? Porque não aproveitar o momento? Porque não usá-lo tão maldosamente como ele pretendia usá-la?

Ele era sem dúvida censurável, ditador e arrogante, mas também poderia ser envolvente, espirituoso e esperto. Era inteligente, culto e interessante como só um cavalheiro abastado poderia ser. Além disso, era demasiado atraente para seu próprio bem e ela ansiava descaradamente a oportunidade de o conhecer no

sentido bíblico. Não só uma, mas muitas vezes.

Reconhecia todos os motivos para se manter longe dele e tinha consciência das suas falhas e dos seus defeitos. Ele acabaria por causar estragos na sua sóbria existência caso o permitisse. Contudo, enquanto ela analisava os perigos, ele mantinha-se arrogantemente do outro lado da divisão e ordenava-lhe que o despojasse da roupa. Louca, insanamente, os seus pés percorreram o chão, todo o corpo predisposto a aceder.

Como passara a noite acordada, a sua acuidade habitual estava ausente bem como o seu autodomínio e, assim, tornava-se arriscado prosseguir. Não havia qualquer garantia de que pudesse manter a seriedade, de que pudesse manter a saia para baixo, os joelhos bem juntos e a virgindade intacta.

O que ele lhe propunha era tão imoral e apetitoso que não podia negar-se. O seu poderoso membro fazia força de encontro à braguilha das calças, ordenando-lhe que o libertasse.

Só desta vez, negociou consigo própria, e depois nunca mais.

Desgostosa, abanou a cabeça, ciente de que era assim que todas as pecadoras iniciavam o caminho da perdição. E ela fora educada a conhecer o chão do caminho para o paraíso. Nada disso importava. Antes que fossem três horas e tivesse de estar em casa, veria John Clayton em toda a sua pujança, acariciaria e mimaria, e também provaria se chegasse a esse ponto.

Aproximou-se e pegou-lhe na mão com um ar insolente.

– Por aqui – disse, conduzindo-o ao quarto de vestir e ele seguiu-a com um andar arrogante. Estava orgulhoso da sua aquiescência, sem ter duvidado de que ela cumpriria os seus desejos.

Havia uma lareira acesa, embora fosse julho, e o ar apresentava-se quente e abafado. A banheira era opulenta, espaçosa e ampla, concebida para as fartas proporções de Wakefield. Situava-se atrás de um biombo pintado e havia uma mesinha ao lado com uma pilha de lençóis de banho, toalhas e sabonetes.

Pararam, viraram-se um para o outro e o encontro tornou-se inacreditavelmente íntimo. Eram apenas os dois, sem ninguém que se intrometesse ou interrompesse, e uma maravilhosa expectativa pairava sobre ambos. Qualquer acontecimento extraordinário poderia dar-se, qualquer comportamento licencioso seria permitido.

Wakefield rodeou-lhe a cintura com as mãos e puxou-a para si. O seu pénis roçou-lhe o ventre, disparando fagulhas de excitação que se repercutiram nas suas extremidades, nos mamilos, no ventre. Não havia torpeza naquela ausência de formalidade. Eram os dois tão compatíveis que, estranhamente, ela se sentiu como se já estivesse estado no seu quarto milhares de vezes e o ajudasse com regularidade no banho.

Foi uma percepção que a assustou de morte!

– Põe-me tão duro – afirmou ao mesmo tempo que se inclinava e lhe dava um beijo tão doce que lhe arrancou um suspiro de prazer.

– Canalha.

– Ajude-me a tirar a camisa.

Emma sabia que não devia fazê-lo, mas votou-se à tarefa, desapertando-lhe os botões de punho e pousando-os na cómoda. Em seguida, desabotoou-lhe os botões da camisa até lhe desnudar o peito e a sedutora penugem incitou-a a que o acariciasse. Apartou-lhe as abas, tirando a bainha para fora e puxando as mangas, pondo-o nu da cintura para cima.

– Toque-me outra vez – implorou ele. – Gosto de sentir as suas mãos.

Tentada para além dos limites, Emma obrigou-se a recordar a imagem dele e da amante entregues a uma monótona e reprimida paixão, lembrando vivamente o odor de uma água-de-colónia exótica e o que o par provavelmente estivera a fazer para que a fragrância se tivesse espalhado por todo o seu corpo.

– Não até se ter lavado. Não consigo.

– Claro – anuiu John galantemente. – É tão atraente que faz com que me esqueça de mim.

Oh, ele era um sedutor incurável que sabia habilmente como asfixiar os impulsos e tendências mais saudáveis de uma mulher. Na sua situação desamparada tornava-se uma combinação perigosa. O visconde sorriu, um sorriso diabólico que lhe abriu duas pequenas covas nas faces e ela imaginou como devia ter sido um miúdo travesso que causava todo o tipo de problemas à ama.

A prudência era imperativa!

– Porque não se mete na banheira? Estarei lá fora.

– Prometa que não irá embora.

Ele era sincero! Queria mesmo que estivesse ali quando ele saísse do banho! O pensamento acelerou-lhe o coração.

– Não vou.

Emma dirigiu-se à outra divisão, ansiosa por se distrair, mas a sua presença era demasiado flagrante. Um dos seus casacos estava atirado para cima das costas da cama, um par de botas de montar equilibrado a um canto, e os apetrechos da barba e botões de punho encontravam-se espalhados sobre a cómoda. A proximidade dos seus pertences era excitante e tremeu de expectativa, ansiosa por espreitar o interior do roupeiro e examinar e remexer na sua roupa.

Em vez disso, dirigiu-se à mesa onde as criadas tinham pousado as bandejas com o pequeno-almoço. Num abrir e fechar de olhos, Cook preparara um repasto

delicioso, suficiente para um exército, e Emma mordiscou furtivamente os ovos e um pedaço de *scone*. Os odores fizeram com que o estômago rugisse e as glândulas orais salivassem.

Embora fosse indelicado partilhar o festim de Wakefield, tinha fome. De qualquer maneira, a sua dieta era tão escassa que esporadicamente se interrogava de onde viria a próxima refeição. Com a insegurança que a morte do pai tinha provocado, os seis meses anteriores haviam sido um pesadelo enquanto pensava e se preocupava sobre o destino da sua família atingida pela pobreza.

O novo vigário, Harold Martin, mudara-se para o presbitério onde Emma nascera e fora criada. Dificilmente poderia contestar a usurpação legítima da sua propriedade e, por conseguinte, fizera as malas e abandonara calmamente a casa sem lutar. Desde esse dia horrível tinha-se visto forçada a suportar a permanente humilhação de sobreviver num casebre, com pouca comida e sem meios para sustentar a mãe e a irmã que dependiam dela.

As pessoas conheciam a miséria dos Fitzgerald, mas ninguém podia interceder. Todos viviam em extrema pobreza.

Quando o pai fora vivo, os paroquianos tinham compensado as suas boas ações mediante doações ao presbitério. Assim, Emma continuara a dispensar cuidados, como se fosse um emprego através do qual obtinha escassas provisões. Fazia partos, cuidava dos doentes, rezava com os moribundos, mas, à luz da vincada austeridade financeira, poucos tinham bens que pudessem dispensar e, por conseguinte, a fome era um problema constante.

Arrancou um pedaço do *scone* e segurou-o na ponta da língua para saborear a sua acidez. A perceção gustativa assemelhou-se a um golpe com um pau afiado, lembrando-lhe da sua grave situação.

Girou sobre os calcanhares e descobriu que podia espreitar para a outra divisão através da fenda da porta. Wakefield estava a despir-se. Tinha descalçado os sapatos e preparava-se para baixar as calças. Com a boca seca, observou-o quando ele revelou o traseiro e não conseguiu evitar olhar para o fundo das costas, para as nádegas arredondadas. As coxas apresentavam-se cobertas com uma leve penugem do mesmo tom louro do peito e invadiu-a um desejo louco de se desnudar, de entrar e pressionar o peito contra o dele.

Consternada, fechou os olhos, e ouviu-o a entrar para a banheira, ouviu o chapinhar da água e o seu silvo quando mergulhou no caldeirão fumegante.

Absurdamente, sentiu inveja do seu luxo. Ela não tomava banho numa banheira desde que se tinham mudado do presbitério e ficara sem o fogão que aquecia a água com tanta facilidade. As suas abluções haviam-se resumido a breves passagens com um pano e a cobiça por aquele bem menor apenas sublinhou – mais do que a deplorável dieta – o nível miserável a que a sua

sustentabilidade descera.

– Menina Fitzgerald – acenou ele. – Venha cá. Preciso de si.

– Para quê?

– Para me lavar as costas. – Seguiu-se uma pausa e uma risada significativa. –

A parte da frente também.

Oh Senhor, dai-me forças!

Mordeu o interior da bochecha, e alisou a saia com os dedos. A perspectiva fragilizou-a, mas apesar das dúvidas, seguiu em frente. Era uma maneira que lhe permitia experimentar algo do que cobiçava sem sair fora de borda.

Afinal, o que podia acontecer se o homem estava mergulhado numa banheira?

Para se sentir a salvo, pegou numa bandeja com o pequeno-almoço e levou-a. Na eventualidade de lhe faltarem tarefas ingénuas para executar com as mãos, podia dar-lhe de comer. Com a cabeça elevada e cheia de coragem, entrou na divisão, dirigiu-se ao biombo e espreitou por trás dele.

Submerso na água, ele estava reclinado, com os cotovelos e os joelhos apoiados descontraidamente nas bordas. Quente, encharcado, escorregadio, tinha mergulhado e o cabelo pingava e escorregava-lhe pela testa.

Fingindo-se ousada, aproximou-se e ajoelhou-se ao seu lado. Puxou um banquinho onde pousou a bandeja.

– Vamos lá dar-lhe de comer. Sentir-se-á melhor.

– Já me sinto muito bem, com os raios!

– Não pra...

– Já sei, já sei. – Riu e afastou o seu protesto com um gesto da mão. – Não pragueje.

– Está a aprender.

Agarrou na colher, encheu-a com ovos e em seguida estendeu-lhe como se ele fosse um bebé. Ele examinou-a com um sorriso na boca sedutora e depois, sem uma queixa, aceitou o bocado que ela lhe dava, e depois outro e mais outro, até ter engolido quase tudo.

Quando ela lhe deu a última colher, ele prendeu-lhe o pulso, agarrou no utensílio e pousou-o na bandeja que também pôs de lado. Depois, entrelaçou os dedos de ambos. – Está sempre a cuidar das pessoas, não está?

Por algum motivo, Emma corou.

– Tento ser útil.

– É mais do que isso. É algo que faz parte da sua personalidade e lhe corre nas veias.

– Talvez.

Inclinou-se para a frente e beijou-a com aquela ternura que ela esperava. Era sempre querido e surpreendente.

– Obrigado por cuidar de *mim*.

– De nada.

Wakefield agarrou-lhe o pescoço e aproximou-a até os rostos se unirem, a face dele nos cabelos dela... cheirando-a!

– Gosto do seu cheiro – disse, estendendo uma madeixa. Ela não conseguiu dar uma resposta adequada e tentava descobrir uma, quando ele acrescentou: – Quero chamar-te Emma.

– Não.

Ele soltou uma risada sedutora que lhe remexeu as entranhas.

– Mulher! Estás sozinha comigo. No meu quarto de banho. Estou nu. Estou a tratar-te por tu.

– É demasiado familiar. – Se afastassem todo o fingimento de posse, onde é que isso a deixaria? Uma tal liberdade era o pior que poderia transparecer. Como poderia manter uma distância emocional, se ele murmurasse repetidamente o seu nome? – Não quero que ninguém saiba que estabelecemos um relacionamento casual.

Momentaneamente ficou perplexo e em seguida soltou nova risada.

– Ficavas envergonhada se as pessoas soubessem que somos amigos?

– Bem... sim.

– Céus! Mas dás cabo do meu ego. Não sei porque te aguento.

– Porque gosta de mim? – arriscou ela.

– Sim. Creio que sim. – Avaliou-a escrupulosamente e em seguida afundou-se na água. – Vamos assumir um compromisso. Passarei a chamar-te Emma quando não houver mais ninguém por perto. E tu tratar-me-ás por John – acrescentou com uma piscadela de olho maliciosa. – Assim, quando estiver dentro de ti e gritares de prazer, não terei de te ouvir a dizeres *milorde Wakefield*. Não me parece que o meu orgulho o suporte.

O canalha estava tão convencido da sua proeza! Emma tinha-o visto a fazer sexo e não ficara impressionada; por conseguinte, não imaginava como podia levá-la a gritar de prazer ou por qualquer outro motivo. Além disso, não planeava abrir-lhe alguma vez as pernas, mas não acreditava que fosse o melhor momento para o admitir.

– Nunca me convencerá a tratá-lo pelo primeiro nome.

– É o que veremos. – Aproximou-a mais e sussurrou-lhe ao ouvido: – Despe a roupa e entra na banheira comigo.

Faltou-lhe subitamente o ar. Os homens e as mulheres comportavam-se, na verdade, de uma forma tão decadente?

Como seria espetacular, os dois nus e esfregando-se um de encontro ao outro! A sua imaginação ávida flutuou com as possibilidades que não ousaria tentar.

Era incapaz de conceber desfilar na frente dele, despir-se enquanto a observava, e depois metendo-se na banheira para se divertir.

– Não posso... – Ele beijou-lhe a face, a boca. – Não posso.

– Quero-te aqui comigo.

Puxou-a e ela ficou num equilíbrio instável por cima da banheira, os seios pressionados contra o seu peito molhado, mas não tinha receio de cair. Os braços dele eram fortes como um torno e rodeou-a como se a jovem mulher fosse querida e especial.

– É muito cedo. Está a pedir demasiado.

– Esqueço-me sempre – disse ele.

– De quê?

– De que não és como as outras mulheres que conheço.

– Não, não sou. E gostaria que deixasse de as mencionar. A comparação faz com que me sinta comum e vulgar.

– Minha querida Emma, não tens nada de *vulgar* – contrapôs ele.

Fitou-a, sem saber o que fazer dela ou da associação peculiar que haviam formado.

Ela ponderou o mesmo. Onde conduziria? Onde iria acabar?

Wakefield passou o braço por trás dela, pegou numa toalha, mergulhou-a na água, torceu-a e depois estendeu-lha num encorajamento a que se comportasse com abandono total.

Parecia um pecado tão venial, o de simplesmente o esfregar. Como poderia ela resistir?

Emma pegou-lhe, segurou igualmente no sabonete e fez espuma. Começando pelo pescoço, lavou-lhe os ombros, os braços, as costas, o peito. Descrevendo círculos sedutores, foi descendo até mergulhar a toalha cada vez mais na água, aproximando-se da provocação aguardada, mas sem coragem bastante para ir até ao final.

Decidiu limpar os resíduos de espuma até a sua parte superior ficar limpa e o odor era tão bom que Emma teve dificuldade em não o cheirar, como ele lhe fizera.

Chegada ao fim, com a toalha pendente das pontas dos dedos, estava prestes a largá-la, quando ele lhe colocou a mão por baixo de água, dirigindo-a para a sua ereção. Entrelaçou os dedos à volta do membro, apertando a união dos dois, e a pele aveludada enrijeceu e depois suavizou-se. Ele era enorme, o punho dela mal conseguia abranger a circunferência e um estremecimento apoderou-se das suas secretas partes femininas.

Ele afastou-lhe a mão para deixar que agisse sozinha e, mal o fez, também ela se afastou. Então, ele voltou a agarrá-la.

– Usa a mão, Emma – ordenou num tom meigo.

As palavras vulgares eletrificaram-na, provocando um caos e viu-se invadida por um misto tão confuso de desejo carnal e de restrição imposta que ficou paralisada. Virou-se para ele, enterrando o rosto no seu peito.

Vivia um conflito tão grande!

– És capaz, Em – coaxou. – Só para mim.

Sem um pinga de vergonha pôs-se de joelhos, com os flancos e as virilhas a descoberto e Emma baixou os olhos, regozijando-se a observar. O seu falo era tempestuoso, latejava violentamente exigindo a sua rápida atenção. Emma pousou o polegar na coroa excitada, provocando-lhe um estremecimento e a tensão dos músculos do estômago.

– É tão bonito... – conseguiu dizer, antes de a sua boca se unir à dele num beijo tórrido e, por mútua cedência, as mãos femininas desceram e começaram a massajar meticulosamente com a toalha as suas partes íntimas, a ereção, os testículos, o rego do traseiro.

O tecido áspero excitava-o e levava-o ao auge, mas, por fim, foi ele a parar. Agarrou-lhe no pulso e bateu-lhe na mão, segundos antes de perder o controlo e de se vir na água.

Emma não sabia bem o que o levava a hesitar no momento crítico. Não acreditava que fosse uma questão de timidez ou modéstia e, de forma alguma, qualquer súbita decisão para abrandar o ritmo.

Mergulhando na água, ele encostou-se e recuperou a compostura. Analisou-a, tentando deduzir como haviam chegado tão rapidamente àquela união erótica. Pairava o silêncio e ele fitou-a com tanta intensidade que Emma não conseguiu aguentar. Baixou os olhos com um rubor de humilhação.

– Julguei que poderia ir por diante – explicou. – Quero. Quero mesmo, mas...

Mas o quê? gritou uma voz na sua cabeça.

Agora que sabia como se sentia gloriosa na sua proximidade, ansiava por se estender com ele na cama. Seria fantástico que ele a empurrasse para o colchão macio, ter o seu corpo pesado e insistente encostado ao dela. Desejaria mover-se até atear as chamas de um pecado para o qual não podia haver redenção.

– Quero que soltes o cabelo e te dispas. – Mostrava-se gentil e compreensivo à medida que a incitava a cometer uma transgressão atrás da outra. – Quero que te deites ao meu lado.

– Oh, meu Deus... – Enterrou o rosto nas mãos, sentindo-se prestes a romper em lágrimas.

Seria tão simples. A cama estava tão perto. Ele estava completamente excitado e ela em condições idênticas. Poderia aceder, mas estaria a ofertar a parte mais preciosa de si a este libertino, a este estranho, e o facto de estar a ponderar, de se

sentir tão pateticamente ansiosa, era assustador.

O que estava a acontecer-lhe? Talvez a tendência dele para a devassidão e libertinagem se pegasse, como uma forte constipação!

Inicialmente, tencionara brincar com ele, flirtar como uma armadilha a fim de conseguir o que desejava para os vizinhos, mas o plano foi uma idiotice. A sua vida era um vazio solitário e ele preencheu-o com a sua incrível vitalidade. Desejava poder capturar um pouco do seu carisma e encanto numa garrafa, para que o conteúdo perdurasse e a animasse quando estivesse de volta ao seu lúgubre e triste casebre.

Wakefield assemelhava-se a um tónico saudável, um estimulante, uma estrela cintilante no seu universo sombrio.

Ciente da sua angústia, ele levantou-se e abraçou-a, aninhando-a na curva do pescoço e beijando-lhe o cabelo. Há muito tempo que ninguém a tinha abraçado ou mimado. O consolo foi bem-vindo, como um presente inesperado num dia chuvoso, e rodeou-o com os braços e mergulhou na sua ternura.

Surpreendentemente, ele pareceu apreciar o momento tanto quanto ela e Emma pensou que talvez o seu mundo de riqueza e opulência fosse igualmente um lugar vazio. Talvez não tivesse ninguém que o compreendesse, lhe desse uma palmada amigável nas costas, um abraço.

Faziam um triste par!

Um relógio tocou as três horas. Emma suspirou, detestando ter de se ir embora, mas por outro lado aliviada, dado não ser obrigada a fazer escolhas imprudentes. Em casa, com a distância entre eles, poderia recompor-se, recuperar o equilíbrio, enquanto refletia numa maneira de poder estar na sua companhia sem se entregar.

Quando estava com ele, o indivíduo reduzia-a a um tipo mais básico de pessoa, sem controlo sobre os instintos físicos e precisava de encontrar um processo de moderar o seu comportamento.

Podes fazê-lo! repreendeu-se.

– Tenho de ir.

Afastou-se da segurança dos seus braços. Tinha o corpete húmido de estar pressionada contra a sua pele molhada. O vapor encaracolara-lhe ainda mais o cabelo, algumas madeixas tinham-se escapado das travessas e descaído para as faces e o pescoço e ele enrolou uma delas à volta do dedo.

– Ainda só são três horas.

Estava verdadeiramente desgostoso por ela se ir embora e a percepção era perigosa e magnífica.

– Tenho outros compromissos.

O mais crucial residia em arranjar alguma comida para o jantar da família.

Não havia uma migalha na casa.

– Cancela-os – decretou num tom autoritário e ela sorriu, pensando como devia ser ótimo ter riqueza e ser ocioso.

– Não posso.

– Mas não estou pronto para que te vás embora.

Ficou surpreso que ela se fosse embora depois de lhe ter dito que não o fizesse. Era muito egoísta, fora perpetuamente mimado e as pessoas apressavam-se a obedecer quando estalava os dedos. A subserviência absoluta dos que o rodeavam era provavelmente o que o tornava tão insuportável.

– Bem, Wakefield, não pode ter tudo o que quer.

– Posso, sim. – Sorriu com um brilho cintilante no olhar. – Sou visconde, lembras-te?

Oh, sim, claro que se lembrava. Ele pertencia à nobreza, jantava com reis e com rainhas, estava tão acima dela que era ridículo gastar tempo a pensar nele e a fantasiar sobre o que nunca poderia concretizar-se.

– Sem dúvida que é e também terrivelmente mimado.

– Ficarei por terra se não me deixares possuir-te.

– Vai superar isso.

– Não, não vou. – Fez beicinho provocando-lhe o riso e em seguida ficou sério e beijou-a, tentando levá-la a superar as inibições. – Quero que fiques para fazer amor contigo. Toda a tarde. A noite toda.

– Nem mesmo você teria tanta resistência.

– Queres apostar?

Oh, ele era incorrigível! O seu convite era tão tentador e estando quase prestes a anuir, sentiu-se horrorizada com a sua idiotice.

– Põe-me louca para fazer coisas que eu não deveria.

– Concordaste que o farias. Por escrito!

O canalha tinha a ousadia de lhe atirar à cara o acordo que haviam feito.

– Sim, concordei, e é um canalha por me lembrar isso.

– Ser canalha é somente um dos meus abomináveis hábitos – disse com um sorriso sem arrependimento. – A tua palavra não vale nada, Emma Fitzgerald?

– Vale – resmungou ela entredentes.

A leve brincadeira cessou e ele assumiu uma expressão séria. Virou-se, apoiando os cotovelos na borda da banheira com os braços dobrados.

– Quero que sejamos amantes.

– Sei isso.

– No começo estavas disposta, mas agora tens medo. Porquê?

Porque és tudo o que sempre desejei! Tudo com que sempre sonhei! Engoliu em seco e respondeu:

– É muito mais intenso do que imaginei que seria.
– Esta ligação entre nós... – gesticulou, incapaz de explicar o que ambos sentiam – ...é poderosa.

– Sim. Nunca senti nada igual.

– Nem eu – disse ele, levando-a a especular sobre se estaria a falar verdade ou se era somente uma lisonja que usava com sucesso para convencer mulheres recalcitrantes a erguerem as saias.

Ele passou o polegar pelo seu lábio inferior.

– Empurrei-te com demasiada rapidez. Da próxima vez avançaremos mais devagar.

– Não é com a *rapidez* que necessitamos de nos preocupar. É... – Interrompeu-se sem conseguir verbalizar a razão por que tinha medo.

– Até onde podemos ir? – completou ele em seu lugar. – Emma assentiu com a cabeça e ele beijou-a, um beijo rápido e meigo nos lábios. – Será maravilhoso. Prometo.

Era exatamente isso o que ela receava.

No outro lado do quarto, a porta abriu-se – estupidamente, nenhum deles pensara em fechá-la à chave! – e uma voz feminina sensual e inconfundível perguntou:

– Wakefield, estás aí?

No momento em que a amante entrou ousadamente, a realidade atingiu Emma com a força de uma carruagem fugitiva. O que estava a fazer neste quarto? Com este homem?

Freneticamente afastou-se, mas ele apertou-lhe a mão, recusando-se a soltá-la. Os olhos procuraram os dela, sondando algo que ela não conseguia definir e tinha as faces coradas como se se sentisse embaraçado com a intrusão, mas não fez qualquer comentário. Talvez não pudesse.

Afinal, o que poderia ser adequado?

– Deixe-me ir – implorou num sussurro, mas ele limitou-se a reforçar o aperto e ela puxou a mão e soltou-se.

Havia uma única saída e, por conseguinte, não podia evitar a mulher, mas não queria que a bonita amante a encontrasse dobrada sobre a banheira e com Wakefield despido como um pássaro.

Ajeitou o cabelo e alisou as roupas molhadas, tentando em vão recompor-se. Era digna de nota, mas nada podia fazer e dirigiu-se à saída, tentando desesperadamente parecer calma.

– Amanhã à uma, Emma – disse Wakefield num tom meigo quando ela se afastou. – Ficarei à espera.

Emma sentiu uma reviravolta nas entranhas. Atrever-se-ia a voltar no dia

seguinte?

Não! De forma alguma!

Passou ao quarto de dormir e a imponente cortesã – Wakefield tinha-lhe chamado Georgina? – ficou tão surpreendida que as sobrancelhas meticulosamente arranjadas quase lhe chegaram à linha capilar. O choque transformou-se imediatamente num esgar e depois em total hostilidade.

O encontro poderia ter sido cómico se Emma não estivesse tão atormentada. Fitaram-se de alto a baixo e não precisaram de pistolas para que a cena pudesse ser descrita como um duelo. Embora Emma ocultasse bem a sua angústia, sentiu-se perdedora. Era demasiado baixa, demasiado magra, demasiado pobre e, obviamente, demasiado pródiga com os seus favores. O seu vestido gasto e maltrapilho estava encharcado em vários lugares indevidos e Georgina anotou todas as marcas incriminatórias.

Quando tinha visto a cortesã nas escadas, duas horas mais cedo, ela usava um vestido requintado, mas entretanto tinha mudado para um robe que era quase transparente. Tinha o cabelo solto, estava descalça e visivelmente com a intenção de se encontrar com o visconde.

O cinto estava solto e as bandas do robe apartadas, deixando ver o centro do torso. Emma avistou os enormes mamilos e as partes íntimas depiladas.

– O que está a fazer aqui? – rosnou Georgina.

O seu tom altivo era ameaçador e serviria para fazer tremer qualquer mulher. Emma sentiu que as pernas lhe cediam.

Desprezava-a pelo que ela era, por tudo o que representava, mas sobretudo odiava-a porque tinha direito a valsar para o outro quarto e acabar o que Emma tinha começado. Wakefield passaria a noite a ter relações sexuais como propusera a Emma, mas com uma parceira diferente.

Desgostosa e confusa, Emma reconheceu que estava com ciúmes. Sentiu uma raiva abrasadora ao imaginar Georgina a divertir-se com Wakefield, enquanto ela não podia.

– Wakefield necessitou dos meus serviços. – Emma mostrou-se deliberadamente vaga e provocante, desejando que Georgina espumasse e deitasse fumo ao pensar no que exatamente haviam estado a fazer. – Temos estado... *ocupados*.

– Desanda, sua prostituta ordinária. – Georgina fervia, desdenhosa como uma princesa e passou junto de Emma como se ela fosse invisível.

Emma ficou pregada ao chão e encolheu-se quando Georgina disse efusivamente nas suas costas:

– John, onde tens estado? Andei à tua procura por toda a parte.

– Fecha a porta – ordenou ele num tom rouco e alterado, agora que Georgina

tinha entrado, sem roupa.

– Certamente – anuiu Georgina num tom meigo.

A porta foi firmemente trancada e Emma inclinou a cabeça, tentando escutar, mas não conseguiu ouvir uma palavra, o que foi a pior tortura. Girou sobre os calcanhares para fugir dali, impaciente por se afastar dos sons amorosos que comesçassem a surgir. Wakefield estava excitado, não seria preciso muito para o envolver num jogo carnal e ela não conseguiria suportar as miríades de formas que poderiam satisfazê-lo.

Conseguiria substituir uma amante por outra num piscar de olhos?

No preciso momento em que deveria passar ao corredor, reparou na mesa de comida que tinha sido posta para Wakefield. Havia cestos de pão, tortas, queijos e fruta, mais do que uma pessoa conseguiria comer numa semana. Ela iria enchê-lo de comida até não poder mais e onde iriam parar as sobras?

O seu estômago protestou alto e sentiu-se tentada por todo aquele cheiro maravilhoso, o sabor e o mimo que seria para Jane, a sua irmã mais nova. Sem hesitar, para não ter oportunidade de impedir o gesto, avançou, puxou a toalha da mesa, fez uma espécie de saco e recheou-o de comida. Depois, atirou-o por cima do ombro e percorreu a toda a pressa o corredor e depois as escadas como se fosse dona da maldita mansão.

Se a observassem, duvidava que despertasse a curiosidade de alguém. Os conhecidos de Wakefield ignorá-la-iam e conhecia a maior parte dos criados. Não lhe fariam perguntas sobre o motivo por que se ia embora com os pertences do visconde.

Portanto, Emma, sempre foste uma libertina. Também devemos acrescentar roubo, avareza e gula à tua lista de pecados?

A severa crítica ecoou no seu íntimo como se Deus a admoestasse diretamente, mas Emma afastou a censura para longe, recusando-se a aceitá-la.

Vou trazer a toalha de volta amanhã, disse. Juro.

Mesmo assim, apercebeu-se de que era um pretexto engendrado para visitar Wakefield de novo.

6

E_{mma} aproximou-se do que era a sua casa, uma habitação decrepita que o agente imobiliário lhes arranjava depois da morte do pai. Embora permitisse que mantivessem um teto sobre as suas cabeças, constituía uma fraca desculpa a nível de alojamento familiar, sobretudo tendo em conta a casa confortável onde passara os anteriores vinte e oito anos da sua vida. Mas não ia reclamar; destituída de opções e com as finanças totalmente falidas mostrara-se disposta a aceitar tudo.

A pequena habitação situava-se a trinta minutos a pé da mansão, e a outros trinta da aldeia e, por conseguinte, era isolada e tranquila. A vida da família era muito diferente de quando estavam próximos da paróquia, onde eram constantemente abordados por visitantes.

Agora, a menos que se aventurassem, raramente viam alguém, mas Emma pouco se importava. A situação financeira da família piorara tanto que se sentia contente por estarem a salvo dos olhares da comunidade, onde teria de lidar com a piedade dos outros todos os dias.

Ao sair da floresta, voltou a sentir-se desanimada com o aspeto sombrio da casa. Nunca se habituara àquela pobreza. Sendo quase um casebre, tinha apenas duas pequenas divisões e um sótão. O telhado era inclinado e, quando chovia, a água escorria e tinham de colocar panelas para a recolher. Os vidros das janelas tinham-se partido e foram substituídos por tábuas. À exceção do pequeno canteiro de flores que ela conseguira plantar junto à porta, o quintal estava coberto de ervas daninhas.

Havia um fogão que, regra geral, funcionava o bastante para aquecer o interior húmido, mas dentro de alguns meses chegaria o inverno e ela sentia-se muito preocupada com essa perspetiva.

A realidade golpeou-a como um pano molhado e a monotonia, juntamente com a inevitabilidade, pressionavam-na com uma intensidade esmagadora. Sentia-se cansada de ter de ser corajosa, de ter de seguir em frente sob toda a adversidade.

Não contribuíra o suficiente para os que a rodeavam? Não aceitara incessantemente mais do que a sua parte de calvário e tribulação?

Recentemente, emagrecera tanto que tinha começado a sentir-se invisível, que não existia uma Emma Fitzgerald, mas apenas uma concha vazia de uma mulher que mergulhava incessantemente nos problemas dos outros, que vivia com a maldição de ter de curar os males dos outros.

Surpreendentemente, pensou nas visitas femininas isoladas na mansão e interrogou-se sobre como seria encarnar o papel de uma das atraentes, opulentas – e dissolutas! – cortesãs que se haviam juntado a Wakefield durante a sua estada no campo.

Pensou maliciosamente que seria fantástico subsistir num ambiente tão libertino. Se ao menos pudesse trocar de lugar com uma delas. Durante uma semana, ou até mesmo um dia. Não teria deveres a cumprir, não sofreria culpabilidade pelos seus defeitos, não teria ninguém para cuidar ou que a prendesse. Limitar-se-ia a preguiçar, comer, flertar, e a divertir-se sem fazer nada.

Durante um momento de frivolidade, permitiu que a impetuosa fantasia criasse asas e se desenvolvesse, acabando por concluir que gostaria de uma vida de luxo e divertimento. Esmerar-se-ia e adaptar-se-ia rapidamente.

Usaria apenas vestidos caros e contrataria uma criada para estar sempre ao seu serviço. Uma cabeleireira francesa ocupar-se-ia do seu cabelo. Ostentaria as mais belas joias, deliciar-se-ia com a comida mais requintada e beberia os vinhos mais raros, enquanto era cortejada e desejada por dúzias de admiradores cultos.

Que aventura extraordinária seria! Um período restaurador em grande estilo!

Desde muito pequena que desejava ser alguém diferente. Durante a infância irritara-se com o que não podia ser mudado, indo ao ponto de especular sobre se havia sido cometido um enorme erro celestial, se a cegonha a tinha depositado na casa errada. Era tão diferente dos seus humildes e modestos pais. Eles eram pessoas decentes que não desejavam mais do que lhes fora dado, enquanto ela se imaginara permanentemente num mundo maior, pleno de entretenimento e de excitação.

Como resultado, nunca se enquadrara, nunca pertencera e visivelmente também não aprendera com as lições da sua discrepância. O pai tinha-a sempre aconselhado sobre os perigos de desejar demais, mas ela teimara em agarrar-se a vãs ilusões.

A vida extravagante apreciada por gente como Wakefield e os seus amigos não lhe estava destinada. A sua existência calma e monótona assim continuaria sem variantes. Não mudaria naquele dia nem noutro qualquer e fantasias imaturas de nada serviriam, exceto para aumentar o seu descontentamento.

A felicidade vinha de dentro, como o pai costumava dizer. Emma reconhecia a sabedoria da afirmação mas, mesmo assim, de vez em quando...

Jane esperava-a sentada no alpendre. Levantou-se de um salto e correu ao seu encontro com um sorriso no rosto. Tinha quase onze anos. Era bonita, com os mesmos olhos castanhos e a figura esbelta de Emma, mas o cabelo não era tão encaracolado e revoltado como o da irmã, mas de um castanho-claro com madeixas loiras. Era alegre, meiga, com a elegância de um potro e prestes a tornar-se uma

mulher encantadora.

Emma adorava-a desde que nascera e ajudara a parteira local com aquele parto milagroso. Embora desde então tivesse ajudado a dar à luz centenas de crianças, o seu primeiro encontro com o nascimento fora ver Jane a deslizar para fora do corpo da mãe. Isso fizera com que as irmãs se tornassem muito chegadas. Nessa altura, Emma tinha dezasseis anos e, dada a saúde frágil da mãe, o crescimento de Jane ficara totalmente ao cuidado de Emma que se sentia mais mãe do que irmã dela.

– Encontraste-te com o visconde de Wakefield? – perguntou Jane, fervilhando de excitação. Com a revelação de Emma na noite anterior, de que teria vários encontros com Wakefield, Jane ficara encantada e fascinada.

– Sim, encontrei-me.

Estremecendo ante a recordação, não conseguia deixar de pensar como havia sido fantástico estar com ele, mas também como fora terrível quando a amante entrara no seu quarto e tinha fechado a porta.

Na caminhada solitária desde a mansão, sentira-se atormentada com o que provavelmente tinha acontecido. Centenas de imagens grotescas invadiram-na sem que conseguisse mantê-las à distância.

Imaginara Georgina a beijá-lo, ou talvez a deixar que a montasse por trás como fizera quando Emma os espiara.

Triste e desesperada, num estado de grande agitação, atravessara a floresta a passos largos, tentando lutar contra a sua inveja e ciúme. Sentia como se Wakefield estivesse a enganá-la ao ter sexo com a amante! Um pensamento absurdo, mas que não conseguia afastar.

Aquela vida libertina e dissoluta estava a destruí-lo – prejudicando-lhe o corpo e a alma – e Emma sentia-se inexplicavelmente preocupada com ambos, embora o motivo por que deveria inquietar-se com o libertino fosse um mistério.

– Conta-me tudo – implorou Jane. – Ele é nobre?

Jane desenvolvera uma atração de adolescente por John Clayton o que levara Emma a perceber como a irmã estava a crescer rapidamente.

– Sim – respondeu Emma com um sorriso, sem ter pelo menos de mentir nesse aspeto.

– Dirias que é bonito como um príncipe?

– Sem dúvida.

– O que tinha vestido?

No fim, absolutamente nada!

As faces de Emma ruborizaram-se ante a lembrança. Mas, meu Deus, ele não era um vil e perigoso canalha?

– Uma camisa branca de folhos e calças castanhas, feitas de um tecido caro. E

umas elegantes botas pretas que lhe chegavam abaixo do joelho.

– Estava muito elegante, não estava?

– Lá isso estava.

– É gentil? – inquiriu ao mesmo tempo que confessava romanticamente: – Não conseguiria suportá-lo se não fosse.

– É extremamente gentil – respondeu Emma. – Vê o que nos deu. – Abriu a toalha para que Jane pudesse espreitar o festim que Emma tinha roubado.

– *Scones!* – exclamou Jane, sussurrando a palavra, como se estivesse a contemplar um valioso presente de ouro e de joias. – Disseste-lhe que adoro *scones*?

– Disse... – Fornicação, roubo e agora uma mentira! Estava a transformar-se numa criminosa quase sem esforço nenhum! – ...e ele foi logo avisar na cozinha para colocarem tudo num saco grande, a fim de poderes ter o que desejas.

– Ele mandou-os para mim?

– Sim.

Jane saltou juntamente com Emma, encantada por julgar que Wakefield se interessara por ela. Na sua curta vida, poucas pessoas o tinham feito. O pai andara sempre demasiado preocupado com os seus deveres e a mãe estava sempre demasiado doente para prestar atenção. Jane era uma rapariguinha querida mas solitária, demasiado isolada por causa do estado enfermo da mãe.

Para conseguir ganhar algumas moedas ou comida, Emma via-se forçada a ausentar-se durante horas ou dias. Quando era chamada pelos vizinhos, Jane tinha de ficar sozinha para vigiar a mãe, Margaret.

A constituição física de Margaret tinha sido permanentemente instável, mas, nos últimos tempos, a sua acuidade mental também começara a esvair-se. Desorientada, desatenta, era propensa a sair de casa e, por conseguinte, tinha de estar sempre acompanhada.

Um fardo exagerado pesava sobre os ombros de Jane e Emma preocupava-se constantemente sobre essa dureza, mas nada podia fazer e o encargo era mais um motivo de culpabilidade para Emma.

– Como está a mãe? – Tratava-se de uma pergunta dolorosa. Convencera-se há muito tempo que Margaret nunca iria melhorar. Estava a desfalecer gradualmente, até o próprio corpo encolhera, e dava a sensação de que em breve desapareceria.

– Passou bem a tarde – respondeu Jane, mas ela afirmava invariavelmente que a mãe estava a ir bem; era uma ilusão essencial de que se servia para lidar com a situação irreparável. – Tem estado a balançar-se na cadeira.

O movimento de balanço acalmava a mãe e, sempre que a viam triste, as irmãs levavam-na até junto da cadeira e empurravam-na suavemente. Emma ficou

aliviada por o tempo ter passado de uma forma tão tranquila para as duas.

– Vamos desembrulhar essas coisas.

Jane correu na frente e Emma seguiu-a mais devagar. Quando chegaram à porta, o som de rodas pisando a estrada estreita fê-las parar. Viraram-se e avistaram o novo vigário, Harold Martin, a aproximar-se. Sentia um orgulho enorme por poder dar-se ao luxo de ter uma carruagem e chegava sempre nela com um ar pretensioso.

À sua maneira peculiar, presumia estar a cortejar Emma e, numa ocasião surpreendente, propusera-lhe casamento. Dado que ele entrara pomposamente no presbitério e se apoderara da casa na altura da proposta, Emma não se dispusera a aceitar. Ele mostrara-se demasiado satisfeito com a usurpação da propriedade, sem demonstrar consideração pela viúva incapacitada e pelas duas filhas a quem a casa estava a ser confiscada.

Conquistara o cargo mediante uma ténue ligação aos Clayton e aludia periodicamente à distante associação. Dado ter adquirido um rendimento suficiente através do seu cargo de vigário, decidira casar, um ato que tivera de protelar enquanto solteiro devido à falta de meios.

Emma era a única mulher na vizinhança que considerava digna da sua elevada posição, mas ela não fora capaz de se imaginar como sua mulher, embora, desgostosamente, não tivesse abandonado a hipótese por completo. Sentia que ainda não tinha descido ao fundo do poço, mas, cautelosa, necessitava de manter a alternativa de pé, caso a situação piorasse.

A carruagem parou e, enquanto ele se ocupava das rédeas, Jane mostrou-se inquieta, recordando a Emma mais um motivo por que não tinha um afeto genuíno por ele. A sua antipatia por crianças era palpável e Jane percebia.

– Porque não levas as nossas coisas para dentro, enquanto converso com o vigário Martin?

Jane colocou-se nos bicos dos pés e sussurrou:

– Ficavas aborrecida se as escondesse para não termos de as partilhar? – Emma ficou chocada com o comentário e Jane acrescentou rapidamente: – Ou isso não seria cristão?

Emma refletiu no pedido da irmã, enquanto observava a elegante carruagem de Harold, as roupas desportivas, os sapatos engraxados, e piscou o olho a Jane.

– Leva isso tudo.

Jane saltou de alegria, contente por se ver longe do vigário e o alívio foi recíproco.

– Emma – começou ele, aproximando-se com um sorriso um pouco frio. – ... está uma tarde tão bonita. Pensei que lhe agradasse dar um passeio.

Embora não se entusiasmasse nada com a sua companhia – podia mostrar-se

um maçador de primeira – saía frequentemente com ele, aproveitando o pretexto para passear, fazer algo divertido e frívolo. Era um indivíduo de altura e compleição mediana, tinha olhos azuis e cabelo louro ralo. Dentro de alguns anos estaria calvo, mas de momento apresentava-se bem vestido e elegante.

Era precisamente o tipo de cavalheiro que uma mulher se sentiria lisonjeada em acompanhar. Estava louca ao rejeitá-lo? Na difícil situação financeira que atravessava, o que esperava ganhar?

Suspirou. Este não era um dia em que conseguisse aguentar o seu palavreado hipócrita. Não depois de ter acariciado o nu e viril visconde de Wakefield uma hora antes.

– Não posso, Harold. Acabei de regressar a casa e ainda nem sequer cumprimentei a minha mãe.

A mãe era outra barreira quanto a um futuro entre os dois. Ele detestava a crescente senilidade de Margaret e evitava-a como se a doença dela fosse contagiosa.

Ao ouvir dizer que saía, ergueu as sobrancelhas. Ficava regularmente surpreendido ao saber que ela tinha uma vida para além da casinha e estava decidido a conduzi-la nos seus assuntos privados. Como sempre havia sido uma mulher independente, a arrogância do vigário irritava-a.

– O que andou a fazer?

– Passei pela mansão do visconde de Wakefield.

– Ele recebeu-a?

– Sim.

– Porque o fez?

– Porque lhe pedi.

– Mas ando a pedir-lhe uma audiência desde a semana passada!

– A sério? – disse ela com fingida inocência. – Não consigo entender o motivo. Não parecia ocupado.

Os lábios formaram uma linha reta e fingiu não se sentir ofendido por haver sido deliberadamente ignorado pelo nobre.

– Não estava ansioso por me encontrar com o indivíduo. Só pensei que deveria apresentar-lhe os meus respeitos, mas com todos os boatos que correm por aí... – Deixou pairar a implicação.

– Sobre o quê?

– Sobre o visconde e as suas... as suas *companhias*. Tanto quanto percebi há muito pecado na mansão. – Fez uma pausa dramática, mexeu no relógio, ajeitou o colete. – Se é que me entende.

– Não, não entendo – mentiu Emma. – O que se passa?

– Digamos que a visita de um homem religioso seria imprópria e devo

ordenar-lhe que também não volte lá.

Interrogou-se se Harold teria uma apoplexia caso lhe contasse algo do que tinha visto e feito por vontade própria.

– Lamento, mas não posso tomá-lo em consideração.

– Emma deve aceitar a minha orientação nesse âmbito. Não ficaria bem à minha noiva ser encontrada naquela mansão.

– Não estamos noivos, Harold.

Ele ignorou a contradição.

– O visconde não é um indivíduo adequado para fazer parte dos seus conhecimentos.

– Bem, Wakefield pode ser um pouco...

– Trata-o por *Wakefield*? – observou com petulância. – Não serão amigos imaginários?

– Espero que ele acabe por nos considerar amigos, o que aumentará as minhas hipóteses de sucesso.

O vigário resmungou entredentes e revirou os olhos.

– Não me diga que o abordou com a sua insensata petição!

– É claro que sim.

– Mas está ciente do motivo por que levantei objeções.

– Estou sim, Harold. – Ele expressara demasiado alto a sua ordem para que não se intrometesse.

– Emma tem de desistir dessas buscas insensatas. Está a lutar contra moinhos de vento.

– Não conseguirá persuadir-me a deixar de tentar, Harold. – O seu pessimismo era o maior obstáculo entre eles. Ela via constantes oportunidades onde ele tinha a certeza de que não existiam. – Além disso, estou a fazê-lo balançar aos poucos. Ele mudará de opinião num abrir e fechar de olhos. – Estalou os dedos numa mostra de ousadia tão expressiva que ela própria acreditou que assim seria.

– Um indivíduo tão mundano e sofisticado como ele não quer ser incomodado com pequenas queixas. – Olhou-a de alto a baixo, vincando que ela não tinha nada de valioso com que persuadir o infame aristocrata. – Esquece-se de que estou bem familiarizado com os Clayton. Lorde Wakefield não cederá.

– Veremos. – Felizmente foi salva pela irmã que lhe acenava de casa. – Jane deve precisar de que a ajude com a nossa mãe.

– E o nosso passeio?

– Fica para a próxima semana.

Girou sobre os calcanhares e dirigiu-se com passo rápido ao interior, fechando resolutamente a porta e ficando a espreitá-lo através de uma fenda nas tábuas. Quando a carruagem desapareceu pelo caminho tortuoso, estremeceu de

repugnância.

E se circunstâncias desesperadas a obrigassem a ceder e acabasse casada com aquele palerma?

Preferia optar pela prostituição. Sempre.

*

Ian Clayton descansava em cima da cama, apoiado numa pilha de almofadas, observando a chama de uma vela que tremulou e se extinguiu. Uma brisa quente de verão agitou as cortinas e uma golfada de vento refrescante soprou com um cheiro a terra húmida e a chuva iminente. À distância ribombaram trovões e relâmpagos iluminaram o céu.

Do canto oposto do quarto um movimento chamou-lhe a atenção. Surpreendentemente, a porta abriu-se e alguém entrou furtivamente sem que imaginasse de quem podia tratar-se. Antes de saírem de Londres, decidira manter-se afastado das mulheres que os haviam acompanhado e fora categórico no seu desprezo para que o entendessem bem. Enquanto John apreciava as suas tendências desregradas e sentia que valia a pena dar-se a esse trabalho, Ian não conseguia suportar qualquer delas. Eram pródigas com os seus favores e tinham personalidades dissolutas.

Talvez fosse estranho, mas quando fazia sexo com uma mulher, gostava de supor que tinha sido o seu único amante nas vinte e quatro horas anteriores ou perto disso. John não era tão exigente e, por conseguinte, as suas parceiras não se enquadravam geralmente no tipo de mulher que Ian solicitaria quando desejasse uma companhia carnal.

Quando a intrusa avançou furtivamente, examinou-a em busca de descobrir a sua identidade, mas foi o perfume sensual que a desmascarou.

– Merda! – murmurou, ao reconhecer que a amante do irmão se aproximava dele nos bicos dos pés.

Que diabo poderia desejar? Detestava-a e dera mostras visíveis e repetidas da sua aversão.

Ela aproximou-se da cama e Ian conseguiu ver que usava um robe transparente sem nada por baixo. Era largo e flutuava atrás dela com o cinto desapertado, revelando a parte central do peito.

Tinha obviamente intenção de seduzir, embora ele não conseguisse imaginar o motivo. Não lhe dera o mínimo indício de que poderia estar interessado. Tratava-se de uma manipuladora clássica para conseguir sempre o que desejava, uma tarântula que comia homens vivos.

Mesmo que não fosse comprometida, não se sentiria atraído por ela e, na situação presente, há mais de dois anos que era amante do irmão.

Ian tinha poucos escrúpulos relativamente a John e cometera muitos pecados imperdoáveis contra ele, mas definia o limite quanto ao plano do sexo. À sua maneira distorcida, John tinha sido um amigo fiel e um bom irmão e, assim, dormir com a sua amante parecia inaceitável.

Além disso, embora John negasse qualquer ternura, era possível que tivesse algum afeto pela raposa matreira. Conservara-se ao lado dela muito mais tempo do que deveria apesar dos avisos de Ian e, portanto, deveria sentir alguma afinidade, embora com John nunca se soubesse ao certo o que estava a pensar.

Talvez tivesse continuado a ocupar-se dela apenas porque poucas mulheres se lhe comparavam em beleza ou postura. Ou talvez fosse devido às suas alegadas capacidades no quarto, onde tinha fama de se dispor a executar qualquer ato obsceno. Havia algo a dizer sobre uma mulher que não tinha quaisquer escrúpulos sobre o que fazia com o próprio corpo. Olhá-la era sinónimo de dezenas de pensamentos libidinosos e, embora não a suportasse, o seu membro reagiu.

– Ian – ronronou num tom sedutor que se adaptava ao seu estatuto de prostituta cara. – Estás acordado?

– Sim, Georgina. Estou acordado.

Ela aproximou-se da cama e teve a ousadia de pousar a anca bem modelada no colchão.

– Preciso de falar contigo.

Ora, ora, ora! Não era intrigante? O que poderia desejar a lasciva curvilínea? A mão dela pousou na sua coxa e a anatomia masculina reagiu ao toque. Ergueu o joelho sem querer que ela descobrisse como o seu falo se avolumara e puxou os lençóis.

– Sobre o quê?

– Preciso da tua ajuda com o John.

Georgina nunca lhe fizera um pedido daqueles – não se atreveria – e Ian dissimulou um sorriso. A mulher era a bruxa mais mercenária que alguma vez conhecera e se John andava a irritá-la, devia estar relacionado com dinheiro. Ou com um medo repentino de que ele pudesse deixar de lho dar. Era o único incentivo que poderia levá-la a humilhar-se e a procurá-lo.

O que acontecera? Teria finalmente exagerado com John? Exigido demais? Gemido além do razoável?

– Como poderia *ajudar-te* com o John? – Não lhe importava minimamente que John a tivesse humilhado, mas estava curioso por saber até onde iria a sua súplica.

– Ele disse-me que... que tenho de voltar para Londres. – Inclinou-se, os seios fartos oscilaram revelando os mamilos e, tal como ela visivelmente tencionara

que o fizesse, Ian observou-os.

Oh, como seria delicioso chupar uma daquelas pontas bicudas!

– Toda a gente vai.

– Mas é impossível que também me inclua.

– As suas instruções foram muito explícitas.

Na verdade, John ficara realmente irritado por Ian ter dito a todo o grupo sórdido que se retirasse de manhã, mas Ian não tinha ligado. Ian gostava da maneira como Emma Fitzgerald fazia com que John lhe obedecesse e se pusesse em sentido e divertia-o ver os dois a esgrimir. Além disso, a enérgica menina Fitzgerald servia os propósitos de Ian.

Quando ela insistira para que os parasitas fossem expulsos, concordara sem hesitar, sabendo que John ficaria irritado, mas sem atribuir a mínima importância.

Desde o dia em que tinham começado a fazer planos de viagem, Ian considerara uma má ideia que John trouxesse a sua comitiva, mas não conseguira dissuadir John. Os turbulentos eram uma distração que impedia John de deitar mãos ao trabalho para que pudessem terminar e partir rapidamente. Ian detestava a propriedade, dado ter sido obrigado a testemunhar, em primeira mão e de perto, o que poderia ter-lhe pertencido se os pais tivessem casado e não queria ficar nem mais um minuto do que o necessário.

Se tinha outras razões – mais duvidosas – para desejar um rápido afastamento, tentou não refletir nos seus motivos pessoais.

Embora John se esforçasse ao máximo por ocultar as suas capacidades, era extremamente arguto em questões financeiras e não lhe convinha que ele mergulhasse demasiado nos livros de contabilidade. Não havia como dizer o que poderia descobrir se ficasse sóbrio e procedesse a mais do que uma análise matemática superficial.

Uma partida rápida era melhor para todas as partes.

– Mas eu julgava – a mão deslizou para cima e pousou no sítio onde ele desejaria que chegasse e, hipnotizado, observou-a a continuar – que poderias falar-lhe em meu benefício.

– Porque o faria?

– Porque te importas com ele e eu também. – Humedeceu o lábio inferior com um movimento perito. – Estou disposta a ficar.

Que ridículo da sua parte afirmar que se *importava* com John! Pela sua fortuna, talvez, como pela posição que ele lhe concedia na sociedade.

– Mas detestas isto!

– Farei o sacrifício por ele.

Georgina não tinha um único osso benevolente no corpo, portanto qual era

realmente o âmago da questão?

– John não precisa de ti.

– Mas os seus impulsos... sexuais? Ele precisa de ser satisfeito regularmente.

– Ele irá para a cama com qualquer uma, Georgie – venceu Ian cruelmente. – Se é esse o motivo por que queres que acredites que te preocupas, não estás a sair-te muito bem.

– Mas quem conseguiria satisfazê-lo como eu? – Para demonstrar como poderia obter resultados, roçou a ereção dele e prosseguiu ao longo do estômago e do peito onde lhe acariciou descaradamente o mamilo.

– Ele caçará uma jovem do campo. Há muitas que cairão por um visconde. – Os seus comentários eram deliberadamente provocadores e ela dificilmente conseguiu abster-se de reagir de uma forma cáustica, mas refreou-se para poder coagi-lo a uma aliança.

– Já encontrou uma! Como se alguma vez se rebaixasse a ponto de copular com a *filha* de um vigário qualquer.

Ian esboçou um sorriso. Ela estava com ciúmes! De Emma Fitzgerald! Que coisa hilariante!

Quando tinha observado John no escritório com a Emma, apercebera-se de uma forte atração entre os dois e, obviamente, Georgina também. John estava apaixonado, mas deixava-se encantar por tudo o que tivesse pernas e seios. John tinha muitos defeitos mas, apesar da sua fama e conduta, não era tão idiota a ponto de comprometer a arguta mulher. Sabia bem qual era o lugar de ambos.

Ainda assim, verificar que Georgie se sentia ameaçada por uma mulher rural era uma descoberta maravilhosa. Como poderia usar a informação em seu detrimento?

– Ela é excecionalmente bonita – espicaçou. – Notei que John parecia atraído.

– Não podemos deixar que lhe arme uma cilada. Ambos ficaremos a perder se ele for vítima dos seus encantos.

Ian enfureceu-se com a insinuação. Georgina apoiava-se no equívoco comum sobre a sua relação com John: o de que Ian mantinha a sua posição elevada mediante a beneficência de John.

Ninguém parava para pensar se Ian poderia ter os seus próprios fundos e residia com John por mera vontade. O acordo era muito lucrativo, mas não daria explicações a gente como Georgina Howard.

A mulher tomava-o visivelmente como um aliado.

– O que queres que faça?

– Convencê-lo a que me deixe ficar. Sei que és capaz. Ele respeita-te e fará o que disseres.

– O que ganho com isso?

– Ficarias surpreendido – respondeu, erguendo uma das sobrancelhas num convite sedutor.

Até que ponto estava desesperada? Até onde iria na sua tentativa para garantir a sua posição junto de John? – Suponho que podias tentar convencer-me.

Georgina esboçou um sorriso arrogante, certa de que o dominaria com a sua sensualidade, mas não se deu conta de que ele conseguia ver-lhe a expressão do rosto nas sombras.

Que bruxa!

Inclinou-se, lambeu e chupou-lhe o mamilo e depois traçou um percurso húmido ao longo do ventre, detendo-se no umbigo e, em seguida, afastando os lençóis até pôr a descoberto o falo ereto que aguardava os seus lábios. Ian observava com desprendimento, como se fosse uma competição desportiva entre dois jogadores desconhecidos e teve de admitir que ela era fantástica no que fazia, servindo-se da língua e dos dentes em miríades de formas que o incitavam à temeridade.

Não era de admirar que John a mantivesse por perto. Ela era extraordinariamente hábil.

Quando abriu a boca e o tomou no interior, o cabelo sedoso e ruivo roçou o seu ventre e as coxas. Os dedos femininos massajaram destramente os testículos e o traseiro, e Ian deixou-se arrastar pelas sensações que se lhe formaram nas entranhas. Começou a fletir as ancas e encavou-a com delícia.

Afinal, a traição não era assim tão ruim! John decerto lhe perdoaria caso soubesse da indiscrição. Há bastante tempo que não tinha relações e o alívio seria bem-vindo, além de que não necessitaria de muito esforço para se vir na boca dela.

Durante uns minutos, exercitou o seu excessivo controlo enquanto debatia seriamente os prós e os contras de se deixar ir e depois recuperou o bom senso. Abominava Georgina e poderia sem dúvida encontrar melhores lugares onde depositar o seu sémen do que naquela boca astuta e traiçoeira.

Acalmou-se imediatamente, dominando as suas emoções – um mecanismo em que era de uma notável eficiência – e em seguida afastou-a como se ela não lhe tivesse produzido qualquer efeito.

Confusa pelo seu desinteresse, Georgina sentou-se de cenho franzido.

– O que se passa, querido? – murmurou.

– Não me apetece.

Os homens nunca a rejeitavam e ignorava como reagir. Irritada, estendeu novamente a mão para o seu pénis, disposta a recomeçar.

– Deixa-me tentar...

– Georgie – reagiu Ian com uma risada maldosa –, podias pôr-te debaixo de

mim durante o resto da tua vida e nunca me convencerias a atraiçoar John. – Por conta própria, era perfeitamente capaz de uma conduta duvidosa para com o irmão. Não precisava da ajuda dela.

A mulher observou a sua atitude fria, a sua expressão apática, e percebeu que fora enganada.

– Nunca fizeste tenção de me ajudar.

– Não.

– Estavas a usar-me!

– És uma prostituta!

– Filho da mãe!

– Então – advertiu friamente –, cuidado com o que dás a entender sobre a minha mãe.

Georgina atacou-o e tentou esbofeteá-lo, mas ele agarrou-lhe no pulso para evitar o golpe. Espumando de raiva, puxou-a com força para que ela pudesse ter um vislumbre do quanto a desprezava.

– Não sou o John – avisou-a. – Se me bateres, pago-te na mesma moeda. – Empurrou-a, fazendo-a cair da cama e pôr-se de pé aos tropeções. – Sai do meu quarto e não voltes a incomodar-me com os teus esquemas.

Furiosa, Georgina balbuciou e por fim explodiu:

– Vou contar ao John o que fizemos. Direi que me instigaste.

– Faz o que quiseres – replicou ele casualmente. – Ele ficará encantado por saber como estás disposta a dormires por aí, enquanto paga pela tua companhia exclusiva.

A mulher empalideceu e os seios magníficos acusaram a respiração ofegante. Nunca ponderara que Ian não tivesse problemas em confessar o incidente a John.

– Odeio-te. – Irrompeu tão enfurecida para fora do quarto, que Ian apenas conseguia especular sobre como e quando ela se vingaria.

Com a porta fechada, enfiou-se por baixo dos cobertores e o seu membro insatisfeito exigiu alívio. Agarrou-o com a mão, seguro de que atingiria muito mais prazer por si próprio do que com qualquer das mulheres que conhecia.

*

John permaneceu junto à janela, contemplando o relvado das traseiras na direção da abertura das árvores por onde Emma, avançando sobre ele como a ira divina, saíra da floresta no dia anterior. Após a sua chegada não sabia o que acontecera entre os dois. Não conseguia descrever ou caracterizar os acontecimentos, nem a persistente sensação de expectativa de que desfrutara ao planear o próximo encontro.

Quando ela irrompera pelo seu escritório, sentia-se ressacado e triste e

atingira-o em cheio ao censurá-lo e puni-lo de uma forma que nunca ninguém o fizera. Levava-o a que se sentisse terrível como o patife que era na verdade e tinha desejado realmente compensá-la.

Havia algo na jovem mulher que o incitava a que tivesse um comportamento decente. Talvez fosse a sua recusa em aceitar a sua tendência para a preguiça e o vício, ou a temeridade que demonstrou quando o informou de que estava a portar-se grosseiramente. Foi divertido observá-la e ouvi-la, testemunhar o borbulhar de tamanha paixão.

Ela era um verdadeiro vulcão de emoções fortes. Em todos os tópicos.

Era também extremamente sensual, o que constituía uma loucura. Que homem no seu juízo perfeito se deixaria atrair por tanta insolência e atrevimento?

Quase tinham feito amor no escritório, mas antes que tal acontecesse, ela arrastara-o até ao andar de cima para que tomasse o pequeno-almoço e se lavasse. Em seguida, estivera de novo prestes a possuí-la, mas ela tivera um ataque de pânico que os impedira de prosseguir até à conclusão lógica.

Como resultado, sentia-se irritado e mal-humorado. Era homem de uma espantosa popularidade com as damas e não se lembrava de quando fora rejeitado nos seus avanços, mas Emma tivera essa atitude. Por duas vezes!

Oprimira-a e precisava abrandar, cortejá-la para a familiarizar com a ideia de se tornarem amantes. Se a pressionasse, honraria o acordo assinado, mas não queria que ela acedesse meramente por se sentir forçada com base no estúpido contrato.

John estava farto de amantes pagas e companhias desinteressantes.

Por uma vez, queria unir-se a uma mulher apenas pelo prazer da situação, pela alegria e jovialidade que traria à sua triste condição. Há muito tempo que não conhecia alguém que se importasse com ele. Emma fazia-o. Conhecia os seus defeitos e falhas, mas gostava dele assim mesmo e a sua estima assemelhava-se a uma brisa de ar fresco.

Tinha de a possuir. Estivera permanentemente atolado na decadência e por qualquer estranha razão sentia que a bondade de Emma poderia remover toda essa sujidade se estivesse intimamente com ela.

Olhou por cima do ombro para o relógio pousado na cornija e ficou aborrecido ao verificar que ela estava quinze minutos atrasada. E se não viesse? Ante a percepção de que isso podia acontecer, sentiu-se sobressaltado. Estaria zangada com ele? Magoada? Ofendida?

Antes da entrada inoportuna de Georgina no seu quarto, haviam estado emocionalmente ligados, partilhado um momento inacreditável e imaginava o que Emma devia ter pensado quando se encontrava do outro lado da porta do quarto de vestir com ele e Georgina fechados no interior. Provavelmente,

considerava-o um animal selvagem que conseguia passar de uma mulher para outra num abrir e fechar de olhos.

Embora tivesse sido conhecido por reformular a luxúria devido aos seus hábitos infames, não conseguiria ter fornicado com Georgina nem que lhe oferecessem todo o ouro do Banco de Inglaterra. Estranhamente, ter-se-ia sentido como se estivesse a atraí-lo Emma!

Emma esperava indubitavelmente o pior, mas ele apenas ordenara a Georgina que fechasse a porta porque a amante tinha uma língua afiada e não tinha querido que Emma ouvisse quaisquer comentários depreciativos que Georgina pudesse fazer.

A situação fora terrivelmente incômoda e ele não tinha sido capaz de encontrar rapidamente uma solução viável; por conseguinte, fizera o que lhe parecera melhor na altura, mas em retrospectiva tinha sido de uma insensibilidade horrível. Magoara Emma com a sua ostensiva falta de consideração e desejava saber como havia de emendar a gafe cometida.

Bem, se ela não aparecesse em breve, teria de ir procurá-la. Um dos criados deveria saber onde ela vivia. Esperaria até à uma e meia e depois iria na sua peugada.

A casa estava silenciosa depois de a sua agitada comitiva haver regressado a Londres. Todos se tinham queixado e resmungado mas, diante da firmeza de Ian, acabaram por partir.

Embora John jamais o confessasse, sentia-se aliviado com o afastamento deles, mas detestava o isolamento e a reclusão que haviam deixado. A enorme mansão estava demasiado calma, os vastos salões ecoavam com antigas mensagens do pai. Ansiava por montar a cavalo e apanhar o grupo, mas havia muito a fazer, demasiadas mudanças a concretizar antes de poder ir embora.

Nesse momento, Emma irrompeu das árvores e caminhou para a mansão, emanando uma visível tenacidade no passo obstinado. Chovera durante a noite e a temperatura baixara. A jovem estava envolta numa sombria capa castanha e tinha um chapéu de palha.

Quando Emma se aproximou, John espiou-a com um sorriso e, subitamente, a sua estada no campo deixou de parecer-lhe tão opressiva. Foi invadido por um género especial de felicidade – como se também todo o seu interior sorrisse – e antecipou jovialmente estar mais uma vez na sua presença. Emma virou a esquina da mansão, desapareceu e ele esperou impaciente enquanto ela batia e Rutherford a deixava entrar, conduzindo-a pelo corredor.

Quando entrou na sala, ele esperava-a sorrateiramente junto à porta, com um esgar e fingendo-se irritado com o atraso.

– Chegou atrasada, menina Fitzgerald.

– Estive quase para não aparecer – declarou bem-humorada e recusando notar a pseudoirritação dele. – Está sóbrio, Wakefield?

– Como um juiz, menina Fitzgerald.

– Estamos a fazer progressos.

– De acordo com quem?

– Rutherford informou-me de que mandou os seus amigos para Londres. – Ele fulminou com o olhar o mordomo que se ocupava a examinar o teto e o homem saiu apressadamente, fechando a porta atrás de si.

Mal a porta se fechou, John transpôs a distância que os separava, rodeou-a com os braços e envolveu-a num beijo tórrido que se prolongou. Quando os lábios se apartaram, ele estava duro, ansioso por ela e pelo que viria. Em várias ocasiões protelara a hipótese de a ter, mas não haveria mais demora.

– Nunca me faças esperar – murmurou. – Detesto isso.

– É um mimado.

– Sem dúvida.

– Leva sempre a sua avante?

– Sempre.

Agarrou-lhe na mão e tentou conduzi-la para o sofá a fim de poderem começar a tarde amorosa, mas Emma fincou os calcanhares e não se mexeu.

– Mais devagar. – Antes de entender o que ela pretendia fazer, Emma abriu novamente a porta e do outro lado estava Rutherford com a roupa de sair de John.

– Pegue no casaco – ordenou ela. – Vamos fazer umas visitas.

– Não quero fazer nenhuma visitas.

– Lamento, porque vamos mesmo.

– A quem?

– A um dos moradores que está a querer despejar.

– Diabos me levem!

– Não pragueje na minha frente.

– Não estou disposto a encontrar-me com qualquer pobre coitado que...

Sem atender ao seu protesto, o que o exasperou desmedidamente, saiu para o corredor e afastou-se, vidrada no destino pretendido e, se desejava passar algum tempo em privado com ela, tinha de a seguir.

Rutherford estendeu-lhe o casaco e o chapéu, e rangendo os dentes, agarrou-os e foi obedientemente atrás dela.

– QUANTO tempo disse que o senhor Gladstone tinha trabalhado para a minha família?

Emma sorriu. Wakefield estava atrás dela e, por conseguinte, não podia ver-lhe a expressão.

– Setenta e nove anos. Começou nos estábulos quando era um garoto de seis anos.

– Hum...

Não acrescentou mais nada e ela prosseguiu pelo caminho sinuoso através dos bosques que levava à mansão.

Não tinha planeado visitar John Clayton novamente. Depois do seu encontro desastroso e assombroso durante o seu banho, tinha fervilhado e ruminado até, por fim, chegar à conclusão de que os riscos ultrapassavam em muito os benefícios.

Partilhavam uma perigosa atração física – igualmente uma atração emocional – que a impelia a cometer qualquer ato negligente e convencera-se de que não poderia percorrer um caminho tão perigoso. Mas, à medida que o dia amanhecera e a manhã avançara lentamente, quando a uma hora da tarde se aproximara, as suas honrosas intenções haviam voado pela janela.

A ideia de não estar com ele era demasiado deprimente para que a ponderasse. Não podia desistir, mas não se atrevia a deixar que a prendesse num salão privado. Era tão hábil a persuadi-la a um comportamento lascivo que a teria tido deitada de costas e sem roupa numa questão de segundos. Não tinha força de vontade no que lhe dizia respeito. Era incapaz de lhe dizer não.

Não estava muito segura de como ou quando tinha engendrado aquela fabulosa inspiração da visita ao Sr. Gladstone, o que lhe permitia ficar junto de Wakefield, mas sem qualquer oportunidade de um *flirt* ilícito. Tinha sido a solução perfeita para o seu dilema.

Wakefield resmungara e queixara-se, reclamando por causa do seu comportamento tirânico a cada passo, mas, mesmo assim, aquiescera.

Mediante os seus padrões, o encontro tinha sido um enorme sucesso. O Sr. Gladstone, na casa dos oitenta anos, quase cego e praticamente incapacitado, fora mencionado na desprezível lista de despejos de Wakefield. Embora mal tivesse capacidade para tratar de si mesmo, recusava abandonar a casa que o avô de Wakefield lhe providenciara três décadas antes como recompensa pelo seu meritório serviço.

Apesar de todas as suas enfermidades, tinha a mente afiada como uma navalha. Era um indivíduo vivaz que não se deixara intimidar pelo aristocrata. Conversara amigavelmente e, numa revelação surpreendente, mencionou que tinha ensinado o avô de Wakefield a andar a cavalo, bem como ao pai e ao seu irmão mais velho.

Emma ficara chocada ao ouvir falar de um irmão. Sempre tinha pensado que Wakefield era o irmão mais velho e ignorava que ele recebera a herança na adolescência.

Que efeito tivera a morte do irmão em moldá-lo no dissoluto e ocioso em que se tornara?

Intrigada e fascinada, assistira discretamente à conversa a um canto, observando ao pormenor Wakefield que se tornara subitamente o seu tópico favorito de conversa e pensamento. Não poderia ter antecipado como ele se relacionaria com a situação do idoso, mas impressionara-a tremendamente.

Possuía uma interessante capacidade de se adaptar, de se moldar ao ambiente e, assim, não parecia desenquadrado. Reduzira a sua arrogante imponência, mostrara-se diplomata, cortês e respeitador. Foi um vislumbre fantástico que o tornou ainda mais notável aos seus olhos.

– Tudo bem! – resmungou, parando. – Concordo!

Emma rodou sobre os calcanhares.

– O quê?

– Ele pode ficar.

– O senhor Gladstone?

– Sim.

– Não tenho primeiro de me deitar consigo?

– Não.

Ele estava tão irritado com a decisão tomada que a fez esboçar um sorriso.

– Está a falar a sério?

– Claro que *falo a sério*. O que te parece? Que estou simplesmente a mover os lábios? – Emma soltou uma risada e ele ripostou: – Porque estás a troçar de mim?

– Porque teve a atitude certa e está irritado.

– Não estou irritado – contrapôs, estacando. – Bem... talvez um pouco.

Sob a capa da arrogância, era um homem muito terno, como tinha sentido desde o início. Uma alegria serena percorreu-a, começando no coração e espalhando-se por todo o corpo.

– Obrigada – agradeceu baixinho.

– De nada. – Inclinou a cabeça e depois endireitou-se, cruzando os braços sobre o peito e readquirindo o ar dominador. – Mas é o único. Certo, Emma?

– Sim. Agora sobre os outros...
– Não me aborreças!
– Tenho um encontro marcado para todas as tardes. Amanhã, iremos visitar a senhora Wilson para que possa apresentá-lo aos filhos.
– Não estou disposto a conversar com os filhos de uma mulher desconhecida!
– Vai gostar deles, sobretudo da bebé Rose. É uma ternura. – Falando a mil à hora, ela tagarelou sobre a pobreza da família Wilson, sobre o pai que tinha morrido num acidente a trabalhar com feno.

Wakefield franziu o sobrolho e depois o olhar suavizou-se e fitou-a, surpreendido.

– O que foi? – perguntou ao notar a sua expressão invulgar.
– Tens mais audácia do que qualquer outra pessoa que conheci.
– Porque diz isso? Porque estou a tentar ajudar os meus vizinhos?
– Nãããoo. – Arrastou a palavra como se estivesse prestes a instruir um atrasado mental. – É porque te dou a terra e exiges a lua e as estrelas, também!
– Se nunca pedir, nunca receberei, certo?
– És uma mercenária... menina Fitzgerald! Tenho sorte por não estar a negociar contigo a uma mesa. – Aproximou-se mais. – Nem diante de uma pistola!

– Não vai conseguir que me sinta culpada. Não deveria ter passado as ordens de despejo e sabe isso perfeitamente.

– Não sei nada.
– O que realmente precisa é de cancelar as rendas.
– As rendas!
– Sim.
– Menina Fitzgerald – começou, exasperado –, sou o visconde de Wakefield. Presumo que estejas ciente da minha posição na comunidade?

– Sim, estou.
– Estou aqui na propriedade porque esta se encontra numa terrível situação financeira. Tenho de resolver essa calamidade, mas como vou conseguir esse feito? – Irritado, levantou os braços. – Não devo expulsar os locatários! Não devo receber as rendas! O que gostarias exatamente que fizesse?

– Tenho muito boas ideias.
– Não vou dispensar o pagamento das rendas! – venceu, fulminando-a com o olhar. – Decisão final!
– Ficarão nulas e sem efeito durante um ano – prosseguiu Emma calmamente, como se ele não tivesse gritado. – Em seguida, quando as restabelecer, irá baixá-las, para que as pessoas tenham uma justa oportunidade de se reerguerem. É a seca, entende, e uma queda no preço do trigo e depois houve...

Ele agarrou-lhe os braços, mergulhou sob a aba do chapéu e beijou-a, cortando-lhe a palavra. O encantamento demorou um mero instante a instalar-se. Emma relaxou contra o seu corpo, pressionando-se contra ele, e ficaram unidos da cabeça aos pés. Ele desenvolvera uma poderosa ereção que se avolumou contra o ventre feminino, provocando um latejar das partes íntimas.

Quando os lábios se apartaram, os olhos dele emanavam um fulgor deliciado. O sol inundava-o, as folhas agitavam-se nas árvores, uma brisa quente envolvia-os. Pairava a calma, um riacho corria à distância e os pássaros soltavam assobios e troados. Os únicos sons restantes eram a respiração ritmada dele e a pulsação acelerada dela.

Era um momento mágico, os dois sozinhos, rodeados pela floresta densa e ele inundando-a de uma ternura tão bela que Emma desejou chorar por se sentir tão valiosa.

- Falas demais – disse ele.
- Foi o que me disseram durante toda a minha vida.
- Enches-me os ouvidos com toda essa tagarelice.
- Devia dar-me ouvidos.
- Gosto mais quando tens a boca ocupada.
- Com que tarefa? – provocou-o.
- A entreter-me. – Colou os lábios aos dela e, no final, ela soltou um suspiro de prazer.

– Gosto da forma como me beijas – disse ele. – Como se o desejasses verdadeiramente.

Foi um comentário estranho e ela jurou que não refletiria sobre o assunto. Além disso, estava a beijá-la de novo, exigindo toda a sua atenção e rodeou-o com os braços, entregando todo o seu ser àquele beijo. As línguas entrelaçaram-se num ritmo frenético que lhe agitou o estômago e fez com que sentisse borboletas.

O chapéu dificultava-lhe os movimentos e John puxou a fita atada por baixo do queixo de Emma e atirou-o para as ervas daninhas. Em seguida, agarrou-a pelo traseiro, fê-la dar meia volta e encostou-a a uma árvore. Estava acomodado entre as suas pernas, o membro fazia força e se executasse o mínimo movimento, esfregava-se de encontro às partes íntimas femininas.

Num abrir e fechar de olhos, ela ficou húmida de desejo, com o corpo em chamas. Desejava as mãos dele no seu corpo, acariciando-a.

O desejo viril aumentou numa proporção idêntica e empurrou com força, mas em seguida afastou-se bruscamente com a respiração ofegante e o controlo esgotado.

Tomando as rédeas do desejo, mordiscou-lhe a face, desceu pelo pescoço, com

dentadinhas que a faziam estremecer e contorcer-se. Tinha os mamilos tão rijos que lhe doíam, pressionando o vestido, implorando que os soltassem. Estava tão excitada que bastava que o olhasse para provavelmente a levar a fazer tudo o que sugerisse.

– Quero fazer amor contigo. – Expressou-se num tom tentador, sedutor, incitando-a a fazer o que não devia. – Aqui na floresta.

– Não, pode aparecer alguém. Alguém pode ver-nos.

– Estes bosques estão desertos. Não encontrámos vivalma durante toda a tarde. Será ótimo.

Ótimo? Ele estava louco? Não podiam copular ao ar livre como dois animais selvagens? Ou poderiam?

Olhou em volta. Estavam tão isolados. Podiam caminhar mais para o interior. Podiam...

Não! O que estava a imaginar? Não podiam!

Ele soltou-a, guiando-a para que deslizasse na sua frente e cada polegada era uma viagem de prazer na sua anatomia. De dedos entrelaçados, ela deixou-se conduzir pelo caminho sem oferecer resistência, seguindo-o avidamente para onde quer que fosse.

Quando chegaram a um prado isolado, ele virou-se para ela, desapertou-lhe a capa e estendeu-a na relva. Emma observou pensativa, sem o ajudar ou impedir, sem fugir como sabia que deveria. Ele ajoelhou-se e alisou a capa, transformando-a numa cama lisa e convidativa onde poderiam envolver-se lascivamente.

Em seguida, sentou-se e estendeu-lhe a mão. Emma estava tão apreensiva, e ao mesmo tempo tão excitada, que ficou paralisada, sem conseguir aproximar-se nem afastar-se. Fisicamente, estava inclinada a ceder ao que ele propunha e, caso se lhe juntasse, não seria capaz de dominar os seus instintos mais básicos.

– Vem, Emma. – Os seus olhos azuis arrebatadores imploravam, o sorriso seduzia-a, atraindo-a para a sua condenação.

– Sinto-me assustada.

– Eu sei. – Apertou a mão na dele, traçando círculos cativantes no centro da palma com o polegar. – Não vou magoar-te.

– Não imaginei que o fizesses.

Ele puxou-lhe suavemente o pulso e, com um ceder dos joelhos, Emma deixou-se arrastar. Enroscou-se na sua frente, insegura e sem saber o que fazer. Se ele lhe tocasse, poderia desfazer-se em mil pedaços. Se não o fizesse, preocupava-se que o resultado fosse o mesmo.

– Quero que soltes o cabelo.

– Se tirar as travessas, não serei capaz de voltar a prendê-lo.

– Eu ajudo-te.

Como se fosse uma marioneta presa por um fio, permitiu que a rodasse e a aconchegasse junto ao seu corpo, aninhando-a entre as virilhas. Com alguns movimentos hábeis dos dedos que lhe recordaram vivamente a experiência que tivera com outras amantes, ele tirou-lhe as travessas, e os cabelos encaracolados caíram numa cascata, chegando-lhe às ancas.

Abraçando-a, enterrou o nariz naquela massa ondulada, enfiando os dedos, dispondo-a nas suas costas e, em seguida, deitou-se e arrastou-a com ele até ficarem lado a lado, no chão. Num movimento casual, pôs a coxa sobre as suas pernas e aproximou-a com o pé para que os corpos ficassem unidos, observando-a enquanto ela traçava círculos lentos no centro do seu peito.

Era fenomenal tê-lo a avaliá-la. Fazia-o com frequência como se não soubesse como lidar com ela. Nunca ninguém a dissecara tão meticulosamente e Emma adorou a forma como ele a sondava em busca da sua essência.

– Porque me olhas assim?

– Considero-te um enorme mistério.

Um enigma! Que emocionante!

– Porquê?

– Por fora, és arrogante e convencida, mas no íntimo és um caldeirão a transbordar de sensualidade. A tua natureza carnal borbulha à superfície e, em seguida, controla-a. – Estava a brincar, mas também a falar a sério. – És sempre tão atiradiça com os homens que conheces?

– Só consigo. É capaz de me tirar do sério.

– Ainda bem.

– Desavergonhado. – Ela riu e ele também, após o que a jovialidade se desvaneceu, o interlúdio adquiriu um toque de intimidade e de ternura e ela sentiu-se capaz de lhe confessar qualquer segredo. – Tenho medo do que possa acontecer se me deixar ir.

– Também eu. – Estendeu a mão e acariciou-lhe o cabelo e o ombro, baixando a mão até ao seio e massajando o montículo flexível através do tecido do vestido. – Faz-me alguma coisa. Quando estou perto, sinto... – Hesitou, sem conseguir explicar.

– Maravilhoso? Triste? Eufórico? Aterrorizado?

– Tudo isso e mais. – Agarrou-lhe o mamilo, apertando o bico excitado. – O que queres de mim, Em? Preciso que o digas.

Havia dúzias de respostas potenciais que poderia dar-lhe, das simples às difíceis, das vulgares às requintadas. Ele sentia-se interessado por ela e poderia ajudá-la de inúmeras maneiras. Desejou que pudesse aliviar-lhe o fardo que transportava sobre os ombros, carregar as suas aflições. Cancelar a ordem de

despejo da sua casa, salvar a sua família da ruína, dar-lhe dinheiro, comida, segurança.

Mas o que disse foi:

– Quero que me toques. Em todo o corpo. Com as mãos e a boca.

Ele observou-a novamente com uma expressão solene e depois assentiu com a cabeça:

– Avançaremos devagar.

– De acordo.

– Se te assustar, diz-me e eu paro.

– Não o pedirei. É isso o que me assusta.

– Confia em mim, Em. Cuidarei de ti.

Beijou-a e colocou-a gradualmente de costas, depois do que se pôs por cima, apoiando parcialmente o peso sobre ela. As ancas masculinas ajustaram-se ao seu pélvis e o falo rígido e insistente junto à perna.

Com a língua atormentou-lhe os lábios e ela abriu-se, recebendo-o, inalando o seu sabor e o seu cheiro, absorvendo cada detalhe.

Ele aguardou, enquanto as mãos inquisidoras vagueavam e percorriam o seu peito, parando e avançando. Eventualmente, ele desapertou-lhe os botões do vestido e Emma nada fez para o impedir, mantendo as mãos presas no seu cabelo para evitar que chegasse onde o queria desesperadamente.

O corpete afrouxou, cedeu e ele puxou-lhe as mangas para baixo para que descaísse até à cintura e os seios ficassem apenas cobertos com a combinação. Os dedos deslizaram por baixo da peça interior até ao mamilo e o impacto foi tão excitante que ela arqueou o corpo. Mas ele segurou-a, baixando as alças da combinação para que os braços ficassem presos de lado e os seios à mostra. O ar aflorou-lhe a pele nua e os mamilos retesaram-se ainda mais até se transformarem em bicos dolorosos.

– Minha Emma. – Observou os seios, avaliando o tamanho e o peso. – Tão bonita e toda minha.

Voltou a deitá-la, tomando os dois mamilos, torcendo-os e beliscando-os até ela se contorcer, em seguida beijou-lhe a nuca, o busto e, por fim – abençoadamente – chegou à gruta. Mordiscou o seio avolumado, lambendo e titilando.

– Desejas-me, Emma?

– Sabes que sim, seu canalha! – respondeu por entre os dentes cerrados.

– Devo beijar aqui? – Os dentes moveram-se sobre um bico protuberante.

– Sim, sim – gemeu ela. – Wakefield, por favor...

– Adoro quando me suplicas – reagiu e tomou o botão saliente na boca, esfregando-o implacavelmente.

– Doce Jesu... – gemeu ela.

Torturou-a até ela ficar dorida e passou ao outro, brincando com ele, continuando para lá dos limites do prazer, mas a jovem não se fartava da potente estimulação.

Incitava-o ardentemente, erguendo os seios para se abandonar àquele gozo total e decadente. Ele aceitou o que lhe dava e mais, induzindo-a a que lhe desse tudo e não se reprimisse.

Tinha as virilhas húmidas e em chamas, para além do que conseguia suportar. O combate apaixonado entre ambos tinha-lhe erguido o vestido e proporcionado a John uma almofada convidativa contra a qual podia fletir-se, empurrando-os para dentro do pântano inescapável e ela estava a ficar tão excitada que temia incendiar-se.

A mão dele deslizou furtivamente para baixo da saia de Emma. A jovem mulher estava nua, sem culotes que lhe defendessem as partes íntimas dos seus dedos inquisidores e ele chegou à sua zona mais sensível.

John afagou os pelos púbicos, num movimento de exploração. Os músculos internos femininos contraíram-se, apertando-o, mas não foi suficiente.

Emma não era uma estranha ao orgasmo, tendo-se ocasionalmente gratificado a si mesma, mas desconhecia como podia ser muito mais intenso e compensador quando ocorresse sob a instigação de outro.

Ele manipulou-a deliberadamente.

– Céus! Estás tão pronta para mim.

Sorriu-lhe com um brilho de malícia no olhar e uma madeixa de cabelo louro caiu-lhe sobre a testa. Pairando sobre os seus seios, parecia belo, excitado, perverso e decidido.

– Fá-lo! – espicçou, irritada.

– Agora? – Ele deteve o percurso erótico do polegar.

– Não posso esperar mais. Estás a matar-me.

– Não podemos ter isso, pois não?

Emma pensara que ele iria avançar com a mão, mas John surpreendeu-a ao deslizar sobre o seu tronco, puxando a saia para cima e desnudando-lhe o centro.

A jovem mulher sabia quais eram as suas pretensões e, de uma forma perversa, estava excitada com aquela tentativa do ato depravado, mas o pensamento deixava-a pouco à vontade, com os sentimentos demasiado expostos e não queria estar à sua mercê. Ansiava por unir as pernas, para se ocultar da sua zelosa avaliação, mas ele estava alojado, era demasiado pesado e não podia afastá-lo.

John apartou-lhe os lábios inferiores para poder examinar as pregas, a fenda rosada e Emma tapou os olhos com um braço, tentando distanciar-se da situação

embaraçosa.

– Não, Wakefield. Não gosto disso.

– Vais gostar.

– É demasiado... demasiado... – Não conseguia descrever os seus sentimentos. Despida. Envergonhada. Titilada além dos seus limites. Fora de controlo.

– Chiu... – disse como se ela fosse um cavalo nervoso que precisasse de ser acalmado. – Vai correr tudo bem. Descontraí.

Descontrair! Como se fosse capaz com aquele canalha viril entre as suas pernas!

Ele ergueu-lhe o traseiro e provou-a, apartando-a com a língua, percorrendo o centro e depois sondando o interior.

– Por favor... – implorou de novo, sem saber se estava a implorar-lhe que desistisse ou prosseguisse sem demora.

– Tens um sabor tão bom. Como se tivesses sido criada apenas para mim.

Pôs-se a brincar com os seus mamilos e a língua perturbou-a tanto até estar prestes a explodir. As sensações aumentavam, o corpo endurecia com a eminência do auge e, com um fervor escaldante perseguia o pico fugidio.

– John... – gemeu sem intenção de usar o seu primeiro nome, mas encontrava-se fora de controlo. Era uma rendição e, na sua qualidade de canalha arrogante, ele soltou uma risada.

– Vem-te para mim, Emma. Vem-te agora.

No seu estado, tornava-se impossível recusar. Ele agarrou-a e chupou vigorosamente e Emma precipitou-se para o auge em espiral até atravessar o universo.

Apercebeu-se vagamente de que tinha gritado – muito alto – mas não conseguiu controlar-se. Mergulhou na força poderosa do orgasmo, saboreando cada segundo daquele zénite sem limite. Por fim, o auge começou a decrescer e ela flutuou até se ver aninhada nos braços de Wakefield.

Sem que ela se desse conta, acompanhara-a em toda aquela vaga. Estava a beijar-lhe o cabelo, os olhos, as faces e sussurrando frases ternas que ela não entendia. Pareciam ser em francês ou talvez em italiano, e Emma fingiu que se tratavam de carinhos, o que podia ser perfeitamente verdade devido à mágica cadência estrangeira.

– És uma delícia! – murmurou junto aos seus lábios e com o sabor do sexo dela na boca.

Ele achava-a uma *delícia*! Que comentário maravilhoso! Qual uma tola adolescente rompeu em lágrimas e ele apoiou-lhe o queixo na mão e enxugou-as.

– Minha adorável Emma – murmurou. – O que se passa?

- Foi tão... tão maravilhoso.
- Sim – concordou ele. – Foi mesmo.
- Não sabia que podia ser assim.
- Nem eu.
- E... e... – soluçou Emma, mal conseguindo falar. – Quero fazê-lo outra vez.

Já!

Ele riu alegremente e encostou-a à curva do pescoço para que pudesse chorar à vontade. Era um lugar fantástico onde se aninhar e Emma soluçou como não o fazia há muito tempo. Derramando lágrimas bastantes para encher um oceano, chorou pelo pai, pela mãe, pela irmã, por si própria e pela sua situação, por todos os seus sonhos que nunca viriam a concretizar-se.

Ele aguentou bem, como se estivesse habituado a confortar mulheres histéricas todos os dias, o que ela sabia não corresponder à verdade. Nas partes inferiores, a sua ereção era visível, dado a sua anatomia perturbada não ter recebido qualquer satisfação.

Emma imaginava que ele precisava de cuidados, mas não podia aliviar a situação – não sabia bem como! – embora ele não parecesse excessivamente preocupado.

Egoistamente, agarrou todo o conforto que ele se dispunha a dar, mergulhando nele, permitindo que a acalmasse com o seu corpo, com as suas palavras. O murmúrio da sua voz repercutia-se até à medula dos ossos e embalava-a. O choro cessou e descaiu as pálpebras.

Estava tão cansada! Bocejou, uma atitude pouco feminina e sem se aperceber, deixou pender a cabeça.

Quando mais tarde se movimentou, não fazia ideia de há quanto tempo se encontrava ali deitada. Sentira-se tão contente e segura que adormecera pesadamente e despertou, espreguiçando-se e deliciada com a sensação de acordar nos seus braços.

Ele estava de costas, apertando-a de encontro ao peito e, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo, contemplava tranquilamente a floresta sobre as suas cabeças.

Quando ela se mexeu, virou-se de lado e beijou-lhe a ponta do nariz.

- Olá, dorminhoca.
- Olá! – Sentia-se tão feliz que todos os poros do seu corpo pareciam sorrir.
- Julguei que nunca mais acordavas.

Olhando em volta, apercebeu-se de que as sombras eram muito mais densas do que quando tinha adormecido.

- Que horas são?
- Quase cinco.

– Cinco! – Sentou-se, assustada. Continuava nua até à cintura e, com um gesto possessivo, ele acariciou um dos seios expostos.

– Para com isso! – ordenou, afastando-lhe a mão com uma palmada.

– Tens uns seios lindíssimos! – disse ele.

– Cala-te!

Freneticamente levantou-se de um salto e ajustou as roupas, puxando-as ao mesmo tempo que ele se esforçava ao máximo para impedir os seus esforços.

John mantinha-se reclinado na capa, observando os seus movimentos rápidos, mas sem ajudar, nem dar sinais de estar com pressa.

– Vamos para a mansão e jantamos – sugeriu. – Depois fazemos amor na minha cama durante toda a noite.

– Wakefield!

– John! – insistiu ele. – É o que me chamas quando gritas de paixão.

– Bem, não planeio fazer disso um hábito. – Começou à procura das travessas, mas só encontrou duas das seis de que precisava. Estendeu-as. – Ajuda-me a compor o cabelo.

– Não. Gosto dele solto.

Exasperada, fulminou-o com o olhar, mas ele mostrava-se melado, despreocupado e totalmente relutante a ajudá-la. Ela teria de tapar a cabeça com o capuz da capa e esgueirar-se até casa, rezando para não encontrar ninguém, esperando que a curiosa Jane não a interrogasse sobre o penteado desfeito.

– Levanta-te! – Puxou pela capa, mas ele estava firmemente sentado em cima dela e não se mexeu.

– Porque estás com tanta pressa?

– Porque, contrariamente a ti, tenho uma vida e preciso de regressar até ela.

– Cancela o que é tão imperativo. Quero-te comigo.

– Não posso estalar os dedos e fazer com que as responsabilidades desapareçam – retorquiu, zangada. – Como algumas pessoas que conheço.

Puxou a capa e acabou por retirá-la de baixo dele. Colocando-a sobre os ombros, tentou apertá-la, mas estava demasiado trémula para o conseguir. Não se lembrava onde haviam deixado o chapéu e, por conseguinte, teria de procurá-lo noutro dia, quando não estivesse tão descomposta.

– És capaz de encontrar o caminho para casa sozinho? – perguntou.

– Claro. – Aparentemente, ele deduzira que ela iria embora, que, apesar dos seus modos autocráticos, não era capaz de convencê-la a ficar. Desconcertado, levantou-se, pegando-lhe na mão, apertando-a de encontro ao corpo. – Fica comigo.

– Não posso!

– Diz-me o que precisas fazer e mandarei alguém cuidar disso por ti.

Deprimida e cansada, ergueu o rosto. Ele nunca entenderia as pressões por que passava e tão pouco tentaria explicar-lhe. Para um homem da sua influência e posição, os seus problemas pareciam insignificantes.

– Ninguém pode executar as minhas tarefas no meu lugar.

– Ficarias surpreendida pelo que posso conseguir, caso esteja determinado.

– Não és, por conseguinte, um ocioso e parasita como afirmam os teus difamadores?

– O que te parece?

– *Parece-me* que finges ser um idiota chapado, mas não entendo porque te dás a tanto trabalho para colheres opiniões adversas de todos.

Observou-a como se ela tivesse feito um comentário de uma extrema profundidade e depois respondeu calmamente:

– Não quero ficar sozinho na mansão.

Era uma confissão surpreendente. Não sabia muito bem como reagir e não encontrou uma resposta apropriada.

– Fica comigo – murmurou ele de novo e beijou-a, coaxando e seduzindo.

– Não posso – repetiu, soltando-se, antes que ele pudesse tentar convencê-la. Na sua proximidade, estava sempre à beira de fazer o que não devia e ele precisava de muito pouco para ultrapassar a sua determinação. Tinha de regressar a casa!

Provavelmente, Jane estava assustada com a sua ausência prolongada e Emma nem conseguia acreditar como fora ávida e inconsciente a ponto de se meter numa relação amorosa ilícita.

A sua bússola moral quebrara-se!

– Tenho de ir.

Deu meia volta e começou a dirigir-se ao caminho.

– Emma!

O tom com que a chamou expressava tanta ansiedade que estacou de imediato.

– Não me peças isso! – suplicou, assustada sobre como reagiria a qualquer proposta sedutora que ele pudesse fazer a seguir.

Depois de uma pequena pausa, ele disse:

– Então, amanhã. À uma.

– À uma.

Emma caminhou apressadamente sem olhar para trás. Ele não a seguiu o que lhe proporcionou um enorme alívio.

8

HAROLD MARTIN puxou o chapéu para baixo, baixou os ombros e encolheu-se no cavalo para ficar despercebido, como se fosse um viajante comum e desinteressante que estivesse de passagem. Com o aproximar da noite não lhe conviria dar azo à especulação de que o novo vigário da aldeia de Wakefield tinha sido visto a deambular pelos campos.

As pessoas falariam. Naquela isolada região rural, não tinham mais nada para fazer senão coscuvilhar sobre os seus superiores e, embora ele tivesse negado até ao último sopro de vida que fizera uma viagem clandestina pelo campo, o boato era difícil de sufocar. Se alguma vez fosse interrogado, o que duvidava pois gozava de uma reputação impecável, juraria que tinha jantado no presbitério, lido diante da lareira e ido cedo para a cama.

Dali a uns minutos chegaria ao seu destino e a sensação de antecipação era emocionante. Fazia a viagem duas vezes por mês e desejava poder repeti-la mais vezes, mas as circunstâncias e a distância tornavam impraticável que a desfrutasse com mais frequência. Além disso, recusava submeter-se aos seus baixos impulsos com excessiva regularidade, tendo relutância em aceitar que era dominado pelas suas sórdidas tendências.

Uma visão de Emma ocorreu-lhe à mente e logo a afastou, enraivecido por os seus meandros cerebrais permitirem que ela se intrometesse quando estava prestes a ceder à lascívia.

Tornava-se ofensivo contemplá-la, a sua futura noiva, quando estava tão perto de cometer pecados horríveis. Não suportava poder manchar a imagem dela com o que se preparava para fazer. Na sua mente, ela precisava de ser pura e imaculada.

Era inocente, recatada, tudo o que desejava numa esposa. As suas inclinações eram tão dissolutas que tinha de casar com uma mulher que fosse o seu oposto, alguém como Emma que transmitiria castidade e modéstia ao leito conjugal. A sua virtude incitá-lo-ia a refrear as suas predileções para que não a desgostasse com as suas paixões tempestuosas.

Tomara que uma parte da vincada decência da jovem mulher desaparecesse e a sua constante necessidade de entretenimento degradante diminuísse. Era apenas uma questão de caráter, de força de vontade. Estava decidido a levar a melhor sobre a sua natureza indecente!

Não conseguia lembrar-se de quando se tornara tão apaixonado pela decadência. Quando tinha ido para a universidade era virgem, um indivíduo

honrado com elevados padrões éticos. O seu companheiro de quarto, Adrian, fora o catalisador que o desviara. Adrian tinha uma enorme propensão para os prazeres abomináveis e, por conseguinte, uma aptidão incrível para descobrir almas ingênuas predispostas à dissolução.

Havia sido uma descida lenta para Harold. Lutara corajosamente para resistir às tentativas de Adrian de afastá-lo do caminho correto, mas acabara por sucumbir, começando por provar um pedacinho da dieta carnal em que Adrian prosperara, saboreando cada vez mais do festim degenerado até adquirir o seu próprio e insaciável apetite pela depravação.

Descera tão baixo que tinha havido mesmo aqueles momentos gloriosos em que ele e Adrian tinham...

Bem, não queria remoer sobre o assunto. Relembrar aquele hediondo interlúdio era um desperdício de energia. Mergulhara no mundo de Adrian, mas conseguira escapar, sem se ter rendido a qualquer fascínio varonil inviável desde essa deplorável relação.

Porém, mesmo assim, não conseguira abster-se totalmente. Os seus desejos reprimidos eram tão insuportáveis que começara a concluir que não eram saudáveis, que não era prudente manter tais impulsos tumultuosos contidos.

Mantivera-se solteiro durante muito mais tempo do que era sensato e dado que Emma se recusava a marcar uma data de casamento, o que havia de fazer? O seu desejo lascivo por ela aumentava tão rapidamente que era arriscado passar tempo na sua companhia, não fosse a besta que vivia no seu íntimo soltar-se e devorá-la com o seu ardor crescente. Ela era tão ingênua que ficaria alarmada e chocada, talvez repugnada, se supusesse os impulsos indecentes que fervilhavam dentro de um homem e, por conseguinte, não podia permitir que soubesse como a desejava.

Por sorte ficara a saber da existência do Back Door através da informação involuntariamente fornecida por outro vigário que conhecera numa paróquia vizinha. O pastor tinha regalado os ouvintes com as piores transgressões do seu rebanho e, quando se referira aos pecados da carne, Harold prestara especial atenção, recolhendo pormenores suficientes para concluir onde se localizava a casa mal-afamada.

Ao fazer a descoberta, tinha-se debatido semanas a fio, ponderando sobre se ousaria visitá-la, até que, por fim, fora numa missão de recolha de informações, dizendo a si mesmo que seria uma única visita e nada mais. Infelizmente – ou por sorte, dependendo do ponto de vista – o estabelecimento correspondia ainda com mais exatidão ao que o outro vigário descrevera e a proprietária dispunha-se a orquestrar qualquer entretenimento dissoluto se o preço fosse suficiente.

Com o amplo rendimento que o seu cargo lhe rendia, tinha muito dinheiro e

não tardou a verificar que a *madame* era uma verdadeira perita a deduzir a diversão que possivelmente lhe agradaria experimentar.

Começou a imaginar que perversão poderia aguardá-lo e as reflexões avolumaram as suas partes masculinas. As calças tornaram-se incómodas e, a cada passo dos cascos do cavalo, os genitais roçavam a sela, levando-o a ansiar o devasso abandono que o esperava.

Na visita anterior, tivera uma menina de uns onze ou doze anos, segundo presumia, tão infantil que ainda não tinha seios, nem pelos púbicos a cobrirem-lhe o sexo. O traseiro era macio e liso e a fenda dolorosamente apertada. Infelizmente não era virgem, mas o que seria de esperar num bordel?

Nunca tinha copulado com uma criança e fora maravilhoso. A menina agitara-se e chorara devido ao tamanho do membro e tivera de a segurar, de a forçar ao ato repugnante e oh, como fora perverso! Permaneceu com ela a maior parte da noite, o falo masculino repetidamente ereto com a devassidão.

Desconhecera que possuía uma obsessão tão sinistra e agora que a tinha provado, não conseguia deixar de remoer o episódio e esperava que a *madame* voltasse a oferecer-lhe a rapariguinha, ou outra como ela. A perspectiva tentava-o de uma forma vil que ultrapassava tudo o que experimentara ou com que sonhara antes.

Levara-o a observar Jane Fitzgerald sob uma luz totalmente diferente. Antigamente, julgara que a detestara, mas agora não tinha essa certeza. Depois de casar com Emma e de a família se mudar para o presbitério, Jane ficaria sob o seu controlo, ficaria totalmente sob a sua dependência. Teria certamente de lhe obedecer, poderia ser pressionada a...

Horrorizado, abandonou o pensamento, considerando-o tão terrível, que não poderia prosseguir. Não iria de forma alguma fantasiar sobre Jane Fitzgerald!

Era repugnante, desprezível! Um bruto! Um monstro! Como podia conceber uma tal iniquidade? Para onde fugira a sua retidão? A sua voracidade lasciva estava a tornar-se indomável, empurrando-o para limites que não conseguia reprimir.

Esporeou o cavalo, instou-o a um passo de trote e momentos depois chegou. Um rapaz saiu dos estábulos para cuidar do animal e entregou a Harold uma lanterna para que pudesse percorrer o caminho escuro, através das sebes por aparar, até ao pórtico e à porta vermelha que se encontrava oculta pelos arbustos.

Depois de usar o toque especial, foi admitido e logo conduzido até um quarto privado no andar superior, o que muito lhe convinha. Não havia hipótese de se cruzar com outros clientes. O seu anonimato estava garantido.

Dado ser um cliente de luxo, era recebido pela própria *madame*. Não tinha de contactar com o seu pessoal, outro bónus que agradecia, dado todo o secretismo

ser uma mais-valia.

– O que vai ser, querido? – perguntou ela com o farto seio sob o tecido do vestido, os enormes mamilos ressaltando.

– Vou experimentar uma rapariguinha. A mais nova que tiver na casa.

Estendeu uma pilha de moedas que ela agarrou rapidamente e meteu dentro de uma bolsa que trazia pendurada ao peito.

*

Georgina Howard estava reclinada na *chaise-longue* da sala de visitas da encantadora vivenda que John Clayton lhe comprara. Observou pensativamente toda a elegância que a rodeava, recordando os inúmeros convidados que a tinham visitado na sala confortável e acolhedora. O ambiente era típico de toda a casa.

Wakefield era um homem generoso e, quando se juntara sagazmente a ele, não se tinha poupado a despesas para lhe fornecer um estilo que refletisse uma posição elevada. A sua casa era um exemplo impecável de cor e *design*, bem como um testemunho visual da sua astúcia e ganância.

Demorara quase três anos a obter o apoio de Wakefield e, embora outros supusessem que a sua ligação fora uma decisão de John ditada pela sorte, a sua ligação não tinha sido accidental. Meticulosamente, ela planeara e traçara um esquema para que frutificasse e, depois de todo o duro trabalho a que se entregara, não estava disposta a deixá-lo escorregar pelos dedos.

Bebeu um gole de vinho e olhou insolentemente pela janela para o pátio, onde o seu jardineiro aparava as roseiras. Tinha doze empregados – doze! – o que era uma quantidade enorme para uma única mulher com os seus humildes antecedentes. Era uma confirmação de como havia chegado longe, como aplicara todos os seus esforços e do sucesso atingido.

Devido à generosidade de Wakefield, os seus criados eram bem recompensados. Sabiam de onde vinha o pão que comiam e mostravam-se excessivamente corteses e prestáveis, mimando-a e considerando-a uma pessoa de garra e, por conseguinte, ela ocultava cuidadosamente que o destino de todos dependia de Wakefield e da sua permanente capacidade de manter a sua atenção que ela sabia, devido a uma vasta experiência, ser propenso a dispersar.

Em criança, Georgina não poderia ter previsto que subiria tão alto. O pai era dono de uma taberna e ela supusera que viveria para sempre na aldeia onde tinha nascido. Contudo, o pai morrera quando ela tinha onze anos, e a mãe voltara a casar. Georgina já estava a amadurecer, era dona de umas formas voluptuosas e o padraço tinha ficado excitado com as mudanças.

Durante meses, repelira os seus toscos avanços até ele a apanhar sozinha no

quarto. Tinha-a amarrado à cama, amordaçado com uma toalha e violara-a.

A violação fora cruel, profana e deixara-a dilacerada, aterrorizada e confusa, e fora estuprada mais quatro vezes, antes de fugir para a cidade.

Uma prima afastada, uma atriz cansada que era dez anos mais velha, concedera inicialmente a Georgina um lugar onde ficar, comida, e até a acompanhara à mulher do barbeiro para se livrar da criança que o padrasto lhe fizera, mas Georgina tivera de encontrar um método para abrir o seu caminho.

Mediante a orientação da prima que só a havia aperfeiçoado como mercadoria comercializável – ou seja, a nível de aparência – aos catorze anos conseguira o seu primeiro protetor. Era idoso e muito paciente nas questões físicas, mais excitado por andar com uma adolescente bonita pelo braço do que por outra coisa e, assim, ela conseguira ignorar a sua repulsa à interação corporal.

Gradualmente, tinha aprendido a conquistar e a encantar, a seduzir e a fornicar de todas as maneiras que um homem pudesse desejar e a fazê-lo sempre com um sorriso fixado no rosto por mais repugnante que considerasse alguns dos atos.

Com a morte do benfeitor, dera uns passos atrás de outros, lutando por atingir uma posição no círculo indecoroso frequentado por si e por outras mulheres infelizes como ela.

Tinha como alvo permanente a recompensa máxima: um nobre com recursos bastantes para lhe proporcionar uma vida luxuosa.

Wakefield tinha merecido a sua preferência, dado ser o mais elegante e viril dos indivíduos ociosos e extravagantes com quem convivera e sentira que a fraternização sexual não seria tão detestável.

Sem se apressar, mantivera-se na periferia do seu mundo, insinuando-se, cortejando os seus amigos. Tinha-o observado, levado a lisonja e a coqueteria a um nível nauseante até conseguir atraí-lo ao seu esquema.

Quando se sentia feliz, mostrava-se generoso e a sua casa maravilhosa constituía um troféu virtual da forma louvável como executava o seu trabalho. Gastava o dinheiro criteriosamente, desejando que os seus companheiros aprovassem a escolha, pretendendo que ele se sentisse invulgarmente satisfeito sempre que aparecia para descontrair.

Olhou em volta com uma expressão nostálgica, absorvendo tudo, recordando a ruidosa diversão que instigara, as noites de álcool e entretenimento que organizara e interrogou-se sobre quanto tempo lhe restaria para ter oportunidade de servir de anfitriã aos inúmeros convidados que acorriam às suas *soirées* devido à sua ligação com o famoso visconde.

Não tinha ilusões quanto ao motivo porque era atualmente conhecida na sociedade mundana. Wakefield podia ser um rufia e um libertino, mas era rico e proeminente. As pessoas lisonjeavam-no na mira de obter os seus favores e o

meio mais simples de o conseguirem residia em cair nas boas graças da amante.

Embora tivesse fama de ser um canalha e um ocioso, era, na verdade, inteligente e astuto. Quando finalmente herdasse o título e a fortuna, teria um sucesso que ultrapassava as mais loucas previsões, e Georgina planeava estar ao seu lado em cada passo da sua ascensão à eminência e reconhecimento.

Embora ele negasse permanentemente o inevitável, casaria com aquela estúpida, Caroline Foster, uma idiota volúvel que Georgina não suportava. Se não fosse Caroline, seria qualquer outra jovem afetada e insípida como ela; por conseguinte, ele necessitaria de uma mulher forte como pano de fundo, que fosse esperta e engenhosa, que soubesse ler as pessoas e manipulá-las para um efeito benéfico.

Georgina tencionava ser essa mulher.

Não podia perder a sua influência sobre ele. O seu sustento, o seu futuro – a própria vida! – dependiam da sua capacidade de continuar ao lado dele e não estava disposta a renunciar ao que se esforçara tão exaustivamente por alcançar e era por isso que a perturbava tanto a presença da filha do vigário junto de John em Wakefield Manor.

Georgina era capaz de se encarregar da sua noiva. Emma Fitzgerald era outra história. John sentia uma afinidade tão poderosa e inabalável por ela que Georgina se sentia assustada até ao mais fundo de si e foi o que a levou a humilhar-se, abordando Ian Clayton.

Estivera segura de que Ian se aperceberia dos perigos inerentes criados por Emma Fitzgerald embora, no que lhe dizia respeito, fosse difícil entender as suas motivações. Quanto à sua lealdade, cometera um erro terrível e tinha-se envergonhado, mas não se arrependia do erro. Na situação atual era vantajoso saber quem eram os seus aliados e os seus adversários. Além disso, tinha problemas mais importantes com que se ocupar.

Durante o período em que fora consorte de Wakefield, ele tivera muitos casos de passagem. Uma bailarina de ópera aqui, uma viúva lasciva ali. Georgina tinha espiões por todo o lado e mantinha-o sob uma estreita vigilância. Nenhum dos seus pequenos romances durara mais do que o tempo suficiente para baixar as calças. Voltava sempre para Georgina, satisfeito com a ligação que os unia, mas quando Georgina pensava na maneira como ele tinha olhado para Emma Fitzgerald, sentia um arrepio na espinha.

A filha do vigário era dura, tenaz, lutadora, uma vencedora. Era do género de se fixar num alvo e não vacilar até ter conseguido o seu objetivo, exatamente como Georgina, embora usassem métodos diferentes.

E se ela fixasse o olhar em Wakefield? A tagarela piedosa era pobre como um rato de igreja. Se concluísse que podia melhorar a sua situação aliando-se ao

abastado visconde, qual seria a posição de Georgina?

Observara-os juntos nesse dia na biblioteca em Wakefield. Havia uma faísca e uma energia entre os dois, que não gostaria de admitir. Mais estranha ainda foi a tarde em que ela tinha quebrado as regras e ido descaradamente ao quarto de John – sem ser convidada – na esperança de o convencer a que a deixasse ficar.

A bem-comportada menina Fitzgerald estivera no seu quarto de vestir e, indubitavelmente, a ajudá-lo no banho. Embora estivesse totalmente vestida, Georgina tinha observado o suficiente para se sentir perturbada. A bruxinha provocara-lhe uma forte ereção e ele tinha recusado que Georgina o aliviasse. Depois, insistira para que Georgina partisse rapidamente para Londres.

Não se atreveu a desafiar a sua ordem direta para que permanecesse na cidade, mas ficou frenética quanto ao que poderia suceder na sua ausência. Não conseguia ficar sentada de braços cruzados, incapaz de deduzir como o seu destino se desenrolava e, por conseguinte, incapaz de alterar o curso dos acontecimentos.

– O que fazer? – murmurou no salão vazio.

Alguém precisava de intervir, alguém que pudesse recordar subtilmente a Emma Fitzgerald – em termos inequívocos – que o seu lugar não era junto de Wakefield. Ian não seria uma ajuda. Quem mais poderia servir?

Eram necessárias medidas desesperadas e, conseqüentemente, uma ideia perversa e subtil ocorreu-lhe à mente. Durante uma eternidade, refletiu nas vantagens e desvantagens antes de prosseguir.

Levantando-se da *chaise-longue*, dirigiu-se à secretária, pegou numa folha de papel em branco e mergulhou a pluma na tinta, pesando as palavras.

Cara Lady Caroline... começou, e em seguida parou. A saudação formal ditava o tom errado. Amachucou a página e recomeçou.

Minha querida Carol...

Desejava que a alegada noiva de Wakefield acreditasse que a carta – que seria sucinta, explícita e anónima – fora mandada por um amigo preocupado. Remoeu e deliberou, após o que mergulhou novamente a pluma na tinta.

...debatí-me interminavelmente sobre se deveria escrever-lhe e, por fim, não consegui ficar em silêncio. Tem um afeto enorme pelo John e resolvi que deveria saber. Sinto uma terrível preocupação com o que está a passar-se durante a sua visita prolongada a Wakefield Manor...

Leu as linhas de abertura, releu-as e depois esboçou um sorriso malévolo.

– Perfeito – murmurou e prosseguiu.

*

Ian estava a descansar no sofá da biblioteca, rodando o copo de uísque na mão e

fixando as costas do seu meio-irmão, mas a intensidade do olhar não o levou a voltar-se. John permanecia junto à janela e observava o relvado das traseiras, estranhamente intrigado pelo que quer que visse.

Recentemente, tinha mudado. Pouco passava do meio-dia e estava sóbrio. O tédio que por hábito o atormentava tinha-se desvanecido e os seus demónios pessoais haviam sido inequivocamente derrotados. O grupo de conhecidos partira a horas de regresso a Londres, mas John não resmungara por causa da tranquilidade que pairara na casa após se terem ido embora.

Ian não conseguia entender, mas não estava disposto a questionar o bónus. Nem a reclamar. Havia tão poucas coisas capazes de satisfazer o irmão que Ian se congratulava com qualquer coisa que o pusesse bem-humorado.

– Georgina passou no meu quarto antes de se ir embora. – Absurdamente, estava desejoso por confessar, bem como por ver que tipo de reação ele teria com a notícia.

– Para quê?

– Para me dar um *beijo francês*.

John olhou casualmente por cima do ombro.

– O que pretendia de ti?

– O que te leva a pensar que não estava simplesmente excitada com a minha fabulosa anatomia?

– Bah! Ela detesta-te! – Riu ante a ideia que era hilariante, tendo em conta a aversão mútua entre Ian e Georgina. – Conheço-a muito bem. Nunca faz nada, a menos que espere qualquer coisa em troca.

Demasiado verdade. Era por esse motivo que Ian a detestava. Ela era uma mercenária.

– Queria que te convencesse a deixares que ela ficasse aqui na terra.

– Disse porquê?

– Receava que, se estivessem separados muito tempo, chegassem à conclusão de que não lhe sentias a falta e lhe desses um pontapé no traseiro.

– Não o faria, porque daria muito trabalho substituí-la – disse com um encolher de ombros. – Além disso, é extremamente talentosa com aquela sua boca. Não desejaria renunciar a essa delícia.

– Ela foi sem dúvida eficiente.

– Gostaste?

– Não a deixei terminar.

– Porquê?

– Porque não tinha desejo de te atraindo. – Pelo menos, não com ela.

– Podias ter entrado no esquema e não me dizeres.

– Ocorreu-me, mas não me parecia leal.

– Quem quer saber da *lealdade* quando tem os lábios de uma mulher colados no membro?

– Lembrar-me-ei disso na próxima vez.

Ambos sorriram com um movimento acentuado das bochechas.

Depois, imerso nos seus pensamentos, John virou-se para perscrutar novamente o pátio e Ian observou-o enquanto ele permanecia encostado ao parapeito da janela. O silêncio era agradável, fazendo com que Ian se sentisse contente por ter abordado o tópico de Georgina e aliviado por John não ter ficado enfurecido, mas era triste que John não sentisse nada por ela.

Afinal, era sua amante há mais de dois anos. Que desperdício de dinheiro e de esforço!

Quando tudo indicava que a conversa chegara ao fim, John fez uma pergunta estranha:

– O que julgas que a tua mãe viu no nosso pai?

– Além de ser elegante, rico e capaz de seduzir a casca de uma árvore?

– Sim. Além de tudo isso.

John soltou uma gargalhada e Ian revirou os olhos ante a estupidez do irmão.

A mãe de Ian tivera um encantamento de três meses com o fulgurante e dinâmico Douglas Clayton, quando ele se tinha deslocado à Escócia numa longa viagem de caça. Segundo as histórias partilhadas por membros do clã, ela era jovem, ingénua e muito apaixonada pelo carismático estrangeiro e Ian não guardara rancor pela sua conduta, embora nunca lhe tivesse dito. Ela morrera ao dá-lo à luz.

– Dinheiro e posição – respondeu prontamente. – O que julgas que a tua viu nele?

– *Touché* – retorquiu John.

A mãe de John casara com Douglas porque a sua família assim o ordenara, a união havia sido combinada durante a sua infância, mas os motivos subjacentes eram os mesmos. Como sempre o eram com os homens influentes.

Ridiculamente, John questionou:

– A tua mãe foi feliz com ele?

– Foi um envolvimento de noventa dias.

John estremeceu.

– Desculpa.

– Sabes bem como ele era.

– Sim. Um canalha e um estúpido.

– Essas eram as suas melhores qualidades – comentou Ian e bebeu um gole de uísque. – Na verdade, ao analisares os livros de contabilidade, interrogo-me se não irás encontrar gastos para filhos.

– Ele poderia ter gerado outros? – inquiriu John, horrorizado com a perspectiva.

– Bem, ele ia à Escócia todos os outonos. Durante décadas. Os meus tios informam-me de que era bastante atizado.

– Oh, meu Deus! – exclamou John, passando a mão cansada pelo rosto. – Então, pode haver dezenas de pequenos Ians a correr pelas Terras Altas da Escócia?

– Se não fores cuidadoso – replicou maliciosamente –, podes acabar por dar abrigo a um monte de pessoas como eu.

– Antes disso, suicidava-me.

Dirigiu a Ian um sorriso divertido, fingindo-se picado, mas embora agisse como um patife e se queixasse das suas responsabilidades, nunca se esquivava às mais importantes.

– Nunca deixaria que o fizesses – disse Ian em tom de brincadeira – porque não suportaria saber quem seria o teu próximo herdeiro. Provavelmente, teria de começar a ser educado para alguém mais ofensivo do que tu e não poderia curvar-me muito mais do que o faço. Não faz parte da minha natureza.

– O herdeiro é Henry, o meu primo em segundo grau. Pelo menos, assim fui notificado.

– Esse idiota? – replicou Ian com um estremecimento sarcástico. – Não deverias estar a montar uma creche?

John contraiu-se.

– Céus! Parecias mesmo o pai, levantado da tumba, quando disseste isso.

– Que assombração seria! – concordou Ian. – Mas sabes que ele tinha razão.

– Com quem casaria, raios? – reagiu John com um esgar. – Retiro o que disse: Quem casaria *comigo*, raios?

– Qualquer uma. Podes fazer a porra da tua escolha e, portanto, deixa de te mostrares difícil.

– Não estou a brincar – contrapôs John. – Preciso mesmo do teu conselho. – Com um último olhar ansioso lá para fora, afastou-se da janela e foi sentar-se no outro sofá, diante de Ian. – De todas as mulheres adequadas que conhecemos, quem sugerias?

– Bem, que tal Caroline? É doida por ti, embora não consiga imaginar o motivo, e o pai insiste em que o compromisso é obrigatório.

O pai de *lady* Caroline, o conde de Derby, tinha negociado o enlace com Douglas quando ela era bebé. O marido de Caroline deveria ter sido o irmão mais velho de John, James, e quando ele morrera, os dois prepotentes homens haviam procurado obrigar John – sem lhe pedir opinião –, mas este não se mostrara inclinado a honrar o noivado de James. O seu repúdio tinha sido a

causa de conflitos e discórdias intermináveis entre pai e filho.

– Queres fazer o favor de me ouvir? *Não* vou casar com Caroline. Ponto final.

– Porque não? É bonita, meiga, educada. O que tem de errado?

– Conheço-a desde sempre, Ian – irritou-se John. – Deitar-me com ela seria o mesmo do que ir para a cama com a minha irmã.

– Oh! – exclamou Ian sagazmente. – É então esse o problema.

– Precisamente. Consegues imaginar-te a dar-lhe instruções para te chupar o membro? Estremeceria de medo.

Na verdade, Ian não conseguia de forma alguma imaginar a cena. Na sua opinião, Caroline era uma solteirona reprimida que estava pronta para ser colhida, mas não havia maneira de convencer John.

– Talvez te surpreendesse.

– Duvido. Quero dizer, honestamente... – Levantou-se novamente e dirigiu-se à janela, a fim de espreitar lá para fora – ...consegues imaginar-te a vaguear pelo bosque com ela, talvez possuindo-a contra uma árvore, ou deitando-a na relva? Ficaria despenteada e teria uma apoplexia.

– Sempre julguei que as pessoas do teu género andassem permanentemente à caça de uma mulher casta e dócil.

– O meu *género*? Ian, onde foste buscar essa estupidez?

– A sério – disse ele. – O que interessaria a sua falta de sensualidade? Podias ter relações com ela algumas vezes por ano, dar-te-ia obedientemente os filhos de que necessitas, e ainda terias Georgina, ou alguém como ela, para exercer os atos perversos que te atraem.

– Deveria cerrar os dentes e seguir em frente mesmo que Caroline e eu fôssemos infelizes?

– Sem dúvida. – Considerava um mistério como é que um homem podia prever que copular com Caroline fosse uma obrigação. Se ela descesse o suficiente para olhar na sua direção, agarraria a oportunidade de a ter, mas isso nunca aconteceria. Ela era tão snobe que ignorava a sua existência. – Nesse caso, não terias de te preocupar com a tua escolha. A família de Caroline deixaria de importunar e poderias prosseguir com o teu negócio livre e em paz. Terias tudo. A tal coisa de matar dois coelhos de uma cajadada.

– Seria o raio de um começo, não te parece? Casar com alguém que nunca desejei, só para resolver a situação?

Ian observou-o discretamente. Lá bem no fundo John seria um romântico? Andaria à procura de amor e dedicação numa noiva? Se assim fosse, não a encontraria naquele ninho de víboras que frequentava o mercado de casamento onde a morte do pai o tinha forçado a mover-se.

– Estás à espera de casar por amor? – espicaçou cautelosamente Ian. – É esse

o teu plano?

– Não – troçou John. – Só detestaria aterrar no tipo de relação que tinham os meus pais. O meu pai tinha uma amante à espreita atrás de cada porta e a minha mãe vivia com o coração despedaçado por esse motivo.

– A sério? – Ian nunca ouvira John falar tanto, não sabia que o irmão albergava essa opinião sobre os pais.

– Em muitos aspetos, a tua mãe teve sorte em o nosso pai não se manter muito perto.

– Talvez. – Ian não havia contemplado essa hipótese. O que teria acontecido caso Douglas tivesse ficado? Era um enigma fascinante a ponderar.

– Quero ser feliz. – John estava mais irritado do que o diálogo justificava. Toda aquela sobriedade fatigava-o. – É pedir demasiado?

– Não. Mas a tua ânsia por satisfação não pode impedir o casamento e que geres um herdeiro.

– Que horas são? – perguntou impulsivamente John, mudando por completo o assunto.

– Faltam dez minutos para a uma. Porquê?

– Acho que vou dar um passeio lá fora.

– Um passeio? – repetiu Ian, incrédulo.

– Sim.

– Sentes-te bem?

– Perfeitamente. – Ao observar o ceticismo de Ian, acrescentou: – Uma pessoa já não pode dar um passeio ao ar livre sem que toda a gente comente?

– Quem está a comentar? Vai! Não me importa o que fazes.

John saiu de rompante enquanto Ian pensava, curioso sobre o que estavam a discutir e porquê.

Esforçou-se por distinguir os passos que asseguravam que John se tinha afastado. Dirigiu-se à porta em bicos de pés e trancou-a. Aguardou, sustendo a respiração e, em seguida, foi até à secretária e sentou-se na enorme cadeira.

Retirando uma pequena chave do bolso, pôs-se às voltas com a gaveta fechada e depois abriu-a. Como tinha suposto, os livros de contabilidade encontravam-se no interior; tirou-os para fora e colocou-os numa pilha. Ansiosamente, localizou o livro que continha as entradas mais recentes e perscrutou as fileiras de números.

No INSTANTE em que a porta da biblioteca se fechou atrás deles, John estendeu os braços a Emma e abraçou-a. Não estava disposto a deixar que, com um sedutor bater de pestanas, ela o convencesse a partir em mais uma caminhada para entrevistar os seus locatários. Embora não conseguisse entender como tal acontecera, era incapaz de recusar os seus pedidos e quando o obrigava a acompanhá-la, não conseguia esquivar-se.

Bem, já tinha tido a sua dose. Não iriam a sítio nenhum, exceto até ao outro lado da sala para se deitarem no sofá.

Agarrou-lhe as coxas bem torneadas e ergueu-a, amontoando as saias e apartando-lhe as coxas para que pudesse inclinar-se, postar-se no centro e ela rodear-lhe a cintura com as pernas.

Emma pusera o seu chapéu de palha e ele mergulhou por baixo da aba, tomando-lhe zelosamente os lábios num beijo tórrido, enquanto tentava desapertar a fita e arrancar-lho. O maldito chapéu irritava-o com regularidade, protegendo-a e só lhe permitindo detetar vislumbres ocasionais do seu sorriso sempre que ela o olhava; quase o desfez tão grande era a pressa de se ver livre do enfeite.

Trazia o cabelo solto e as madeixas encaracoladas seguras com uma única fita, como se tivesse aceitado o facto de que o encontro terminaria com ele a entrelaçar-lhe os dedos no cabelo e não desejara colocar-se na posição de ter de o prender quando se fosse embora à pressa. A fita foi facilmente removida e ele atirou-a para longe ao mesmo tempo que as tranças maravilhosas tombavam em cascata sobre os seus ombros.

Entrelaçando os dedos nas madeixas suaves, John apreciou aquele gesto, reconhecendo-o como um compromisso, uma aceitação de que a centelha entre eles não podia ser ignorada nem evitada. Era demasiado poderosa, demasiado esmagadora e não valia a pena tentar combatê-la.

Sabia porque se dera a todos os esforços para combater a crescente tentação, mas quando não estava com ela, apenas era capaz de se concentrar na lentidão com que os ponteiros do relógio se moviam, e na chegada do instante em que poderia estar com ela.

Nas tardes em que ela não aparecia à uma da tarde, ficava frenético de preocupação, e quando finalmente a via caminhar pelo pátio das traseiras, sentia-se exuberante. Normalmente, nem sequer se importava quando ela o arrastava para se encontrar com os seus locatários. Acompanhava-a entusiasmado e

estupidamente ansioso por desfrutar da sua companhia de qualquer maneira que ela permitisse.

As visitas inofensivas pela propriedade eram penosas. Ela mostrava-se afável e cortês, sem qualquer indício de que poderia ser passível de sedução ou estava a pensar em qualquer assunto além da sua tarefa, enquanto ele se focava somente na rapidez com que poderia tê-la a sós e no que tencionava fazer-lhe assim que encontrasse um lugar abrigado na floresta.

À frente dos outros, assumia o papel de aristocrata distante, fingindo que a única ligação entre ele e Emma era puramente profissional. Ela espicaçava-o impiedosa, fitando-o com uma certa dose de ingenuidade e de malícia, ou enfiando-lhe a mão no braço enquanto caminhavam lado a lado.

O toque subtil enlouquecia-o e ainda não concluía se ela o fazia deliberadamente, ou se era apenas propensa a um excessivo contacto corporal, mas fosse qual fosse o motivo, impulsionava-o para além dos limites.

Quando terminou a última visita à cabana de um locatário – em que ele mais uma vez tinha revogado a sua ordem de despejo e Emma lhe dera um beijo na face, vincando que não duvidara que o faria – sentira-se tão excitado que ponderou se seria possível que um homem estourasse as costuras das calças. Sentia-se extremamente duro e pronto. Contudo, ao passearem pelos bosques, ela declarou que tinha tarefas importantes para completar e não podia ficar na sua companhia como ele esperara.

Depois de uma breve troca de beijos perigosos, ela esfumara-se, correndo para as responsabilidades que a impediam de se ocupar do seu intenso ardor.

Ficou irritado por ela recusar fazer-lhe a vontade, por achar que os seus problemas pessoais igualavam ou superavam os dele. No seu mundo, as pessoas saltavam quando estalava os dedos e só lhes interessava a altura do salto. Nunca discutiam nem argumentavam que se encontravam demasiado ocupadas.

Ao mesmo tempo, sentia-se surpreendido por ela ter tido força bastante para contestar as suas ordens de despejo. Com exceção de Ian, ninguém discordava dele. Era um ditador num universo onde outros reconheciam que a propriedade se destinava a torná-lo feliz, e tinham de executar alegremente as suas ordens.

Emma não compreendia esse princípio ou, se o fazia, optava por não o respeitar. Sempre que tentava vincar a sua posição, ria e informava-o de que nem sempre podia obter o que desejava – quando ele não entendia o porquê – e era terrivelmente mimado. Era uma verdade, mas isso não significava que ela tivesse que exhibir tão firmemente a sua independência.

Por qualquer estranho motivo que ainda se esforçava por desvendar, queria que confiasse nele, se sentisse grata e inextricavelmente ligada a ele, mas quanto mais tentava prendê-la, mais distância ela impunha. Em vez de avançarem para o

sexo completo – como qualquer indivíduo saudável teria antecipado após a lasciva diversão na floresta – os seus encontros tornaram-se cada vez mais castos, até ele ficar convencido de que explodiria se não alterasse o rumo em que seguiam.

Encontravam-se todos os dias na sua biblioteca, mas antes mesmo de ele ter oportunidade de a abraçar, Emma conseguia levá-lo para fora de casa a fim de o apresentar a outro dos seus vizinhos atingidos pela pobreza. Embora tivesse de confessar que começava a desfrutar dos seus longos passeios, que apreciava o ar fresco e as amenas temperaturas de verão, que o fascinava observar a propriedade e as dificuldades dos habitantes através dos seus olhos, não estava disposto a prosseguir a amizade celibatária.

Sentia-se farto da sua evasão e dos subterfúgios. Ela era habilidosa a brincar com ele, levando-o a acreditar que um momento amoroso aconteceria, mas escapava constantemente antes de o deixar iniciar qualquer gesto ardente. A reticência não constava da personalidade de John, mas submetera-se às regras dela e estava cansado. Desejava o que ela prometia incessantemente com cada um dos seus sorrisos aliciantes, com o oscilar lascivo das ancas curvilíneas.

De uma forma enganosa, tinha-a convencido de que poderia levá-lo onde quisesse, mas Emma estava prestes a descobrir uma particularidade que poucos sabiam a seu respeito: podia ser acotovelado e empurrado quando o resultado final era insignificante. Outros consideravam-no um ocioso e apático sobre o que se passava à sua volta quando, na verdade, ele poderia ser implacável se o resultado fosse significativo. O seu dilema era o de que não havia muitas questões em que estivesse disposto a gastar energia.

Aparentemente, sem que conseguisse explicar o motivo, Emma Fitzgerald tornara-se uma das questões que o interessavam profundamente e, assim, seria implacável quanto a conseguir o que desejava dela. A sua calma aquiescência chegara ao fim e os seus encontros iriam processar-se a partir de agora segundo as suas regras. Não as dela.

Não permitiria que se fosse embora sem ter oportunidade de fazer amor com ela. Não adiaría nem mais um segundo o que deveria ter insistido dias antes.

Como é que ela o enfeitiçara daquela maneira? Porque tinha cedido à paixão? Onde isso o levaria?

– Abre-te para mim. – A sua língua brincava com os lábios, exigindo entrar, e ela obedeceu, rodeando-o com os braços e aproximando-o dela.

Lá em baixo, o seu membro estava duro como pedra, os testículos crispados e doridos e, incapaz de aguentar a tensão, especulava sobre a rapidez com que estaria dentro dela, como seria maravilhoso e ela o receberia apertada e se – depois de a ter possuído uma ou duas vezes – uma fração do seu desejo infernal

poderia diminuir.

Sentia-se tão intrigado sobre como seria fazer amor com ela. Porque estaria tão desesperado por descobrir?

Apalpou-lhe os seios, começou a desabotoar-lhe o vestido mas, como tinha suspeitado que aconteceria, ela tentou detê-lo.

– Wakefield, não. – Afastou-se com um menear da cabeça e ele beijou-a na face, deslizando para o pescoço. – Um dos meus vizinhos está à nossa espera.

– Hoje não vamos sair.

Levantou-a fazendo com que se desequilibrasse e ela soltou um gritinho e bateu-lhe nos ombros.

– Ponha-me no chão, seu animal.

– Não.

Era leve como uma pena e foi fácil levá-la até ao sofá e deitar-se de costas, arrastando-a com ele. Emma ficou com os joelhos de cada um dos lados do seu corpo, a saia puxada para cima e os quadris sobre os dele. O membro masculino latejava, aguardando que ela se baixasse para que as suas partes íntimas o roçassem.

Devido à experiência anterior, sabia que ela não usava culotes e, por conseguinte, teria o sexo a descoberto, estaria molhada e escorregadia contra a frente das suas calças e não conseguia aguentar o espaço que os separava. Contudo, Emma não fez qualquer movimento para incitar a união; ele prendeu-a pelos flancos e inclinou-a para a frente sem a deixar evitar o inevitável.

O choque de sentir o sexo feminino contra o dele ateou um fogo que fez explodir o pouco que restava das suas tendências cavalheirescas. Ansiava por lhe arrancar a roupa, imobilizá-la e possuí-la num acasalamento brusco e desenfreado. Emma incitava os seus sentidos viris a alturas ultrajantes e perigosas que o tornavam implacavelmente ávido de a ter, sem pensar nas consequências.

Emma tinha a palma da mão apoiada no braço do sofá e fulminou-o com um olhar exasperado que deveria tê-lo enfurecido, mas isso não aconteceu. O rosto feminino era tão expressivo que ele nunca se cansava de analisar a emoção que o percorria. Sentiu-se divertido com a sua raiva, estranhamente excitado por saber que ela estava prestes a enumerar todas as facetas em que ele era um canalha e um incorrigível patife.

Ao longo da vida tinham-lhe dito como os seus hábitos eram desprezíveis e como não chegava aos calcanhares do irmão. A mensagem tornara-se tão entediante que deixara de ouvi-la.

Curiosamente, não ficou chocado com as suas queixas. Emma tinha a capacidade de o censurar de uma forma que o levava a desejar prestar-lhe

atenção, que o levava a desejar – para variar – melhorar para que ficasse satisfeita com a retificação da sua conduta. Sentia imenso prazer em agradar-lhe, vê-la sorrir, saber que exultava com algo que fizera somente por ela.

A sua gratidão e contentamento pelos atos mais triviais eram tão genuínos que concluiu que poucas pessoas tinham feito algo de bom por ela. Era elogiada por ajudar os outros mas, aparentemente, muitas das suas generosas ações não eram recompensadas.

Sentia-se emocionado por ter recursos para a mimar como ela merecia e ansiava por a ajudar ainda mais. Ela inspirava-lhe todo o tipo de benevolência.

– O que estás a fazer? – ralhou, enquanto ele lhe rodava os mamilos.

– Quero fazer amor contigo.

– Mas tenho planos para nós e eu...

John pousou um dedo sobre os seus lábios, silenciando-a.

– Não.

Emma perscrutou-o e ele leu todos os pensamentos angustiantes que lhe passavam pela cabeça tortuosa e encantadora enquanto tentava conseguir uma maneira de o arrastar lá para fora para que a interação física fosse impossível. Anteriormente, o estratagema tinha funcionado, mas ela esgotara-lhe a paciência. O seu nível de excitação ultrapassara a disponibilidade para a seguir indolentemente onde quer que fosse.

– Não quero fazer isso – alegou por fim.

– Não quero saber.

Ela enfureceu-se.

– Não passas de um bruto arrogante, Wakefield. Não sei porque continuo a passar tempo contigo.

– Porque és louca por mim.

– Não te convenças.

Ele baixou-a para se aninhar no seu sexo e poder roçar e acariciar os dois seios pendentes. Beliscou-lhe os mamilos, apertando-os com força e ela soltou um suspiro, apesar de todas as tentativas para não ser ouvida.

Um padrão tinha-se desenvolvido entre eles. Ela flirtava e espicaçava-o, enquanto arranjava maneira de permanecer fora do seu alcance. Uma barreira evasiva impedia-a de avançar e ele não compreendia o motivo. Emma era uma mulher excepcionalmente apaixonada e a sua vitalidade libidinosa tão flagrante – pelo menos, para ele – parecia brilhar em seu redor. Nunca testemunhara nada do género e sentia-se obcecado, atraído, fascinado, sem conseguir dominar as suas tendências nefastas.

– Será maravilhoso, Em, sabes bem que sim.

– Nunca disse o contrário.

Ele tomou-lhe o mamilo entre os dentes, rodou-o e o tecido do vestido e da combinação roçaram sedutoramente. Ela arqueou as costas e gemeu.

– Porque tens medo?

– Não tenho.

– Mentirosa. – Ocupou-se do outro seio, acariciando e provocando. – Se não souber o que está errado, não posso resolver.

– Não há nada de *errado*.

Sentou-a em cima das ancas. Ela era tão sincera e começava a entendê-la tão bem. Se pudesse olhá-la nos olhos, não conseguiria mentir.

– Tenho alguma experiência nos jogos eróticos.

– Não me lembres isso. Detesto quando o fazes.

– Não consegues esconder o quanto me desejas.

– Não é verdade – contrapôs.

Ele ignorou a recusa.

– Então, seguimos em frente.

– Serias capaz de me forçar?

– Não me parece que a *força* seja necessária.

Provando a sua teoria, enfiou uma das mãos por baixo do vestido e deslizou-a até à fenda, após o que a penetrou com dois dedos. Ela estava desavergonhada e extremamente molhada e essa descoberta elevou a sua excitação a um pico drástico.

– Estás tão molhada, tão pronta para mim.

Emma ficou ruborizada.

– Não estás a jogar limpo.

– Não, não estou.

– Não quero isto – alegou num tom queixoso. – Não te quero.

Ela mostrava-se tão desgostosa ante a perspetiva que a aconchegou de encontro ao peito, os seios e o ventre colados nele. Não conseguia suportar vê-la tão desamparada, como se a ideia de se envolver numa relação sexual com ele fosse dolorosa e consolou-a, acalmando-a como o faria a uma criança agitada.

Embora a restrição fosse uma tortura, moderou o ritmo, recompôs-se e afastou-se da beira do abismo. Enquanto acalmava, foi capaz de se concentrar no que estava a acontecer, lembrar-se de como também gostava tanto do aconchego.

Antigamente, não se deitava com uma mulher somente pelo prazer de a abraçar. Desde o início, quando levava para a cama a sua primeira jovem de uma taberna aos catorze anos, os seus impulsos carnavais haviam sido instigados com o único objetivo de aliviar a carne. Nenhum desígnio mais nobre alguma vez o motivara. Para quê perder tempo com preliminares ou a cortejar? As suas companhias eram bem recebidas na sua cama, desde que o satisfizessem. E era,

sem dúvida, o que acontecia.

Com Emma, as regras eram diferentes. Gostava de abraçá-la, cuidar dela. Naquela tarde no bosque, depois de ter tido um orgasmo tão assombroso, adormecera nos seus braços e ele tinha-a abraçado durante duas horas.

Ao longo dos anos, tivera uma ou outra amante ocasional que adormecera depois do clímax, mas não ficara junto delas quando isso acontecia. Esgueirara-se e fora-se sempre embora, mas com Emma nem mesmo havia considerado essa hipótese e, ao ficar, aprendera uma lição sobre os prazeres simples: não havia necessidade de correr para a meta. A maior parte da satisfação podia residir no percurso prolongado e lânguido.

– Para junto de quem vais a correr quando me deixas? – Embora fosse tipicamente um homem egoísta que raras vezes ponderava na situação das amantes, sentia-se invulgarmente curioso a respeito dela.

– Da minha família. Da minha mãe e da minha irmã mais nova, Jane. A minha mãe está doente e uma de nós tem de estar sempre com ela. Quando saio, a Jane fica a tratar dela e tem só onze anos.

Lembrou-se da conversa do agente imobiliário sobre o falecimento do pai dela, das difíceis condições financeiras em que se viu, mas, como habitualmente, não prestara muita atenção.

– São só as três?

– Sim.

– Como conseguem sobreviver?

– Eu trabalho, pateta. O que te parece?

– Em quê?

Sentando-se, fixou-o como se ele fosse um atrasado mental.

– Faço várias coisas. Trato dos doentes, atendo às necessidades dos moribundos, faço partos...

– Partos? – Ela era tão competente. Conseguia perfeitamente imaginá-la.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Tenho muitos talentos.

– Sem dúvida. – Percorreu-lhe as palmas das mãos com os polegares. Estavam calejadas, ásperas, as mãos de uma mulher trabalhadora, e o oposto completo das mãos suaves e macias das damas nobres com quem normalmente se relacionava.

– Detesto que trabalhes tanto.

– Porquê? Um pouco de suor e de trabalho nunca matou ninguém – replicou, beliscando-lhe o queixo. – Devias experimentar.

– Engraçadinha.

– Além disso, como comeríamos se não o fizesse?

Atirou casualmente ao ar a observação, como se trabalhar para arranjar

sustento fosse algo vulgar e insignificante, mas ele ficou muito perturbado com as palavras. Surgiram-lhe muitas respostas perigosas na ponta da língua. Respostas sobre como gostaria de ajudá-la, protegê-la, cuidar dela.

Uma oferta impulsiva de assistência financeira estava tão próxima de ser verbalizada que teve de a engolir, para não pronunciar um compromisso que não estava preparado para levar a efeito.

O impulso abruito assemelhava-se a um objeto tangível e sentiu-se assustado e confuso com a sua intensidade. Com uma amante problemática a atormentá-lo, não precisava de outra, portanto no que estava a pensar? Embora desejasse muitas coisas dela – companhia agradável, conversa animada e sexo fantástico – eram temporárias. Não estava disposto a meter-se numa ligação emocional, o que significava indubitavelmente que não se encontrava preparado para fazer uma promessa de apoio.

Estavam no começo de uma aventura breve e divertida e, quando acabasse, ele tinha uma vida excelente na cidade à qual se sentia entusiasmado para voltar. Emma não tinha, nem nunca teria, lugar ao seu lado na capital. Por Deus! Era uma benfeitora rural que ganhava a vida a servir de enfermeira aos doentes, uma salvadora dos oprimidos. Não poderia levá-la para Londres; os seus companheiros arrogantes, dissolutos e intolerantes iriam devorá-la.

Sacudiu a sua insanidade passageira, pegou-lhe nas mãos e pousou-as sobre o seu peito.

– Toca-me, Emma. – Guiou-a no traçado de círculos lânguidos. – Toca-me por toda a parte.

Pela primeira vez, ela não se opôs. Com dedos sedutores e esguios, desabotoou-lhe a camisa, começando no cimo e descendo ao cóis das calças, até conseguir meter a mão no interior para o acariciar. A sensação de pele contra pele foi tão dramática que se sentiu como atingido por um raio.

Emma procurou e depois inclinou-se e enterrou o nariz no tapete de pelos sedosos.

– Adoro o teu peito – disse.

– Serve-te à vontade.

Ela soltou uma risada maliciosa enquanto cheirava e dava pequenos golpes com a língua até chegar ao mamilo. Lambeu o botão endurecido, fazendo com que os músculos do estômago se lhe contraíssem e o membro latejasse, enquanto ela chupava e provocava, mordiscando-o com os dentes.

Aproximou-a mais de encontro ao corpo, incitando-a com elogios murmurados e ela aumentou a pressão até fazer com que ele quase não aguentasse a estimulação. Emma estava totalmente sintonizada com as suas reações e percebeu a sua necessidade de se recompor. Sentou-se, parecendo

maliciosa e experiente, como se conhecesse todos os segredos que os homens tentavam ocultar das mulheres e nunca conseguiam.

– Desejas-me, Wakefield?

Que coquete! Parecia tão casta, tão inocente, mas tinha uma irreverência que o punha louco, sempre que tinha a sorte de a trazer à tona.

– Sabes que sim. – Ela estava a rodar-lhe os mamilos, fazendo com que se contorcesse. – Despe-te.

– Não.

Recusara, mas ele começou mesmo assim a desabotoar-lhe a frente, apartou-lhe o corpete e fê-lo deslizar pelos ombros. Usou o mesmo método para a combinação que descaiu até à cintura, soltando e revelando os seios.

– Deus do céu! – exclamou com admiração. – Olha bem para ti!

Como uma virgem tímida, cruzou os braços sobre o peito. Ao observar a sua modéstia – totalmente obsoleta depois de terem chegado tão longe! – riu e afastou-lhe as mãos para ter uma visão desimpedida.

– Não me olhes assim.

– Emma, és tão bonita.

Extremamente ruborizada, lutou, tentando escapar-lhe e cobrir-se, mas ele não a deixou, e após uma breve luta, cedeu.

Até então, ele imaginara estupidamente que preferia mulheres voluptuosas, com seios fartos e pesados que serviam de um intrigante travesseiro após um jogo sexual lascivo, mas enganara-se.

Gostava deles mais pequenos, apenas com tamanho para lhe caberem nas mãos. Os dela eram perfeitos, pálidos e delicadamente arredondados com as auréolas de um rosa suave. Os bicos eram rijos e alongados e ele esfregou-os com os polegares, fazendo com que ela meneasse os quadris e se balançasse sobre o seu falo como tanto ansiara.

Puxou-a para baixo e, pela primeira vez, a parte superior do torso dela uniu-se ao dele, sem roupas que cobrissem a nudez de ambos. Prendendo-lhe as ancas, moveu-a para que os mamilos recebessem a carícia dos pelos viris. Baixando a cabeça, começou a chupar um dos bicos suculentos até sentir a sua tensão crescente.

Uma pequena batalha travava-se no seu íntimo. Mentalmente, não queria fazer isto com ele, mas fisicamente era incapaz de resistir. O seu corpo ansiava pelo que ele lhe prodigalizava e a parte física levava a melhor. Não conseguia evitar sucumbir.

A mão dele deslizou entre eles, até ao sexo dela. Estava tão excitada que nem se deu ao trabalho de subtilezas e avançou diretamente para o clítoris, ultrapassando os limites.

– John... – gemeu ela.

– Estou aqui – tranquilizou-a, agarrando-a enquanto ela subia ao sétimo céu.

O orgasmo superou o que ela atingira nos bosques – se tal era possível. O corpo tornou-se rígido, enquanto se retesava e contorcia tomado de uma poderosa excitação e subiu-lhe à garganta um grito de desespero. Ele sugou-lhe o som, não fosse um criado ouvi-la e suspeitar do que estavam realmente a fazer na sala trancada.

Quando ela desceu do pináculo, os músculos relaxaram, pesados de satisfação. Esticou-se, moldada ao corpo dele e perfeitamente ajustada. Tinha a altura certa, a cabeça aninhava-se sob o seu queixo e era torneada e flexível onde ele era liso e compacto. Parecia que tinha sido criada com ele em mente. Um acasalamento perfeito. Uma companheira ideal...

Escolha errada de palavras! Mexendo-se incomodado, especulou sobre o motivo por que sentimentos tão absurdos continuavam a invadi-lo sempre que estava com ela.

Se andava à procura de uma companheira, era apenas no sentido imediato e carnal. Apesar do clamor e das apostas das pessoas, ele não estava no mercado para arranjar uma noiva. Se assim fosse, podia ter casado com Caroline no espaço de tempo que demorava a redigir uma licença especial.

Quando por fim cedesse e tomasse uma decisão, a mulher que escolhesse seria totalmente diferente de Emma Fitzgerald. Escolheria uma mulher que estivesse exercitada para desempenhar o papel, que não lhe reprovasse os defeitos, que fingisse delicadamente que não tinha maus hábitos e que não tivesse uma pressa desmedida em transformá-lo num homem melhor.

Não se acorrentaria a uma mulher que estivesse permanentemente a censurá-lo, a apontar as suas falhas e a gritar com ele devido aos erros cometidos. Um homem ficaria louco se tentasse corresponder às elevadas expectativas de Emma.

Quando o beijo ardente terminou, ela tinha as faces vermelhas e o coração pulsava aceleradamente na base do pescoço.

– Como me fazes isto? – perguntou genuinamente surpreendida com a sua eficiência em levá-la ao orgasmo. Ele próprio estava admirado com a prontidão com que ela se rendia.

– És fácil – brincou e, no momento em que pronunciou a piada, lamentou. – Ela ficou paralisada, expressando um misto de horror e consternação.

Muitas vezes, parecia extremamente experiente em questões sexuais, mas em seguida o seu semblante mudava e assemelhava-se a uma virgem desconcertada. Sendo perita em jogos eróticos, aquela reticência era ridícula, não?

Era um enigma e ele não conseguia encontrar a solução para a sua

personalidade. Quem era a verdadeira Emma?

– Não é essa a minha intenção. A sério que não. – Sentia-se horrorizada com as suas tendências libidinosas e parecia acreditar que ele estava a denegri-la por as exhibir. – Tento controlar-me e eu...

– Chiu! – acalmou-a. – Estava a brincar.

– Não achas que sou uma libertina?

Bem, sim, mas dificilmente poderia dizê-lo. Não considerava necessariamente que um mínimo de devassidão fosse uma característica negativa numa mulher e gostava de cada osso corrupto e lascivo do seu corpo. Na verdade, se conseguisse imaginar uma forma de a levar a ultrapassar a luxúria para o estado de um abandono total, ficaria extasiado.

– Não, Emma. Não sejas ridícula.

– Se não sou uma libertina, então porque acontece tão rapidamente e tão, tão... – Era óbvio que a questão a perturbava frequentemente e ele levou-a a sério. Andavam em bicos de pés à volta do porquê de ela normalmente se controlar, quando as coisas estavam a tornar-se interessantes.

– Partilhamos uma afinidade, Em. Mas é bom que assim seja. Não te preocupes.

Ela assentiu hesitante.

– Qual é a causa?

– Não sei. É um dos grandes mistérios da vida. Somos compatíveis a nível físico, mas não há uma explicação para isso.

– É uma maldição.

– Ou uma bênção, dependendo do ponto de vista.

– Uma maldição – repetiu ela. – Indubitavelmente uma maldição.

Ele sorriu, em total desacordo. Fletiu as ancas e o seu volumoso e inchado falo arqueou-se, vincando que só ela tinha sido saciada.

Surpreendentemente, por uma vez, ela não tropeçou à procura da roupa e compondo freneticamente o cabelo para poder sair apressadamente como o fizera com regularidade nos dias anteriores.

Observava-o atentamente e parecia que tinha atravessado uma ponte emocional. Havia um brilho no olhar e um sorriso malicioso enrugou-lhe as faces, como se soubesse algo que ele ignorava.

– Quero ter-te nas minhas mãos – disse e agarrou no cóis das calças. – Na minha boca, também.

– Oh, meu Deus!

– Gostavas que o fizesse?

Apreciando os seus dedos esbeltos e habilidosos, e os lábios de rubi fazendo beicinho, recordou todos os lascivos e sensuais pormenores daquela tarde no seu

quarto, quando a atraíra no momento em que mergulhara nu na banheira. Ela lavara-o meticulosamente, passando um pano sobre a sua pele quente, as partes íntimas.

Com um mínimo de persuasão, impelira-o sem esforço até um perigoso nível de tensão e de excitação. Aquele encontro só implicara a mão dela. Ignorava como sobreviveria se ela o satisfizesse com aquela sua boca sensual e picante.

– Vais matar-me se puseres a tua boca em mim.

– A sério? – riu, humedecendo os lábios. – Vejamos.

Abriu o botão de cima das calças e baixou a cabeça.

E_{MMA} não parou porque não queria refletir nervosamente sobre o que estava prestes a fazer. Quando iniciara esta estúpida charada, tivera intenções tão nobres, sentira-se tão certa de que poderia conseguir arrancar o que desejava ao mundano visconde jogando e flirtando, mas a sua estratégia revelara-se um tremendo fracasso e o seu esquema saíra furado. Era tão impossível resistir-lhe aos seus avanços como impedir o sol de nascer.

Era mesmo idiota! Vivera uma aventura romântica com um rapaz aos dezassete anos e, por esse motivo, convencera-se de que tinha maturidade e sofisticação bastantes para competir com um libertino como John Clayton.

A atração que sentira pelo adolescente Charlie durante todos esses anos antes era tão morna que nem se atrevia a referir-se-lhe como excitação. Contrariamente, os seus sentimentos por Wakefield eram tão fortes e avassaladores que não entendia como podia esperar-se que os controlasse e ocorreu-lhe que era esse o motivo por que as jovens eram acompanhadas, vigiadas e aconselhadas quanto à sua virgindade.

Outros sabiam – não era esse o seu caso – que podia sentir-se um magnetismo tão intenso que não havia maneira de o controlar, que o desejo podia consumir indiscriminadamente, varrendo toda a sabedoria, cautela e discrição.

Melhor do que qualquer virgem em Inglaterra, ela entendia as consequências da relação sexual. Assistira ao nascimento de muitos bebés indesejados e não tinha ilusões sobre como haviam sido gerados. No entanto, apesar do seu conhecimento aprofundado, nesse preciso momento, com Wakefield seminu e ela isolada com ele onde ninguém viria a descobrir o que estavam a fazer, sentia-se disposta a avançar para qualquer final imprudente sem pensar nas consequências.

Não era de admirar que as mulheres se metessem regularmente em sarilhos!

Desde a tarde em que se haviam divertido na floresta que apenas fora capaz de se concentrar nele e no quanto ansiava por voltarem a precipitar-se na lascívia.

Não conseguia comer, não conseguia dormir enquanto refletia incessantemente em como tinha que evitá-lo a todo o custo. Porém, mesmo enquanto se repreendia, não conseguia manter-se afastada. Ele era uma estrela brilhante no seu universo monótono, um sol ofuscante para a sua lua opaca. A sua presença em Wakefield Manor trouxera emoção e alegria, onde somente existia pobreza e desespero e, por conseguinte, não podia proibir-se de o visitar.

Fazendo apelo a todas as forças, esforçara-se por mantê-lo à distância, por

dominar os seus próprios impulsos libidinosos. Nessa ocasião também havia planeado ser forte – verdadeira e genuinamente – mas quando ele a arrastou para a biblioteca, quando trancou a porta e os fechou lá dentro, a sua natureza lasciva viera à tona com um tal impacto que não conseguira sufocá-la.

Ele dissera que o que estavam a fazer não era errado, que ela não era depravada e sentiu-se aliviada pela pouca importância atribuída às suas tendências corruptas. A sua ânsia de devassidão rugia sob a superfície, atraindo-a para a imoralidade, persuadindo-a ao vício e ela estava prestes a libertar-se das correntes que a prendiam.

O orgasmo que ele lhe causara fora tão surpreendente que quase chorara ante a intensidade, e desejava oferecer-lhe alguma da mesma deslumbrante gratificação. Até então tinha conseguido esquivar-se aos seus pedidos de satisfação carnal, e ele mostrara-se gentil e paciente, mas agora deixara de o querer ver calmo e composto. Queria-o inquieto, impaciente e ansioso por se aventurar.

Deslizando, traçou um percurso ao longo do ventre, parando para lhe morder o umbigo e depois continuou até à parte da frente das calças, onde o seu membro se mostrava tão deliciosamente presente. Roçando-o através do tecido, mordeu, acariciou e apalpou e depois estendeu a mão para o botão superior e enfiou-a no buraco. Seguiu-se o seguinte e o outro, até a braguilha estar aberta e apenas necessitar de o empurrar de lado para o ter desnudado nas suas mãos, na sua boca.

Conseguiria fazê-lo?

Sabia que as mulheres costumavam executar esta prática indecente, tal como sabia que os homens a preferiam acima de tudo. Por conseguinte, Wakefield ficaria encantado com a sua falta de inibição. No que lhe dizia respeito não existiam limites para a sua conduta. Desejava saborear, tocar, cheirar, e sentia um louco entusiasmo por fazê-lo feliz.

O que significava isso? Quando é que a satisfação dele se tornara tão importante?

Até esse momento, tinha encarado a relação que os unia como uma exuberante maravilha, um lugar de diversão erótica na sua triste existência, mas, de repente, o prazer dele tornou-se vital e a sua capacidade de lhe ofertar satisfação e serenidade era primordial.

Isso era amor?

A ideia era aterradora.

Dado não ser propensa a deixar as coisas a meio, na eventualidade de se apaixonar pelo libertino, seria um mergulho total, completo e desprezível. Como era seu hábito, daria tudo a um homem com quem não tinha nada em comum,

que era rico e nobre e que regressaria a Londres assim que o seu trabalho na propriedade terminasse.

Nunca mais o veria, nunca mais ouviria falar dele e seria deixada para trás, desamparada e devastada por ter de seguir em frente sem ele.

Se perdesse o coração, como se aguentaria?

O risco de sucumbir era terrível. Precisava de ser coerente quanto às prioridades estabelecidas, concentrar-se no que poderia realizar e lembrar-se do que lhe estava vedado. O seu acordo com Wakefield tinha sido feito com o único objetivo de ajudar os seus vizinhos. O que quer que acontecesse em privado era transitório e desligado dos seus propósitos mais elevados.

Ela esperara deliciar-se com alguma da sua maravilhosa atenção amorosa e ele proporcionara-lhe a oportunidade perfeita para se deleitar, mas não podia esquecer-se de que se tratava apenas de uma brincadeira travessa, uma aventura passageira e não passaria disso. Ninguém – exceto ela – alguma vez conheceria os seus sentimentos nem a recordação lasciva que permaneceria muito depois da sua partida!

Deslizando os dedos, empurrou o tecido das calças e o membro ressaltou, estendido para ela. Vermelho e latejante, com o sangue a pulsar nas veias entrelaçadas, parecia raivoso, vivo, com vontade própria e exigia atenção, manuseamento, saciedade.

Entrelaçou os dedos nos pelos hirsutos que aninhavam a sua ereção. Eram mais ásperos e escuros do que o seu cabelo louro e enterrou o nariz no meio, roçando a face na parte inferior do abdómen. Cada movimento subtil fazia-o estremecer, os músculos do estômago contraíam-se, enquanto aguentava a sua exploração, mas ela não o acariciava onde mais precisava.

Por fim, sentiu pena, segurou-o no punho, massajando o polegar sobre a parte sensível e ele emitiu um silvo. Apertando-o com força, flexionou e pressionou, mas tinha os movimentos muito condicionados e faltava-lhe espaço para o satisfazer como desejava.

Puxou-lhe as calças para baixo a fim de poder observar o comprimento do seu falo com os dois sacos pendentes por baixo, colocou-o na palma da mão e depois inclinou-se. Começou a lambê-lo a base da sua haste distendida e avançou para a coroa.

Como era a primeira vez que executava a proeza, não sabia muito bem como prosseguir, mas deitou-se vivazmente à tarefa, deixando-se conduzir por Wakefield. A avaliar pelas suas reações, podia deduzir o que mais lhe agradava e a cada minuto que passava ele ficou mais retesado, o corpo tenso, o falo rijo.

Que poder tinha sobre ele! Estava à sua mercê. Como era fantástico dominar e subjugar o malvado patife.

Ao chegar à ponta, lambeu o seu suco sexual. Sabia tão bem e a sua essência tentava-a a alto nível, fazendo-a ansiar de desejo. Tinha os mamilos duros e a precisar de manipulação e estava molhada e a latejar entre as pernas. Queria engoli-lo inteiro, levá-lo para dentro de si e fundir-se eternamente com ele.

Ergueu os olhos para o torso elegante e ele estava a fitá-la com um brilho que seduzia e provocava. Só havia ele, a sala tranquila e a expectativa magnífica do que estava prestes a acontecer.

– Quero conhecer-te assim – disse ela.

– Tens a certeza, amor?

A palavra carinhosa deslizou e, por ser tão perigosa, ela tentou fingir que ele não a pronunciara. A palavra despoletou uma revoada de borboletas no seu estômago. Soltaram-se em cascata, invadindo as suas extremidades nervosas, confundindo-a, abalando-a.

Mil perguntas frenéticas invadiram-lhe a mente: porque dissera aquilo? O que pretendia significar? Tratava-se apenas de uma denominação que ele expressava impetuosamente a qualquer mulher com ousadia bastante para se deitar com ele? Ou – um pensamento mais sinistro! – expressara-o por estar a criar sentimentos profundos por ela?

E se assim fosse?

A ideia era tão absurda e tão excêntrica que não podia dar-lhe crédito. Um vincado afeto da parte dele era impossível, inconcebível e, no entanto, achou o conceito extraordinário e conseguiu imaginar-se a esvair naquela palavra, a desejar tão freneticamente que fosse verdadeira, que ficou louca com a magnitude do seu desejo.

Ignorando a sua gravidade, recusou atribuir-lhe qualquer importância. Havia uma única coisa que ele queria dela, uma única coisa com interesse que ela tinha para ofertar. Era o seu corpo e ardia de desejo para o partilhar com ele. A relação sexual era o único motivo por trás da sua ligação e tinha de se acautelar para não permitir que o seu coração solitário vagueasse para o caminho errado.

– Sim, tenho a certeza – respondeu.

– Estou tão duro para ti. Não sei se consigo abrandar ou conter-me.

– Não pares por minha causa. – Tencionava apreciar cada faceta decadente e depravada da manobra. – Quero que seja espetacular para ti.

– Podes estar certa de que será. – Acomodou-se nas almofadas. – Independentemente de como correr.

A posição colocou o pénis mesmo por baixo da sua boca, e ela roçou a extremidade, abriu a boca e recebeu-o. Ele começou logo a empurrar, sem lhe permitir que se ajustasse. Obviamente estava habituado ao ato, à sua crueza e ignorava que ela não se envolvera anteriormente na proeza lasciva.

Não restringiu as suas tendências mais baixas, não prestou atenção à sua inexperiência, mas Emma não podia culpá-lo. Desde que se tinham conhecido que se portara como uma devassa e não fizera nada para lhe fornecer uma opinião mais elevada sobre o seu caráter.

Absurdamente, tinha antecipado algo mundano e calmo, educado e civilizado. Mas como acontecia permanentemente nos seus encontros com Wakefield, surpreendeu-a até que ponto a realidade diferia das suas fantasias. A aventura era diferente do que imaginara, mais grosseira, turbulenta e imprópria.

Embora tivesse vergonha de admiti-lo, ela tinha inúmeras facetas devassas na sua personalidade e aquela indecência apelava cada uma e todas em simultâneo. Deliciou-se com a aventura, saboreando aquela situação reduzida aos elementos mais crus: a sua boca e o membro dele.

John rolou para o lado e ela foi atrás, aninhando-se no espaço entre o seu torso e o sofá. Agarrando-lhe na cabeça, ele colocou uma perna por cima dela, aproximando-a para que pudesse obter o máximo prazer. Ao aproximar-se do clímax, estava pronto a libertar-se e ela apoiou-se, ponderando em como ele se viria, como se sentiria, qual o sabor do seu sêmen.

Como ela sobreviveria à provação!

Não tinha muitas certezas de como proceder e não era o momento para fazer uma pausa e perguntar. Dado ter desempenhado lindamente o papel de devassa, ele deveria imaginar que era experiente na conclusão.

No último segundo, desenfiou-se, agarrou-a e tentou puxá-la para cima do peito. Ela ignorava o que ele pretendia, mas suspeitou que implicava a perda da sua virgindade.

Parou e serviu-se do seu peso e da posição para o impedir de colocá-la onde poderia terminar de uma maneira que ela não estava preparada para tentar.

– Preciso de me vir, Emma. Agora.

– Na minha boca, John.

– Receio magoar-te.

– Não o farás.

Fitaram-se e uma batalha de vontades resultou. Ela estava desesperada para satisfazê-lo, para aprender como seria o assombroso acontecimento. Começou a lambê-lo com a língua, fazendo-o gemer.

– Em... – Tentou dissuadi-la, mas sem muita veemência. – ...para.

– Deixa-me fazer isto por ti – disse com um sorriso hesitante e uma súplica nos olhos castanhos – Por favor?

– Oh, meu Deus... da maneira que olhas para mim...

Deixou-se cair nas almofadas e, tomando o movimento como aquiescência, ela guiou-o até aos seus lábios enquanto ele murmurava um comentário que se

assemelhava a «Desejava que a primeira vez fosse diferente», mas encontrava-se para além da razão.

Rapidamente, foi dominado pelo desejo e algumas lambidelas atraíram-no para o precipício. Estremeceu e depois veio-se num jorro poderoso. Um gemido assustador saiu-lhe do peito e ecoou na sala. Veio-se, salgado e escaldante na sua garganta e ela recebeu tudo o que lhe ofertou, enternecida por lhe ter dado a oportunidade, que a tivesse deixado ser a única.

Uma eternidade lasciva passou antes que o seu clímax se desvanecesse. O corpo relaxou e ele retirou-se. Os pulmões soltaram uma lufada de ar como se se tivesse esvaziado após o fatigante esforço.

Durante muito tempo ela manteve-se imóvel, desfrutando o rescaldo, especulando sobre o que ocorreria a seguir, o que diriam, como agiriam. Por fim, ele estendeu a mão e acariciou-lhe o cabelo.

– Vem cá – ordenou suavemente.

Sem vacilar, ela obedeceu, subindo ao longo do corpo até se estender sobre ele. Cerrou os punhos e apoiou o queixo nas mãos, observando-o enquanto ele a fitava pensativamente.

John parecia extremamente jovem e inocente. Todo o cinismo e a dureza haviam desaparecido naquele momento; parecia sem dúvida perplexo pela atração mútua que brotara, sem saber como explicar a força da sua afinidade. Procurava respostas para lhe dar, como se ela fosse um grande mistério que tentava resolver, ou precisasse saber o que a fazia vibrar. Ou talvez quisesse comentar sobre o que tinham acabado de fazer, mas não conseguisse verbalizar as suas impressões.

Também ela não conseguia. O episódio fora surpreendente, incrível, mais sublime do que alguma vez poderia ter sonhado antes de começarem, mas tal afirmação ainda a tornaria mais semelhante à dissoluta que ele acreditava que fosse. Também não podia mencionar, sem parecer absolutamente imoral, que estava ansiosa por uma repetição.

Cada um imerso nos seus pensamentos, fitavam-se, com os lábios muito próximos, os corpos fundidos, os corações batendo como um só.

– Estás bem? – perguntou ele finalmente.

– Sim. E tu?

– Continuo vivo – brincou, referindo-se à piada que fizera antes de começarem relativamente ao efeito drástico que poderia ter na sua mortalidade.

– Não te matei? – troçou ela.

– Sobrevivi bem.

– Sinto-me aliviada por seres um homem tão saudável. Não poderia explicar racionalmente a tua morte abruta a Rutherford.

Emma esboçou um sorriso de orelha a orelha e, sentindo-se alegre e eufórico, também ele sorriu. Agarrou-a pelo traseiro e levantou-a até poder iniciar um beijo suave. Aprofundou-o com a língua e gemeu de deleite.

– Adoro o sabor do meu sexo na tua boca. É como se fosses feita para mim.

– Gostei do que fizemos – confessou ela timidamente.

– Também eu – disse ele com um arquear das sobrancelhas.

– Vamos experimentar outra vez – sugeriu ela num impulso, antes de poder cumprir a decisão de se esgueirar.

– Dá-me um minuto, minha pequena devassa – reagiu ele alegremente, dando-lhe uma palmada no traseiro. – Preciso de recuperar o fôlego.

– Não quero esperar.

– Bem, mas vai ter de ser.

Fez rodar os corpos para que ele ficasse deitado contra as costas do sofá e ela em conchinha. John tinha a parte da frente encostada ao seu traseiro e os dedos travessos percorreram a cintura e em seguida deslizaram e rodearam-lhe os seios. Embora se sentisse perplexa com a sua reação, ficou excitada, apenas pelo facto de lhe provocar o orgasmo.

Tinha os mamilos endurecidos e prontos para a estimulação; mexia-se e contorcia-se, ansiosa que ele pressionasse, que desse os passos que os levariam novamente a percorrer a estrada da paixão, mas ele estava satisfeito por repousar.

Mal havia espaço para os dois e ela aproximou-se mais, saboreando a união dos corpos, a sua pele quente contra a dela, o peito subindo e descendo.

– Quero que me visites à noite – disse ele – para poderes ficar comigo. Na minha cama, lá em cima.

– Nunca poderia. – Mas no preciso instante em que recusou o seu convite, a mente começou a rodopiar com inúmeros cenários sobre a forma de conseguir realizá-lo, de ocultar a sua presença prolongada na mansão e evitar que dessem pela sua falta em casa.

– Faz isso por mim.

Emma suspirou.

– Tentas-me para lá dos meus limites.

– Ótimo.

Um silêncio amigável pairou na sala e ele quebrou-o:

– Detesto os teus vestidos.

– És tão lisonjeiro, John – reagiu, dando-lhe uma cotovelada nas costelas. – Aposto que as damas de Londres não resistem a essa tua língua prateada.

– Gosto quando me chamas John.

– Eu sei. É por isso que não o faço. Levas sempre a água ao teu moinho. És demasiado mimado.

– Quero comprar-te algumas roupas novas.
– Nem pensar.
– Gostava de te ver de vermelho. Ou talvez de azul-celeste. – Acariciou-lhe o cabelo, o braço. – Deixa que o faça.

– Onde é que usaria um vestido elegante? Além disso – prosseguiu, espreitando-o por cima do ombro –, se começares a comprar-me roupa, surgiria provavelmente a ideia de que estavas a pagar por passar tempo contigo. Daria um toque vulgar à nossa amizade.

– Oh, Em! Não era essa a minha intenção.

– Mas era assim que o entenderia.

Analizando-a, lutou para entender a sua posição. Não havia dúvida de que lhe era estranha. Tinha oferecido presentes caros a muitas mulheres na sua vida e poucas o haviam recusado. Por fim, rodeou-a com os braços, beijando-lhe o cabelo.

– Presumo – resmungou entredentes – que se te comprar um vestido, farás com que me sinta culpado por ter dinheiro bastante para poder adquiri-lo.

– É muito provável – anuiu ela com uma risada. – Estás a conhecer-me muito bem.

John também riu e em seguida bocejou.

– Fazes-me feliz.

O coração dela bateu com mais força. Que sentimento divino e perigoso! Havia dúzias de suaves e meigos comentários com que poderia responder, mas engoliu-os, receosa de os pronunciar. Ele não desejaria ouvir qualquer idiotice a que não iria corresponder.

Se desse provas de uma emoção inadequada, ele poderia ficar preocupado com o seu grau de emoção; poderia recusar voltar a encontrar-se com ela. Emma passara a considerar aqueles encontros como a única coisa que a mantinha viva no escuro da noite quando o desespero ameaçava dominá-la. A relação de ambos terminaria em breve e não precisava de apressar a separação com uma declaração tola e insípida de afeto indevido.

Fechou os olhos e colocou a declaração a salvo, decorando o tom exato em que ele a pronunciara para que jamais a esquecesse. Aconchegou-se ao seu corpo, desfrutando do calor e do conforto, de como se sentia segura e protegida nos seus braços.

A respiração dele estabilizou-se, abrandou e, pouco depois, começou a rressonar levemente. Aguardou uns minutos e esgueirou-se do sofá. Silenciosamente, abotoou o vestido, atou o cabelo e pegou no chapéu. Havia uma coberta de lã numa cadeira junto à lareira e tapou-o, mas ele nem se mexeu.

Examinando cada pequeno detalhe, observou-o e pareceu-lhe tão calmo.

Ansiava por se inclinar e dar-lhe um beijo de despedida, mas receou despertá-lo e que ele não a deixasse partir embora, verdade seja dita, não usaria muita energia para se escapar, se a persuadissem meigamente a ficar. Adoraria ficar ao seu lado para sempre, apreciar com ele a vida fácil de riqueza e de prosperidade.

Sacudindo a cabeça devido ao pensamento absurdo, saiu em bicos dos pés.

No preciso momento em que ia a transpor a porta da frente, o irmão apareceu praticamente vindo do nada. Além daquela primeira tarde horrível, em que ele servira de testemunha enquanto ela e John haviam negociado o acordo, raramente se cruzara com ele. Não questionara John sobre Clayton ou a relação que os unia e não sabia muito bem o que fazer agora.

Ele examinava-a como se a tivesse apanhado a fazer algo indevido – o que sem dúvida correspondia à verdade! – e desejou conseguir desaparecer como por magia.

– Boa tarde, menina Fitzgerald – saudou ele cordialmente. – Não sabia que estava cá. O que a traz à mansão?

– Tenho estado a trabalhar com Wakefield nas finanças da propriedade. – Não tinha o mínimo jeito para mentir e corou até à raiz dos cabelos.

– A sério? – Pelo teor da pergunta, era óbvio que não acreditava nela. – Não estava informado de que ele tivesse procurado a sua ajuda.

– É verdade – contrapôs com demasiado ardor. – Temos estado a discutir soluções menos dramáticas do que o despejo.

– Por acaso não vai continuar com aquele ridículo acordo que os dois me obrigaram a escrever?

– Não – respondeu num tom trocista. – Não.

– Na verdade, avisei-o de que, se o concretizasse, teria de responder perante mim.

Emma engoliu em seco.

– Ah, sim?

– Sim.

– Bem – começou, esforçando-se por adotar um tom leviano –, ainda nos rimos por esse motivo e em seguida passámos ao trabalho.

Ele pousou uma mão reconfortante no seu braço e disse:

– Pode confiar em mim, se precisar da minha ajuda.

Inúmeros pensamentos frenéticos invadiram-na. O que realmente *sabia* sobre John Clayton? Se o próprio irmão o considerava capaz de um comportamento nefasto, talvez a sua intuição, por norma arguta, tivesse falhado e ela não o conhecesse.

– Não preciso de ajuda – venceu. – Somos amigos.

– Amigos? Hum... – Rolou a palavra na boca, como se fosse um novo sabor

que nunca experimentara. – Não sabia que John tinha amigos do sexo feminino.

– Bem, há uma primeira vez para tudo, não é verdade?

– Onde está ele?

– Ele... ah... adormeceu na biblioteca.

– Adormeceu?

A confissão da sesta repentina foi estúpida e apeteceu-lhe dar um pontapé a si própria. Se ela e Wakefield tivessem tido um encontro para tratar de assuntos fiscais como alegara, porque teria adormecido a meio? Tinha muitos defeitos, mas nem mesmo *ele* era assim tão grosseiro.

Clayton avaliou-a meticulosamente e Emma examinou o vestido, interrogando-se se deixara um botão desapertado ou uma liga saída, mas aparentemente estava tudo em ordem.

– Estava muito cansado – retorquiu num tom pouco convincente.

– Certamente devia estar.

A sua estupidez estava apenas a piorar as coisas e tinha de escapar antes de dizer algo pior.

– Lamento, mas estou atrasada para outro compromisso. Tenho de ir embora.

– Faça favor – anuiu delicadamente e indo abrir a porta. – Não quero detê-la.

Ao sair, incitou-se a caminhar com passo firme e regular, mas o olhar dele fixou-se nas suas costas como a lâmina de um punhal.

Quando chegou à esquina da mansão, apressou-se a sair do seu campo de visão, correndo na direção da floresta e da segurança de casa.

CAROLINE FOSTER espreitou pela janela da carruagem que seguia pela estrada sinuosa na direção de Wakefield Manor. Dado ser a primeira vez que visitava a propriedade, examinou criticamente os jardins, memorizando todos os pormenores para que, quando voltasse a Londres, se recordasse do que tinha visto.

Sabia tudo o que havia para saber sobre os bens de Wakefield, tendo analisado exaustivamente as informações disponíveis, mas a leitura sobre a área em papel não podia fornecer-lhe o tipo crucial de pormenor dado por uma inspeção presencial.

Poderia citar com entusiasmo o número de empregados, o rendimento anual dos arrendatários, a quantidade de trigo, de cevada e de outras culturas produzidas nos campos. Quando casasse com John e se tornasse viscondessa, a extensa propriedade seria uma de muitas sobre as quais teriam domínio e, por conseguinte, fizera questão de se encontrar plenamente informada das especificações antes da chegada do dia auspicioso.

O seu papel iminente era assustador e ansiava que John tivesse orgulho nela. Durante muitos anos, esperara fielmente que se decidisse que estava pronto para casar e, quando por fim concordasse, e percorressem a igreja, queria que se sentisse contente por haver cedido ao inevitável.

Seria a melhor viscondessa de todos os tempos!

O seu futuro sempre implicara o casamento com o herdeiro de Wakefield. Os seus avós e os seus pais tinham desejado a aliança, bem como o falecido visconde, Douglas Clayton. Os seus planos haviam sido gravados em pedra quando Caroline era uma bebé de berço.

Originalmente, tinha sido destinada ao irmão mais velho de John, James. Mas ele morrera e, com esse falecimento, obtivera um noivo diferente. Na verdade, a modificação não a afetara. Era tão jovem e o conceito de marido situava-se a tão grande distância que um ou outro dos irmãos não faria diferença.

Tudo isso acontecera há muito tempo e mal se recordava de James, parecendo assim que fora destinada a casar com John e que nunca tinha havido qualquer herdeiro de Wakefield, exceto ele.

Ele nunca lho dissera, mas suspeitava ligeiramente que lhe desagradava que ela tivesse sido primeiro a prometida do irmão. Não haviam discutido a sua opinião – não era tão grosseira que fosse levantar o tópico! – mas era atormentada pela percepção de que ele sentia como se não tivesse sido a sua

primeira escolha, que a conquistara por exclusão.

Interrogava-se muitas vezes se não era esse o motivo que o impedia de se declarar. John esforçava-se diligentemente por se afastar da imagem de James e ofendia-se sempre que havia a menor indicação de que deveria seguir os passos de James. Se alguém fosse suficientemente idiota para o aconselhar sobre como deveria aproximar-se mais da conduta de James, fazia exatamente o contrário da sugestão.

Podia mostrar-se excecionalmente contra e, assim, ela fingia que a reticência a dar o nó se devia apenas à sua natureza obstinada e não – Deus nos livre! – a quaisquer sentimentos que pudesse acalentar a seu respeito.

Estando a propriedade do seu pai adjacente a uma das dos Wakefield, crescera ao lado de John, encarando-o como uma espécie de irmão mais velho afetuoso. Embora ele fosse seis anos mais velho, conviviam frequentemente. Mesmo em adulto, depois de ele se ter estabelecido em Londres, haviam-se cruzado em inúmeros eventos.

Eram tão chegados que até se tinham sentado no mesmo banco na igreja durante o funeral de James!

Ela compreendia as suas forças e fraquezas, as suas tendências e falhas, e estava certa de que o seu porte tranquilo compensaria e complementaria a inclinação dele pela vida aventureira e pela libertinagem. Eram amigos e, como a mãe não se cansava de dizer, a sua familiaridade seria o alicerce de uma firme aliança – caso John conseguisse ultrapassar as reservas que o impediam de tomar uma decisão.

Outros pensavam que era louca em insistir – afinal, acabara de fazer vinte e quatro anos! – mas mantinha-se fiel ao seu dever e não se dispunha a esquivar-se às suas responsabilidades, embora no íntimo admitisse que se sentia irritada pela sua falta de iniciativa. Abdicara de muita coisa para ser sua noiva. À medida que os anos passavam sem grande celebração, tinha aguentado troça e zombaria e, embora tentasse corajosamente ignorar as farpas, o escárnio magoava.

As pessoas riam-se dela nas suas costas, chamando-lhe idiota, marioneta, alegando que tinha destruído a vida ao aliar-se a John. Se ele finalmente recusasse casar com ela, não sabia como iria reagir. Era uma solteirona apenas porque apostara nele, sem duvidar – como os pais insistiam permanentemente – de que assentaria e faria o que era correto. Se ele acabasse por hesitar, ela morreria!

Apesar das advertências da mãe, tinha a certeza de que poderia mudá-lo, controlar as suas tendências extravagantes e torná-lo um homem melhor. Poderia ser um marido apropriado, embora distante do romântico sedutor que ela fantasiara na juventude.

Certamente gostava dele, apesar das suas inúmeras fraquezas e tendência à libertinagem. Era amável, educado, familiar.

Se esporadicamente desejasse que lhe fizesse acelerar o coração, que a olhasse com o fogo viril do desejo, que a arrastasse para uma vida plena de paixão e de agitação, afastava a ideia. Levariam uma existência sólida, baseada nos princípios de obrigação para com a família e o país, e era imprudente desejar o que nunca se viria a concretizar.

A carruagem dobrou uma esquina, saindo do bosque, e ela conseguiu vislumbrar a mansão. Era bonita, situada no cimo de uma colina e as janelas brilhavam com o sol da tarde. Um estremecimento de antecipação e inquietação percorreu-lhe a espinha.

Não tinha escrito a informar John da sua visita e ele ficaria surpreendido. Ela nunca fazia nada de inesperado, nunca quebrava uma regra nem se comportava impetuosamente; assim, não poderia explicar o que a motivava.

Havia obviamente a necessidade de que John a considerasse espontânea – muitas vezes provocava-a por ser tão reprimida – mas a mensagem anónima que recebera também tivera influência na sua resolução de se deslocar a Wakefield.

John gostava de mulheres promíscuas, uma tendência que a mãe lhe expusera em pormenor, e não tinha ilusões quanto ao tipo de casamento que a esperava: com John por marido, teria de fingir ingenuidade enquanto ele convivía com as Jezabéis do mundo.

Caroline não compreendeu os pormenores sórdidos, mas a mãe tinha insinuado que mulheres das classes mais baixas forneceria a John um entretenimento que ela – como filha de um conde – não poderia ofertar. Embora essa declaração incompreensível e implícita fosse desagradável, partira do princípio que a aceitaria, mas ao saber da sua atual parceira sentira-se frustrada.

A meretriz proporcionar-lhe-ia mais um pretexto para se esquivar ao matrimónio e, embora se esforçasse corajosamente por ocultar a sua amargura, sentia-se impaciente.

Quando o pai dele falecera, os seus pais tinham-lhe prometido que, devido ao peso do título sobre os ombros, John satisfaria os requisitos, mas há meses que ela esperava uma proposta! A carta anónima incitara-a e não estava disposta a permanecer em Londres quando o seu destino estava uma vez mais a estagnar.

Mandaria a coquete fazer as malas e teria John só para si durante uma semana! Um convívio isolado seria capaz de operar milagres na relação de ambos!

Os pais de Caroline estavam na Escócia e a sua ausência dera-lhe a oportunidade perfeita para fazer a viagem furtiva, sem os conselhos de ninguém. Usaria cada segundo para lembrar John de como estariam bem juntos. A sua procrastinação estava prestes a chegar ao fim!

A carruagem parou na frente da mansão e ela continuou a espreitar lá para fora enquanto os cocheiros realizavam as suas tarefas. Eventualmente, a porta abriu-se, foi colocado o degrau e ela saiu. Com um nó no estômago, alisou as rugas de ansiedade da testa e aprontou um sorriso sereno.

John ficaria encantado ao vê-la! Não contemplaria nenhuma outra possibilidade!

Rutherford veio recebê-la e preparou-se para se lhe dirigir, ansiosa para ser anunciada, quando viu o seu reflexo num vidro da janela. À exceção de uns vincos na saia, ficou aliviada ao notar que parecia imaculada.

Tinha o cabelo louro apanhado ao alto e os olhos azuis e a boca sedutora acentuados com um revestimento delicado de tintas faciais. Optara por um vestido de cor creme que ressaltava a suavidade da pele pálida. Esbelta, formosa, rica, uma aristocrata privilegiada prestes a visitar o noivo, entrou ousadamente na casa como se já lhe pertencesse.

Extremamente satisfeita girou sobre os calcanhares, dando de caras com Ian Clayton.

Quando saíra da cidade com uma pressa vertiginosa, não estava a par de que Clayton também se encontrava na propriedade, quando era algo que deveria ter calculado. Ele e John eram como unha e carne e para onde um seguia, o outro ia atrás. Era uma realidade que a incomodava e vexava.

Os irmãos eram invulgarmente ligados e, com toda a probabilidade, desejaria a presença de Clayton no casamento. Até poderia convidá-lo para seu padrinho! Como lhe diria que não?

Depois das núpcias, a dupla prosseguiria com a sua associação, o que incluiria a movimentação livre do meio-irmão pela residência familiar. O facto de ele ter vivido na mesma casa durante a década anterior era algo que não levava em conta. Ela seria uma noiva que deveria ter permissão para escolher quem seria bem-vindo sob o seu teto, mas como é que uma esposa mencionava tal queixa ao marido? Como lhe confessaria que o seu meio-irmão a aterrorizava?

Quando se encontrava por perto de Clayton não sabia o que fazer ou o que dizer. Parecendo-lhe de uma imensa estatura, intimidava-a o que era uma idiotice. Era da mesma altura do John mas, pela forma como se pavoneava, parecia mais alto. Assemelhavam-se bastante como... irmãos mas, enquanto as feições de John eram belas e angelicais, as dele eram ásperas e indomáveis.

– Que surpresa! – exclamou num tom sarcástico. – Não é mesmo *lady* Caroline?

Vincou propositadamente o título para a enraivecer e, em silêncio e furiosa, fulminou-o com o olhar. Embora tentasse evitá-lo, havia momentos – como aquele – em que o confronto era inevitável. Ele fazia com que se sentisse inepta,

insignificante, como se fosse convencida e superficial, e a sua atitude acerba irritava-a.

Era muito simpática para os que mereciam a sua delicadeza, o que não era obviamente o caso de Clayton! Nem por uma questão de berço, nem de conduta era digno de qualquer atenção.

– Informou John da sua vinda? – Inclinou-se, tentando assustá-la com a sua proximidade e foi bem-sucedido. A sua pulsação aumentou, as narinas abriram-se e os músculos do estômago contraíram-se.

Por alguma razão, quando ele estava perto, os seus sentidos agudizavam-se. Consequia sentir o cheiro do sabonete com que se lavara, o aroma do tabaco imbuído no casaco, distinguia o calor que emanava do seu torso esbelto. Não conseguia entender porque a enervava, mas não estava disposta a ponderar sobre esta sensibilidade peculiar.

Ignorando-o, virou-se para o mordomo, despindo a capa e estendendo-a.

– Trata-se, por conseguinte, de uma visita de surpresa, certo? – disse num tom de censura ao ver que ela não respondia. – Bem, John vai ficar sem dúvida *surpreendido*.

Ela não se dispôs a tentar interpretar a ênfase colocada na palavra «surpreendido». Podia ter qualquer significado e não tentaria decifrá-lo.

Ele examinou-a com os seus argutos olhos azuis, e ela sufocou um arrepio, sem querer que ele percebesse como lhe tirava completamente o tapete debaixo dos pés. Enquanto a observava dos pés à cabeça, a sua grosseria era insuportável e desviou o olhar, recusando prestar-lhe qualquer atenção.

– O que dirá o *papá* ao descobrir que saiu sem avisar?

– Rutherford – dirigiu-se ela ao mordomo –, conduza-me ao salão. É lá que vou esperar por John. Não me interessa a conversa aqui na entrada.

– Oh! – zombou Clayton. – Um ataque direto, *milady*. – Com um gesto dramático pousou a mão no coração como se ela o tivesse magoado, o que nunca aconteceria. Ele era feito de aço. Em seguida, prosseguiu com um falso civismo: – Eu acompanho-a, Rutherford. Pode sair.

O mordomo fez uma vénia à óbvia autoridade de Clayton, indubitavelmente superior à dela, e afastou-se, deixando-a a sós com o desagradável imbecil e mais enraivecida do que alguma vez se sentira.

No momento seguinte, avaliaram-se no papel de dois combatentes de uma guerra não declarada. A sua escaldante concentração pairou sobre ela e penetrou-a até ao mais fundo da alma, levando-a a mexer-se, incomodada com a assustadora sensação de que ele desenterrara cada um dos seus mínimos segredos.

Por fim, quebrou o silêncio tenso:

– Muito obrigada, mas sei onde fica o salão.
– Deixe de ser tão snobe – reagiu ele com um esgar.
– Eu? – Surpreendida com a observação indelicada, esclareceu-o asperamente:
– Fique sabendo que sou considerada uma pessoa bastante gentil quando estou com uma companhia *agradável*.

– Não – contrapôs ele. – É uma snobe em todos os sentidos. E esforça-se por ser uma... – Controlou-se antes de ter pronunciado o que quer que a considerasse.

– Uma quê? – desafiou-o num tom petulante.

– Não interessa – respondeu ele com arrogância, voltando a enfurecê-la. Detestava quando os homens a tratavam como se não fosse sua igual, como se fosse delicada, frágil ou, pior ainda, estúpida.

– Sou incapaz de suportar o seu comportamento grosseiro. Agora, se me desculpar... – Ele estava absolutamente determinado a instigar um debate verbal, mas ela não lhe fez a vontade. Tentou escapar-se, mas Clayton fizera um movimento que lhe impediu eficientemente a retirada.

Ela enfureceu-se. Embora não conseguisse imaginar o motivo, ele pretendia atormentá-la. Sim, tinha-o insultado naquela horrível ocasião, mas fora há muitos anos quando, de uma forma impulsiva e imatura, fizera um comentário indecoroso sobre a sua linhagem, bem como sobre os possíveis e desonestos incentivos financeiros que podiam tê-lo levado a partilhar casa com John.

Dado que tinha pronunciado as insinuações num tom demasiado elevado, um criado tinha ouvido e informado John. Por conseguinte, tivera de pedir desculpa para que ele não pensasse que tinha mau feitio.

A obrigatoriedade dessa satisfação deixara-lhe um gosto amargo e, embora Clayton tivesse aceitado as suas desculpas, ficara com a impressão de que verdadeiramente não lhe perdoara.

Ele aproximou-se mais e as biqueiras das botas desapareceram sob a bainha do vestido.

– John não ficará satisfeito ao vê-la aqui.

Como é que ele se atrevia a dar a sua opinião!

– Não entendo como pode pensar que a minha visita é da sua conta.

– Tudo o que acontece na vida de John é da *minha* conta. – Olhou-a como se ela fosse uma idiota. – Não devia ter vindo. Ele ficará incomodado.

– Vou arriscar – reagiu por entre os dentes cerrados. Não se explicaria de forma alguma, sobretudo quando se sentia tão excitada por se ter metido numa aventura. Não permitiria que Clayton a estragasse!

– Porque insiste? – perguntou ele de uma forma súbita e veemente.

– Em quê?

– Em perseguir o meu irmão. Ele não é digno disso e não a merece.

Caroline tinha várias observações cortantes na ponta da língua e ansiava com todos os poros do corpo lançá-las e fazê-lo sentir a sua ira afiada. Por uma única vez, gostaria de deitar por terra a sua postura e pisá-la. Deleitar-se-ia com a perspectiva de censurar aquele homem impertinente e mal-educado, permitir que a sua personalidade vivaz e cuidadosamente reprimida viesse à tona.

Felizmente, o oportuno aparecimento de John no corredor impediu-a de fazer uma cena. Acalmou-se bruscamente e adotou a pose tranquila pela qual era conhecida e Clayton, velhaco como era, reconheceu como ela se controlava rapidamente para que John não se apercesse da sua fúria.

Enquanto ela fervia, ele soltou uma risada e ela desprezou-o, uma tática em que era exímia, focando-se em John e percebendo de imediato que a incômoda carta fora exata.

John fazia-se acompanhar de uma mulher magra, bastante vulgar. Usava um vestido preto sem graça, um chapéu de palha e uma capa no fio. Caminhavam de braço dado, conversando como se fossem amigos de peito e ele sorria-lhe de uma forma que nunca se manifestava quando estava com Caroline. Embora se tivesse convencido de que o amor e o afeto não se alcançavam mediante o casamento, o facto de ele os demonstrar a outra mulher apunhalou a sua autoestima como uma facada e fez vir à tona os seus latentes instintos competitivos.

Aproximaram-se sem darem pela sua presença e Caroline conseguiu analisar a sua inimiga, admitindo que a mulher provavelmente seria bonita se estivesse com uma roupa e um penteado melhores. Era tão oposta a John que se tornava risível, excetuando um pequeno detalhe: emanavam uma energia ou uma química tão forte que Caroline a apreendeu facilmente.

Ficou rígida, pronta para a batalha e, para seu espanto e horror, Clayton inspecionava-a enquanto ela avaliava o casal. Ergueu uma sobrancelha como que a questionar a sua opinião.

Ele deduzira com facilidade que a sua presença em Wakefield se devia a bloquear a situação. Porque conseguia lê-la tão habilmente? Que embaraçosa essa capacidade!

John saiu do corredor e avistou-a. A sua atitude habitualmente natural desapareceu e deu um passo em falso. Por um breve instante, pareceu terrivelmente culpado como se estivesse a fazer algo de errado e ela o tivesse apanhado. Ótimo! Deixá-lo assim! Já era altura de conseguir um tratamento melhor para si mesma!

Depois ele sorriu – o sorriso gentil e afável que reservava apenas para ela – e ficou dececionada. Porque não podia olhá-la da mesma forma que olhava para a

sua nova *amiga*?

– Carol? – Pelo menos usara o diminutivo! – És mesmo tu?

– Sim, John, meu querido. – Imperturbável, composta, avançou com as duas mãos estendidas na sua direção e ele não a dececionou. Afastou-se da outra mulher como se ela se tivesse tornado invisível.

– O que estás a fazer aqui?

– Estava tão sozinha em Londres sem ti – respondeu, erguendo-se nos bicos dos pés para receber o beijo ritual na face; ele nunca a beijara nos lábios, mas como desejava que o fizesse! –, que decidi fazer-te uma visita.

– Percebo. – Franzindo o sobrolho, não mostrou qualquer sinal da adoração que esbanjara para a companheira. – O teu pai sabe que vieste?

– Não. – Esboçou um sorriso sedutor, mas por dentro estremeceu. Como fora possível que, com vinte e quatro anos, ninguém acreditasse que ela pudesse respirar sem autorização do pai? – Os meus pais estão na Escócia. – Inclinou-se mais, esperando que a sua companheira se enraivecesse com aquela familiaridade. – Fugi por vontade própria. – Obviamente com a criada. Não seria suficientemente rebelde para esquecer um semblante de aparência.

– E se alguém descobre? – replicou ele num tom suave.

– Ninguém descobrirá – insistiu confiante, embora sem qualquer preocupação de que a notícia circulasse. Talvez danos à sua reputação provocassem uma proposta.

– Carol, devo dizer que...

Não conseguia suportar escutar qualquer censura dele. Caso se sentisse incomodado pela sua conduta descarada, como Clayton afirmara vigorosamente, morreria de desgosto!

– Deixa que te conte a minha viagem – interrompeu-o. – Foi uma viagem maravilhosa.

Agarrou-lhe ousadamente o braço e conduziu-o para o que confiava ser uma sala de estar. De uma forma eficiente e vigorosa afastou-o da sua tentativa mais recente. John suspirou e arrastou os pés, mas ela empurrou-o e ele acompanhou-a, demasiado cavalheiro para a deter quando ela estava tão decidida quanto ao seu destino.

Quando atravessaram a ombreira, ela espreitou por cima do ombro para a sua companheira. Caroline conseguia antecipar as dezenas de emoções que bombardeavam a inocente mulher. Estava horrorizada, atordoada e magoada e Caroline preparou-se, recusando sentir qualquer culpabilidade pelas suas ações. John pertencia-lhe e sempre lhe pertencera! Estava cansada de o partilhar com todas as mulheres de virtude questionável que apareciam casualmente.

Como se fosse um pensamento tardio, decretou:

– Tu aí, rapariga! Leva as minhas malas para cima e desembala-as. Depois, informa a governante de que gostaria que me preparasse um banho no meu quarto, dentro de meia hora.

John ficou rígido, irritado com o seu comportamento, mas ela fechou a porta para que a repreensão fosse dada em privado.

*

Ian sacudiu a cabeça, interrogando-se porque John fora atrás de *lady* Caroline sem uma queixa e porque nem sequer lançara um olhar de despedida na direção de Emma Fitzgerald.

Normalmente, qualquer indivíduo que fosse confrontado pela noiva, enquanto se divertia com a amante, ficaria desconcertado e, por conseguinte, Ian dificilmente poderia acusá-lo de um lapso. Devido às atitudes indiferentes de John relativamente às mulheres e às suas emoções femininas, não possuía a coragem necessária para se movimentar num pântano tão desastroso.

A fuga tinha sido, indubitavelmente, a melhor solução.

Que encontro terrível! Para todos eles!

O aparecimento de *lady* Caroline não fora precipitado nem impensado. Ela tinha vindo por causa de Emma Fitzgerald, mostrando pela primeira vez um pouco de força, por deslocada que pudesse ser.

Como odiava que se desse a tanto trabalho por causa de John!

Quando o pensamento se materializou, empurrou-o para longe, negando-se a ruminar sobre ela. Porque permitia que o incomodasse? Pouco lhe interessava que se desgraçasse, anos a fio, bajulando um homem que não lhe ligava.

Mas não tinha um pinga de orgulho? Nenhuma sensatez?

Sim, o maldito pai tinha arranjado o casamento sendo ela uma criança, mas quando perceberia que o acordo fora um erro, que John nunca o honraria? Caroline já não era uma jovem insípida e não era obrigada a cumprir cegamente as ordens do pai. O que seria necessário para que ela compreendesse que a sua opinião era importante? Onde estava a sua coluna vertebral? Nunca teria coragem para dizer *basta* e seguir em frente?

Não tinha ilusões sobre o motivo por que se sentia tantas vezes e totalmente obcecado por ela: estava desesperadamente atraído e o seu fascínio provinha de um misto complexo de ressentimento e ciúme. Ela representava tudo o que sempre ansiara, tudo o que poderia ter sido seu, caso o mundo fosse mais justo. Contudo, estava tão longe da sua posição que era ridículo refletir sobre isso e o fato de ser tão inatingível ainda a tornava mais desejável. Além disso, pertencia a John, sempre lhe havia sido destinada o que só contribuía para a sua atração proibida, tornando a sua fixação mais absurda e ilógica.

Ela jamais poderia pertencer-lhe, mas Clayton fantasiava regularmente sobre a possibilidade. Que homem não a desejaria na sua cama?

John presumia que ela era fria, mas Ian detetava um fogo e um ardor que se encontravam vigilantemente obstruídos. Existia uma paixão a borbulhar sob a superfície e era esse o motivo por que a espicaçava tanto. Queria estar presente quando toda aquela repressão se desmoronasse. Que visão seria!

Concentrou a atenção em Emma Fitzgerald que parecia ter-se transformado em pedra.

Também ela olhava a porta fechada, com fixação, como se estivesse a tentar trespassar a madeira e descobrir o que se passava do outro lado.

Se estivesse disposto, Ian teria esclarecido: John estava a mostrar-se cordial e sociável, enquanto explicava a *lady* Caroline – como se ela fosse uma criança – que a sua viagem fora totalmente precipitada. Em seguida, sem qualquer preocupação pelos seus sentimentos, faria planos para a enviar rapidamente de volta a casa para que estivesse em Londres antes que os pais se apercebessem da sua falta.

Dada a sua habilidade em seduzir, John convencê-la-ia de que estava a tomar aquela atitude para seu bem e, como a jovem obediente que sempre havia sido, Caroline iria embora sem protestar.

Infelizmente para Emma, ela desconhecia o estranho bailado em que John e Caroline habitualmente participavam. Estava aturdida e com o coração partido e ele detestava entristecê-la mais, mas não podia evitá-lo. Com toda a probabilidade, ela estava a viver uma fantasia muito pessoal: a filha do vigário e o abastado visconde a partilharem um romance clandestino e excitante.

Era pateticamente tocante. Ela e John encontravam-se isolados no campo, por conseguinte, tornava-se fácil esquecerem as suas posições e a chegada de Caroline constituía uma enorme dose de uma triste realidade.

Ele começara a gostar de Emma Fitzgerald. Embora no início se tivesse preocupado com os seus motivos e a sua capacidade de defesa, anulara as suas dúvidas. Como repetidamente comprovara, não era uma idiota incompetente. Conseguia enfrentar as tendências de John Clayton, embora Ian se irritasse ocasionalmente com o que se passava entre eles durante aqueles peculiares encontros. A sua afinidade era tão poderosa e flagrante que, depois da misteriosa tarde em que ela deixara o John *adormecido* na biblioteca, conjecturara que pudesse ter subido a um patamar perigoso.

Enquanto permanecia ao lado dela no silêncio do vestíbulo, sendo a sua angústia patente, percebeu que as suas suspeitas estavam corretas: Emma Fitzgerald estava perigosamente ligada a John, talvez apaixonada por ele, o que era temerário e desastroso.

Tornava-se necessária uma intervenção. Ela precisava de ser arrancada à sua idiotice, embora tencionasse acautelá-la de uma forma gentil. Emma Fitzgerald não pertencia à vida de John e tinha de ser vivamente aconselhada quanto a esse problemático detalhe.

– Não lhe ligue – disse Ian, referindo-se a Caroline. – Ela não pretende ser rude, só que sempre agiu assim.

Emma Fitzgerald pestanejou repetidas vezes, como se tivesse acabado de sair de um quarto escuro e deparado com a luz.

– Quem é ela?

– *Lady* Caroline Foster. O pai é o conde de Derby. Ela é a noiva do John. – Era uma pequena mentira, mas importante e propositada.

– Estão noivos?

– Desde que eram crianças – mentiu novamente.

A notícia deixou-a tão horrorizada que quase não conseguiu levar por diante o ardil, mas ela tinha de ser afastada do seu percurso duvidoso.

– Dantes, o John não tinha nenhuma pressa em casar – um eufemismo se é que houve algum! –, mas com a aceitação do título... – Deixou arrastar a implicação para a levar a concluir que a cerimónia estava próxima.

– Já marcaram a data?

– Está para breve. – Assentiu pensativamente com a cabeça, mas não se adiantou para que ela supusesse o pior.

– Meu...

Durante um longo interlúdio, Emma olhou para a sala onde John se isolara com Caroline. Alguém que não fosse versado nas complexidades da sua bizarra relação poderia imaginá-los a trocarem um beijo ardente. Um reencontro de corações apaixonados.

A sua aflição e tristeza eram agonizantes de testemunhar e quando o encarou, tinha os olhos cheios de lágrimas.

– Não fazia ideia – insistiu. – Ele não me contou.

– Uma mulher sensata – aconselhou ele delicadamente –, poderia refletir sobre a futilidade de persistir numa aventura tão perigosa.

– Sim – anuiu ela em voz baixa. – Assim faria uma mulher sensata.

– John regressará em breve a Londres.

– Nunca pensei que não o fizesse.

– Conheço-o há muitos anos, menina Fitzgerald. – Céus! Sentia-se como se estivesse a dar um pontapé num cachorrinho! – Não seria prudente esperar que ele cumprisse uma promessa ou que pudesse mudar de comportamento.

Os seus olhos procuraram os dela. Era tão genuína, tão sincera e o seu afeto por John não passava despercebido. Que pensamento deprimente e terno!

Empolgara-se tanto que não se lembrara dos seus antecedentes divergentes, mas era uma mulher inteligente e compreendia o que precisava de ser feito. Por John. Por ela própria.

Nervosamente, ela humedeceu o lábio inferior. Tão atraente. Tão refrescante. Tão equivocada nos assuntos do coração.

– Pode dar uma mensagem ao visconde em meu nome?

– Certamente.

– Poderia dizer-lhe que eu... que eu... – Teve de engolir duas vezes em seco antes de conseguir terminar a frase. Como viria a lamentar a separação! – Que eu tenho negligenciado outros deveres para o acompanhar na ronda pela propriedade, mas que a partir de agora não estarei disponível para o ajudar.

– Vou informá-lo.

– E poderia esforçar-se... – Voltou a engolir em seco com a ameaça de novas lágrimas – ...para garantir que ele acata a minha decisão? Pode não se sentir inclinado a ouvir.

Uma grande verdade. Emma Fitzgerald conhecia bem John. Se ele não quisesse ceder, seria extremamente difícil convencê-lo a desistir.

– Vou cuidar disso.

– Obrigada.

– De nada.

Emma observou-o atentamente como se fosse dizer mais alguma coisa e Ian sentiu-se aliviado quando ela optou por não acrescentar mais nada. Era inútil prolongar o inevitável. Além disso, não queria ser provido com mais motivos para gostar dela.

Era uma mulher extremamente arguta e se expusesse John de qualquer maneira, se iniciasse uma discussão sobre os seus defeitos ou os seus receios por ele, Ian participaria de imediato, e acabaria por arranjar maneira de os dois amantes de destinos trágicos se juntarem, quando não havia desculpa para exacerbar a sua insanidade.

– Adeus – disse ela. – Desejo...

– Deseja o quê?

– Que os dois nos tivéssemos conhecido melhor. Estamos ambos preocupados com o John – então, já o tratava por *John*? – e julgo que podíamos ter sido amigos.

– Acredito que podíamos – concordou ele com um aceno de cabeça.

– Cuide dele por mim.

Como era intrigante que, finalmente, ela deixasse de fingir que tinham sido mais do que conhecidos casuais.

– Assim farei.

Emma também assentiu e, em seguida, começou a tremer violentamente, como que a sacudir um pesado fardo. Sem mais uma palavra afastou-se, optando por sair pela porta das traseiras, a da criadagem, em vez de usar a porta da frente por onde entrava quando visitava John.

Durante longos minutos ele permaneceu de olhos fixos no sítio onde ela estivera, sentindo-se baixo e desprezível, como há muito não lhe acontecia.

JOHN conduziu o cavalo a trote até à clareira entre as árvores e puxou as rédeas, esticando as pernas nos estribos, enquanto observava a lamentável cena diante dele. O agente imobiliário fora explícito nas instruções e, por conseguinte, não havia dúvida de que tinha a localização certa.

A sua maravilhosa e fascinante Emma vivia aqui? Como era possível?

Embora soubesse que a sua casa se situava a pouca distância a pé da mansão, dado o seu habitual desapego, não prestara atenção à sua situação doméstica. Não passava muito tempo com os plebeus, sobretudo os pobres, e, por conseguinte, não lhe tinha ocorrido que alguém com quem estabelecera um vínculo tão íntimo pudesse viver numa tal miséria.

Fora a tristeza que o levava até à porta dela e não o fiasco com Caroline. O seu abalo era provocado pelo facto desconcertante de que tinha finalmente notado que ela constava da sua lista inicial de despejos.

Porque não lhe dissera nada? Porque não tinha notado mais cedo?

Estava sentado à secretária na biblioteca, demasiado distraído para realizar qualquer trabalho. Os livros de contabilidade encontravam-se espalhados, mas ele continuava a olhar para a *chaise-longue*, sonhando acordado sobre quando Emma se deitara ali com ele.

Entre as suas fantasias eróticas, refletira em Caroline, na sua decisão de aparecer e na recusa em se ir embora. Habitualmente, ela era tão dócil que não entendia o que acontecera para a tornar tão inflexível quanto a permanecer. Era tão meiga que nunca fora capaz de assumir uma posição de firmeza com ela. Se soubesse como ser rígido, ela não andaria atrás dele, confiante de que viriam a casar.

No meio das suas reflexões dispersas, verificara os nomes dos que estavam agendados para serem despejados e o apelido Fitzgerald tinha-lhe saltado à vista. Depois de algumas perguntas rápidas ao seu agente, descobriu a pungente verdade: Emma, a mãe e a irmã eram alguns dos supostos condenados a ficar sem abrigo.

Durante as extensas e agradáveis horas que tinham passado juntos, ela não dissera uma palavra! Nunca mencionara a sua condição nem lutara pelo seu caso. Que típico da sua personalidade. Cuidando em primeiro lugar das necessidades dos outros e recusando preocupar-se com a sua própria situação de miséria.

Se não estivesse tão preocupado, ficaria furioso. Ela não entendia que com um

movimento da pluma, os seus problemas podiam ter sido resolvidos? Desde que se tinham encontrado, ela pressionara-o a executar algumas das suas malditas *boas ações*, mas não poderia deixar que ele lhe ofertasse um pouco da sua generosidade? Não, não podia!

Quem merecia mais do que ela? Emma fazia-o sorrir, dava-lhe alegria, proporcionava-lhe inúmeros motivos para se tornar uma pessoa melhor. Incitava-o a encontrar um objetivo viável para as detestadas responsabilidades que o seu título e a sua herança lhe tinham colocado sobre os ombros.

Raios! Deu-lhe um incentivo para se manter sóbrio o que não era uma pequena proeza!

Acima de tudo, era sua amiga. Excetuando Ian, quem poderia reivindicar essa distinção? Gostava dele, apreciando a parte boa e fazendo alarido quanto à parte má. Era sempre otimista e quando partilhava a sua agradável companhia, Emma conseguia que os seus problemas parecessem insignificantes.

Teria sido assim tão terrível depender dele? Um pouco que fosse? Ela era tão difícil: nunca lhe haviam dito que era lícito pedir ajuda a amigos quando se atravessava um mau momento? Não podia baixar a guarda – apenas uma vez! – e depositar a força nele? Tinha ombros largos em que podia apoiar-se e assumiria orgulhosamente os seus fardos.

As pessoas pediam-lhe ajuda com regularidade, mas encontrava-se cercado de vilões e patifes, e poucos eram dignos do seu apoio; por conseguinte, raramente o concedia. Porém, nesta ocasião em que se sentia tão ansioso, não conseguia nem sequer levá-la a admitir que poderia aceitar um pouco de ajuda.

Há dois dias que não a via. Dois dias!

A adorável harpia tinha-se insinuado totalmente, dera-lhe algo por que esperar, deixara-o tão impaciente pela sua chegada que todas as tardes, à uma hora, permanecia como um imbecil nas traseiras da casa.

Em seguida, *puf!* Nem sombra de Emma.

Como deveria lidar com a situação? A maldita mulher não compreendia que se tornara importante para a sua felicidade? Como se atrevia a desaparecer!

Supostamente, estava a tentar dar-lhe uma lição após a cena com a Caroline. Não era mesmo coisa de mulher? Culpar o homem por cada coisa infinitesimal que acontecia! Não tinha convidado Caroline para aparecer em Wakefield! Durante todos os anos que a conhecera, nunca cometera um só ato impulsivo e não tencionava especular porque o fizera agora. Quaisquer que fossem os delírios insanos que a motivavam, não se incomodaria a desvendá-los.

Além disso, o que tinha a presença de Caroline a ver com Emma? As duas mulheres, e as partes da sua vida em que se enquadravam, nada tinham a ver entre si.

A proeza de Caroline surpreendera-o a tal ponto que lidara mal com o encontro, mas o facto de ser confrontado pela alegada noiva e a sua atual amante, era obra! No mesmo instante! Fora um beco sem saída.

Tinha abandonado grosseiramente Emma no vestíbulo, permitindo que Caroline a tratasse como se fosse uma criada. Em seguida, pusera a pretensa noiva a chorar no salão, depois de lhe dar uma reprimenda como nunca o fizera até então para não lhe ferir a delicada sensibilidade. Quando se vira livre dela e fora procurar Emma, ela já tinha partido.

Ian indicara-lhe a saída e o filho da mãe confessara-lhe que tinha mentido e lhe dissera que Caroline era a noiva de John! Expulsara-a deliberadamente para impedir John de cometer um grande erro.

Como se John precisasse que Ian gerenciasse os seus assuntos românticos! Ian não era mais eficiente a manobrar a complexidade feminina do que ele. Para o irmão, magoar Emma intencionalmente era de menor valia. Não admirava que ela tivesse ficado ressentida e sem aparecer mais.

Emma era dona de uma conduta moral muito diferente da sua. À luz dos vários tipos de velhacos de que se fazia acompanhar, ele nunca tivera de aspirar a um comportamento virtuoso ou civilizado. Não via mal nenhum em ter uma amante, várias companheiras de ocasião e uma noiva.

Contudo, não era essa a perspectiva de Emma. Embora conseguisse racionalizar o seu envolvimento, apesar de ele ter uma amante mal-afamada, a sua formação ética punha de lado uma noiva, o que era idiota. Ele estaria pouco tempo em Wakefield e, por conseguinte, dispunha de um prazo limitado para explorar os limites da sua estranha e excitante ligação. Qual o objetivo de se recusar?

Esporeou o cavalo para além das árvores e entrou na clareira, ficando cada vez mais perturbado ao ver de perto a casa onde ela habitava. Tratava-se de um casebre, demasiado patético para se designar de *casa*, e não conseguia acreditar que seres humanos pudessem morar numa habitação tão decrépita. Depois de a ter transferido para um abrigo apropriado, mandaria deitar abaixo aquela miserável cabana para que não existisse um futuro pretexto para oferecê-lo a outro desafortunado ocupante.

Ninguém deu pela sua aproximação mas, devido ao isolamento da zona, desconfiou que teriam poucas visitas não havendo necessidade de estar atento. Amarrou o cavalo a um arbusto próximo e dirigiu-se à porta, dando uma pancada brusca.

Foi aberta por uma menina que só podia ser a irmã de Emma. Era bonita, jovem, com o cabelo encaracolado e os belos olhos castanhos de Emma, uma cópia exata de como Emma devia ter sido em criança. Magra e desengonçada –

como um potro aprendendo a equilibrar-se – estava à beira de se tornar uma mulher. Tornar-se-ia uma beleza como a irmã mais velha. Como era trágico que tivesse perspectivas tão sombrias.

– Sou John Clayton, visconde de Wakefield – anunciou, deixando-a boquiaberta.

– Como está? – respondeu educadamente. – Eu sou Jane Fitzgerald.

– Olá, menina Jane – saudou, desarmando-a com um sorriso. – Vim visitar a sua irmã, Emma. Ela está em casa?

– Está. Não quer entrar?

Manteve a porta aberta e ele ia a transpor a ombreira quando Emma apareceu, impedindo-lhe a entrada.

– O que estás a fazer aqui? – rugiu.

– Preciso de falar contigo.

– O teu irmão não te deu a minha mensagem?

– Claro que sim, mas não a escutei. – Esboçou novo sorriso, apenas para ela. – Nunca ouço os outros. Possuo esse defeito que tão bem conheces.

Tinha previsto que a sua autocrítica lhe conseguisse um sorriso de volta, mas desanimada e resignada, ela limitou-se a observá-lo como se ele fosse uma curiosidade interessante. Naquele cenário em ruínas, parecia extremamente alterada e abatida. Emitiu um suspiro de dor com o peso do mundo sobre os ombros e ele sentiu-se repentinamente envergonhado. Por quem era. Pelo que era.

Emma tinha-o censurado permanentemente por não apreciar tudo o que tinha, por se negar a reconhecer as bênçãos que a sua posição lhe concedera e ele rira das suas repreensões, mas deixara de poder fazê-lo. Nunca tinha pensado no que acontecia a uma mulher quando morria o homem que era o seu único apoio e ficou perturbadoramente assustado com a flagrante evidência.

Ela era tão fantástica e constatar a pobreza que a rodeava era chocante e desanimador. Como poderia usar a sua posição superior e influência a seu favor? Se não pudesse usar a sua riqueza para melhorar as suas condições de vida, de que lhe servia?

– Devias ir embora – declarou num tom brusco quando Jane interrompeu.

– Estávamos prestes a sentar-nos à mesa para a nossa refeição diária. Não quer juntar-se-nos?

Consternada pelo convite, Emma insistiu:

– O visconde está demasiado ocupado.

– Não, não estou – contrapôs ele, virando-se para Jane que encarava agora como uma valiosa aliada. – Adoraria ficar.

Emma estava furiosa e ele passou junto dela, sem lhe dar tempo a que

fechasse a porta. Ao passar, colocou-lhe uma mão reconfortante na cintura, esperando que ela interpretasse o gesto como significando de que tomaria tudo a seu cargo.

Ajustando o olhar à escuridão, examinou criticamente a visão incongruente. Havia uma sala, um quarto nas traseiras e um sótão por cima. Apertados num espaço diminuto encontravam-se várias peças de mobiliário com bom gosto, indicativas de uma prosperidade familiar anterior. Uma mesa em madeira de carvalho, um aparador a combinar, um sofá, com naperons bordados e tapetes tricotados espalhados no chão de terra.

Emma interpretou mal o seu escrutínio e sentiu-se forçada a declarar:

- Não trouxe nada do presbitério que não nos pertencesse.
- Nunca pensei que o tivessem feito.
- Estas coisas faziam parte do dote da minha mãe.

Desviou o rosto, incapaz de o encarar e, com a intensidade do olhar, ele tentou forçá-la a olhar para ele, mas Emma não o fez e, por conseguinte, mudou a inspeção para o canto. Junto a uma janela com tábuas de madeira, a mãe delas – uma mulher envelhecida, serena e macilenta – baloiçava-se repetidamente numa cadeira, olhando lá para fora através das tábuas, sem ver o sol brilhante.

Jane sussurrou:

- É a nossa mãe. Está a ter um dia mau.

Jane também se sentia envergonhada pela exiguidade dos seus recursos, mas tentava disfarçar conversando nervosamente e sem cessar, num esforço por aliviar a tensão entre ele e Emma. Trouxe mais uma cadeira para junto da mesa, afastou-a e ele sentou-se.

Havia duas porções de sopa, servidas em taças de fina porcelana, com colheres de prata dispostas, restos de um período mais abastado. Jane encheu uma terceira tigela, colocou-a diante dele e sentou-se.

Imóvel, Emma manteve-se no canto oposto da sala, até Jane dizer:

- Anda, Emma. A tua sopa vai arrefecer.

Emma hesitou, desejando recusar, mas sem ter coragem para desapontar Jane. Aproximou-se e também se sentou, mas sem o olhar de frente.

Pairou um terrível silêncio, mas Jane estava decidida a mostrar-se alegre e a preencher o vazio que os dois adultos haviam criado.

- Milorde Wakefield, obrigada pelas guloseimas que me enviou.
- Que guloseimas serão essas, menina Jane?
- Decerto se lembra: os *scones* e outros doces. Emma disse-lhe quanto gosto de *scones* e insistiu em que trouxesse tudo.

A jovem acreditava a tal ponto que ele se lembraria da oferta, que agiu como se soubesse exatamente ao que ela se referia.

– Oh, claro. *Essas* guloseimas.

Sem fazer comentários, Emma ficou muito corada enquanto Jane continuou a gracejar delicadamente:

– Lavámos a toalha e Emma levou-a de volta. Ficou como nova, não foi, Em? Emma mexeu a sopa.

– O visconde não se importa com isso, Jane.

– Importo, sim – retorquiu ele. – Estou absolutamente encantado. – Pretendia que ela tivesse uma reação mas, exceto se a picasse com um pau afiado, não imaginava como. – Da próxima vez que te apetecerem doces, Jane, pede a Emma que me informe e mandarei entregar um cesto.

Jane fitou-o com um ar solene e em seguida saiu-lhe efusivamente:

– Sabia que era bondoso. Disse a Emma que não suportaria se não o fosse.

Que jovem tão meiga! Que tristeza observá-la a viver assim. O silêncio pairou novamente e esperou, atento, enquanto as companheiras comiam e, em seguida, mergulhou a sua colher e descobriu que a mistura não passava de um caldo insípido. Nem sequer havia uma cebola à tona.

Estariam a morrer de fome, além dos seus outros problemas? Emma era muito magra, mas presumira que tinha uma constituição esbelta. Nunca lhe ocorrera que a sua magreza pudesse dever-se a fome. A hipótese ultrajou-o. Ela teria sido capaz de lhe ocultar uma necessidade tão premente?

Julgara que eram amigos!

Exasperado, venceu:

– Mas isto só tem cenouras e água.

– Sim – concordou Jane, otimista –, mas fingimos que é um guisado delicioso, cheio de legumes saborosos. Assim, não parece tão horrível. – Parou e olhou para a irmã, sem entender o quanto havia revelado. – O que vamos imaginar que tem hoje, Em?

Emma ficou paralisada de aflição e murmurou:

– Desculpam-me, por favor? – Lágrimas corriam-lhe em cascata pelas faces, levantou-se aos tropeções da cadeira e saiu para o exterior.

John suspirou fundo, inseguro de como proceder. Emma era orgulhosa e fora humilhada por ele ter observado o seu dilema. Queria ir atrás dela, mas duvidava que ela aceitasse o consolo.

O raio de sol através da porta aberta confundiu a Sra. Fitzgerald que se levantou e olhou em volta sem entender, como se pudesse ir também. Jane foi ter com ela e sentou-a eficientemente na cadeira de baloiço, após o que regressou à mesa, como se nada se tivesse passado.

– Têm alguém para cuidar da vossa mãe?

– Não. Quem havíamos de ter?

– Uma de vocês deve estar sempre com ela?

– Não pode estar sozinha. Afasta-se.

Afetado negativamente pela informação, assentiu com a cabeça, recordando as ocasiões em que se encontrara com Emma e a pressionara para que ficasse mais tempo. Ela aludia repetidamente às suas obrigações, mas ele era um aristocrata que, com um estalar de dedos, forçava os outros a fazerem-lhe a vontade e, por conseguinte, a sua dolorosa labuta parecera-lhe nebulosa e insignificante.

– Têm mais alguma comida em casa? – Não necessitara de fazer a pergunta. Uma inspeção visual esclarecera-o de que as prateleiras estavam vazias.

– Não.

– Porque não?

– Bem, Emma ajudou a dar à luz um bebé há uns dias – explicou Jane –, e o pai prometeu deixar alguns víveres como pagamento, mas não o fez, e Emma não gosta de importunar as pessoas por causa do que lhe devem. Diz que dão o que podem, quando podem, e que não devemos ser gananciosos.

– Entendo.

Na verdade, entendia. Ela preferia morrer de fome a pedir ajuda aos outros! Que mulher idiota! Estava furioso, mas ocultou a raiva perante Jane.

– Emma estava perturbada. Talvez devesse falar com ela.

– Diga-lhe que não esteja triste – suplicou-lhe Jane. – Detesto quando ela está triste.

– Dir-lhe-ei – prometeu gentilmente.

Do alto, avistou-a a descer sem rumo a trilha rudimentar que levava para longe da casa. Correu para a alcançar, o que não foi difícil. Ela dera pela sua presença, mas não abrandou o passo.

– Emma...

– Vai-te embora.

– Não.

– Porque não estás na mansão a fazer companhia à tua noiva? – perguntou amargamente.

– Não estou noivo.

– Não estás noivo, que graça! – troçou ela.

– É verdade. Caroline gostaria que assim fosse, mas não vai acontecer.

– Cala-te! – ordenou, fitando-o por cima do ombro. – A seguir, vais dizer que ela não te compreende.

– E não compreende.

A jovem mulher revirou os olhos e continuou a andar.

– Estás a envergonhar-te, e a mim também. Para com isso.

Ele avançou e rodeou-lhe a cintura com os braços, impedindo-a de caminhar;

ela recompensou-o com uma cotovelada nas costelas, mas de nada serviu.

– Fica quieta, sirigaita maldosa.

– Deixa-me em paz.

Esforçou-se para se libertar, mas não vigorosamente, pois deixara de querer lutar. Como se os ossos se tivessem derretido, afundou-se no seu corpo.

Abraçou-a demoradamente, beijando-lhe a face e o cabelo, enquanto os sons da floresta os envolviam. Emma estava a chorar, mas não tentou ocultar as lágrimas nem enxugá-las e abraçou-a com mais força.

– Porque não confiaste em mim?

– A que respeito?

– De que estavas na lista de despejo?

Emma encostou a nuca no ombro dele.

– De que teria servido?

– Julgaste que não mudaria de opinião?

– Não – confessou sinceramente. – Mas não quero a tua ajuda.

– A grande e forte Emma Fitzgerald! – repreendeu, mas num tom suave. – Não precisa de ninguém!

– Sobretudo de ti. – Olhou para o céu, exalando um suspiro de angústia e de desespero. – Alguma vez desejaste ser outra pessoa? Acordares uma manhã e tudo à tua volta ter mudado?

– Sim, passo a vida a desejar isso.

– Também eu – disse num tom sufocado e em seguida confessou bruscamente: – Roubei esses malditos *scones*. Foi naquela tarde em que tomaste banho e a tua amante estava contigo no quarto. Estava enfurecida, havia imensa comida. Mais do que alguma vez poderias comer! E sentia ciúmes. Por conseguinte, despejei tudo numa toalha de mesa, roubei os doces para a Jane, menti e disse-lhe que era um presente teu. A minha vida é patética a este ponto! Até fui levada a roubar sobras das casas de gente rica!

As lágrimas voltaram a correr-lhe pelo rosto e ele sentiu vontade de lhe tapar a boca com a mão para não ter de ouvir mais nada. Cada palavra que ela pronunciava assemelhava-se a uma lâmina que o cortava.

Declarou a resmungar:

– Não dou a mínima importância a um cesto de *scones*.

– Mas eu dou.

Embora ela resistisse, virou-a, aconchegando-a ao peito enquanto ela chorava profundamente. Gostava de a consolar quando ela estava triste e desconfiava que não desabafava muito frequentemente. Não permitiria que os outros testemunhassem a sua aflição e sentiu-se um privilegiado por compartilhá-la com ele.

O choro parou, ela ficou esgotada e exausta e ele especulou como conseguia viver o seu dia a dia.

– Assim que conseguir encontrar um alojamento conveniente, vou tirar-te daqui.

– Não, não vais – contrapôs, rígida.

– Vou, sim – ordenou, mas por uma vez na vida sentiu-se inseguro da autoridade que detinha. Ela era extremamente teimosa, e, se insistisse demasiado, recusaria por uma questão de princípio.

– Comprarei uma casa pequena, limpa e segura e eu...

Furiosa, empurrou-o.

– Não passas de um arrogante convencido!

– O quê? O que é que fiz?

– Disse que *não*, mas nunca ouves!

– Isso é porque és tão teimosa e estás sempre errada! – Cruzou os braços sobre o peito. – Caso não tenha reparado, menina Fitzgerald, meteu-se numa bela embrulhada e precisa de algum apoio para se ver livre dela.

– Não, sendo a solução tão ridícula.

– Posso perguntar o que há de tão *ridículo* em ter uma casa adequada?

– Fazes alguma ideia da coscuvilhice dos meus vizinhos se te deixasse avançar? Que pretexto poderia usar que não fosse horrível?

– Quem com mil raios se importa com o que os outros pensam?

– Eu importo-me! Eu! – gritou, levando a mão ao coração. – É aqui que vivo e onde permanecerei muito depois de teres regressado a Londres para os braços das tuas amantes e noivas e sabe Deus de quem mais. *Eu* tenho de ficar aqui. – Engoliu uma golfada de ar. – A minha reputação é tudo o que me resta. Não tenho mais nada.

– Mas somos amigos, Emma, não somos? Decerto poderia ajudar-te porque somos amigos.

– Não compreendes? – Bateu com os braços nos dois lados do corpo. – *Não* somos amigos! Não somos nada!

– Como podes dizer uma coisa dessas?

– Pões as tuas mãos em mim e eu ponho a minha boca em ti. Tenho a certeza de que centenas de outras mulheres te fizeram o mesmo no passado.

Tamanha franqueza sobressaltou-o e detestava que ela tivesse uma opinião tão baixa sobre o seu carácter. Desejava que o imaginasse como um homem melhor – o homem que *poderia* ser, em vez do homem que era.

– É muito mais do que isso e tu sabes bem – declarou, inflexível.

– Não sei nada disso. *Sei* que estás entediado no campo e procuras uma maneira de passar o tempo. Por qualquer motivo não consigo entender porque

decidiste passá-lo comigo.

– Tem sido fantástico – replicou com um sorriso, enfurecendo-a ainda mais.

– Não, não tem. Fazes esquecer-me de mim mesma, dos meus deveres, da minha casa.

– O que há de errado nisso?

– O que há de errado nisso?! – De cabeça perdida, Emma quase gritava. – Digo-te o que há de *errado* nisso. Tenho uma vida! Isso é importante e compensador. Não há espaço nela para ti. Fazes-me sonhar com coisas que nunca terei! Fazes-me ansiar por ser uma mulher que nunca poderei ser. Esforço-me por refrear a minha conduta imoral afastando-me de ti e, no entanto, apareces aqui, tornando-te amigo da minha irmã, fingindo que estás preocupado com o nosso bem-estar...

– Estou preocupado...

– ... e tens a audácia para ficar aí, sorrindo-me, parecendo maravilhoso. Como o raio de um príncipe...

– Emma – pestanejou, surpreendido. – Praguejaste.

– Sim! Sim, praguejei, John Clayton. Estás feliz agora? Levas-me a transgredir todas as proibições. Cobiça, preguiça, avareza, inveja, fornicação, profanação. Escolhe o teu pecado!

Encantado, soltou uma enorme gargalhada.

– És uma criminosa virtuosa.

– Odeio-te!

– Estás louca por mim.

– Não estou!

Agarrando-lhe no traseiro, ergueu-a e fê-la girar, até ela começar a bater-lhe nos ombros.

– Estás apaixonada por mim.

– És tão convencido.

– Diz em voz alta. Diz que me amas.

– Nem daqui a mil anos, seu patife arrogante!

John parou de rodopiar e segurou-a com menos força, fazendo-a deslizar ao longo do torso, até os seus pés tocarem no chão.

Nunca ninguém o tinha amado. Nem os seus pais distantes e desprendidos ou Ian que o considerava – tal como Emma – mimado e insuportável. Nem Caroline que estava tão imersa nos rituais e em cerimónias que desconhecia qualquer emoção válida. Tão pouco qualquer das mulheres dissolutas, como Georgina, que tinha vários motivos, nenhum deles relacionados com ardor excessivo.

Se Emma estivesse apaixonada por ele, seria inundado, envolvido pela força do seu afeto.

Que assustador! Que extraordinário! Que fantástico!

Embalou-a nos braços, saboreando como era natural sentir que ela estava ali.

– Não podes continuar a viver onde estás, portanto quero encontrar-te outro alojamento. Deixa que o faça.

– Já falámos sobre isso antes. Qualquer presente faria com que parecesse que me estivesse a pagar.

– Não era essa a minha intenção.

– Mas, mesmo assim, era como me sentiria. Não passaria de mais uma amante aos teus olhos.

– Em...

– Seria assim! Não o negues. Conhecer-te dá-me alegria e não permitirei que destruas a minha felicidade, transformando a nossa relação em algo sórdido.

Mostrava-se tão desesperada, tão trágica, que ele sentiu vergonha de todas as tendências dissolutas a que sucumbira.

– Nunca pensaria mal de ti.

– Então, o que *pensas* de mim? Estás disposto a formular votos? A comprometeres-te comigo e com as tuas responsabilidades aqui em Wakefield? Ou estás simplesmente disposto a copular a teu bel-prazer, compensar-me por isso, e ires embora?

John não conseguiu responder. A ideia de se propor era tão angustiante que se sentiu ir abaixo e teve de se agarrar para não entrar em pânico.

Ela não podia esperar que se casassem!

Mas, no preciso instante em que a suposição se materializou, percebeu que obviamente o esperava! Era esse o desejo de todas as mulheres – exceto as depravadas com quem convivia. Porém, casar com ela estava fora de questão. Da mesma forma que a desonrava, colocando-a na posição de sua amante.

Então o que exatamente pretendia dela? Uma fornicação sem complicações? Pela qual pagasse? Que recebesse de graça?

Nenhum dos conceitos era aceitável nem apropriado ao que desejava tão freneticamente obter.

Queria deleitar-se na sua companhia, desfrutar do seu brilho, mergulhar na magia que explodia quando estavam juntos mas, além dessas abstrações obscuras, não conseguia explicar o que desejava. Uma aventura sexual passageira parecia a única consequência viável. Era uma conclusão inacreditável para si mesmo, mas como poderia ser justo para com ela?

– Lamento, mas não sou muito bom neste tipo de coisas – admitiu com franqueza. – Tenho de voltar a Londres brevemente e, por conseguinte, não sei bem onde te enquadras. Só sei que preciso de passar tempo contigo enquanto estiver aqui. Não consigo dar outra resposta.

O olhar perspicaz de Emma indicava que não esperara melhor dele e sentiu-se mesquinho e superficial.

– Vem visitar-me amanhã na mansão – disse num tom persuasivo.

– Não, enquanto a tua noiva estiver presente.

– Mete uma coisa na cabeça! – exclamou, agarrando-lhe nos ombros e sacudindo-a. – Caroline *não* é minha noiva.

– Ela acredita que sim.

– Mas não é.

– O que levaria o teu irmão a alegar uma coisa diferente?

– Gosta de ti e não quer que te magoes por causa da tua associação comigo. Por esse motivo, mentiu. – Ela fitou-o com um ar cético e ele insistiu: – Em, não estou noivo.

– Jura.

Ele levou uma das mãos ao coração e ergueu a outra como se estivesse a jurar sobre a Bíblia.

– Juro.

– Como se a tua palavra valesse alguma coisa – troçou ela.

Ele inclinou-se e beijou-a, um encontro lascivo das bocas, sentindo-se aliviado por ela consentir. Passara uma eternidade desde a última vez que a beijara e prolongou o momento delicioso.

Quando se apartaram, encostou a testa à dela.

– Senti a tua falta.

– Não digas isso.

– Porquê?

– Porque quero que seja verdade.

– E é, rapariga tola. Senti a tua falta a cada segundo.

Beijou-a novamente e o beijo transformou-se em algo mais, algo deslumbrante e desconcertante. John não conseguia imaginar o momento em que viajaria para Londres sem ela. Como prosseguiria com a sua rotina normal quando ela tinha alterado a sua realidade de uma forma tão subtil? Que interesse havia no seu método habitual de seguir em frente?

– Vem ter comigo amanhã – repetiu.

– Não.

– Caroline vai-se embora de manhã. – Pelo menos assim o esperava. Por uma vez, seria anormalmente direto com ela. A mulher tinha de ir! Não podia impedi-lo de preencher o seu breve destino junto de Emma.

– John...

– À uma. Como sempre.

Encolhendo os ombros, assentiu, derrotada. Tal como ele, também não

conseguia resistir à atração mútua. Triunfante, eufórico por a ter vencido, pegou-lhe no braço e levou-a para casa.

*

Jane escondeu-se atrás de um arbusto e espiou o caminho. Avistou o visconde e Emma. Estavam a beijar-se!

Ficou tão excitada que só com dificuldade se conteve para não começar a rodopiar alegremente.

Tal como imaginara, ele assemelhava-se a um príncipe de uma história de encantar que Emma costumava ler-lhe em criança. Era tão alto e elegante, tão encantador e galante. E amava Emma! Sabia-o!

Iria salvá-las como no livro de contos?

Cruzou os dedos, expressando um desejo. Em seguida, duplicando as suas oportunidades de sucesso, tirou uma bonita rocha do bolso e enterrou-a sob uma folha para as fadas, mencionando o mesmo desejo para que o ouvissem.

Sem descurar um só verso, murmurou uma oração a Deus, implorando que os abençoasse, dando a Emma o visconde para que o amasse e cuidasse.

Voltou a observar o caminho e eles avançavam na sua direção, o que a levou a correr para casa. Com um largo sorriso a iluminar-lhe o rosto, sentou-se à mesa, mexendo a sopa, como se não se tivesse levantado da cadeira.

*

Harold Martin ergueu-se na sua bela carruagem, olhando através dos bosques espessos.

Não conseguia acreditar no que via! A sua Emma! Beijando outro homem!

Não era o primeiro beijo que trocavam! Havia uma grande familiaridade entre ambos.

Quando virara a esquina e observara a estrada, tinha avistado o par e parou. Levou um minuto a descobrir a identidade de quem estava a observar e a sua primeira reação fora a de que qualquer bandido estava a atacá-la. Não podia conceber que a virtuosa mulher tivesse uma conduta imoral de mote próprio, mas, ao espiá-la, adivinhara que estava a participar voluntariamente.

Correspondia ao homem como uma prostituta, com envolvimento de mãos, corpo e de língua.

Como era possível? Emma tinha-se corrompido, deixara que um homem – que não era seu marido – lhe tocasse. Tinha-lhe oferecido a sua virgindade? A sua castidade pertencia a Harold! Como ousava atraí-lo!

Esforçara-se para se certificar a quem se pervertera e, depois de uma avaliação completa, ficara chocado ao verificar que se tratava do visconde de Wakefield.

Que escândalo! Que vergonha!

Wakefield era um libertino, um canalha da pior espécie. Predispunha-se a qualquer conduta hedionda e humilhava-se regularmente em Londres. Agora, aparentemente, decidira cometer alguns dos seus atos depravados na província.

Como conseguira deitar as suas garras cobardes a Emma? O que isso significava para Emma e para si mesmo? Não podia casar com ela depois daquela abominação!

Continuou a observá-los furtivamente, enquanto cessavam a tórrida exibição e se dirigiam de volta ao repugnante casebre. Como se fossem velhos amigos, caminhavam de braço dado, repugnantemente à vontade um com o outro.

Fervilhando, aguardou até estarem no interior da casa e depois encontrou uma clareira e deu meia volta, continuando até ao presbitério, sem que ninguém na pequena casa tivesse percebido que se encontrava na estrada deserta de acesso aos Fitzgerald.

A cada som dos cascos do cavalo, ponderava no que fazer com a informação que tinha recolhido. Gostava da sua posição e assim não podia irritar o visconde, na eventualidade de o reputado nobre se enfurecer e acabar com a carreira de Harold, antes mesmo que realmente tivesse começado.

Então, como poderia usar a sua descoberta da melhor maneira?

Emma não passava de uma prostituta. Tendo em conta o que tinha sabido sobre as suas tendências, não a queria para noiva, mas poderia conseguir outras regalias? Em que condições seria capaz de forçá-la a ceder?

Indignado, horrorizado e totalmente ofendido – ainda que excitado pelas facetas carnis da sua sórdida natureza – prosseguiu caminho apressadamente, com a cabeça a andar à roda.

Emma não tinha a certeza do que a levaria a fazer a viagem até Wakefield Manor. O fiasco no vestíbulo da mansão de John com a bela Caroline convenceram-na de que deveria afastar-se. Uma coisa tinha sido flertar quando acreditava que ele só tinha relações sexuais com amantes escandalosas. Outra coisa era continuar depois de saber que estava noivo.

Desde aquele encontro dramático, deixara que a imagem da senhora exaltada não lhe saísse da mente para ser inundada pelos motivos de que não tinha lugar na vida de John. As desculpas que usara para justificar o seu comportamento indecoroso eram ridículas.

Tal como o irmão de John vincara, *lady* Caroline sempre estivera destinada a casar com John, tendo os pais de ambos decidido há anos que os seus excepcionais e dinâmicos filhos formariam uma aliança de poder e de influência sobre a qual Emma apenas poderia fantasiar. Se ele não casasse com *lady* Caroline – como insistiu que não o faria – então qualquer outra bela e educada aristocrata seria sua noiva.

O lugar jamais seria preenchido por Emma, o que ela sabia perfeitamente e nunca considerara como possibilidade ainda que remota. Portanto, o seu absurdo fascínio por ele era uma loucura e assumira que se convenceria a nunca mais o visitar. O seu marasmo, a crescente insatisfação eram desculpas inadequadas para uma conduta licenciosa.

No entanto, ali estava ela, subindo furtivamente as escadas das traseiras da mansão, de mão dada com John, como dois adolescentes famintos de amor. Dirigiam-se à segurança do quarto dele e à privacidade de que usufruiriam quando estivessem fechados no interior.

Ele era ótimo a esquivar-se e Emma concluiu que se tratava de uma capacidade que desenvolvera em criança quando, segundo presumia, tinha uma enorme prática em fugir pelas traseiras devido à sua tendência para travessuras e problemas.

Oh, como se sentira confiante de que não teriam um outro encontro! Tinha uma personalidade tão fraca!

Depois de conhecer a mulher, que era – ou não era – a sua noiva, passara firmemente a evitá-lo. Depois ele tinha aparecido à sua porta e, com um mínimo de palavras doces, conseguira que sucumbisse estupidamente aos seus encantos, emocionada no íntimo por se ter preocupado o bastante com a sua ausência para descobrir onde ela vivia e gasto energia para se certificar.

Ainda assim, depois de ele se ter ido embora, repreendera-se vigorosamente. Não iria de forma alguma à mansão no dia seguinte, como ele pedira! Triste com a sua decisão, mas determinada, tinha-se levantado e enfrentado o dia.

Mas depois ele enviara uma criada da mansão com um enorme cesto de comida no braço e uma mensagem elaborada e escrita pela mão do visconde dirigida a Jane, explicando que escolhera guloseimas para ela e que esperava serem suas favoritas.

Depois de o presente ter sido entregue, Emma não poderia recusá-lo. Jane ficaria em lágrimas.

John tinha informado a criada – uma mulher mais velha e de confiança que Emma conhecia há anos – de que a presença de Emma era necessária na mansão e que ela e John fariam visitas à propriedade em conjunto. Como já tinham feito o mesmo inúmeras vezes, a criada não pensara que se tratava de um ardil.

John também dissera que chegariam tarde, que Emma ficaria para jantar e, por conseguinte, a mulher teria de permanecer no casebre para ajudar Jane até ao regresso de Emma. A criada também não duvidara daquela prevaricação. O visconde era seu patrão e assim cumprira a ordem sem qualquer pergunta ou reclamação.

A criada estava convencida de que ela tinha um encontro marcado com o visconde e, por conseguinte, Emma não tivera coragem para levantar boatos relativamente a ousar negar-se a comparecer por exigência de Wakefield. Tinha-se aprontado e saído.

Ao percorrer o caminho habitual pela floresta, analisara continuamente porque tinha acedido com tanta facilidade, o que diria quando chegasse, o que esperava concretizar antes de sair. No começo, tinha imaginado que era mais uma ocasião em que manteria John à distância, mas em algum ponto, entre a saída da sua casa e o percurso até à mansão, a sua resolução tornara-se horivelmente confusa.

Não queria ser forte. Não queria manter John à distância. As suas perspetivas de se envolver com ele estavam a diminuir rapidamente. Quanto tempo permaneceria em Wakefield antes que o tédio ou o dever o atraíssem para Londres?

Sabia que fora aquele beijo escaldante, o que lhe tinha dado na estrada diante da sua casa. Com o sol de verão a brilhar e a sua confissão de quanto lhe sentia a falta, o coração amolecera enquanto ele expressava em voz alta o seu mais profundo e mais sombrio segredo: estava apaixonada por ele! Que maravilhoso! Que terrível!

Ele era tudo o que ela tinha sonhado, mas também era tudo contra o que o seu querido pai a aconselhara. No entanto, por mais vezes que tivesse escutado o conselho do seu prudente pai, não poderia segui-lo relativamente a John.

Durante toda a vida ambicionara um homem como John para a levar para longe. Encontrara-o, mas dali a uns dias ou semanas, ele iria desaparecer como fumo tão rapidamente que acabaria a especular sobre se realmente o tinha conhecido.

Que encruzilhada desesperada e triste seria!

Tinha saído da floresta e dirigia-se à mansão quando ele a abordara junto à entrada dos criados. Sem uma palavra, puxara-a para dentro, depois conduziu-a para o andar superior e ela tinha-o acompanhado sem qualquer objeção. Pairara a sensação do inevitável, um destino que ela não podia alterar ou impedir.

Chegaram a um patamar e ele abriu devagar a porta que dava para o corredor, levando um dedo aos lábios para que não falasse. Como se ela tivesse intenção de fazer qualquer barulho! Se tropeçassem por acaso em qualquer criado, não conseguiria formular uma mentira credível sobre o que fazia ali.

Ele examinou o corredor que estava vazio e, em seguida, avançou nos bicos dos pés e puxou-a atrás dele. Momentos depois entraram apressadamente no seu quarto e ele fechou e trancou a porta nas suas costas.

Emma examinou rapidamente o que a rodeava. Era um quarto grande e masculino, digno da importância de John, com peças de mobiliário pesadas, reposteiros vermelhos, carpetes e cadeiras exuberantes. A cama enorme dominava o centro do quarto, com a cabeceira trabalhada, drapejada de carmesim e uma colcha de veludo. Situava-se num pedestal, dois degraus acima do chão e virada para a grande janela para que os ocupantes pudessem reclinar-se e observar os imponentes relevados da propriedade.

Embora já estivesse estado uma vez lá dentro, no banho fatídico que lhe dera, a decoração não produzira o mesmo impacto. Dado que nesse dia se encontrava preocupada, mal notara a imponente cama, as cores e os tecidos sensuais. Agora, à luz do que estava prestes a acontecer, o quarto parecia francamente hedonista.

De repente, invadiu-a uma enorme necessidade de acariciar. Ansiou por passar a mão pelo belo tecido, tirar as meias e enrolar os dedos dos pés nos opulentos tapetes.

Ao lado, havia uma mesa carregada de comida e de refrescos. Pão, queijos, bolos, o suficiente para alimentar um exército durante uma semana. Várias garrafas de vinho e uma de *brandy* também estavam disponíveis para degustação.

Ele estivera tão seguro da sua capitulação!

Certo de que ela acederia, já lhe tinha desapertado a fita do chapéu que atirou para longe, já lhe tirara as travessas de cabelo para que caísse em cascata pelas costas.

– Senti a tua falta – disse, pegando-lhe nas mãos e baixando-se para lhe roubar

um beijo.

– Eu não senti a tua – retorqui, irritada.

– Mentirosa.

Ele riu e rodeou-lhe a cintura com os braços, erguendo-a e fazendo-a girar em círculos tão rápidos que ficou tonta e não conseguia recordar outro episódio que tivesse sido tão fantástico. Não havia nada tão sublime como dispor de toda a atenção de John Clayton concentrada nela.

Como conseguiria sobreviver depois da sua partida?

– Talvez tenha sentido um pouco a tua falta – admitiu quando a pousou.

– Juro, Em, que enlouqueces um homem.

– Eu? Como?

– Não pensei que viesses. Fazes alguma ideia do tempo que passei a espreitar lá para fora pela porta das traseiras?

– Não. Quanto?

– Não tens nada a ver com isso, raios. – Ela começou a repreendê-lo pelo tipo de linguagem e ele deteve-a. – Já sei. Já sei. Não praguejes.

– Obrigada.

– Começo a entender-te muito bem.

Que assustadora verdade!

– Sim, comesas. Agora diz-me qual é a tua intenção de me arrastares para o teu quarto. – Como se não soubesse! – Não posso ficar.

– Claro que podes. Ninguém sabe onde estás. A criadagem julga que saí há uma hora e não és necessária em casa. Fugimos.

– Para fazer o quê? – Ela não tinha a certeza porque estava a fazer-se de idiota. Por dentro das calças, sentia a sua ereção, rija e encostada ao seu ventre.

Poderia fazer isto? Como não?

– Quero fazer amor contigo, Emma. Toda a tarde. Toda a noite se conseguir *aguentar*. – Soltou nova risada, ergueu-a no ar, levou-a para a cama e pousou-a para que ficasse de joelhos na sua frente.

– Diz que sim. Será maravilhoso.

Como poderia resistir?

Sorrindo-lhe com aqueles belos olhos azuis e a covinha no queixo, ele era a encarnação do pecado, um íman de vício e iniquidade que despertava os seus mais baixos impulsos.

Vou fingir que é a minha noite de núpcias, racionalizou.

Agora que se ligara a John, tinha de enfrentar a realidade: nunca casaria. Depois de se apaixonar por ele, não poderia jurar fidelidade a outro.

Porque refreava os seus impulsos? Podia aprender como era ser mulher, esposa, e muito depois de John regressar a Londres, ficaria com as suas

preciosas recordações. Porque não aproveitava esta oportunidade?

– Também quero fazer amor contigo – acedeu ousadamente.

A rendição valeu a pena só para ver a sua reação. Ele derrubou-a sobre a cama e seguiu-a para que o seu tronco a pressionasse no colchão dos ombros aos pés. As suas zonas mais sensíveis estavam encostadas às dele, os seios contra o seu peito, as virilhas contra o falo e Emma sentia-se extasiada por ter cedido. À semelhança de uma gata preguiçosa, esticou-se, cada movimento subtil dando-lhe o conhecimento excitante do que se seguiria.

– Há uma eternidade que espero por fazer isto – disse ele e Emma concordou. Parecia que a labuta da vida de ambos se reduzia a paragens nesta estrada até culminar neste acontecimento fantástico. Como se ambos tivessem meramente existido até o destino os conduzir neste sentido.

– Quero avançar devagar – disse ela –, para que mais tarde me lembre de todos os detalhes.

– Tentarei dar o meu melhor, mas não posso garantir. Se não tirares a roupa nos próximos cinco segundos, não sei o que poderei fazer.

Ela esboçou um sorriso malicioso. Como poderia deixar de ficar encantada com o insolente patife?

– Porque estás a sorrir? – perguntou ele, sorrindo também.

– Porque me fazes feliz.

– Ótimo.

Fitou-a ternamente e o seu olhar levou-a a desejar muitas coisas que estavam para lá do seu alcance e afastou a onda perturbadora de desejo, resolvida a concentrar-se no presente e em nada mais. Quando o encontro acabasse e ela se visse sozinha na sua miserável cabana no bosque, teria muitas oportunidades para se recriminar e lamentar.

O encontro tornou-se mais íntimo. Ele era tão bonito que doía fitá-lo e Emma não tinha ilusões. Se fosse outra pessoa, não estaria deitada ao seu lado. Nenhum outro homem teria conseguido seduzi-la tão completa e facilmente.

Estava a fazer isto por ele, porque o amava. Porque desejava satisfazê-lo.

– Vai correr tudo bem – sussurrou-lhe ele ao ouvido.

– Eu sei – respondeu no mesmo tom.

– Não tenhas medo.

– Não tenho.

Com suavidade mas premência, beijou-a e ela abraçou-o fortemente para que pudesse perder-se. Desejava ser inundada por uma paixão incontável, tão dominada pelo que estava prestes a fazer que nem a prudência ou a discrição conseguiriam dissuadi-la.

John intensificou o beijo, entrelaçando a língua na dela. Tinha as mãos nos

seus seios, amassando os montículos suaves através do vestido, beliscando e rodando os mamilos. Emma apartou as coxas, ancorando os pés atrás das suas pernas. Tinha a saia amontoada em redor da sua virilha, formando uma almofada, contra a qual ele podia empurrar e fletir, combinando as ancas com o ritmo da língua.

Desapertou-lhe tranquilamente o corpete e, quanto mais solta se sentia, maior era a antecipação.

Por fim, ocupou-se da parte da frente e puxou as mangas para baixo, expondo a camisa fina e usada. Baixou-a igualmente, expondo-lhe os seios. Examinou-os fervorosamente.

– Já te disse que adoro os teus seios?

Emma corou, desacostumada aos seus jogos sexuais.

– Sim.

– São tão bonitos. Foste feita para mim, Emma.

Deteve-se no rego, beijando-a, enlouquecendo-a ao apertar os mamilos. No preciso momento em que ela estava prestes a explodir com a demora, beijou-lhe um dos mamilos excitados. Sem lhe demonstrar um pinga de piedade, ocupou-se do bico alongado até ele ficar inflamado, após o que se ocupou do outro, até ela se contorcer e emitir súplicas.

Ela sentia-se a arder mas, por uma vez, não se importava. Tencionava flutuar na maré do desejo crescente. Tudo o que acontecesse era permitido.

Os dedos masculinos e ágeis retomaram a tarefa, baixando a roupa pela cintura e pelas ancas. Durante esse tempo beijou-a e acariciou-a, murmurando carinhos que incentivavam a sua licenciosidade.

Por fim, ficou com a roupa junto aos pés e vestida apenas com as meias e os sapatos. John sentou-se sobre os seus calcanhares para que pudesse observar o corpo nu. Emma sentiu-se embaraçada e desejava tapar-se, sendo o instinto de agarrar um lençol ou tapar os seios e as partes íntimas com um braço, mas forçou-se a submeter-se ao seu escrutínio.

John começou pelos dedos dos pés, vagueando languidamente pelas pernas, as barrigas das pernas, examinando os pelos púbicos e em seguida penetrando-a com dois dedos. Acariciou-lhe o sexo com o polegar e ela arqueou o corpo, desesperada por se vir.

– És tão bonita, Emma. – Pairou sobre ela enquanto a titilava. – Céus! Vou montar-te com tanta força.

– Acaba com isso! – rugiu ela. – O seu corpo estava à beira de um precipício de onde não haveria retorno. – Não me faças esperar.

– Tens de esperar. Pediste-me que avançasse devagar, lembras-te?

Apartou-lhe os lábios inferiores, revelando o montículo húmido e rosado,

enquanto a avaliava visualmente.

– John! – Não conseguia decidir se queria que ele desistisse ou continuasse, mas não podia suportar muito mais tal tormento.

Ele inclinou-se, concentrando-se onde ela precisava freneticamente que estivesse.

– Vejamos se conseguimos fazer-te esquecer que és a filha de um vigário.

Com algumas hábeis estocadas da língua, empurrou-a até à beira do precipício. Ela veio-se com uma torrente escaldante, encostando os quadris à sua boca eficiente. Tentou escapar à turbulência, mas ele segurou-a, prendendo-a ao colchão.

Gradualmente desceu à terra e ele ria, percorrendo-lhe o corpo desde o umbigo, aos seios, à nuca. Beijou-a de uma forma deliberadamente erótica e ela sentiu o gosto do próprio sexo na língua dele. Foi um estimulante que a deixou excitada com a necessidade de lhe tocar, cheirar, absorver a sua essência.

Ele estava a despir a camisa, atrapalhado com os botões e ela assumiu rapidamente a tarefa de o desnudar. Sentiu uma pressa repentina de o ver nu, passar as mãos por aqueles músculos firmes, ter a sua carne viril de macho fundida intimamente na sua.

Puxou-lhe as lapelas, arregaçou-lhe as mangas e mergulhou para conseguir encontrar o mamilo. Lambeu-o e mordeu-o e ele ficava mais tenso a cada golpe da língua.

Entretanto, massajava-lhe as costas, os ombros e desceu mais, acariciando-o através das calças até ele não suportar mais. Ergueu o corpo para que ela pudesse baixar-lhe as calças dos quadris, ao longo das coxas. Num misto de tecido, sapatos e meias, lutaram e enredaram-se até ambos se verem pecaminosa e abençoadamente nus.

John tapou-a, mas sem a roupa a impedir a sensação, moldavam-se perfeitamente. O pelo áspero do peito e das pernas masculinas titilavam a sua pele macia. A energia que habitualmente disparava entre ambos estava viva, pulsava e ele ficou muito perplexo ante tamanha força.

– Sentes isso? Céus, Emma. É indescritível.

– Sim.

Ela sentia-se delirante, exultante e ele esboçou o seu sorriso diabólico e flexionou as ancas, deixando-a saborear o deslizar do falo no seu ventre. Era uma entidade palpitante que exigia satisfação e ele só precisava de se mover um pouco para entrar nela.

Ao aperceber-se, a firmeza dela desvaneceu-se e teve de adiar o inevitável, mesmo que fosse por uns minutos.

Pô-lo de costas e beijou-lhe o ventre. Sem as calças a impedir-lhe o acesso,

conseguiu uma satisfação plena. Ele estava rijo, ereto, o membro projetando-se orgulhosamente e ela enfiou o nariz nos seus pelos viris, até chegar à glândula latejante e o receber na boca. Ele recompensou-a com um ofegar e a contração do ventre.

A maior parte das mulheres sensatas e virtuosas teria considerado o ato terrível, mas ela deleitava-se na decadência, no abandono. O seu nível de prazer era mais um sinal da sua natureza dissoluta, de como se afastara do caminho reto.

Ele deixou-a gozar, mas estava a atingir o limite. Tinha o corpo tenso e a respiração ofegante.

Ela preparava-se para a conclusão, quando, surpreendentemente, ele se afastou, deslocando-a para que ficassem estendidos.

Ao deparar com a sua expressão surpreendida, explicou:

– Quero que seja entre as tuas pernas.

Devia ter-lhe ocorrido que ele procuraria o caminho normal e não poderia inventar qualquer desculpa para impedir o final, mas, mesmo assim, sentia-se nervosa.

– Promete-me uma coisa.

– Minha querida Emma – respondeu, depositando-lhe um beijo terno no meio da palma da mão –, conceder-te-ei tudo o que estiver ao meu alcance.

– Preciso que jures que no final te desenfiarás. Que não te virás dentro de mim.

Ele franziu o sobrolho.

– Tens medo de engravidar?

– Claro que sim, idiota. – Deu-lhe uma palmada no traseiro nu e John riu e em seguida ficou sério.

– Não posso gerar um bebé, Emma.

– Porque imaginas que não podes?

– Nunca aconteceu. Durante todos estes anos.

A ser verdade, caso o promíscuo libertino não tivesse filhos, suspeitava que a sua ausência de procriação estava mais relacionada com a escolha das mulheres do que com qualquer defeito físico. Provavelmente, as suas amantes não desejavam filhos e estavam em posição de adquirir métodos de prevenção de gravidez.

Emma ouvira falar de remédios e misturas fornecidas por barbeiros, boticários e outros que juravam tratar-se de uma panaceia, mas mesmo que fossem autênticos não estavam disponíveis a mulheres do seu mundo. Segundo a sua experiência, quando uma mulher fazia sexo, normalmente tinha um bebé nove meses depois.

– Promete-me – repetiu fervorosamente, sem saber o que faria se ele recusasse. Teria coragem para o rejeitar?

Encolhendo os ombros, beijou-a demoradamente.

– Como se fosse capaz de te recusar alguma coisa.

Recomeçando, beijou-a e minutos depois tinham novamente atingido o clímax da paixão.

Os seus dedos competentes desceram indolentemente pelo seu torso, aproximando-se mais a cada centímetro. Ela não podia impedi-lo, não podia recuar, não podia alterar a sua direção.

Ele explorou os pelos públicos, certificando-se de que estava escorregadia e molhada; quando não lhe restaram dúvidas, agarrou-lhe nas ancas e apartou-a, colocando o pénis no lugar correto como se conhecesse o caminho e não precisasse de orientação.

Quando a titilou com a glândula, ela concluiu que era grande demais, que não se encaixaria e lutou contra uma onda de pânico.

Ele sentiu de imediato a sua apreensão.

– Não tenhas medo, meu amor. – Pressionou a glândula. – Descontra e deixa que te faça minha.

Com um movimento rápido e ágil estava dentro dela. Foi eficiente e não a magoara tanto quanto havia julgado. Contudo, o rasgão ardia e picava. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas não só devido à dor, mas também por causa do significado do momento e do que ele representava.

Embora John estivesse excitado, não era estúpido e reconheceu o que tinha acontecido. Ficou paralisado, o corpo transformado em pedra, o cenho franzido de irritação e, em seguida, desenfiou-se bruscamente. A prova do pecado que havia cometido – o vermelho do sangue da sua virgindade – manchava-lhe o pénis.

Como se tivesse acabado de verificar que ela tinha sífilis, saltou da cama e aterrou no chão. Fitou-a com as mãos nas ancas.

– Explica-te.

– O que queres saber?

– És o raio de uma virgem!

– Era.

Emma não conseguia entender o que lhe provocava aquela irritação. Era tão libertino que provavelmente poderia ter uma virgem todos os dias. Que importância tinha mais uma?

– O que raio te passou pela cabeça?

– *Julguei* que estávamos a fazer amor.

– Julgas bem! – Agarrou nas calças e puxou-as, tapando-se a toda a pressa. –

O que se passa? Tens por aí algum parente enfurecido prestes a entrar e a descobrir-nos?

– Não tenho ninguém – respondeu ela calmamente, mas ele não estava a ouvi-la. – Em nenhuma parte do mundo.

– Bem, não te servirá de nada. Estás a ouvir-me, Emma? – Continuou a mostrar-se irritado, lutando com a camisa, enfiando os braços nas mangas. – Se isto é algum tipo de... de... *conspiração* para me lebares ao altar, não vai funcionar. Tive pessoas mais espertas do que tu a tentarem coagir o meu comportamento e até agora não foram bem-sucedidas!

O grande idiota supunha que ela lhe lançara uma armadilha. Como era capaz de pôr em causa os seus motivos! Que estúpido! Não entendia que ela estava aqui porque o amava?

A sua virgindade tinha sido uma dádiva! Como se atrevia a menosprezá-la?

– Como se te quisesse! – Saltou igualmente da cama, agarrou no vestido, enfiou-o pela cabeça e depois avançou para ele até ficarem bem de frente e espetou um dedo irado no seu peito. – Consideras-te um partido maravilhoso? Bah! Não casaria contigo nem que me suplicasses!

– Então, o que estás a fazer? Uma virgem só se entrega a um homem como eu por um motivo, por um único motivo: casamento. Bem, odeio informar-te, mas escolheste o homem errado!

– Sem dúvida que escolhi!

– És tão temerária que assumiste que te levaria para a cama e em seguida casaria?

– Filho da mãe arrogante! – espumou.

Embaraçada e ansiosa por escapar, procurou os sapatos e as meias, disposta a correr o risco de fugir para o corredor meio vestida, se ao menos pudesse afastar-se dali.

Correu para a porta, mas antes que pudesse sair, ele agarrou-a por trás, rodeando-lhe a cintura com o braço. Lutando contra a restrição, começou a dar pontapés e a atacar com os punhos, mas ele apertava-a como uma garra de ferro.

– Larga-me!

– Não. – Esforçou-se por deter o ímpeto da sua fúria. – Desculpa. Desculpa. Não queria dizer o que disse.

– Querias, sim! Larga-me!

– Emma! Para! – decretou num tom meigo e prendeu-lhe os braços dos lados do corpo. A ordem tirou-lhe toda a resistência. Deixou-se cair contra ele.

– Desculpa – repetiu ele.

– Foi uma dádiva! Uma dádiva para ti! – Deu-lhe um último e ineficaz pontapé na canela. – Odeio-te!

– Não, não odeias.

– Odeio, sim! Com todas as minhas forças!

Ele atravessou o quarto, arrastando-a como um saco de carvão e sem a largar, pois sabia que se o fizesse, ela se afastaria a correr. Colocou-a em cima da cama – exatamente onde ela *não* queria estar – e imobilizou-a antes que pudesse escapar.

– Sabes, Em, se não bebesse, levavas-me a fazê-lo.

Soltou uma gargalhada, o que a irritou tanto que se tivesse uma pistola lhe daria um tiro no centro do seu coração negro.

– Sai de cima de mim! – Ele não mexeu um músculo e, por conseguinte, acrescentou: – Por favor?

– Olha para mim.

– Não.

Não foi capaz de manter a fúria. Qualquer opinião baixa que ele albergava a seu respeito devia-se aos seus flagrantes episódios de conduta lasciva. Se a considerava uma prostituta, era a única culpada e dificilmente poderia condená-lo por supor o pior. Estava cansada, angustiada, atormentada e triste e desejava ir para casa e nunca mais voltar.

Ele abraçou-a com força, o que impediu qualquer fuga.

– Tenho a certeza de que os teus amigos e vizinhos espalharam muitos boatos desprezíveis sobre o meu caráter...

– E acreditei em todos – interferiu, petulante.

– Suponho que o merecia – concordou, dando-lhe uma palmada no traseiro. – Tenho os meus padrões, Em. Nunca tinha feito amor com uma virgem.

– Bem, deixa-me dizer-te que não és muito bom nisso.

– Mereço isso. – Riu e depois balançou-lhe o queixo com um dedo para a obrigar a fitá-lo. – Porquê? – perguntou, surpreendido. – Não valho isso. Porque o fizeste?

– Porque queria que fosses o único. Porque te amo.

Aquela simples explicação não era nem um começo da descrição dos seus sentimentos e ele assentiu, aceitando a confissão, mas não respondeu com uma afirmação idêntica. Não que ela esperasse uma declaração de sentimentos fortes, mas, mesmo assim, agora que se tinha humilhado totalmente, teria sido bom receber uma.

– Sabes que não posso casar-me contigo, não sabes?

Que imbecil!

– Alguma vez sugeri isso?

– Não, não sugeriste e isso enlouquece-me. És a única pessoa que conheci, além do meu irmão, que não deseja alguma coisa de mim. – Estava a sondá-la,

intencional, e parecia jovem, autoconsciente, ansioso. – Estou perdoado?

Emma ficou surpreendida por ele lhe ter pedido perdão. Atendendo à sua posição, provavelmente nunca tivera de se desculpar perante ninguém por nada, e o facto de o fazer, indicava que nutria algum afeto por ela.

Era tão tola!

– Sim, seu patife.

Ele beijou-a ternamente, derrubando as suas defesas.

– Quero tentar de novo – persuadiu ternamente. – Deixa que te mostre como pode ser realmente.

Idiota! Idiota! Idiota!, repreendeu-se, mas mesmo enquanto pronunciava a admoestação, estava a ajudá-lo a erguer-lhe a saia pelas pernas, levantando as ancas para que ele pudesse desapertar-lhe o vestido sobre os ombros.

Sem mais discussões, teve-a nua e pronta a aquiescer – mais uma vez – ao que ele quisesse.

Que Deus lhe desse forças! Não tinha autodomínio. Não lhe restava um pinga de dignidade.

Deixara de haver uma barreira a impedir a sua penetração e assim deslizou facilmente até ao interior. Emma estava dorida devido à sua primeira invasão e estremeceu ante a segunda, mas o corpo magoado ajustou-se rapidamente. Agarrando-lhe nas mãos, ele estendeu-as de cada lado da cabeça, os dedos de ambos entrelaçados.

Sorriu e ela sorriu também, acariciando-o, saboreando o momento e o homem. Era frágil, obcecada, idiota, assombrada pela sua necessidade e, sem mais hesitação ou reflexões, envolveu-o com as pernas e aproximou-o de si.

CAROLINE vagueava sem rumo pelo corredor escuro, sentindo o frio do chão polido sob os pés descalços. Embora o verão fosse a meio, sentiu uma corrente de ar e apertou o cinto do robe.

Como John tinha estado fora o dia inteiro, visitando a propriedade, ela gastara a monotonia das horas percorrendo a mansão solitária, interrogando-se porque fora tão absurda a ponto de acreditar que uma visita a Wakefield Manor reafirmaria a sua ligação. Quando ele finalmente aparecera para uma ceia extremamente tardia, mostrava-se diferente, feliz e contente de uma forma que não notara antes. Ficou dececionada quando lhe ocorreu que as mudanças de atitude não tinham nada a ver com ela.

Depois da refeição, suportara mais uma *conversa* desagradável e, desde então, perdera a vontade de qualquer diversão. Tinha recusado degradar-se passando a noite no salão do andar de baixo, convivendo e fingindo que estava tudo bem, como era seu costume quando algo não funcionava. Apesar de a mãe a ter aconselhado frequentemente a não mostrar as emoções, às vezes uma mulher tinha simplesmente de reagir!

John dissera que não e falara a sério. Dantes os pais haviam sido um baluarte, convencendo-a a pôr de lado às suas rejeições, mas já não aguentava. A realidade era um tónico amargo de engolir e detestava o seu gosto amargo, mas ele foi sincero e determinado e a sua intenção não deixou dúvidas.

Não haveria casamento. Jamais.

Estava abatida, desamparada, irritada; poderia muito bem fazer explodir o caldeirão de emoções reprimidas que mantinha no interior. A sua tolerância tinha desaparecido e o ressentimento fervilhava.

Como de costume, durante a conversa mordera a língua, tinha aguentado pacientemente a suave repreensão sobre o seu aparecimento inesperado, concordara obedientemente com a sua exigência de que se fosse embora, mas em seguida, na privacidade do seu quarto, evocara dúzias de réplicas mordazes.

Como desejava poder ter dito o que realmente pensava! O que não daria para expressar a sua opinião! Por uma única vez! Se alguma vez se descontrolasse diante do irrefletido canalha, provavelmente não pararia de o censurar!

Tivera tantas certezas de que a sua chegada alteraria a sua ligação, de que ele ficaria orgulhoso do seu atrevimento, de que a veria sob uma nova luz. Mas imaginou-a como sempre a vira: uma jovem imatura, frívola e irracional e que precisava de homens para a vigiarem constantemente.

Porquê? Se a interrogassem sobre o pai – o seu paradeiro, como ele encarava o seu comportamento ou o que poderia fazer se descobrisse que ela viajara – começaria a gritar.

A biblioteca de John situava-se à sua esquerda. Dirigiu-se à porta e entrou. Alguém estivera lá antes dela. As últimas brasas da lareira acesa não se tinham apagado e mantinham uma temperatura agradável na divisão. Sob a luz fraca da vela, começou a examinar os quadros e, os livros nas prateleiras. Os livros de contabilidade estavam abertos em cima da secretária e passou os dedos pelas longas colunas de débitos e de créditos, triste porque representavam uma posição que jamais lhe pertenceria.

Como é que durante anos investira tanto esforço em John Clayton sem nada que se visse?

Ele dissera-lhe insistentemente que não se casaria com ela, mas não desejara ouvir e, por conseguinte, não escutara as suas recusas, mas a estupidez não era inteiramente por sua culpa. Havia outros culpados em causa. O pai dele. Os seus pais e avós. Os seus amigos. Todos estavam tão seguros de que ele viria a capacitar-se.

Nem calculava a série de ocasiões em que tinha ouvido pessoas a afirmarem que ele estava simplesmente a gozar a juventude, que inevitavelmente acalmaria e cumpriria o seu dever, que ela tinha de ser paciente e esperar. Sobretudo depois da morte do pai, a mãe ficara em êxtase, certa de que em breve seria invadida por planos de casamento.

Todos tinham sido tão otimistas; todos tinham sido tão estúpidos. Algum dia John levaria a cabo as suas responsabilidades. Casaria e teria um filho como era exigido. Só que não seria com ela.

Ignorava o que ele procurava numa mulher, mas obviamente ela não possuía nenhum dos traços e o pensamento era tão desanimador que não podia contemplá-lo. Toda a sua identidade estava envolvida na suposição de que um dia casaria com o herdeiro Clayton e, portanto, sentiu como se lhe tivessem tirado o tapete debaixo dos pés.

Se não seria a viscondessa de Wakefield, então quem viria a ser?

O pensamento de regressar a Londres, de ter de informar os pais, de sofrer com o sarcasmo e a troça das pessoas, era excruciante! Dado não fazer ideia de como resistir a essa tempestade, os abutres iriam devorá-la! Tinha sido constantemente a filha perfeita, depois a noiva perfeita, e passara cada minuto da sua vida a demonstrar uma conduta impecável, sem levantar ondas ou provocar o arquear de uma sobrancelha.

Com o seu repúdio, que horrores desabariam sobre ela? Como lhes iria sobreviver?

Não fazia ideia de como aguentar um escândalo, de como viver com censura e deprecição. Seria possível morrer de sofrimento?

Se de alguma maneira conseguisse superar o drama, tinha a certeza de que a mãe não o faria. Morreria com uma apoplexia, mal um boato se espalhasse nos lábios de outro.

Afundou-se na cadeira por trás da enorme secretária e enterrou a cabeça nas mãos. Como atingira esta lamentável conjuntura? O que faria a seguir? O que seria dela?

Ouviram-se passos arrastados pelo corredor, aproximando-se da biblioteca, e entrou em pânico. Há duas horas que andara a vaguear. Ninguém mais estava acordado! Se pensasse que não era assim, não teria descido.

Quem poderia ser? E se fosse John? Caso ele entrasse, morreria!

Não podia ser vista quando estava tão desarranjada! Endireitou-se de um salto, respirou fundo várias vezes e descontraíu os músculos faciais, esboçando um sorriso imperturbável e sereno. Tinha o cabelo solto, não podia apanhá-lo, nem tão pouco ocultar o facto de que estava vestida apenas com o robe por cima de uma fina camisa de noite; por conseguinte, resolveu não se focar no que era impossível corrigir.

Levantando-se, forçou-se por parecer o mais composta possível, no preciso momento em que Ian Clayton entrou. O seu pânico transformou-se em pavor, depois alarme e finalmente fúria. Como se atrevia a interromper o seu devaneio angustiado? Ele era um mestre em arruinar tudo!

Numa das mãos trazia uma vela, na outra, uma bandeja com comida, e ela percebeu que a sala não se encontrava vazia. Aparentemente, estivera ocupado com os livros de contabilidade e fora até à cozinha buscar de comer.

Que má sorte a atraíra quando ele se afastara? Tinha de escapar!

Ele estava completamente vestido, um pormenor que a incomodou, embora tivesse tirado o casaco e a gravata. Tinha a camisa desabotoada, e as mangas arregaçadas com os botões de punho. Conseguia ver uma parte do peito e dos antebraços que estavam tapados com uma intrigante penugem preta, tão preta quanto os cabelos. A amplitude da carne masculina era uma distração e recusou prestar-lhe atenção, mantendo os olhos fixos nos dele.

– Desculpe – começou num tom desdenhoso –, mas não percebi que esta sala estava ocupada.

– Bem, bem... se não é a rainha do gelo! – disse num tom irritado. – O que a trouxe até aqui tão tarde? Espera assustar alguém de morte com as suas maneiras exemplares?

Estava cansada dele; estava cansada de todos os homens que conhecera. Durante toda a vida, esforçara-se por os aplacar e onde é que isso a conduziu? A

sítio nenhum, ou seja ali! Estava morta por explodir. Por dizer o que lhe apetecia dizer. Fantasiava desempenhar um papel indelicado e descortês.

– Cale-se, Ian! – ripostou. – Estou farta das suas palavras e da sua atitude!

– Ora, ora! A dama tem temperamento. – Examinou-a com curiosidade. – E está à vista!

– Vá para o inferno! – Afinal, conseguiu! E ninguém tinha morrido! Que refrescante! Que libertador! – Seu... seu... filho da mãe!

– Então, então, não insulte a minha mãe.

Avançou cauteloso na sua direção, como se receasse que ela pudesse morder. Tendo em conta o seu elevado grau de histeria, fazia bem em preocupar-se com o que poderia fazer. Repentinamente, ela sentiu-se capaz de qualquer conduta grosseira.

Enquanto o fulminava com o olhar do outro lado da enorme secretária, ele pousou o castiçal e a vela, e Carol enfureceu-se ao notar que o escroque troçava dela. Ninguém a levava a sério?

– Não estou disposta a ficar aqui e a ser ofendida por gente da sua laia.

Precipitou-se na direção da porta, mas ele estendeu o braço e agarrou-lhe o punho antes que pudesse esgueirar-se. O aperto não era forte nem ele era ameaçador, mas o gesto de intimação fê-la parar. No seu mundo, o contacto físico era tão proibido que muitas vezes se sentia como se vivesse numa bolha. O calor da sua mão, queimando através da roupa de noite, era chocante e maravilhoso.

Ele aproximou-se mais e ficaram ombro a ombro, quase colados. Tencionara fulminá-lo com o olhar, mas quando se fitaram, ficou hipnotizada pelo azul intenso dos olhos dele.

A força peculiar, inexplicável, que ele gerava, envolveu-a. O ar à volta deles encheu-se de uma atividade invisível, como se a proximidade de ambos produzisse faíscas.

Ian franziu a testa e examinou-o com mil sensações espelhadas no bonito rosto.

Por fim, perguntou:

– O que há de errado?

Expressou-se com tanta ternura e preocupação, que ela se desfez por completo. Os olhos encheram-se de lágrimas e sufocou-as.

Por uma questão de hábito, respondeu:

– Nada.

– Não minta, Carol. – Usou o seu diminutivo, mas não o repreendeu.

– O que o leva a pensar que estou a mentir?

– Para mim és um livro aberto. – Fez deslizar a mão para que os dedos de

ambos se entrelaçassem. – Diz-me o que aconteceu.

Encostou-se à secretária, com os quadris apoiados na beira e não a largou. Ela continuou sem protestar. A união era fascinante, apaixonante. As peles nuas encostadas provocavam sensações maravilhosas!

Desenvolvia-se uma familiaridade do género convidativo à partilha de segredos e de desgostos, embora ela não compreendesse o motivo. Talvez fosse por estarem sozinhos, pelo silêncio da sala, ou pelo estranho isolamento deste homem que conhecia há anos, mas de quem não sabia nada.

Com um puxão, atraiu-a para que ficasse entre as suas coxas e a intimidade resultante era de tirar o fôlego.

– Diz-me – repetiu. – É o John? Magoou-te?

A veemência com que fizera a pergunta sobressaltou-a e ficou com a nítida impressão de que se lhe pedisse, Ian agiria como seu defensor. Que fabuloso ter um homem tão viril indignado em sua defesa! Uma pena que não houvesse nada a defender!

– Ele não vai casar comigo, pois não? – Antecipara a resposta de mote próprio, mas necessitava de formular a dúvida em voz alta.

Examinando-a, tentou ser franco sem a entristecer ainda mais. Por fim, a verdade ganhou e não havia uma resposta fácil.

– Não, não vai.

– Obrigada pela honestidade. – Esboçou um aceno de cabeça grato, considerando a resposta franca como uma dádiva. – Tinha deixado que outros me convencessem de que não estava simplesmente preparado para assentar, mas nunca o faria, pois não? Por mais tempo que eu esperasse?

– Não.

A verdade era emocionante, mas como a magoava!

– Por conseguinte falaram a meu respeito?

– Algumas vezes – confirmou gentilmente.

– Sabes... – Fez uma pausa, detestando humilhar-se por sondar, mas *tinha* de compreender. Voltou a tentar. – Ele disse porque sentia que eu era tão inadequada?

– Oh, Carol, é isso o que supões? Que havia algo de inadequado em *ti*?

– Que mais poderia supor?

Ian pousou as mãos na sua cintura, deslizando os dedos até mais abaixo e empurrou-a para diante de modo a que a frente se encostasse ao seu torso. Os seios estavam achatados contra o seu peito e, estranhamente, os mamilos transformaram-se em bicos endurecidos que ressaltavam na camisa de noite – e nele! – tornando-a agonizantemente consciente de si mesma como mulher. Sempre que ele se movia, era esfregada contra o corpo masculino, ao mesmo

tempo que um formigueiro de excitação se espalhava no peito e descia fazendo com que o estômago se contraísse e as virilhas lhe doessem.

O sexo fundiu-se com o dele. Estava a tocá-lo – lá! – e o seu corpo sentiu o impulso de se aproximar, provocando inúmeras confusões anatómicas que a levaram a inquietar-se e a preocupar-se com os princípios morais. Embora soubesse que era indecente estar posicionada de uma forma tão perversa, não conseguia entender porque desejaria afastar-se.

A sua boca estava a escassos centímetros da dela e o seu pulso batia freneticamente. Tinha a certeza de que ele ia beijá-la e estava entusiasmadamente disposta a permiti-lo. Nunca fora beijada, embora fantasiasse sem cessar sobre como seria.

Nesta noite horrível em que a vida se desmoronava à sua volta, se Ian Clayton estava inclinado a beijá-la não iria dissuadi-lo.

Contudo, ele dececionou-a enormemente portando-se como um cavalheiro quando ela não desejava que o fosse! Não a beijou!

– Não te culpes pela decisão de John – afirmou num tom bondoso. – Não teve nada a ver contigo.

– Mas deve ter tido!

– Não deves lamentar, Carol. John não conseguiu ver o fogo que arde no teu íntimo. Terias sido muito infeliz.

Ele reconheceu a paixão queimando-lhe as entranhas! Que emoção aperceber-se disso! Ela tivera de apagar as chamas com tanta frequência que era quase uma faísca.

– Estou tão envergonhada e sinto-me tão estúpida. Como vou regressar a Londres?

– És uma mulher corajosa que não atribui valor a si própria.

– Já imagino os comentários sarcásticos. Será tão terrível. Como suportarei a humilhação?

As lágrimas caíam-lhe pelo rosto sem que tentasse enxugá-las. Ian parecia tão compreensivo, um verdadeiro confidente com quem poderia partilhar os seus maiores medos e não conseguia ver qualquer motivo válido para disfarçar a extensão da sua infelicidade.

Ela nunca lamentava o seu destino, pois vivera durante tanto tempo num meio estéril e desinteressante que se encontrava totalmente isolada de qualquer acontecimento que provocasse um transtorno. Manifestações de emoção eram o pico do indecoro. Chorar podia tornar-lhe o nariz vermelho e manchar-lhe as faces, portanto havia que sufocar qualquer lamento.

– Chora à vontade, minha querida – murmurou Ian, aconchegando-a ao seu amplo peito. – Vais sentir-te melhor quando tiveres desabafado.

O fato de ele lhe ter dado permissão para dar largas ao desgosto provocou uma enxurrada e deixou correr as lágrimas. Chorava por tudo. Por perder o irmão mais velho de John, por perder John, por ter vinte e quatro anos e ser solteira, por nunca se ter apaixonado nem ter tido oportunidade de ser amada pelo homem dos seus sonhos.

Durante todo o episódio, ele abraçou-a, percorrendo-lhe as costas para cima e para baixo com as mãos grandes, ao mesmo tempo que sussurrava carinhos na sua língua escocesa nativa. Ela deixou que lhe acalmasse o coração partido e a alma atormentada e foi um bálsamo calmante.

Aos poucos, a sua tristeza foi diminuindo e o abraço transformou-se, tornando-se algo mais ardente e impetuoso. Começou devagar, um beijo na orelha, no cabelo, mas prosseguiu até lhe chegar aos lábios e ela nada fez para evitar ou impedir a sua procura.

O seu primeiro beijo foi um roçar suave dos lábios de ambos, e revelou-se tão delicioso e precioso que a levou a ponderar porque nunca se entregara anteriormente.

O beijo aumentou rapidamente quando a sua premência cresceu, agarrando-lhe no pescoço e inclinando-o. A língua brincou com a dela, mergulhando um pouco e entendeu de imediato o que procurava e recebeu-o no interior.

Surpreendentemente, Caroline possuía um talento invulgar para beijar. Deduzia facilmente o papel que lhe cabia e como participar e obter o máximo prazer.

Rodeou-lhe a cintura com os braços, abraçando-o tão ferozmente como ele a abraçava. Os seus dedos exploraram, delineando ossos e músculos, aprendendo a forma e o tamanho. Os seios e as partes íntimas encontravam-se numa posição ainda mais sugestiva e sentiu o cume entre as pernas dele e de que ouvira falar pela boca de amigas casadas.

Excitava-o de uma maneira masculina! Que magnífico! Que gratificante! Havia pelo menos um homem naquela casa desprezível que a achava sedutora.

Gemeu quando se apoderou novamente da sua boca e parecia estar a sofrer.

– Céus! Desejava fazer-te isto para sempre.

– Para sempre? – repetiu, engolindo em seco e surpreendida.

O beijo intensificou-se. Ian agarrou-lhe o traseiro e aconchegou-o. O movimento foi incontrollável, surpreendente e despertou os seus instintos mais íntimos. Ele puxou-a de encontro aos quadris, fletindo-os segundo um novo ritmo que ela adotou prontamente. A junção física levou-a a esticar-se numa procura e necessidade de mais estimulação e sem ter a suficiente.

Ian ficou encorajado pelo seu maior envolvimento e emitiu um gemido de prazer que se repercutiu nas suas extremidades nervosas e acendeu os seus

instintos femininos. Bruscamente, queria coisas dele que não poderia começar a nomear. Ardia de desejo e, estranhamente, desejava que lhe beijasse o corpo todo.

Embora mentalmente compreendesse que lhe cabia desistir, o corpo sentia-se como se tivesse chegado exatamente onde pertencia, que sempre estivera pronto para lidar daquela forma escandalosa e dramática. Quaisquer atos depravados que ele pudesse cometer contra a sua pessoa seriam exatamente o que era necessário para aliviar a crescente tensão que estava a levá-la à imprudência. Se a pressão não fosse aliviada, poderia explodir!

Ian acariciou-lhe o seio. A sua mão deslizou para dentro da camisa de noite e agarrou o bico, acariciando-o e moldando-o e, em seguida, servindo-se do indicador e do polegar, passou ao mamilo, beliscando e apertando de uma forma premente e sedutora. A sua resposta foi instantânea e marcante: sentiu-se como se a tivesse atingido com um raio.

Como poderia sobreviver a tal emoção? Não poderia ser saudável! Uma reação tão extraordinária era necessariamente perigosa!

– Ian! Para!

Por trás dela, junto à ombreira da porta, John rugiu a ordem, mas foram precisos vários segundos antes que a realidade se interpusesse o bastante para a fazer entender que ele tinha entrado na biblioteca e estava a observar tudo.

– Ian! – rugiu novamente.

A sua severidade fez-se ouvir e, com um grito, ela soltou-se de Ian e afastou-se com um salto. Com a brusca perda da segurança dos seus braços, desequilibrou-se e tropeçou antes de conseguir levantar-se.

– Merda! – exclamou Ian e depois murmurou um epíteto que ela nunca tinha ouvido antes. Não estava muito certa do seu significado, mas o tom com que o pronunciou foi elucidativo.

Caroline não poderia ter ficado mais embaraçada se o pai a tivesse apanhado a meio da tórrida cena. Ficou ruborizada, com o coração acelerado e esforçou-se para recuperar a compostura.

Ian pousou uma mão reconfortante na parte inferior das suas costas e ela afastou-se, impondo distância. Com a luz da vela brilhando sobre as suas cabeças, não queria ser vista unida a ele num comportamento dissoluto.

O que pensaria John? Não era de admirar que não a quisesse! Quem quereria? Umas horas antes tinha esclarecido a sua posição quanto ao casamento e o seu primeiro ato como uma mulher descomprometida fora envolver-se com o irmão qual vulgar prostituta!

– O que com mil raios fazes aqui? – inquiriu John num tom duro.

Ante aquela brusquidão, sobressaltou-se e, em seguida, percebeu rapidamente

que ele se dirigia a Ian e não a ela.

– O que te pareceu? – reagiu Ian num tom insolente, erguendo-se casualmente da sua posição na beira da secretária como se não tivesse a mínima preocupação.

– Estava a beijar a Caroline.

A sala estava carregada de uma ameaça assustadora. Se os dois tivessem pistolas, decerto as sacariam e apontariam um ao outro. Tudo por causa dela!

Ela nunca testemunhara esta faceta de qualquer um deles. Na verdade, até ignorava que tivessem brigado. Nunca estavam em desacordo e verificar que a sua conduta devassa instigara a discórdia, era uma desgraça acrescida.

– Carol, deixa-nos sós.

John emitiu a ordem e, embora estivesse ansiosa por se furtar ao seu escrutínio, a superioridade dele irritou-a.

Pela primeira vez, reagiu corajosamente:

– Perdeste o direito de me dar ordens.

– Pode ser – retorquiu John, sem desviar os olhos de Ian –, mas és uma convidada na minha casa e o teu pai não está presente. No seu lugar, zelarei pelo teu bem-estar. – Fitou-a com uma raiva que a atingiu no mais fundo de si.

– Vai! – disse e ela afastou-se a correr como um coelho assustado.

– Carol! Espera! – suplicou Ian, mas ela não hesitou nem se virou.

Estava mortificada, envergonhada, tendo-se pervertido hediondamente e não podia suportar como ele iria encará-la. Com carinho? Com arrependimento? Céus... com piedade?

Por um fugaz e agradável momento baixara as suas defesas enraizadas, esquecera as inibições, deixara vir ao de cima a sua natureza rebelde, mas fora rapidamente esmagada, como a mãe a tinha avisado de que aconteceria, caso libertasse as suas inclinações sórdidas.

O que lhe passara pela cabeça?

A culpa havia sido da noite, das sombras e da sala isolada, do homem elegante e arrojado.

Insanidade temporária, era o que era. Não poderia ter sido outra coisa.

Recomposta, saiu de rompante e dirigiu-se apressadamente à segurança do seu quarto. Demasiado perturbada para conseguir dormir, fez as malas, a fim de estar pronta para partir ao amanhecer.

*

Ian ficou pregado ao chão, escutando os passos de Caroline a afastarem-se e depois observou John quando o irmão se aproximou.

Ignorava que explicação poderia fornecer ou por que se deveria sentir obrigado a fornecê-la por uma questão de honra. Sobretudo a John que nem por

uma vez se abstera de se envolver em qualquer diversão duvidosa, mas, devido ao olhar fulminante do irmão, poderia afirmar que pisara uma linha que nem mesmo John, na sua situação de desgaste, conseguiria tolerar.

Havia um confronto iminente, mas ele não se encontrava nessa disposição. Tinha várias questões a resolver com John que nunca haviam sido abordadas mas, como ainda estava na agonia da excitação, não se encontrava em condição de as discutir. Doíam-lhe os testículos, tinha a pulsação elevada e os sentidos sobrecarregados.

Como suspeitava, Caroline era uma mulher sensual cujos atributos libidinosos haviam sido reprimidos tanto tempo que ela desconhecia a sua existência. Caso John não irrompesse pela sala naquele momento, Ian não poderia prever o que teria feito. Procederia ao desfloramento? Tê-la-ia violado em cima da secretária sem atender às consequências?

No que se lhe referia, tivera de lutar permanentemente contra uma atração desenfreada e perigosa impossível de concretizar. Tinha-a comparado a um anjo do paraíso. Admirada, adorada, mas virginal. Ao ser-lhe finalmente concedida a oportunidade de ter relações com ela, como poderia ter passado por cima?

A experiência confirmara de uma vez por todas as suas inquietações sobre a sua personalidade perversa. Se era capaz de abusar de Caroline tão terrivelmente, não havia dúvida de que era o bastardo que o seu nascimento indicava e, por conseguinte, totalmente indigno de alguém tão valioso. Porque passava tanto tempo a tentar provar o contrário?

Inquieto, angustiado, o corpo proclamava estrondosamente o seu desagrado pela falta de alívio. Tinha os pensamentos desorganizados e estava consciente de que não responderia com a costumada argúcia.

John avançou até ficarem frente a frente.

– Não voltes a tocar-lhe.

– Ou o quê?

– Terás de responder-me por isso.

– Céus! Estou todo a tremer. – Seria aquele o momento em que se defrontariam fisicamente? Já haviam tido desentendimentos, mas um deles acabara sempre por recuar antes de chegarem a vias de facto.

– Vai-te lixar!

– Porque estás tão irritado? Não a queres – censurou ele. – O que te importa quem a deseja?

– Posso não a querer, mas tu não podes tê-la. Estás muito abaixo da sua posição – venceu cruelmente.

John não poderia fazer uma crítica mais humilhante. Os dois sabiam-no e o facto de ele ter gritado o comentário somente indicava a cólera que os tomava.

Estavam demasiado enfurecidos para terem uma conversa racional mas Ian era um homem vaidoso e o seu orgulho mergulhava-o normalmente em todo o tipo de problemas desagradáveis. Não estava disposto a tolerar a ofensa.

– Então o que estás a dizer, John? Que sirvo para que a tua desprezível amante se meta na minha cama e me chupe a meio da noite – disse, esticando-se a toda a sua altura e defrontando o olhar fulminante do irmão –, mas sou demasiado vulgar para beijar a tua bonita ex-noiva?

John bateu-lhe com tanta força que quase o derrubou. Quando se esquivou para o lado, uma mesa decorativa caiu no chão e várias figurinhas voaram. Ele agarrou-se à secretária, lutando para se equilibrar.

– Céus... Desculpa. – John arrependeu-se imediatamente e estendeu a mão para ajudar Ian, mas ele empurrou-o.

– Vai para o inferno.

Trocaram olhares furiosos. John massajava os nós doridos dos dedos e Ian enxugava o sangue de um corte na maçã do rosto. Em seguida John deslocou-se para trás da secretária, colocando inteligentemente espaço entre ambos.

– Desculpa – repetiu. – Não sei o que me passou pela cabeça.

– És um idiota. Sempre foste.

Seguiu-se um silêncio ameaçador e, caso algum deles o quebrasse, provavelmente expressariam ofensas que não sentiam de verdade. Ou talvez o problema fosse que quaisquer palavras pudessem corresponder exatamente à intenção, mas no passado as acusações haviam sido judiciosamente retidas.

– Não acho nada disso a teu respeito – disse John. – Nunca achei.

– Excetuando as confissões aos teus amigos aristocratas.

John suspirou e esfregou de novo a mão magoada. Perturbado e surpreendido ante a viragem dos acontecimentos, declarou:

– É uma loucura se a perseguires, Ian. Os pais dela nunca o permitiriam nem daqui a mil anos. Entendes isso, não entendes?

– Claro que sim – respondeu Ian num tom cáustico –, mas tal não me impede de a desejar.

– Porque não confiaste em mim?

– Não era da tua conta.

Não conseguia enumerar quantas vezes tinha desviado o olhar, ou fingido indiferença, enquanto ignorava a maneira como John a tratava, assegurando-se de que não tinha nada a ver com isso.

Caroline fora um espinho irritante e obrigou-se a ignorar o seu fascínio. Tinha ido ao ponto de se convencer que só estava enfeitiçado porque ela pertencia a John, o símbolo consumado de todas as miseráveis iniquidades do mundo.

Esgotado, John ia a sentar-se e, quando o fez, olhou de relance para o tampo

da secretária. No meio da briga, Ian tinha-se esquecido do que fazia antes de Caroline ter entrado. Os livros de contabilidade estavam abertos, quando não deveria ser o caso. Os livros haviam estado escondidos desde o início da tarde, trancados na gaveta, e supostamente John tinha a única chave.

O diário de Ian, onde estivera a copiar somas, encontrava-se junto aos registos de contabilidade, e a sua caligrafia era impossível de não ser reconhecida. As páginas com as suas notas também eram visíveis, um monte incriminatório de provas para o qual não havia uma justificação válida.

John perscrutou o material, enquanto tentava interpretar o que via, e Ian preparou-se. Há uma eternidade que esta alteração pairava no ar e surpreendia-o que não tivesse acontecido mais cedo. Apenas o conhecido desinteresse de John por assuntos fiscais e a presença do pai de ambos como um impeditivo à descoberta, evitaram que ocorresse.

– Explica-te – disse.

Ian encolheu os ombros, engolindo uma onda de remorso, sem vontade de se humilhar ou pedir desculpa.

– Estive a verificar os saldos. A calcular a minha parte.

– A tua *parte* de quê?

– Do que o pai me prometeu para cuidar de ti.

– Há quanto tempo é que isso dura?

– Desde que cheguei a Londres. – Doze anos. Doze anos de engano e duplicidade, de mentiras, esquema e conivência com o seu pai em detrimento de John.

– Porquê?

John ficou extremamente magoado, mas Ian defendeu-se de qualquer sentimento de simpatia. O irmão recebera tanto, mas apreciava muito pouco a sorte que tinha.

– Porque o pai me pediu. E foi um enorme bónus financeiro.

– De quanto?

– Dez por cento dos lucros de cada uma das tuas propriedades individuais e que o pai administrava no teu lugar.

– Dez por cento para fazer o quê?

– Para te servir de *ama*. Para relatar.

John sentia-se horrorizado e atordado.

– Foste pago para o pôr ao corrente dos meus assuntos pessoais?

– De todos os pormenores que considerava dignos da sua atenção.

– Foi por isso que nos cruzámos em Londres.

– Exato.

– Então, o nosso encontro em Londres não foi acidental. – Os pedaços do

quebra-cabeças encaixavam-se aos poucos. – Conspiraste contra mim. Com o pai.

– Sim. Mandou chamar-me depois de te teres mudado por vontade própria. Não confiava em ti e desejava a minha ajuda.

– Havia uma data final para o teu acordo com o pai? Ou tinhas licença para me roubares eternamente?

Ian não encarara a situação como *roubar*; trabalhara por cada cêntimo do maldito dinheiro.

– Não havia uma duração fixa, embora dispusesse de autoridade para terminar o nosso acordo se fosse capaz de convencê-lo que tinhas mudado.

– Deus do céu! Como ele confiava nas tuas capacidades. – No comentário silenciado estava implícito que o pai não tinha fé em John.

– Tentei o meu melhor.

– Aposto que o fizeste.

Embora John se esforçasse corajosamente para ocultar a sua reação, o choque foi tão grande que os joelhos cederam e afundou-se na cadeira, olhando fixamente as informações condenatórias.

– Quero que te vás embora amanhã de manhã.

– Já fazia parte dos meus planos.

– Quando regressar a Londres, quero que já tenhas deixado a casa.

– Como quiseses.

Atormentado e triste, John passou uma mão fatigada pelos olhos.

– O teu roubo acabou. Vais deixar todas as tuas chaves e não quero ouvir nem mais uma palavra a teu respeito. Vou mandar o meu advogado contactar-te para negociar um acordo monetário adequado.

– É escusado – retorquiu Ian, girando sobre os calcanhares e dispondo-se a sair. – Não preciso de nenhum apoio dos cofres dos Wakefield. Já tenho o suficiente no banco.

Afastou-se, recusando demorar e remoer a situação desprezível.

No último segundo, John disse num tom calmo e magoado:

– Julguei que eras meu amigo.

– Nunca fui – respondeu Ian, afastando-se, sem olhar para trás.

I^{AN} percorreu o corredor na direção da entrada. O sol de verão mal havia colorido o horizonte quando se levantara para regressar a Londres. Recolhera um pedaço de pão com queijo na cozinha e tinha o cavalo selado e pronto no exterior.

Só lhe faltava sair, mas não conseguia que os pés dessem os passos decisivos. Ficara tanta coisa inacabada – com Caroline e John – e sofria com a vincada sensação de que, quando partisse, não voltaria a ver qualquer um deles.

Parou junto à biblioteca e dirigiu-se à secretária de John onde colocou uma bolsa contendo as chaves que o pai de ambos, Douglas Clayton, lhe tinha dado. Chaves das secretárias, chaves das portas, chaves de acesso aos livros de contabilidade. Uma maldita coleção.

Por breves momentos, ponderou em rabiscar uma carta, qualquer mensagem de desculpa ou de justificação, talvez uma simples despedida, mas não conseguia pensar em nenhuma declaração que não parecesse egoísta ou gananciosa. Abandonou a sala, negando-se remoer ou ponderar nas várias formas como tinha traído o irmão.

Não sabia bem porque consentira em servir de cúmplice a Douglas. Na maioria das situações não tinha conseguido suportar o tirano. Quando Douglas o abordara pela primeira vez com a ideia de espiar John, sentira-se irritado e ofendido, porém, lisonjeado intimamente por o malvado mulherengo necessitar dele.

Embora tivesse gostado de culpar a juventude e a ingenuidade pelo que fizera, tratavam-se de pretextos ociosos. Aos vinte anos era insensível, pobre e facilmente influenciável, mas qual a sua desculpa para continuar quando tinha vinte e cinco? Quando tinha trinta?

Alguma vez encontraria uma razão válida para a sua conduta? Ele e John haviam tido os seus altos e baixos, as suas brigas e diferenças. John podia ser difícil, complexo, problemático, mas Ian também não era nenhum santo. Tinham-se entendido muito bem a maior parte do tempo e as fases de conflito haviam sido rapidamente ultrapassadas e esquecidas.

John era o seu único irmão. O que se apoderara de Ian para supor que qualquer quantia de dinheiro valia a perda da sua amizade e consideração?

John não tinha ninguém em quem confiasse. Fora enganado muitas vezes pelo pai e por todos. Não absolvía os outros pelos seus pecados e nunca perdoaria este. A relação deles terminara. Para sempre.

Ian tinha pronunciado alguns comentários vis que correspondiam parcialmente

à verdade, que lamentava por um lado e por outro não. Frequentemente o seu orgulho e a sua inveja superavam o bom senso. O ciúme incitava-o a fazer coisas que não tencionava, a magoar os que amava.

Suspirou. Tudo aquilo era um desperdício. A rivalidade entre irmãos. A sua cobiça e o ressentimento. Através da sua perfídia, tinha-se tornado um homem rico, mas não recolheu qualquer agrado da sua abastança. Que satisfação existia na riqueza que havia sido obtida por métodos tão duvidosos? Não podia desfrutar plenamente dos benefícios que tinham sido conseguidos a expensas de John.

Na entrada, vestiu o casaco e pôs o chapéu, disposto a sair para o frio do amanhecer, quando soaram passos nas escadas. Ansioso, ergueu os olhos, prevendo que se trataria de John, especulando sobre se o irmão mudara de opinião durante a interminável noite e decidira que não deveriam separar-se em termos tão amargos.

Para sua grande surpresa, não era John, mas Caroline.

Parou por um breve instante e ele leu-lhe mil emoções no bonito rosto. Alegria, embaraço, perplexidade, animosidade. Devido ao murro que John lhe dera, tinha a face e a sobancelha inchadas e um hematoma; ao reparar na lesão, Caroline arregalou os olhos consternada, e depois ocultou qualquer sinal de emoção, refugiando-se por trás do seu típico muro de tédio e desdém.

Continuou a descer, seguida pela criada. Vestiam capas, chapéus e luvas e ela estava obviamente preparada para viajar sem uma palavra de despedida a John ou a ele, o que era compreensível. Tanto quanto era imaginável, a discussão da noite anterior não fora o melhor momento dos irmãos Clayton e Ian desejou poder corrigir o que lhe acontecera, mas não divisara uma solução viável.

Depois de se preocupar incessantemente com a sua condição, tinha-se esgueirado para o quarto dela, sem saber muito bem o que iria acontecer. Por sorte, a porta do quarto estava trancada barrando-lhe o acesso e ainda tentava descobrir porque se dera a esse esforço. O incidente na biblioteca fora terrível. Não o beijo prolongado, mas a maneira como terminara, com John testemunhando a sua paixão, repreendendo-a como se ela fosse uma criança, e sentindo-se humilhada por ter sido apanhada.

Ian desejava agir corretamente, mas não tinha a mínima ideia de como o fazer. Não estava disposto a desculpar-se por a ter beijado, o que decerto ela lhe exigiria. O encontro fora delicioso, o que acontecera fora maravilhoso e ela não fizera nada de errado.

Quando ela chegou ao fundo das escadas, cumprimentou, hesitante:

– *Lady Caroline.*

– Senhor Clayton – respondeu ela num tom arrogante e desdenhoso.

Como podia agir como se fossem estranhos? Umas horas antes, colocara a mão no seu seio! Invadiu-o uma raiva poderosa e teve de sufocar o impulso de sacudi-la até os dentes abanarem.

Como se fosse invisível, passou por Ian, marcando a sua posição e ele agarrou-lhe no pulso, uma manobra que a fez parar de imediato.

- Não podia dar-se ao trabalho de se despedir?
- Porque consideraria necessário que me despedisse de si?
- Perdão, Sua Alteza Real.

Ela estava em pânico, receosa de que ele pudesse aludir ao seu jogo amoroso na frente da criada e, por conseguinte, a sua indiscrição seria transmitida ao pai.

- Como mal nos conhecemos, porque necessito de perdoá-lo, senhor Clayton? Ele suspirou novamente. Odiando-a. Odiando-se a si mesmo.

- Por nada, *lady* Caroline. Por nada.

- Bom, nesse caso... – Afastou-se, quebrando o contacto físico.

- Está de saída para Londres?

- Sim, embora não entenda em que os meus planos possam interessar-lhe.

- Também vou. Gostaria que a acompanhasse?

- Francamente! Como se precisasse de uma escolta masculina! Tenho vinte e quatro anos; posso cuidar de mim mesma.

Dirigiu-se à porta com a criada apressando-se a correr na sua frente para a abrir e ele observou-a, com o veneno subindo em espiral enquanto murmurava:

- Maldita cadela.

Não fizera tenção de que ela ouvisse o cruel epíteto, mas ouviu. Parou, como se tivesse sido apunhalada pelo seu desrespeito. Tinha as costas muito direitas, o corpo tremia-lhe de raiva e ele calculou que o seu mau humor poderia desencadear uma resposta mordaz, mas estava enganado.

Sustendo a raiva e com a dignidade intacta, saiu sem se virar.

Durante alguns minutos, ficou parado, até a sua carruagem se afastar e depois saiu, montou no seu cavalo e seguiu-a, ansioso por conseguir apanhá-la e galopar sem atender ao seu bem-estar.

Com um rápido puxão das rédeas, desceu a trote o caminho sinuoso do relvado em direção da aldeia. Antes de chegar à curva final, parou e olhou para a mansão.

O sol erguia-se por trás da casa e o céu alaranjado brilhava como se estivesse em chamas. Absorveu a cena, apreciando, recordando, e nesse instante detetou movimento numa janela do andar de cima. Estreitou os olhos e tentou certificar-se de quem poderia ser, mas em vão.

Ansiou desesperadamente que fosse John e acenou, na eventualidade de o ser. Em seguida, prosseguiu, cavalgando atrás da carruagem de Caroline, dirigindo-

se a Londres e ao que quer que o futuro lhe reservasse.

*

Georgina descontraíu-se na cadeira, no centro do camarote de Wakefield no teatro, ajustando os binóculos, enquanto espiava a opulenta multidão coberta de joias.

Presidiu como uma rainha, cumprimentando amigos e inimigos durante o longo intervalo e, pelo seu porte, ninguém suspeitaria de que estava nervosa relativamente à sua ligação com John. Como o seu mundo transbordava de pessoas malévolas – muitas das quais havia maltratado ou insultado – não tinha partilhado o seu segredo com ninguém. Tratava-se de uma verdadeira horda que se deliciaria com a sua queda.

Há um mês que permanecia em casa sem qualquer informação e sentia-se frustrada e frenética.

O bilhete anónimo que enviara a Caroline Foster resultara maravilhosamente. Como Georgina tinha previsto, a noiva idiota correria atrás de John. Ele odiaria esse tipo de comportamento, mas tê-la-ia hospedado delicadamente e suportado muitos dias de tédio a entretê-la, o que correspondia na perfeição ao desejo de Georgina. Todas as horas que passasse com *lady* Caroline eram as que não passaria com aquela raposa que lhe capturara a atenção.

Porém, mesmo assim, Georgina estava irritada. Desde que enviara *lady* Caroline na sua busca desesperada, Georgina não recebera uma única indicação sobre o progresso da visita. Antes de abandonar a propriedade rural, tinha subornado três criados na mansão, e há uma eternidade que Rutherford estava na sua folha de pagamento, mas não ouvira um pio de nenhum deles.

Escrevera algumas cartas enamoradas a John, missivas triviais para lhe recordar a sua existência, mas ele não respondera. Não esperava que o fizesse, mas de qualquer maneira enviara-as, desejosa de levá-lo a recordar que tinha outras responsabilidades.

O que estava a acontecer em Wakefield? A pergunta – e inúmeras respostas concebíveis e horríveis – tinham-na mantido acordada muitas noites.

O camarote do conde de Derby situava-se na sua frente e sentiu-se desapontada com a ausência do pomposo idiota. Se estivesse presente, não deixaria de apontar o pretensioso nariz na sua direção. Derby insistia em que não convinha a John apresentar-se em público com Georgina e, por conseguinte, Georgina gostava de ser notada.

Derby deixara claro que a sua querida Caroline não deveria ser desonrada pela presença de Georgina na vida de Wakefield, mas Caroline era tão idiota que não sabia quem era Georgina. Se vagueasse o olhar pelo teatro e detetasse uma

convidada no camarote de John, era demasiado estúpida para se interrogar de quem se trataria.

Observou com mais atenção. Até esse momento, o camarote de Derby estivera vazio, mas, subitamente, a cortina apartou-se para dar entrada a um séquito de mulheres. O coração de Georgina acelerou-se. *Lady* Caroline encontrava-se no meio do grupo, tendo regressado a Londres sem que Georgina tivesse sido informada!

Georgina enfureceu-se. O filho da mãe de Rutherford tinha recebido o seu último dinheiro! Como se atrevia a não a ter advertido desse desenvolvimento monstruoso!

Olhando fixamente, avaliou a elegância da jovem mulher, o seu porte sereno, o semblante inocente. Como é que algum homem podia aguentar casar-se com uma mulher tão primária e pudica de virtude? Sobretudo Wakefield. O pensamento daquela união era risível.

O seu ódio era tão forte que *lady* Caroline talvez conseguisse sentir a malícia espalhando-se pela sala. O que é que aquela idiota estava a fazer em Londres? Não poderia ter mantido Wakefield ocupado durante apenas uns dias? Qual era o problema dela?

Quando Georgina instara aquela aristocrática tola a deslocar-se a Wakefield, tinha rezado para que algum pedaço de intuição feminina pudesse vir à tona, que Caroline reconhecesse os perigos colocados pela filha do vigário. Aparentemente, Caroline era tão obtusa que não conseguia identificar um perigo quando se encontrava diante dos seus olhos.

Nesse momento, a amiga de Georgina, Portia, regressou de uma sessão de coscuvilhice no átrio. Precipitou-se para a cadeira ao lado de Georgina e explodiu alegremente:

- Não vais acreditar no que ouvi.
- O quê?
- Adivinha que família conceituada espalhou a notícia de que a filha mais velha não está disposta a aceitar uma proposta de casamento do visconde de Wakefield?

Georgina esteve prestes a saltar da cadeira, balbuciando incoerências, mostrando uma preocupação excessiva com a notícia. Sufocou qualquer reação, compôs um sorriso fixo e murmurou:

- A sério?
- Sim.
- Quando foi feito o anúncio?
- Há uma hora. Scuttlebutt pensa que ela se isolou durante algumas semanas para ponderar no futuro – respondeu Portia com um sorriso perverso. –

Obviamente, após uma longa reflexão, decidiu que Wakefield não é o marido que lhe convém.

– Demorou bastante, sem dúvida – observou Georgina num tom cáustico, mostrando mais interesse do que tencionara revelar. Outros do seu camarote e dos camarotes vizinhos, perscrutavam-na discretamente para verem como reagia à separação anunciada.

– Já sabias? – inquiriu Portia.

– Claro – mentiu. – Há várias semanas que ela tomou a decisão.

– E não disseste uma palavra, mazinha!

Georgina ergueu uma sobancelha, fingindo uma riqueza de conhecimentos que não possuía. Avançava sobre um território perigoso, consciente de que John ficaria furioso se descobrisse que ela o discutira, mas não podia dar a entender aos outros que fora apanhada de surpresa.

Portia continuava a tagarelar, fornecendo alguns dos gracejos mais sarcásticos sobre a solteirona *lady* Caroline – como era idiota, o que a família faria agora com ela –, mas Georgina quase não ouvia.

Precisava drasticamente de ar fresco, de paz e de tranquilidade para poder analisar o seu fracasso em privado, e estava a segundos de se levantar de um salto e precipitar-se lá para fora, o que não podia fazer. Impassível, serviu-se do leque para refrescar a face corada, enquanto se acalmava mentalmente.

– O que descobriste sobre as núpcias de lorde Belmont? – inquiriu, mudando habilmente o assunto para outro dos tópicos favoritos da amiga.

Portia lançou-se numa nova tirada e Georgina fingiu prestar atenção até considerar seguro sair sem dar a entender aos outros que estava perturbada. Ficou até ao início do terceiro ato e, com um sussurro a Portia, retirou-se calmamente para o salão das senhoras.

Abençoadamente estava vazio e viu-se sozinha.

Pôs-se diante do espelho, examinando o penteado e renovando a maquilhagem. À luz fraca da lâmpada parecia ter vinte anos, mas, quando se inclinou, as rugas que lutava com todas as forças para ocultar eram visíveis.

Virando-se de lado, analisou o perfil. Os seios continuavam duros e arredondados, mas não tardaria muito a que descaíssem.

A cada ano que passava, a sua situação tornava-se mais precária. Deixara de ser jovem e bela que era o que os condes e viscondes da aristocracia desejavam. Havia outras áreas de negócio em que a maturidade contava, mas não na dela. A idade era um inimigo a ser combatido e derrotado.

Não estava de forma alguma perto de uma estabilidade financeira. Precisava de tempo para se equilibrar. Com uma hábil manipulação das feições e uma satisfação eficiente das tendências e hábitos de John, esperara prendê-lo até aos

quarenta ou mais.

Se ele se desfizesse dela agora, que futuro teria?

Antes de ter conquistado John como seu protetor, não se preocupara em encontrar outro benfeitor. Quando um se afastava, havia sempre um outro à espera, mas cresciam as hipóteses de que não existisse mais nenhum depois de John a deixar de lado. Estava a envelhecer e a perspectiva era demasiado sombria para contemplar.

Tinha de o reconquistar! Precisava de trazê-lo de volta a um terreno familiar para que fosse removido da tentação. Uma vez que o tivesse em Londres, ele lembrar-se-ia de como era hábil a fazê-lo feliz e porque a escolhera em primeiro lugar. Eram uma parceria de sucesso e ninguém o entendia como ela. Investira muito na sua associação e não estava disposta a perdê-lo devido às maquinações de qualquer prostituta rural.

Havia muito poucas opções disponíveis, mas tinha de inventar um método pelo qual pudesse seduzi-lo. Ele entediava-se com frequência e distraía-se facilmente, por conseguinte, tornava-se difícil combinar uma quantidade adequada de vício e entretenimento.

Que estratégia poderia excitá-lo o suficiente para voltar a instalar-se na cidade?

A solução caiu-lhe dos céus. A sua irmã! Sim! Pediria à sua irmã, Gwenda, que a visitasse! Porque não tinha pensado nisso antes?

Gwenda adorava qualquer desculpa para se escapar à sua monótona vida no campo, bem como ao velho porco lascivo com quem estava casada. Além disso, estava enamorada de Wakefield e ansiosa por qualquer proposta que o incluísse.

Os três haviam participado, numa ocasião singular e decadente, em alguns jogos sexuais que elevaram a licenciosidade sensual a um novo nível. Ela e Gwenda tinham um ano de diferença e pareciam-se o suficiente para passar por gémeas, e John havia-se envolvido em inúmeros atos sexuais com elas, o que alimentara as suas fantasias masculinas.

Após esse *rendez-vous* dissoluto, ficara muito grato e ela fora significativamente recompensada por organizar o lascivo encontro, mas desde então não tinha conjeturado nada de semelhante.

Sentindo-se mais segura, regressou ao camarote. Estando *lady* Caroline no teatro não partiria e, por conseguinte, teria de aguentar o resto da ópera, mas assim que conseguisse escapar, iria a toda a pressa para casa e redigiria o convite indecente.

A lua brilhava no céu pelo que poderia enviar um mensageiro rapidamente. Ao amanhecer, o seu bilhete estaria a caminho de chegar à mão de Wakefield.

*

Emma tropeçou de cansaço quando se esgueirou para o quarto de John. Tinham passado uns bons sete dias desde que haviam disposto de tempo para estarem juntos e, no intervalo, ela cuidara de muitas crianças que estavam atacadas por uma grave gripe que varrera a aldeia, assistira ao parto de dois bebês e sentara-se à cabeceira de um moribundo. Após o falecimento deste, tinha ajudado a família nos preparativos para o funeral. Dado Harold não ter prática nem aptidão para lidar com o luto, não dera a mínima ajuda e fora ela a encarregar-se de todos – do pastor e da família enlutada – através da dolorosa provação.

Estava cansada, debilitada, privada da sua habitual energia e, quando chegara a casa, desejava cair na cama e dormir durante uma semana. Mas a criada de John estava lá, vigiando Jane e a mãe, e entregara-lhe a mensagem de que o visconde esperava Emma na mansão.

A assistência da criada fora uma dádiva durante o período árduo, permitindo que Emma continuasse com os seus deveres para ganhar algum dinheiro extra. John também havia providenciado comida e a sua magra reserva de víveres aumentava gradualmente. As condições melhoravam e a amizade que os unia resultava em infintos dividendos.

Quando saíra de casa, arrastando o corpo abatido e sobrecarregado através da floresta e pela colina acima, dissera a si mesma que apenas concordara em encontrar-se com ele para lhe agradecer pessoalmente a sua generosidade, mas, embora tivesse toda a intenção de expressar o seu apreço, não se iludia: estava a caminho porque desejava vê-lo. Não havia motivos mais sublimes por trás dos seus atos.

Durante as noites desoladas em que estivera acordada e a trabalhar longe, sentira a falta dele, e passara as horas solitárias a pensar nele, interrogando-se sobre onde estava, o que fazia, e se poderia estar com saudades dela. Desejara estar livre para passar por lá. No auge do nervosismo, ansiara por se deitar ao seu lado, adormecer e repousar enquanto ele a aconchegava.

O seu apego era precipitado e perigoso, o seu carinho absurdo, mas não podia mudar o curso dos acontecimentos. Amava-o, embora não houvesse uma explicação para tal. Ele era rude, tirano, mimado, um libertino dissoluto, com uma mulher diferente atrás de cada porta. Contudo, como já lhe provara muitas vezes, também podia ser gentil, atencioso, benevolente e partilhavam um afeto mútuo e um magnetismo físico que não podia ser ignorado.

O fato de se sentir atraída por ele era um quebra-cabeças sem resposta. Como deixara que tivesse tanto significado aos seus olhos era um complexo mistério. Poderia ter jurado que era demasiado astuta para se deixar enrolar em qualquer

aventura ridícula, mas tinha sido isso o que fizera e agora estava envolvida muito para além de qualquer nível de prudência.

Estava preparada para ficar com o coração partido e tinha como única escolha contar os dias até esse momento terrível em que ele partiria para Londres.

Ao chegar ao seu quarto, entrou furtivamente. John encontrava-se sentado a uma mesa junto à janela, com vários livros espalhados na frente, como se estivesse absorvido com papelada. Vestido casualmente com calças largas, estava sem casaco nem gravata, as mangas arregaçadas e os botões da camisa desapertados.

– Ora, muito bem – disse ele, sorrindo. – Se não é a Santa de Wakefield. Estou muito honrado com a sua presença!

Ela ficou nervosa com as suas provocações.

– Olá!

John afastou-se da secretária e deu uma palmada na perna, indicando que queria que ela se sentasse. Emma atravessou rapidamente a sala e obedeceu de bom grado, aconchegando-se no seu colo.

– Há algum sacrifício que não faças? Alguma tarefa que recuses?

– As pessoas precisam de mim.

– É verdade. – Beijou-lhe a testa, os lábios. – Quase julguei que não virias.

– Tenho estado muito ocupada.

– É o que me consta. – Voltou a beijá-la demoradamente, saboreando, provocando-lhe borboletas no estômago. – Detesto que trabalhes tanto.

– Não me importo.

O que não era exatamente verdade. Sentia que era seu dever servir os outros – fazia parte da sua natureza –, mas não se queixaria se tivesse um horário menos agitado, se esporadicamente tivesse a prerrogativa de não atender os que lhe batiam à porta.

– Ficarás feliz por saber que também tenho andado ocupado enquanto estiveste afastada.

– Com o quê?

– A rever os livros de contabilidade. Projetei uma estratégia para tornar a propriedade novamente rentável. Como sugeriste, cancelei as rendas dos arrendatários. Para este ano e o próximo.

– És o meu herói.

– Não estou a dar-te nenhum do mérito. Estou a fingir que concebi tudo isso sozinho.

– Sabia que havia um coração galante batendo sob essa capa dura.

– Hum – resmungou, incapaz de encontrar resposta e ela encostou a face ao seu ombro, ocultando um sorriso. Ele sentia-se desconfortável com o

desenvolvimento da sua faceta filantrópica e não sabia bem como aceitar um elogio. Irritava-o o reconhecimento e a aprovação dela quanto às suas obras de caridade.

- Há mais uma coisa – acrescentou. – Considerarei inadequada a tua casa.
- O quê? – reagiu, endireitando-se. O que fariam? Para onde iriam?
- Calma – tranquilizou-a. – Ficarão nela até vagar uma residência melhor.

Depois, mudam-se.

- Não podes fazer isso!
- Posso e farei.
- Mas não posso pagar mais do que já pago!
- O aluguer foi anulado em troca do teu serviço permanente à comunidade.
- Quem foi informado disso?
- O agente imobiliário e eu.
- Mas se os outros descobrem? O que vão dizer?
- Vão dizer que o mereces.

John sorriu e ela abateu-se sobre ele, derrotada. Estava demasiado cansada para discutir. Demasiado cansada para lutar. Mais tarde, com algum do vigor recuperado, irritar-se-ia com a sua soberania, teria forças para resistir à sua generosidade injustificada, mas, de momento, não conseguia provocar qualquer discussão.

Um bocejo pouco educado fugiu-lhe e descaiu as pálpebras.

- Vem. – Pô-la de pé, conduziu-a até à cama, ela soltou um ronco e ele sorriu.
- O que é assim tão engraçado?

Ela desejava rebolar-se na sua maravilhosa cama e fazer amor. *Ela* desejava deitar-se e mergulhar num sono profundo. Eram como a água e o azeite, sem nunca estarem em sintomia, sem nunca concordarem. Como poderiam ser um casal?

- Queres fazer amor. Eu quero dormir.
- Sei disso.

Surpreendentemente, ele conduziu-a até à divisão ao lado do quarto. Um banho fora preparado na sua elegante banheira, a água era quente e convidativa. A lareira estava acesa. Toalhas macias estavam dobradas e empilhadas em cima de um banquinho. Uma vela ardia e um copo de vinho tinha sido servido.

- Pensei que gostarias de tomar um banho.

Emma fitou a banheira como se nunca tivesse visto uma antes. Quando fora a última vez que desfrutara de um banho? Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, o trabalho permanente cobrava o seu preço.

- Ainda está quente! – comentou. – Tinhas a certeza de que eu viria.
- Tenho-te mantido vigiada. Quando me informaram de que estavas

finalmente a caminho, mandei que trouxessem a água.

– Oh, John... – murmurou ela. – Não poderias ter feito nada melhor.

– Se soubesse que era tão fácil convencer-te a tratares-me por John, teria um banho preparado para ti todos os dias. – Soltou uma risada e inclinou-se para a beijar na boca. – Quando acabares, dou-te uma massagem nas costas e depois podes dormir o tempo que quiseres. – Algumas lágrimas correram-lhe pelas faces e ele enxugou-lhas. – Deixa-me ajudar-te com o vestido.

Começou pelos botões e ela levantou-se, com os braços ao lado do corpo. Ele despiu-a como se fosse uma criança e a experiência foi arrebatadora! Tratou vagarosamente das mangas, dos nós e dos laços. À medida que lhe tirava cada peça, beijava, acariciava e sussurrava carinhos.

Progredindo de cima para baixo, descalçou-lhe os sapatos, desapertando o cinto de ligas e fazendo rolar as meias. Por fim, restou apenas a combinação e ele ajoelhou-se na sua frente, roçando a barriga e enterrando o rosto no rego entre os seios. O seu maravilhoso cabelo louro aflorou-lhe os seios e ela entrelaçou os dedos no meio com um deleite espalhado por todo o corpo.

John puxou-lhe a combinação, tirou-lha pela cabeça e Emma ficou nua, mas não estava desconcertada. A sua nudez parecia perfeitamente normal e, de uma forma estranha, imaginou o seu corpo como pertencendo-lhe, como tendo sido criado apenas para sua satisfação e deleite.

– Vamos lá! – Segurando-lhe na mão, equilibrou-a quando ela entrou na banheira e mergulhou na água. Emma emitiu um silvo ao imergir.

– Gostavas que te lavasse o cabelo? – perguntou quando ela se reclinou. – Queres que o solte?

– Não. Demoraria uma eternidade a secar.

– Então encosta-te para trás. – Incitou-a a relaxar. – Vou escová-lo.

Puxou um banquinho e tirou-lhe as travessas; o cabelo pendeu sobre a borda da banheira e ele percorreu a massa encaracolada com movimentos metódicos e suaves. O ritmo era tranquilizante e, embora ela tentasse manter-se acordada, concentrar-se em todas as deliciosas facetas daquele encontro maravilhoso, continuava a balançar a cabeça.

– Não adormeças na banheira, dorminhoca. – Pousou a escova no toucador e beijou-lhe a face. – Vais afogar-te.

Emma riu enquanto ele pegava num pano, o ensaboava e lhe massajava os ombros e os braços. Colocou-a de joelhos com a água a chegar-lhe às coxas e esfregou-lhe as partes íntimas, os seios. A fricção era agradável, tranquilizadora, mas também excitante, dado que a aspereza do pano emitia picos de sensação por todo o seu corpo.

Ele abanou-a para sacudir a água e ela sorriu com uma súbita lembrança.

- Porque estás a sorrir? – perguntou ele.
- Lembras-te de quando vim aqui pela primeira vez? Para o *teu* banho?
- Como podia esquecer-me?
- Teríamos feito amor se a tua amante não tivesse entrado?

A menção da sua amante de Londres causou um embate na intimidade, mas ele recuperou rapidamente.

– Era decididamente o meu plano. Sou perverso a esse ponto – acrescentou com malícia.

– Sem dúvida.

De repente, estava decidida a não abandonar o tópico da sua amante. Nunca haviam falado sobre a mulher, mas Emma tinha uma enorme curiosidade sobre o que John faria quando deixasse Wakefield.

Se, quando se separasse dela e fosse para Londres, retomasse os seus hábitos licenciosos – sem intervalo – o que dizia isso sobre todos? Sobre a sua moral? Os estados perigosos das suas almas imortais?

A letargia soltava-lhe a língua e levava-a a pronunciar coisas que nunca teria dito, se a sua habitual circunspeção estivesse empenhada.

– A tua amante está ansiosa pelo teu regresso?

– Emma... – repreendeu-a.

Não conseguia olhá-la e ela ignorava que emoção impedia que a fitasse. Embaraço pela sua conduta com a dissoluta mulher? Irritação por Emma ter abordado a questão? Raiva pela sua suposição? Um misto das três?

– Continuarás com ela depois de casares?

Tinha os antebraços apoiados na borda da banheira e vacilou, escolhendo cuidadosamente as palavras.

– O que fizesse na minha vida privada não seria da conta da minha mulher.

– Mas *lady* Caroline não se sentiria desgostosa com o relacionamento? Não consigo imaginar-te a magoá-la deliberadamente.

– Caroline e eu não estamos noivos! – ripostou. – Deixei-lhe bem claro que não temos hipótese e ela voltou para casa.

– Mas algum dia casarás. Seja qual for a mulher que se tornar tua noiva, ela não...

– Em! – interrompeu-a bruscamente. – Não vou discutir isso contigo.

Vagueava os dedos pela água e parecia confuso, como se ela tivesse tocado em facetas perturbadoras da sua personalidade que ele não queria confrontar.

Emma examinou-o mais atentamente e pareceu-lhe que estava angustiado, perturbado, como se carregasse o peso do mundo sobre os ombros. Dado estar excessivamente cansada, não detetara a sua enorme aflição e detestava que ele pudesse estar atormentado, abatido ou desanimado.

– Se fosses meu marido e descobrisse que tinhas uma amante... – Passou-lhe os dedos pelo cabelo, desejando apenas que voltasse a sorrir – ...matava-a. Depois, matava-te. Muito devagar. Muito dolorosamente.

– É bem provável – concordou, fitando-a com os belos olhos azuis. Era tão bonito, tão querido. Tão só.

– Vale a pena lutar por ti, Wakefield.

– Achas? – Fez a pergunta como se essa ideia nunca lhe tivesse ocorrido.

– Absolutamente.

Ele beijou-a, numa junção esplêndida e esmagadora de boca e de língua e depois afastou-se.

– A água está a arrefecer. Vamos tirar-te daqui, antes que apanhes uma constipação.

Ajudou-a a sair da banheira e, em seguida, pegou num toalhão e secou-a. Continuava nua quando a acompanhou ao quarto e deitou-a de forma a ficar estendida no meio da enorme e atrativa cama.

Tirou um frasco de óleo perfumado de uma cómoda e, em seguida, subiu para o lado dela.

– Põe-te de barriga para baixo.

Emma obedeceu prontamente, apoiando o queixo nos antebraços, enquanto ele se escarranchava sobre as suas nádegas nuas.

Despejou um pouco do óleo – fora aquecido! – e espalhou-o na sua pele, após o que massajou os seus músculos doridos. As suas mãos fortes e firmes enterraram-se no tecido e proporcionaram-lhe um vislumbre do que deveria ser o céu.

Nunca nos seus sonhos mais ousados havia suposto que um homem pudesse fazer algo tão maravilhoso a uma mulher. Começando pelas pontas dos dedos, passando em seguida às pontas dos pés, ele tocou-lhe todo o corpo, procurando, diligente, mergulhando frequentemente em território lascivo. Cada poro estava em brasa; tratava-se de fadiga física associada a desejo sexual, a saciedade misturada com uma ânsia desesperada de ter o seu corpo esbelto e escorregadio, movendo-se contra o dela.

– Tira a roupa – ordenou, demasiado esgotada para ser ela a fazê-lo.

– Ainda não – disse, rolando para o lado. – Põe-te de costas.

Fê-la girar e em seguida desceu e começou a esfregar o óleo nos seus pés e voltou a subir até ao ventre, aos seios. As ancas dela reagiram e ele colocou-se entre as suas pernas, deixando que sentisse o membro, deixando-a fletir para se libertar de alguma da tensão crescente.

Com as mãos nos mamilos de Emma, mergulhou e abriu caminho através dos pelos púbicos, possuindo-a com a língua. Após algumas hábeis movimentações,

invadiu-a um poderoso orgasmo, e foi facilmente arrastada, decorrida a última hora de estimulação refreada.

Ondulou com ela, imobilizando-a enquanto ela lutava contra a sua boca. A agitação diminuiu e ele içou-se e beijou-a, permitindo que saboreasse o gosto do prazer nos seus lábios.

Arrogantemente, sorriu, orgulhoso da sua habilidade em levá-la a um estado tão drástico.

– Malvado – resmungou ela num tom de felicidade.

– És tão bonita. – Aconchegou as costas dela à sua frente, tapando os dois com um cobertor. – Agora descansa – sussurrou, embalando-a.

– Amo-te, John – murmurou e não tardou a perder a noção da realidade.

Fechou os olhos, a respiração abrandou e os sonhos assumiram o comando. Algures, ao longe, através de um misto de visões dispersas, pensou tê-lo ouvido responder:

– Também te amo, Em.

Adormeceu.

JOHN sentou-se numa cadeira junto à janela, observando Emma. A manhã tinha passado e a tarde encontrava-se a caminho da noite, mas ela continuava adormecida.

Até então, só havia fornicado com mulheres duvidosas e nunca tinha dormido com uma amante na sua cama, nem desejado que demorasse ao seu lado. As suas experiências com o sexo oposto eram duras, expeditas e a duração impulsionada pelo nível da sua excitação e a impaciência da conclusão.

Emma era diferente. Desde o dia em que fizeram amor começou a parecer inevitável, acometera-o um impulso louco de fazer amor com ela no seu quarto.

Tola que era, ela confiava nele muito mais do que deveria, dormindo profundamente, segura de que nada de mau lhe aconteceria enquanto ele estivesse presente. Colocara-se no centro do leito, com o lindo cabelo arruivado espalhado nas almofadas e viu-se forçado a admitir que a cama nunca mais voltaria a pertencer-lhe. A partir de agora, sempre que olhasse para ela, imaginaria a sua presença.

Suspirando, sentiu-se desamparado e só, ponderando no que estava a fazer, agarrando-se a este último encontro com ela, mas negando-se a aprofundar demasiado as respostas.

Também não conseguia explicar porque ainda se encontrava em Wakefield. A inspeção estava concluída, os balanços efetuados e as soluções instituídas. O agente imobiliário era um indivíduo competente que levaria a cabo os procedimentos desencadeados por John.

Num mundo lógico, John teria partido na mesma altura do que Ian, teria viajado com o irmão para Londres, teria relaxado e depois seguido – com Ian – na viagem programada para a auditoria das propriedades dos Clayton em Yorkshire.

Como é que tudo se processara às avessas?

Desde aquela noite terrível em que apanhara Ian a beijar Caroline que estava a tentar deduzir porque ficara tão enfurecido, porque explodira e fizera uma cena que embaraçara os três.

Dado não ter uma ligação romântica com Caroline, não fora atraído, mas ficara enraivecido com Ian. O irmão conhecia a sua posição e a de Caroline e sabia os motivos por que ela não podia pertencer-lhe, então o que exatamente estava a tentar?

Ian tinha muitos defeitos, mas dominava os seus instintos mais dissolutos.

Não comprometeria deliberadamente uma mulher com o estatuto de Caroline pois não poderia fazer a devida reparação. Não teria permissão para casar com ela e o seu comportamento imbecil só poderia ter levado ao desastre.

Como desejava poder voltar atrás a tempo de modificar a sua entrada na biblioteca para que a sua chegada tivesse sido menos humilhante para todos os implicados, mas com Ian era muito difícil saber como proceder. Embora se fingisse indiferente à posição de John, existira sempre uma corrente subjacente à sua associação, alimentada pelo reconhecimento conjunto de que tudo o que John possuía poderia ter sido de Ian. Raramente discutiam o assunto, mas separava-os de uma forma poderosa e real.

Seria o ciúme que incitara Ian a seduzir Caroline? Ian encarava-a como mais um bem de John que deveria ter-lhe pertencido? Ou tratava-se de algo mais profundo? Teria havido uma ardente cumplicidade entre eles de que John não se apercebera?

Bem, nunca descobriria. O seu comportamento grosseiro garantiu que Caroline não voltaria a recebê-lo, não iria falar-lhe novamente, nem aparecer em nenhum evento em que ele também pudesse estar presente.

Quanto a Ian...

John sentia-se magoado, desesperado com a alteração. Tivera poucos amigos genuínos e assumira verdadeiramente que Ian fora um deles. A oportuna chegada do irmão a Londres, o seu encontro casual e a sua crescente camaradagem pareciam dever-se a afeto e estima.

Não lhe tinha ocorrido que Ian estava simplesmente a trabalhar para o pai, que o seu respeito mútuo assentara numa mentira. Sendo os motivos de Ian tão suspeitos, não conseguia perceber como se haviam dado tão bem. O homem era fantástico! Com uma tal aptidão para o fingimento poderia ter beneficiado de uma carreira como ator!

O irmão teria gostado minimamente dele? Ou tudo girara à volta de remuneração e nada mais? Ian transbordava sempre de insatisfação, mas vir a saber que o seu antídoto para o que o atormentava era espiar e divulgar! Ano após ano, e sobretudo quando os dois tinham frequentemente abominado o pai!

John não conseguia entender o que tudo isso significava, mas sentia o coração apertado e não imaginava como poderiam reparar a ferida. Não fora o desvio furtivo de tanto dinheiro o que perturbara John. Não tinha nenhum problema com o fato de Ian adquirir uma parte da fortuna de família. Eram apenas os dois, a única progenitura reconhecida pelo pai. John tinha tanto que se sentia feliz por partilhar. Pelo contrário, fora a desonestidade e o embuste o que havia desconcertado.

A ampla e desapaixonada comissão de fraude obtida por Ian levava John a

entender que não conhecia Ian. A pessoa que ele julgava que o seu irmão era não existia.

Como sentia profundamente a perda!

A sua angústia pela separação mantivera-o em Wakefield muito mais tempo do que pretendia. Com a autopiedade tão em baixo, precisara de Emma, mas enquanto ele permanecera deprimido e esperando-a melancólica e ansiosamente, ela andara pela vizinhança a fazer as suas notáveis boas ações, cuidando dos arrendatários e dos inúmeros aldeões só porque acreditava nesse seu dever altruísta.

A princípio, quando mandara a criada à sua casinha, esperara que ela se lhe juntasse de imediato e ficara extremamente irritado pela sua resposta de que estava muito ocupada. Ninguém lhe dizia que não e a sua primeira reação tinha sido fazer as malas e regressar a Londres.

Que ela fosse para o diabo!

No entanto, a ideia de ir para casa era desagradável. Haveria escândalo por causa da sua rutura definitiva com Caroline e teria de lidar com boatos e conjecturas, suportar gracejos, perguntas, talvez mesmo conflitos com os homens da família dela. Não tinha estômago para nada disso e queria que o tumulto acalmasse.

Além disso, Ian teria desocupado a casa da cidade e, sem a sua presença para animar o espaço, a residência pareceria vazia e triste.

Georgina era a única faceta da sua vida londrina que se mantinha igual, mas não era de forma alguma uma amiga. Na verdade, ainda ficou mais deprimido quando percebeu que era o único farol que o atraía de volta à cidade.

Estendendo a mão, examinou o correio da manhã, e recuperou a carta que ela lhe escrevera, voltando a ler as palavras. A irmã dela encontrava-se de visita e estavam ansiosas por entretê-lo.

Sem que ela fosse específica, percebeu que se tratava de um convite lascivo que esperava que o incitasse a atraí-lo à cidade, mas, estranhamente, o sedutor estímulo não possuía nenhum do encanto que teria tido um ou dois meses antes. O conceito de se envolver numa libertinagem dissoluta tinha perdido apelo. Tendo Emma como amante, gostara da intimidade emocional dos seus encontros e, embora as perspectivas eróticas com Georgina e a irmã fossem tentadoras, não sentia vontade de participar.

Georgina era um primor a diverti-lo, a satisfazer os seus caprichos e humores, a adaptar-se à sua disposição excêntrica.

Embora tivesse fama de ser uma cabra para os que lhe faziam frente, nunca testemunhara o seu mau génio. Ela entendia a sua falta de paciência para o conflito ou a fricção e, por conseguinte, quando estavam juntos não se

lamentava, não se queixava da sua sorte. Os seus favores eram uma dádiva valiosa que tinham aumentado enormemente o seu padrão de vida, e não se poupava a esforços para lhe agradar.

Era a amante perfeita e qualquer indivíduo sensato – nesse exato momento – estaria galopando pela estrada de regresso a Londres, mas ele permanecera em Wakefield, desesperado por ver Emma uma última vez. Nos últimos dias tinha pago a um moço do estábulo para a seguir e acompanhar os seus movimentos enquanto ela desempenhava a suas missões misericordiosas gratuitas e recebera relatórios completos de onde estivera e do que estava a fazer.

A mulher era um fenómeno incessante. Uma fonte de compaixão. Um poço sem fundo de empatia.

E ele estava furioso com ela! Por dar tanto a outros que não a apreciavam nem a compensavam adequadamente pelo seu esforço e labor! Não era de admirar que estivesse exausta! Como poderia qualquer pessoa normal manter um ritmo assim? Era louca, trabalhando tão intensamente, como se pudesse sozinha corrigir todos os males do mundo!

Se não gostasse tanto dela, poderia aplicar-lhe um golpe de correia no seu belo traseiro. Talvez o fizesse! Quando ela acordasse. Precisava que lhe incutissem um pouco de bom senso.

Olhou para Emma e sentiu-se emocionado por dispor desta oportunidade de passar as horas enquanto ela descansava. Sentia-se feliz com a sua companhia, por não estar sozinho enquanto se preparava mentalmente para a sua partida. Tinha planeado ir de manhã, mas não conseguia entusiasmar-se.

No início, considerara a sua estada em Wakefield como uma tarefa inevitável e obrigatória, mas Emma tinha alterado a sua perspetiva e conferira-lhe um novo respeito pela propriedade e pelas pessoas que dependiam da sua prosperidade fiscal. Pela primeira vez desde a morte do seu irmão mais velho, quando fardos que não desejara lhe haviam sobrecarregado os ombros, via que poderia ser capaz de ajudar os outros, que apesar do que o seu pai e outros haviam furiosamente reclamado, se encontrava à altura da tarefa conferida por ser dono destas extensas propriedades.

Sentia-se forte, dominador, orgulhoso do que era e do que conseguiria realizar com o título de visconde e devia toda essa confiança a Emma. Teria tantas saudades dela quando se fosse embora. Gostaria de a levar com ele, instalá-la em Londres, embora soubesse que ela não iria, e por isso não lhe faria a pergunta.

Lamentavelmente, Emma estaria tão fora do seu elemento, que os da sua laia a devorariam. Não era do género de se manter ociosamente em qualquer apartamento elegante que lhe comprasse. Desejaria curar, cuidar, ministrar, enquanto ele insistiria para que se disponibilizasse somente para o adular.

Nunca estavam na mesma cadência, nunca se moviam na mesma direção. Não era concebível qualquer futuro, não era possível uma ligação permanente, mas não conseguia tomar as disposições necessárias para a deixar. Emma era tão extraordinária, tão diferente de qualquer outra mulher que conheceria.

Quando se deixara arrastar pelo sono, murmurara que o amava e era ótimo ser amado por Emma. Surpreendentemente, também a amava, tinha murmurado o mesmo e fora grandioso confessá-lo.

Ela dera-lhe tanto, abrira a sua mente a tantas possibilidades, transformara a sua personalidade. Contudo, não lhe tinha dado nada em troca porque não possuía nada que valorizasse.

Tinha tanta sorte em se ter cruzado com ela, mas como poderia um homem ligar-se a uma mulher tão despretensiosa?

Invadiu-o um súbito desejo dela. Queria abraçá-la, falar com ela, fazer-lhe amor. O seu corpo estava insatisfeito, protestando contra a sua breve incursão em proporcionar-lhe prazer, sem receber nenhum em troca.

Precisava de estar dentro dela, enterrar-se na sua natureza doce, deleitar-se na sua suavidade. Despiu a camisa, as calças e outras peças de roupa até ficar nu. O seu membro avolumou-se, rijo e pesado, fervente pelo que viria e agarrou-o com o punho, acariciando-se para aliviar alguma da tensão.

Avançando até à cama nos bicos dos pés, subiu e deslizou para baixo do cobertor que a tapava. Emma estava quente, perfumada do banho, e estendeu-se fundindo o torso com o dela.

Emma mexeu-se lentamente, acordando aos poucos. Os olhos pestanejaram, mas não os abriu e ergueu os braços por cima da cabeça, fletindo as barrigas das pernas e os dedos dos pés. Aconchegou-lhe os seios, tomando o mamilo entre o indicador e o polegar, e o gesto fê-la ronronar como um gato satisfeito.

– Estás a mimar-me – disse ela.

– Alguém deveria. Porque não eu?

Rolando para cima dela, apertou-lhe os dois mamilos, rindo de como reagiram. Deslizou os lábios sobre um deles, chupando, e ela agarrou-lhe o pescoço, embalando-o, incitando-o.

John estava rijo para ela e tinha a intenção de se entregar a uma união ruidosa e rápida, mas era tão lascivo chupar-lhe o seio. Deleitou-se nos pormenores que a tornavam tão única.

O seu outro seio chamou-lhe a atenção e John aproximou-se, demorando, saboreando, e quando por fim traçou um percurso ao longo do seu peito e se lhe apoderou da boca, seguiu-se um beijo precioso e terno. Não conseguia faltar-se dela. O seu carinho era um bálsamo, uma dádiva preciosa e não conseguia suportar o pensamento da sua separação.

Os lábios apartaram-se e aparentemente ela detetara a sua tristeza. Procurou respostas, tentando descobrir a origem da sua flagrante mágoa.

– O que se passa, John?

– O meu irmão e eu discutimos – respondeu, surpreendido com a resposta. Nunca divulgava os seus assuntos íntimos e, sobretudo, nunca se expressava sobre Ian, um facto que irritava sobremaneira os coscuvilheiros londrinos.

– A que respeito?

– Tudo.

Emma soltou uma gargalhada.

– Deve ter sido uma briga séria.

– Nem duvides.

– Como começou?

– Apanhei-o com a Caroline a meio da noite. Estavam a beijar-se.

Ante a menção da sua suposta noiva, ela ficou tensa e aventurou-se:

– Tiveste ciúmes?

– Não. Fiquei apenas irritado.

– Porquê?

– Pelo comportamento dele, pouco digno da sua posição. – No preciso momento em que pronunciou a explicação idiota, sentiu-se envergonhado.

Que opinião terrível sobre o irmão! Ian era um homem fantástico, mas John havia sido doutrinado a vida inteira sobre a sociedade e os deveres da posição social e não conseguia pô-las de lado, nem sequer em relação ao irmão que sempre apreciara.

– Nos *plebeus* somos um lote irritante – declarou ela num tom sarcástico, fazendo-o sentir-se mesquinho. – Não nos mantemos no nosso lugar quando vocês, os arrogantes, o exigem.

– Ignoro o que ele estava a tentar provar.

– És tão snobe – reagiu ela com uma gargalhada. – Talvez apenas gostem um do outro. Já consideraste essa hipótese?

– Sim, mas é impossível.

– Achas? Há pessoas que não conseguem dominar-se. – Acrescentou em voz baixa: – Ainda que o que fazem seja impróprio.

Referia-se ao seu próprio relacionamento complexo, mas não se assemelhava à situação de Ian e de Caroline. Era suficientemente estúpido para sugerir que, por Caroline ser filha de um conde, a sua virgindade era mais importante do que a de Emma? Seria? A insinuação era ridícula.

– Ele também estava a roubar-me – elucidou, mudando para um tópico que poderia dominar mais convictamente do que o seu ultraje.

– Tens a certeza?

– Ele admitiu.

– Não me pareceu o género de pessoa que o faria.

– Não, não parecia – admitiu, corando. – Disse-lhe coisas horríveis.

– Tenho a certeza de que ele...

– Dei-lhe um soco – interrompeu, necessitando confessar. O horror do que fizera devorava-o em vida.

– Oh, John – murmurou ela. – Que horror.

– Duvido que me perdoe.

– Claro que perdoará.

– Odeia-me.

– Não é verdade. Importa-se demasiado contigo, diria. – Colocou a mão sobre o seu coração, o que teve o curioso efeito de o levar a sentir que esfregava o lugar dorido. – Embora, se desejares reconciliar-te, dependerá de ti. Mesmo estando ele errado, terás de dizer que te arrependes.

– Odeio pedir desculpa. Nunca o faço.

– Isso porque te é difícil engolires esse teu orgulho.

John riu, deleitado por ela ser tão franca que conseguia catalogar os seus defeitos, sem fazer com que parecessem tão calamitosos.

– És tão boa para o meu ego.

– Alguém precisa de te lembrar que és humano. – Beijou-o suavemente. – Tudo correrá pelo melhor. Verás.

John fitou-a. Admirava-a, amava-a, e esforçou-se por encontrar a ousadia de se declarar, mas nunca expressara esse sentimento e, embora se achasse um homem audaz, não encontrou coragem para o dizer.

– Que declaração serviria para satisfazer um desejo?

A palavra *amor*, quando dita a uma mulher – especialmente a uma com a origem e os antecedentes de Emma – transmitia uma garantia de devoção, uma promessa de fidelidade e de lealdade, traços que ele não possuía nem fazia ideia de como desenvolver.

Não acreditava na fidelidade, não conhecera uma mulher que pudesse incitar pensamentos de monogamia ou de compromisso, embora Emma o levasse indubitavelmente a especular que tal vida até seria possível.

Quando se casasse, seria pelos motivos usuais: acréscimo de riqueza, alianças, posição. A sua mulher, que teria de ser aristocrática, compreenderia as suas inclinações, ignoraria os seus maus hábitos em troca da posição conferida por essa união. O amor não desempenharia qualquer papel.

Emma seria uma noiva que esperaria e exigiria fidelidade e lealdade, que ele sabia, por experiências passadas, ser incapaz de garantir. Não podia seguir em frente.

O melhor seria ficar calado.

Pegando-lhe na mão, beijou-a e depois entrelaçou os dedos de ambos.

– Vou regressar a Londres.

– Quando?

Ele engoliu em seco, quase sem poder falar. Quando se deslocara a Wakefield, não tinha intenção de ficar muito tempo. Então porque era tão doloroso discutir a sua partida?

– Ao amanhecer.

Emma franziu o sobrolho, fazendo cálculos.

– Tão depressa?

– Necessito de partir. Há dias que o devia ter feito.

Ela esboçou um sorriso trémulo.

– Não tornarei a ver-te.

– Não, não me parece.

Sentiu um estranho abalo no peito e a singular impressão de que o seu coração se partia. Sabia que iria sentir-se perdido sem a sua companhia, mas até ao momento em que verbalizara os seus planos, não se tinha apercebido de quanto a despedida seria terrível. Para ele.

Quando havia visualizado a sua partida, imaginara como seria difícil para *ela*, mas era *ele* que estava a sofrer. Sentia-se como se estivesse desfeito em pedacinhos e que abandonaria metade de si, caso viajasse para Londres sem ela.

Que estranho! As mulheres sempre passaram pela sua vida e nunca tivera a imprudência de se prender. Sentia-se fisicamente atraído por Emma e o magnetismo era significativamente elevado, mas negava-se a ver mais do que isso.

Estava extremamente perturbado devido à quebra da sua afinidade com Ian. Quando voltasse a Londres, tudo regressaria ao normal e Emma deixaria de o atormentar. A sua proximidade era confusa, mas o tempo e a distância curariam o seu fascínio.

Mesmo assim, teria ficado um pouco mais satisfeito se ela mostrasse alguma preocupação com as notícias. Tinha-se preparado para uma mostra de histerismo feminino, mas ela não derramara uma lágrima e sentia-se extremamente desapontado com aquela calma. Ou talvez – segredou-lhe uma vozinha – não se sentisse angustiada.

Ele entrara na sua vida sem aviso prévio, perturbara a sua tranquila existência. Talvez se sentisse exultante com a sua partida.

Não seria afinal o que merecia? Uma irónica viragem dos acontecimentos! A única ocasião em que se tinha ligado verdadeiramente a uma mulher e ela ficaria aliviada quando ele saísse pela porta!

– Terás saudades minhas? – perguntou. A sua arrogância habitual fora substituída por um tremor da voz.

– Sim, meu tonto. A cada segundo.

– Foi maravilhoso estar contigo – disse, mas fez uma pausa e não se atreveu a mais. – Fico muito feliz.

– Também eu.

Embora não estivesse disposto a proclamar os seus sentimentos abafados, esperara que ela desse largas à emoção, mas Emma parecia ter ficado sem palavras no exato momento em que ansiava ouvi-la balbuciar incessantemente.

– Quero que passes a noite comigo.

– Não posso, John – disse num tom de censura.

Ante a sua recusa, começou por se enfurecer! Estava farto de que ela negasse os seus desejos! Era esse o último encontro. Não poderia atender o seu pedido? Ser compreensível? Uma única vez?

Contudo, assim que o pensamento egoísta lhe ocorreu, afastou-o de imediato. Emma era assim. A sua dedicação à família representava uma componente integral do que era e nunca mudaria. Nem ele desejava que mudasse! Quando estivesse novamente instalado na sua casa da cidade, vazia e só, de volta à sua vida dissoluta e entediante, queria relembra-la com carinho, imaginá-la em Wakefield, ocupada, preenchida, teimosa e determinada.

– Então, fica o tempo que puderes.

– Ficarei.

– Quero amar-te mais e mais. – Surpreendendo-se a si próprio, revelou: – Quero recordar-me para sempre de como foi.

– Também eu.

Beijou-a com ternura, depois com um crescente vigor, deleitando-se com a alegria que ela emanava. Invadiu-o o desespero de querer deixar marca no mais íntimo de Emma.

Unir-se-ia a ela como nunca o fizera com outra, penetrá-la-ia tão profunda e furiosamente que algo de si mesmo ficaria para trás quando tivesse acabado. No final, queria ficar transformado para sempre.

Nervoso, inquieto, assemelhava-se a um noivo na noite de núpcias. O notável episódio de felicidade tinha de ter um sólido alicerce que lhe conferisse memórias duradouras até ao fim dos seus dias.

– Independentemente do teu futuro, Emma – disse ferozmente – foste primeiramente minha. Nunca te esqueças.

– Como poderia?

– Deixa que te mostre o quanto significas para mim.

– Já sei.

Sorriu, abriu os braços e ele sentiu-se como se fosse recebido em casa.

ESTAVA de partida. Ia-se realmente embora!

Emma tentou controlar a onda de tristeza que a invadiu. Sabia desde o início que a sua visita seria breve e aceitara que a relação entre eles fosse temporária, mas ver o momento chegar sem aviso era demasiado terrível de suportar! Mas não sucumbiria à melancolia, não permitiria que o desgosto arruinasse o seu último encontro.

John tinha feito com que se sentisse especial e acarinhada, como se tivesse um marido querido, mas ele nunca lhe pertenceria. Partilhara um segmento minúsculo da faceta da sua existência generosa e gregária e agarrara-se à ligação com uma rara determinação e entusiasmo.

Mas chegara ao fim.

Ele regressaria a Londres, aos seus vícios e iniquidades, e ela não tinha ilusões. Fora uma maneira conveniente através do qual ele abafara o tédio e a dor, mas pouco mais do que isso.

Quando estivesse instalado na cidade, e seguindo a sua panóplia de diversões sórdidas, iria esquecê-la de imediato. Ela seria simplesmente uma das mulheres anónimas que tinham passado pela sua vida e que eram sistematicamente relegadas para a sua lamentável história do passado.

A única diferença viável entre ela e as outras residia em que Emma havia sido suficientemente idiota para se apaixonar pelo irritante e sedutor patife. Não conseguia explicar porquê.

Não existia nada na ligação de ambos que fizesse sentido – nem a atração física, nem a estranha amizade – mas era forte e irreprimível e ela queria que o encontro fosse glorioso, festivo e maravilhoso para que quando ele partisse, o recordasse com um afeto indestrutível.

Também ele tinha noção da gravidade do que se propunham. A solenidade manifestava-se nos seus atos e no seu comportamento. Havia uma premência no beijo, uma melancolia e tenacidade na forma como lhe tocava. Estavam juntos naquela frenética ânsia de deixarem uma marca para posterior dissecação.

As suas mãos pousaram nos seios, apertando-os, beliscando os mamilos e tomando um dos bicos alongados na boca. A excitação provocada fez com que todo o seu corpo se contorcesse. John ocupou-se do outro seio, excitando-o e lambendo-o até Emma perder totalmente o controlo, e, em seguida, desceu até ao ventre, ao umbigo e para baixo.

Lambeu-lhe o ventre, enquanto os dedos hábeis acariciavam as suas partes

íntimas. Ela estava molhada, excitada e apartou as pernas, concedendo-lhe acesso e permissão. John sentia um desejo selvagem, mergulhando e sondando, estimulando-a para a beira do precipício, mas quando ela estava prestes a saltar, ele afastou-se.

Beijou-lhe a parte interior da coxa, e subiu pelo torso, investigando totalmente o corpo até lhe deixar os poros a arder.

Quando os lábios se uniram de novo, ela aproveitou a vantagem e rolou os corpos para ficar por cima e ter a oportunidade de explorar e de se deleitar. Deu início ao seu percurso, acariciando-lhe o peito, as costelas, detendo-se nos mamilos até o elevar a um frenesim com a respiração ofegante e a pulsação acelerada.

O seu membro estava rijo, exigente e ela obedeceu à imposição, agarrando-o na mão, tomando-o na boca. Tratava-se de uma manobra que aprendera a saborear, praticara com um despreocupado abandono e, por conseguinte, tinha descoberto muitas maneiras de o provocar.

Com renovado vigor, acariciou e brincou, esfregando a haste, os testículos, enquanto a língua se ocupava da glande. Continuou o jogo até os seus fluidos sexuais escorrerem e ele fletir as ancas. Quando John já não podia aguentar mais, permitiu-lhe penetrar e começou a lançar-se num movimento ardente para um final incrível, mas tal como ele lhe fizera, retirou-se antes do fim.

Traçando um percurso tórrido até acima, pairou sobre ele.

– Malvada! – Agarrou-lhe nas nádegas e puxou-a contra ele. – Estou tão duro para ti!

– Ótimo!

– Matas-me com essa tua boca.

– Que maneira maravilhosa de abandonar esta terra.

– Sim – concordou ele. – De facto!

Com um movimento rápido, girou-a para que Emma voltasse a ficar de costas. Atingira um ponto crítico; estava tenso e o corpo pesado impelia-a de encontro ao colchão.

– Tenho de estar dentro de ti – disse entredentes. – Agora! Não posso esperar.

Apartou-lhe as coxas, posicionou-se no centro e ela preparou-se para que mergulhasse de um golpe, mas em vez disso, espicçou-a, metendo apenas um pouco do membro, provocando-a com a glande.

– Diz-me quanto me queres – incitou.

– Quero-te.

John empurrou e penetrou um pouco mais, alargando-a, provocando-lhe dor, fazendo-a latejar.

– Diz-me que sou o único que alguma vez terás.

Emma não conseguia entender o que isso significava ou porque ele precisava que admitisse como lhe estava desesperadamente ligada, mas não teve dificuldade em tranquilizá-lo.

Depois de o ter conhecido e amado, não se imaginava com outro homem na cama. John era o grande amor da sua vida e não podia haver outro depois dele.

– Sempre foste tu, John. Serás o único.

Ante a confissão os seus olhos brilharam com uma intensidade estranha e penetrou-a, tomando-a com um único impulso suave e depois acelerou até à saciedade. Determinando um ritmo brutal, tomou-a repetidas vezes, com as ancas batendo como os pistões de uma máquina gigantesca. O suor pejava-lhe a testa e os músculos estavam tensos e rígidos.

Emma rodeou-lhe a cintura com as pernas, entrelaçando-as nas costas para lhe proporcionar uma almofada espaçosa e ele regozijou. Erguendo-se, meteu a mão entre os dois corpos, acariciando-a com o polegar enquanto persistia com o seu ritmo selvagem.

– Diz o meu nome – ordenou.

– John...

– Repete.

O seu polegar era implacável, estimulante e ela arqueou as costas.

– John!

– Não feches os olhos. Olha-me.

O orgasmo apoderou-se prontamente dela, fazendo-a estremecer e gritar. Ele capturou o gemido, engolindo o som, embora sem abandonar o ritmo.

Quando Emma se recompôs, ele estava em cima dela, com as palmas das mãos de cada lado do corpo e fitava-a com uma intensidade assustadora. Parecia que desejava algo dela, ou estava prestes a fazer um comentário sobre algo profundo, que a chocaria e surpreenderia, mas o momento passou quando o desejo se ateou de novo e ele aumentou o ritmo.

O ímpeto dos seus movimentos era emocionante, surpreendente e ele avançara muito para lá da realidade ou da razão, para um âmbito onde apenas a sensação importava. A sua atividade exacerbada empurrou-a pela cama até a fazer bater com a cabeça na cabeceira e ela lutou para se proteger da investida.

Agarrando-lhe o traseiro, ergueu-a para os corpos ficarem mais firmemente alinhados e penetrou-a com mais força. Estava tão perto de se vir. A onda cresceu – ela conseguia sentir – e estabilizou-se, antecipando o seu recuo habitual e em seguida o jorro quente do sémen no seu ventre.

Mas isso não aconteceu.

John agarrou-a sem lhe dar qualquer hipótese de se escapar ou recuar e, com um gemido de paixão e de desespero, veio-se dentro dela. Foi fantástico, horrível

e em nada semelhante ao que tinha experimentado antes.

O seu falo pulsava a cada jorro do sémen, e embora a sua carne recebesse a invasão como a conclusão normal, mentalmente, estava alarmada e aflita.

John prometera ser cuidadoso! Dera-lhe a sua palavra! Como uma idiota, tinha acreditado nas suas promessas, tinha consentido o final do ato sexual. Ele não entendia as consequências? Não fazia ideia do dano que podia ter causado?

Como podia ter confiado que se refrearia? Sabia como ele era, conhecia as suas propensões negligentes e a sua opinião arrogante relativa às classes mais baixas. No entanto, garantira-lhe que seria cauteloso, mas quando o prazer fosse travado por causa da sua reputação na aldeia, nunca se conteria.

Porque havia de se importar? Ia-se embora de manhã. Se a deixasse em apuros, não estaria por perto para testemunhar o resultado.

O que a tinha possuído para trilhar aquele caminho perigoso? Considerara-se inteligente, perspicaz e, porém, não agira melhor do que a estúpida jovem da taberna que deixara que qualquer jovem viril deslizasse para baixo da sua saia depois de uma boa dose de conversa mole e falsos elogios.

O que ia fazer agora?

O corpo dele estremeceu e afundou-se sobre ela, esmagando-a como nunca acontecera. Subitamente, parecia que estava a sufocá-la com o seu tamanho, a sua posição, a sua atitude.

– Sai de cima de mim! – ordenou com raiva, mas ele não se mexeu e ela abanou-lhe os ombros. – Deixa-me levantar!

Ele inclinou-se para trás, mas continuava parcialmente ereto e manteve o pénis dentro dela. Procurou-lhe o rosto sem entender o motivo de toda aquela agitação.

– O que foi? – inquiriu, genuinamente perplexo.

– Vieste-te dentro de mim!

– Oh...

– Juraste-me que não o farias!

– Peço desculpa. Estava tão excitado que não consegui dominar-me.

– És uma criança? – Empurrou-lhe inutilmente os ombros. – És um homem adulto! Não tens autocontrolo?

Ele inspirou e em seguida deixou sair o ar lentamente.

– Estás com medo.

– Claro que estou com medo! Estou absolutamente aterrorizada!

– Medo de quê?

– De ter feito um bebé, seu tolo!

– Não podes ficar grávida por fazê-lo uma só vez.

– Quem te contou esse disparate?

– Toda a gente sabe que é verdade – retorquiu ele.
– Tens ideia de quantos bebés trouxe à luz do dia e que foram concebidos depois de *uma* única vez?

John esboçou um sorriso hesitante.

– Mas, Em, eu não posso ter filhos.

– E se for esta a primeira?

– Não te preocupes. Não é.

– Se estiveres errado e, dentro de umas semanas, souber que estou grávida, o que farás?

Ali estava. Às claras. Um desafio. Uma afronta ao seu carácter. Em virtude do seu ilustre título, era onnipotente e podia cometer qualquer afronta ou indignidade a alguém da posição dela sem recompensa.

Se ela engravidasse, a honra incitá-lo-ia a casar com ela? Ou, mais provavelmente, consideraria que qualquer dano que lhe fosse causado era tão trivial que não merecia indemnização?

Lamentavelmente, e com demasiada rapidez, ficou a par da sua resposta.

– O que esperavas que fizesse?

– Nada. – Sufocou uma onda de desespero. – Absolutamente nada.

John afastou-se dela, desenfando o membro diminuído e, mal ficou livre, Emma arrastou-se para a beira da cama e sentou-se. Ele massajou-lhe as costas em círculos suaves. Por um momento, permitiu o contacto, apreciando a sensação da pele quente contra a dela e depois endireitou-se e pôs-se de pé, dirigindo-se à divisão onde tomara banho antes. As suas roupas estavam dobradas numa pilha em cima da cómoda.

– Em! – Visivelmente exasperado, chamou-a e encaminhou-se até onde ela se vestia à pressa. Ao dar-se conta da sua atitude, ficou ofendido e perguntou: – O que estás a fazer?

– Vou para casa.

– Mas temos horas pela frente. Não há necessidade.

Para um homem tão inteligente, podia ser muito obtuso!

– Não poderia ficar agora.

– Porquê? – Aproximou-se e pousou-lhe uma das mãos na cintura. – Disse que estava arrependido. Não estejas zangada.

– Oh, John... – exclamou com um pesado suspiro. Ele nunca tivera muita experiência em remediar situações e, por conseguinte, não compreendia que uma inepta declaração de remorso jamais seria suficiente.

John aconchegou-a de encontro ao peito e ofereceu como justificação inadequada:

– Desejava-te tanto, Emma.

– Isso não remedeia.

– Mas foi maravilhoso, não foi? – Colocou-lhe um dedo sob o queixo, incitando-a a olhar para ele. – Não podes estar triste.

Estava a suplicar-lhe, implorando perdão, mas, por uma vez, ela não o concederia. Afastou-se, agarrou na combinação e vestiu-a.

– Podes começar a imaginar o que me acontecerá se a barriga crescer?

– Não vai acontecer.

– Para com essa descrença! – gritou. – Estás a insultar-me.

John deixou-se cair numa cadeira e inquiriu num tom de súplica:

– Como seria?

– Bem, teria de casar. Rapidamente. – Agarrou no vestido e enfiou-o. – Ou render-me aos avanços de outro homem e depois mentir e fingir que a criança era dele, ou teria de ser honesta, confessar o meu dilema e rezar para que ele me aceitasse.

– Nunca faças isso. Não suportaria ver-te com mais ninguém.

Era tão típico dele insistir para que ela renunciasse a uma solução apenas porque lhe desagradaria! Mordeu a língua para não pronunciar uma avalanche de réplicas mordazes.

– Muito bem, então. – Sentou-se num banco e calçou as meias e os sapatos, ocupando-se para tentar conter a ira. – Em vez disso, seria uma mãe solteira, o que significa, na melhor das hipóteses, que seria uma pária. Seria expulsa da comunidade, obrigada a mudar-me com a minha mãe inválida e a minha jovem irmã. Sem dinheiro, nem lugar para onde ir.

– E na pior?

– Talvez me apedrejassem. Ou recorressem ao alcatrão quente e penas.

– Não estamos na Idade Média – troçou ele. – Não sejas melodramática.

– Estou a falar a sério.

Levantou-se, ansiosa por se ir embora sem mesmo um adeus, mas ele não lhe largou a saia. Agarrou-lhe na mão, persuadiu-a a sentar-se no seu colo e não lutou para resistir, pois sabia que ele acabaria por vencer. Vencia sempre.

– Nunca deixaria que alguém te magoasse – venceu ferozmente.

– Bem, não estarias presente para o impedir, pois não?

Olhou em frente, recusando dar uma espreitadela que fosse e ele acariciou-a por baixo do queixo e beijou-lhe a nuca.

Surpreendendo-a como nunca, sugeriu:

– Vem comigo para Londres.

– Desculpa?

– Ouviste-me. Vem comigo.

– Em que posição?

A pergunta confundiu-o e seguiu-se um longo e doloroso interlúdio antes que conseguisse responder.

– Como minha amante. O que pensavas?

– Naturalmente – murmurou, hesitante. – Seria tua amante.

– Instalava-te numa grande casa; não te faltaria nada.

– E a tua atual amante? Irias deixá-la ou partilhávamos-te?

– Deixava-a. – Contudo, não se mostrou entusiasmado com a separação e estava longe de se sentir preparado para o fazer.

– E a minha mãe e a minha irmã?

– Tomaria providências relativamente às duas.

– Não poderiam viver comigo?

– Bem, tinha imaginado ter-te só para mim.

As suas observações desconcertaram-no a tal ponto que não conseguiu verbalizar o que desejava e a sua surpresa vincava quão negligente fora a sua tentativa.

– E se houver uma criança? Como será?

– Eu... eu...

– Tenho a certeza de que queres dizer que me sustentarias durante o resto da minha vida, que contribuirias para a educação da criança para que te conhecesse e amasse, e que o guiarias e acarinharias como qualquer outro pai.

– Claro – murmurou, parecendo como se estivesse chocado com a perspetiva, e a sua falta de sinceridade magoou-a e enfureceu-a.

– Para! Por favor! – Afastou-se dele com um salto. – Estás a envergonhar-te.

– Emma, acalma-te. Podemos resolver isto.

– Não, John, não podemos.

Em seguida fitou-o e sentiu o coração despedaçado. Ele era tão elegante e robusto, mas igualmente tão desesperado e desanimado. Sempre gostara de o olhar, analisar, estudar. Ele encantava-a. Intrigava-a e atormentava-a. Fascinava-a como nunca ninguém o conseguira e enquanto se mantinha ali sentado na luxuosa cadeira, com todos os elegantes bibelôs da sala ressaltando tudo o que era, parecia tão sozinho, tão perdido e desamparado, um homem rico e libertino sem amigos nem uma família em quem pudesse confiar, ou recorrer numa altura de desassossego.

Quando saísse aquela porta, teria a mãe e a irmã à sua espera. Podiam ser pobres, mas amparavam-se umas às outras. O seu casebre transbordava de conversas animadas, de companheirismo e de afeto. Passava os dias com pessoas que a amavam, pessoas que acarinhava em troca.

John não tinha ninguém. Não havia uma única pessoa no mundo – exceto, talvez, Ian Clayton – que se importasse com ele.

Regressaria a Londres, ao jogo, às prostitutas e aos seus hábitos decadentes e depois? Era uma tragédia a sua vida ter tão pouco objetivo, que tivesse recebido tanto e encarasse as suas dádivas como fardos. Havia tanta coisa que ele podia fazer, tantas maneiras de beneficiar os outros, caso se abrisse às possibilidades.

Embora ansiasse por lhe dizer isso, por abraçá-lo e confortá-lo, explicar uma miríade de maneiras que lhe proporcionassem satisfação, permaneceu silenciosa, recusando ser ela a preencher essa lacuna. Ele criara os seus obstáculos, fomentara a sua imagem como um libertino, um ocioso, e incentivava a sua reputação negativa.

Era um adulto com recursos para mudar o destino quando estivesse preparado.

Estava prestes a despedir-se dele; depois nunca mais voltaria a vê-lo, não teria notícias, e nos terríveis meses seguintes não fazia tenção de se preocupar com o que acontecera. Tinha os seus próprios problemas. Problemas que eram prementes, reais e esmagadores. Comparativamente, as adversidades dele eram insignificantes e ela não se deixaria influenciar pelo seu sofrimento.

Não podia remediar tudo para todos.

– Tenho de ir. – Deu mais um passo na direção da porta e da liberdade do corredor que se encontrava do outro lado.

– Emma – repetiu, aborrecido. Caminhou até junto dela e agarrou-lhe nas mãos. – Não, assim. Não quando estás tão irritada.

– Tem de ser agora.

– Vem amanhã. Adiarei a minha partida e conversaremos sobre o assunto.

– Não consigo pensar numa única palavra que ainda necessite de ser dita.

Emma desejava apenas acabar com aquela cena terrível, mas a sua determinação e a incapacidade de influenciá-la, enfureceram-no.

– Permaneci aqui durante quase uma semana só para poder ver-te uma última vez – queixou-se –, mas tu só sabes discutir.

– Não estou a discutir. Estou a ir-me embora.

– Ficaste irritada por causa de uma vaga e nebulosa possibilidade de engravidares e estás zangada comigo porque não posso dar-te respostas imediatas a perguntas complexas.

– Não espero nada de ti. Nunca esperei.

– É o que tu dizes! – exclamou, balançando um dedo irado sob o seu nariz. – O que desejas realmente de mim?

– Nada!

– Mentirosa – acusou. – Estás a suplicar-me com esses teus belos olhos castanhos! Que faça o quê? Dás a entender que não me importo contigo. Que não te sustentaria se houvesse uma criança. Que não possuo honra nem integridade. Julguei que tinhas mais fé em mim!

– O que me dissesse nos últimos minutos que me levasse a presumir que me ajudarias se me visse em apuros?

– Estás a pedir-me que tome decisões que me alterem a vida de um momento para o outro, que faça promessas que ignoro se poderei cumprir. Quando não posso dar uma solução imediata para uma situação inexistente, ficas furiosa! Estás a agir como uma louca!

Estendeu os braços, exasperado.

– Queres que me prostre na tua frente? Implorando-te que cases comigo? Que assim seja! – Ajoelhando-se bruscamente, agarrou-lhe na mão com tanta força que os ossos lhe doeram e explodiu: – Queres casar comigo?

Sarcástica e trocista, a proposta transbordava de raiva e de amargura e a sua ira contagiou-a.

Provavelmente qualquer outra mulher teria dado desconto à sua zanga temporária, teria cambaleado de uma estonteante delícia, convencida de que ele a deixara um pouco louca, mas Emma não podia conceber pior castigo, nem eventualidade mais desastrosa do que casar com John Clayton.

– Não, nunca o faria – respondeu calmamente.

Afastando-se dela, estremeceu como se tivesse recebido uma bofetada, sentindo-se apunhalado pela sua rejeição e ela ficou perplexa. A sua proposta não tinha sido genuína e ele deveria ter ficado em êxtase por vê-la devolvida.

John era cosmopolita, um solteiro convicto e libertino com gostos exóticos e exorbitantes e nunca se casaria com uma mulher tão modesta e despretensiosa como ela. Então, porque ficaria tão irritado?

Em seguida, com a mesma rapidez que ela reparara na sua veemente reação, ele mascarou-a escrupulosamente, colocando o habitual desdém entediado nas feições aristocráticas. Esboçou um sorriso como se não tivesse antecipado nada melhor e dirigiu-se lentamente ao quarto principal, sentando-se na cadeira da escrivaninha.

Abalada e perturbada pela horrível mudança, sentiu-se despedaçada por estes comentários antagónicos virem a ser os últimos que trocariam.

Ajustou lentamente a roupa, demorando para recuperar a compostura e dirigiu-se-lhe. Ele estava embrenhado na papelada e ignorou-a por completo. Perscrutou-o, ciente de que não teria uma segunda oportunidade.

Por fim, ele ergueu o rosto e pareceu surpreendido como se se tivesse esquecido da sua presença. Os olhares cruzaram-se e não se desviaram, enquanto trocavam milhares de sentimentos flamejantes que não podiam ser expressados em voz alta.

– Obrigada – murmurou ela.

– Porquê?

– Por esta oportunidade de passar tempo ao teu lado. Guardarei para sempre na memória. – Parou um momento, mas ele não pronunciou uma observação semelhante. Resignada, devastada, deu meia volta e ouviu a voz dele nas costas.

– Lamento ter-te deixado em apuros. Nunca foi minha intenção. Se houver uma criança, escreve-me.

– Nunca o faria.

– Porquê? – rugiu, furioso. – Sabes que te ajudaria.

– Sim, tenho a certeza – disse, olhando por cima do ombro –, mas se assim fosse, sofreria por saber que o meu filho e eu não passávamos de uma despesa mensal que terias de pagar para encobrir um dos teus erros.

John suspirou com o peso do mundo sobre os ombros e uma tristeza excruciante no olhar.

– Não seria assim.

– Seria exatamente assim. – Incapaz de suportar mais observações cortantes, esgueirou-se até à porta e espreitou para o corredor, aliviada por estar deserto, e saiu.

– Diabos te levem! – gritou à figura que se retirava. – Escreve-me! Dá notícias!

– Sim, sim, escreverei – acedeu tendo por único desejo estar bem longe e correu sem olhar para trás.

JOHN olhou distraidamente o desfilar das ruas de Londres, mas não tinha energia para admirar o cenário. O dia de agosto estava agradável, os relvados de Mayfair impecavelmente aparados, as flores abrindo-se luxuriantes, mas mal reparou. Baixou a cortina e recostou-se no coxim.

Minutos depois chegaria à sua casa na cidade, um momento que o atormentara durante toda a viagem e conteve a sensação de medo. Não havia motivo para lamentar o seu regresso a Londres. Nem continuaria a punir-se pelo que acontecera com Emma. Era demasiado tarde para atenuar ou retificar a sua conduta impetuosa.

Emma era demasiado preciosa para ter posto em risco o seu bem-estar, para a ter magoado ou abusado minimamente; por conseguinte, não conseguia imaginar porque havia derramado o sémen dentro dela.

Com um desrespeito monstruoso por ela e por si próprio, depois de lhe ter jurado que não o faria! A única motivação que lhe ocorria – e que inadequada! – era a de que se sentira perturbado com a separação iminente, consciente de que seria dolorosa, e enfurecido por não poder alterar a seu bel-prazer o final. Quando finalmente haviam feito amor, fora tão maravilhoso estar dentro dela que se comportara como um asno.

Emma tinha razão ao acusá-lo de se portar como um jovem inexperiente, avançando sem pensar nas consequências e, parte de si, sentia-se satisfeito com a atitude. Invadiu-o uma esperança louca de que ela *engravidasse*. De que a tivesse marcado como sua, deixando-lhe um filho. Era um instinto selvagem e primitivo e ignorava de onde vinha.

Embora sempre tivesse acreditado que não poderia gerar um filho, Emma tinha razão em estar alarmada. Colocara-os aos dois em risco e, quando confrontado pela sua raiva, não dera o mínimo sinal de que providenciaria uma recompensa.

A sua única sugestão como reparo fora a de torná-la sua amante! Emma! Que ele considerava tão única, tão maravilhosa. Como era possível tê-la insultado tão horivelmente? Quando sugerira a hipótese estava perturbado com o raciocínio embotado, mas eram vãs desculpas.

Ele não a desejara para sua amante. E decididamente não desejara casar com ela! Seria um marido patético e jamais submeteria uma mulher tão extraordinária a ter de aguentar eternamente a sua presença desprezível.

Então qual fora a sua intenção? O que antecipara? Que resultado planeava

obter?

Mil perguntas invadiam-lhe a mente. E se a tivesse engravidado? Se – nesse mesmo instante – ela tivesse o seu filho no ventre? O que faria? O que *ele* faria? Como poderia resolver a situação? Os pensamentos frenéticos puseram-lhe a cabeça à roda com a sonora e veemente repetição das perspectivas de infortúnio e afastou-os.

Não iria de forma alguma refletir sobre a calamidade! Desde que saíra apressadamente do seu quarto que a fúria e a preocupação haviam assumido um primeiro lugar. Durante a viagem para Londres, o remorso e o arrependimento haviam-no perseguido como dois pesos enrolados à volta do pescoço até sentir como se estivessem a asfixiá-lo.

Estava feliz por se encontrar em casa! Não fingiria o contrário!

Embora tivesse agido mal, tentara emendar o erro. Oferecera-se para casar com ela, o que era uma dádiva que qualquer dama solteira de Inglaterra teria aceitado num abrir e fechar de olhos, mas ela tinha recusado. Sim, estava furioso e confuso quando lhe havia feito a proposta, mas não hesitara e ela desprezara-o sensatamente.

Compreendia, tal como ele, que *não* era homem para ela.

A relação de ambos terminara. Ela não passara de uma aventura, de um romance fugaz e tentador, que fora atraente e divertido, uma maneira deliciosa para aliviar a monotonia enquanto estivera aprisionado no campo, mas não mais do que isso.

Estava acabado! Terminado!

Mesmo que uma voz interior o perseguisse e lhe recordasse quanto gostara dela, quanto apreciara a sua companhia e valorizara a sua opinião, não precisava dar-lhe ouvidos. Podia controlar o seu desânimo! Estava longe do tédio que o lançara para os seus braços. A cidade de Londres encontrava-se novamente disponível para seu prazer e deleite e sentia-se decidido a mergulhar em todas as distrações lascivas e dissolutas que pudesse encontrar.

A começar de imediato!

Antes que a semana terminasse, Emma Fitzgerald seria apenas uma memória desagradável. Dentro de uns meses, caso se envolvesse na sua torrente regular de atividades libertinas, nem se lembraria dela, seria incapaz de recordar o seu bonito sorriso ou os seus belos olhos castanhos.

Ela seria banida das suas reminiscências. Que alívio!

A carruagem parou diante da casa e esperou que os cocheiros colocassem os degraus e preparassem a porta. Desceu e permaneceu de olhos fixos na sua imponente e vazia residência. Rutherford viajara na sua frente para que os criados pudessem satisfazer todos os seus caprichos, mas não tinha pressa de

entrar.

Ficou a observar enquanto a bagagem era descarregada e agora restava-lhe ultrapassar a ombreira da porta. Rutherford apareceu imediatamente e cumprimentou-o com uma vénia obsequiosa.

Permaneceu na entrada, olhando em volta. Como ele detestava ser bajulado, Rutherford tinha-se assegurado de que o pessoal estava manifestamente ausente e parecia que se encontravam apenas os dois na grande mansão.

– O senhor Ian já abandonou as instalações? – perguntou, impassível.

– Já, milorde. Os seus pertences já não se encontravam quando voltei.

John suspirou.

– Deixou algum bilhete? Ou informações sobre onde ficaria?

– Não, *sir*. – O mordomo fingiu indiferença, embora devesse estar roído de curiosidade. Todos os coscuvilheiros da cidade estariam a morrer por conhecer detalhes, mas ninguém viria a saber nada da boca de John.

Que especulassem até ao infinito!

Examinou as paredes, os objetos caros dispersos pelo longo corredor e ponderou subir ao andar de cima, talvez mandar preparar um banho e a ceia, mas o corredor para o seu quarto levava igualmente aos aposentos de Ian e não conseguia suportar passar por perto e ver com os seus próprios olhos que as coisas do irmão haviam sido removidas.

Com uma súbita necessidade de se afastar, deu meia volta e saiu. Chamou o cocheiro que se preparava para levar a carruagem para os estábulos e ordenou-lhe que aguardasse.

– Prepara-me as coisas para outra viagem, Rutherford – disse. – Dentro de um ou dois dias, gostava de fazer uma ronda pelas propriedades de Yorkshire. Quero cuidar do meu negócio e estar em casa antes que o outono acabe.

– Como quiser, lorde Wakefield.

– Por agora, vou até à casa de Georgina.

A postura estoica de Rutherford vacilou e esboçou um esgar, mas recompôs-se de imediato, ocultando o seu desagrado. Endireitou-se e esperou que o patrão não tivesse reparado no seu lapso.

John aproximou-se, examinando-o, deliciado por ter provocado uma reação em Rutherford. Se o homem se sentia suficientemente incomodado para dar a entender uma atitude, John desejava saber porquê. – Tens algum problema com a minha visita à menina Howard?

– Não milorde – respondeu, engolindo em seco. – Nenhum, mas se...

Não conseguiu terminar a pergunta e John incitou-o:

– *Mas se...* o quê?

– Mas se tivéssemos novas da menina Fitzgerald? O que lhe diríamos?

Portanto... Rutherford estava a pensar em Emma, certo? John supunha que tinham sido discretos, mas nem todos os segredos podiam ser mantidos. Rutherford teria guardado as suspeitas para si mesmo ou, mais provavelmente, espalhara-as aqui e ali? Bem, John não estava disposto a alimentar rumores desagradáveis ou conjecturas indecorosas.

– Referes-te à filha do vigário de Wakefield? – Não denotou qualquer conhecimento ou ligação e estava convencido de que se condenara ao inferno. – Porque diabo havia de ser contactado por essa insignificância?

A tristeza e o desapontamento de Rutherford eram óbvios. Perscrutou o mordomo com um ar assustador.

– Por nada, suponho.

– Diria que não – explodiu John ofegante.

Rutherford acrescentou bravamente:

– Tinha começado a gostar dos seus modos ousados, *sir*.

Fingindo indiferença, John encolheu os ombros e insistiu:

– Não passei tempo suficiente com ela para a conhecer tão bem.

Desviou os olhos, incapaz de suportar a condenação flagrante de Rutherford, saiu bruscamente e subiu para a carruagem sem uma palavra de despedida. O seu fatigado cocheiro transportou-o e, pouco depois, parou diante da casa de Georgina.

Embora fosse bem-vindo a qualquer hora, tentava ser solícito e avisá-la previamente de quando ia aparecer. Ela ignorava a sua presença na cidade e, por conseguinte, estava a ser indelicado, mas não se importou. Estava de mau humor e desesperado por cometer algo negligente, mergulhar numa atividade licenciosa até o coração e a mente encontrarem acalmia. Iria conseguir alguma paz!

A porta estava trancada, mas ele não bateu. Servindo-se da sua chave, entrou. Não havia criados por perto, mas reconheceu o riso sensual de Georgina vindo da sua sala de estar. Como não estava à sua espera, imaginou o tipo de diversão que encontraria.

Subiu as escadas até ao desarrumado salão e às duas mulheres que o ocupavam.

Georgina e a sua irmã, Gwenda, estavam estendidas nos sofás, com robes de cores vivas, os cabelos soltos e descalças. O robe de Georgina estava bem apertado, mas o da irmã estava largo, um dos seios expostos e uma coxa sedutoramente apoiada nas almofadas do sofá.

Tinham-se obviamente entregue aos seus dissolutos hábitos noturnos: bebendo e fumando. Um cachimbo exótico encontrava-se junto a uma garrafa de *brandy* e o ar estava enevoadado e denso com o cheiro a ópio.

Era uma cena depravada e sórdida do género que normalmente o excitava,

mas desta vez não sentiu qualquer estímulo. Na verdade, ficou bastante revoltado, mas abafou a repugnância, negando sentir qualquer emoção sobre o que estava prestes a fazer.

– Olá, Georgina. – Apoiou-se contra o batente da porta, os braços cruzados sobre o peito.

– Wakefield! – Ela levantou-se de um salto, mas o movimento brusco fê-la cambalear e agarrou-se ao sofá para se equilibrar.

A desilusão pela sua visita inesperada era palpável. Visivelmente, não se encontrava em condições de o entreter, mas recompôs-se rapidamente, colando um leve sorriso nos lábios e simulando uma aceitável pretensão de alegria.

– Que bom ver-te. Quando chegaste?

– Agora mesmo. – Movia-se como se fosse dono daquela maldita casa, o que era verdade, e, irracionalmente, ficou decepcionado com a sua insensível e pouco sincera reação. Uma comparação com Emma ocorreu-lhe inesperadamente. Ela ter-se-ia mostrado jovial, animada e genuinamente feliz por estar com ele, mas sufocou a irritante imagem.

Georgina era paga, e generosamente paga, para o entreter. O afeto nunca desempenhara qualquer papel na sua ligação e nunca desejaria que ela mostrasse falsidade. Estava a agir como um idiota ordinário!

Georgina indicou graciosamente o outro sofá.

– Lembras-te da minha irmã, Gwenda?

– Claro.

– Lorde Wakefield. – Gwenda esboçou um aceno de cabeça, levou a mão à cintura e afrouxou o cinto, fazendo com que as bandas do robe revelassem mais do tronco nu.

Lascivas, voluptuosas, sedutoras, formavam um belo par, uma ousada e aventureira dupla disposta a qualquer entretenimento, mas, estranhamente, ele não sentia o mínimo desejo. Por um breve instante, foi tentado a fugir, a abandoná-las ao seu caminho dissoluto e a esquecer o festim carnal iminente, mas com a mesma rapidez que o sentimento absurdo se formou, afastou-o.

Porquê abster-se? Não tinha laços com qualquer mulher, não estava acorrentado a qualquer princípio ou limite. Dali a quarenta e oito horas, estaria a caminho de Yorkshire. Antes de ir, estava ansioso por se deleitar com os seus passatempos favoritos e não sentiria qualquer culpa por isso.

– Apetece-te uma bebida? – perguntou Georgina, quebrando o silêncio constrangedor.

– Sim.

Ela agarrou num copo, encheu-o de uísque até acima e entregou-lho. Os dedos roçaram e ele observou que o toque não lhe provocou qualquer sensação.

Fez um brinde e bebeu o seu costumado gole prolongado, mas como quase não tinha tomado uma gota de álcool desde que conhecera Emma, perdera o hábito e o líquido queimou-lhe as entranhas. As lágrimas vieram-lhe aos olhos e quase se envergonhou por tossir e cuspir.

Recompondo-se de imediato, disse a Georgina:

– Tive uma viagem cansativa. Gostaria de um banho e, em seguida, de uma massagem e de uma ceia. Estou faminto.

– Claro, John. – Durante aquele intervalo, tinha recuperado a postura e andava de um lado para o outro como se não desejasse mais nada do que servi-lo.

Ergueu-se nas pontas dos pés e depositou um beijo irritante nos seus lábios, após o que saiu para convocar os criados apropriados.

Depois de ela sair, Gwenda deu uma palmada no lugar ao seu lado no sofá, exibindo um sorriso prometededor de inúmeros episódios de êxtase erótico.

– Passou muito tempo, lorde Wakefield.

– É verdade.

Atravessou a sala e sentou-se.

*

Georgina permaneceu à mesa do pequeno-almoço, sorvendo em pequenos goles o chocolate da manhã e olhando para o envelope selado na sua frente. Não tinha pressa em abri-lo. Fosse qual fosse a mensagem que continha seria perigosa, teria o poder de transformar a sua vida para sempre.

Possuía propensões perigosas – sentia-o no mais fundo de si – uma premonição feminina instintiva e inerente a más notícias.

A missiva era de Wakefield e esclarecia, sem dúvida, o que acontecera a John. Antes de ir para Yorkshire, a sua breve visita fora desanimadora. Mostrara-se triste, obviamente perturbado por um dilema importante, e relutante – ou talvez incapaz – de se divertir ou de se descontraír.

Nenhuma das suas tentativas o tinha arrancado ao seu invulgar mau humor e uma grande parte da sua tendência ao vício e à corrupção desaparecera, o que era uma descoberta terrível para alguém com a sua ocupação.

Se ele persistisse naquele caminho e desistisse totalmente da sua inclinação para a licenciosidade, o que seria dela?

Impunham-se medidas drásticas. Precisava de agir rapidamente, mas em simultâneo não seria má ideia começar a investigar, privada e tranquilamente, outras oportunidades financeiras – na eventualidade de os seus esforços falharem e de a sua ligação com John terminar.

Pegou no envelope e analisou-o, testando o peso e o tamanho na mão. Tinha sido bastante simples retirá-lo do correio diário de John. O criado que o tinha

roubado para ela era viciado em jogo e estava sempre necessitado de mais dinheiro, que Georgina providenciava com todo o gosto em troca dos favores que obtinha.

Uma mulher nunca tinha demasiados amigos nos lugares certos!

Não sabia muito bem o que a compelira a aguardar uma carta, mas agora que a correspondência chegara, sentia-se exultante, dado a sua fortuita perspicácia ter sido tão arguta.

Cansada do suspense, de adiar o inevitável, enfiou a unha do polegar por baixo do selo e ergueu-o cuidadosamente. Se não se tratasse do que antecipara, teria de voltar a pô-la no meio da correspondência de John, sem que ninguém tivesse dado pela sua ausência temporária.

Perscrutou o texto enquanto os lábios desenhavam um pequeno esgar de desdém e o coração batia com força ante a percepção de se ter aproximado tanto da calamidade.

«Meu querido John», lia-se numa bonita caligrafia feminina «lamento ver-me forçada a escrever com estas notícias horríveis, mas quando nos separámos, pediste-me que te contactasse, se acontecesse o pior...»

Ao chegar ao fim da página, sacudiu a cabeça, com uma expressão desdenhosa.

– Que rapariga tola! – exclamou num tom de censura na divisão silenciosa.

Dobrou novamente o papel e bateu com a ponta da carta na madeira da mesa, meditando, especulando, deliberando sobre as prováveis consequências se John recebesse a notícia – e se não a recebesse.

O que faria ele com a informação?

Em última análise decidiu que só havia uma opção viável. As perspetivas de qualquer ação que ele poderia fazer para ajudar a pequena Jezabel eram demasiado graves.

A nota tinha de ser destruída.

Se John viesse a saber posteriormente que a prostituta escrevera a informá-lo da sua situação, seria demasiado tarde para intervir e ninguém jamais suporia o motivo por que a sua solicitação se tinha perdido.

Os correios ofereciam tão pouca confiança.

Uma vela estava acesa no aparador. Pegou-lhe e segurou o canto da carta sobre a chama. Quando o documento aqueceu demasiado, deixou-o cair no prato onde se transformou num monte de cinzas. Em seguida, dirigiu-se à lareira e lançou os pedaços restantes para o fogo.

Quando a última prova desapareceu, serviu-se de um guardanapo para esfregar os dedos, limpando qualquer vestígio de que agarrara nos pedaços enegrecidos e, em seguida, subiu ao andar de cima a fim de se vestir para o

convívio da tarde.

*

Emma percorreu o corredor do presbitério e analisou os detalhes da casa onde tinha nascido e sido criada. Como era atualmente uma residência de solteiro, diferia muito de como fora quando a família Fitzgerald lá vivia, mas sentiu-se pacificada pelo ambiente familiar.

Posso fazer isto! murmurou para si mesma. *Posso!*

Dez semanas tinham passado desde aquele terrível incidente no quarto de John, quando se haviam amado tão meigamente e lutado tão selvaticamente. Desde aquele vil encontro que ponderara muitas vezes como era possível que duas pessoas que tinham sido tão íntimas, tivessem chegado a um fim tão horrível.

Odiava-o! Amava-o! E sentia cada momento de transição entre os dois sentimentos. Como era possível que o seu imenso desejo por ele a tivesse feito descer tão baixo?

Mortificada, degradada, frenética, entrou na biblioteca onde a governante lhe dissera que Harold estava finalmente pronto para a receber. Deixara-a à espera durante quase uma hora e ela vagueara pela sala como uma postulante, consultando o relógio sobre a lareira, seguindo o tiquetaque do ponteiro dos minutos.

Se estivesse numa posição mais sólida, teria recusado entrar naquele jogo. Ele tentava vincar uma posição ou dar-lhe uma lição quando não poderia imaginar do que se tratava, mas estava triste e desolada e, por conseguinte, ficara.

Embora não estivesse segura do que acontecera entre eles, não parecia decididamente que ainda quisesse casar com ela. O pensamento de que pudesse ter mudado de ideia agitava-lhe as entranhas.

Se já não estivesse interessado, o que faria? Que opções lhe restavam?

Anteriormente, visitava-a com frequência, mas agora raramente o via. Não providenciava piqueniques nem passeios de carruagem, nunca parava para perguntar como ela estava. Na igreja, ela e Jane saudavam-no depois do culto, mas mostrava-se frio e reservado e a forma como a tratava mudara radicalmente.

Receava tê-lo irritado, embora não soubesse de que maneira. Ele podia ser aborrecido, exigente, embora ela sempre tivesse tentado mostrar-se delicada, mas algo o afastara.

O convívio social onde a paróquia celebrava a colheita do final de setembro realizara-se na semana anterior e ela estivera segura de que a convidaria para o acompanhar, mas nenhum pedido chegara e constituía um mau presságio para a evolução das circunstâncias.

Cada vez mais nervosa, aproximou-se da biblioteca.

A porta estava aberta, mas bateu, dado que a fenda na relação de ambos fazia com que se sentisse desconfortável por entrar de rompante. Reparou que ele estava sentado atrás da que fora a secretária do pai, imerso em papelada, e nem levantou o rosto quando ela entrou.

Emma sentia a falta do pai, sentia a falta do ritmo invariável daquela época em que cada dia se fundia com o seguinte, sem que houvesse surpresas, catástrofes, angústias ou tristezas. Nem tão pouco John Clayton para causar estragos.

O pai fora um homem compassivo e tinha passado a vida a zelar pelos menos afortunados. Como era irritante que Harold tivesse sido autorizado a suceder-lhe! Sentia-se inexplicavelmente furiosa e engoliu alguns comentários, não fosse a sua língua mordaz cuspir sentimentos que não ousava pronunciar em voz alta.

– Sente-se. – Mostrava-se de mau humor, como se ela estivesse a roubar-lhe o seu tempo.

Ocupado a arrumar e a organizar os seus documentos, ignorou-a, irritando-a com a sua descortesia, mas controlou-se. Tendo em conta o atual estado precário da sua relação, não podia demonstrar um sinal de aborrecimento.

Após uma demorada reflexão sobre a sua situação, concluíra que necessitava de pedir ajuda a Harold. Tinha escrito ao visconde de Wakefield, mas ele não se dera ao trabalho de responder e não havia mais ninguém a quem recorrer. Nem tão pouco a mãe. Mesmo que a mãe estivesse na plena posse das suas faculdades, nunca tinha sido robusta e não conseguiria lidar com notícias tão horríveis. Jane era demasiado jovem.

Emma não tinha confidentes e embora mantivesse ligações de amizade com muitas mulheres, não poderia discutir a sua condição com nenhuma delas. Uma suculenta coscuvilhice como aquela espalhar-se-ia como um incêndio por toda a vizinhança, quando Emma precisava de segredo absoluto.

Embora tivesse dado voltas e mais voltas à mente, não encontrara uma alternativa. Não havia outro cavalheiro conhecido que pudesse ajudá-la. Apenas Harold. Desde o começo que parecera apaixonado e quase obcecado com a ideia de casar com ela. Esse género de afinidade profunda não acabava de um dia para o outro. Decerto ainda sentiria algum carinho.

Rezou para conseguir encontrar as palavras em defesa do seu caso, sem se humilhar no procedimento!

– De que se trata? – perguntou bruscamente.

Afastou os papéis para o lado e mexeu-se na cadeira, com os dedos cruzados sobre o peito. Emanava uma espécie de veneno que a assustou, o que era absurdo.

Harold era assim mesmo: simples, aborrecido, respeitável.

Hesitou momentaneamente, mas em seguida recompôs-se:

– Preciso de falar consigo.

– Em que qualidade? Como pastor?

– Sim também, mas espero que como meu amigo.

Esboçou um leve sorriso, mas ele não demonstrou qualquer sinal recíproco de afabilidade.

– Feche a porta – indicou com um aceno de cabeça.

Levantando-se, Emma dirigiu-se à porta e fechou-a. O seu olhar veemente e intenso fixou-se nas suas costas, mas ela regressou à cadeira, de cabeça levantada, embora as mãos lhe tremessem e ocultou-as por baixo da saia.

– Tenho uma confissão a fazer e eu...

– O quê? – rugiu, interrompendo-a. – Não consigo ouvir.

– Bem... há tantos meses que quer casar comigo... – Ele fitava-a com um ar tão malévolos que ficou sem saber se teria permissão de dizer tudo e concluiu à pressa. – ...e tenho adiado. Foi indelicado da minha parte, confesso, mas recentemente interroguei-me se... quer dizer... se...

Embora tivesse refletido sobre a conversa dúzias de vezes, a realidade em nada se assemelhava à fantasia. Não conseguia verbalizar o que pretendia. A sua vergonha era demasiado gigantesca e o fardo impossível de carregar.

Na verdade, ela mal conhecia Harold, e ter imaginado que podia suplicar-lhe que a protegesse da troça e limpasse os pecados diante da comunidade, tinha sido um plano ridículo. Simplesmente estava tão desesperada que a ansiedade a levava a fazer uma tentativa inútil.

Não podia fazer isso. Nem a ele, nem a outro homem qualquer.

Oh, adoraria estrangular John Clayton! Se pudesse pôr-lhe as mãos à volta do pescoço durante uns meros dez segundos, ele lamentaria o dia!

– Desculpe. Não deveria ter vindo. – Fez menção de se levantar, mas a sua voz brusca deteve-a.

– Sente-se! – ordenou, tamborilando com os dedos sobre a secretária. – Pode contar o que se passa. Afinal, estamos *noivos*.

A sua preocupação era inequivocamente fingida e a palavra *noivos* estava imbuída de um tal rancor e desdém que se encolheu para longe dele, desejando ir embora, mas preocupada sobre como o fazer. Os seus pensamentos estavam tão agitados, o seu pânico era tão grande que não conseguia tomar uma decisão válida para salvar a vida.

Afundou-se na cadeira, incapaz de falar, não conseguia explicar o que estava a fazer na sua biblioteca. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Estava cada vez mais emotiva e o mínimo gesto fazia-a chorar. Além disso, sentia-se

excessivamente cansada. Devido ao trabalho, por falta de sono, por tormento e desespero.

– Deixe-me adivinhar – troçou. – Está num beco sem saída e precisa de mim para a tirar de lá.

– Foi o que pensei, mas estava errada. Não posso pedir-lhe.

– Porque não, minha *queridíssima* Emma? Sou o teu noivo! Em breve o teu marido! O que poderia ter acontecido de tão terrível que não pudesses partilhar comigo?

Os seus modos insultuosos, a sua atitude e hostilidade eram tão despropositados que ela não conseguia deduzir o que causara uma tal animosidade. Dando a volta à secretária, colocou-se na sua frente. Não era exageradamente alto, mas ela estava sentada e, por conseguinte, pairava de uma forma intimidante.

– Vieste aqui, por acaso, para comunicar que estás grávida? E que é de outro homem?

– Como sabia? – perguntou ela, trémula.

A sua malícia aumentou.

– Então é verdade!

– Sim.

Baixou o rosto para o regaço, mas sentia o olhar dele percorrendo-lhe o ventre, os seios e observando-a de uma forma desdenhosa. A análise foi tão meticulosa que se sentiu como se estivesse nua e lutou contra o impulso de tapar o tronco a fim de se furtar a seu olhar.

– Gostaste da *brincadeira* com o teu precioso visconde, Emma?

Estrelas do céu! Ele sabia sobre John! Como era possível?

– Eu não queria...

– Cala-te! – Inclinou-se, encostando o rosto ao dela, forçando-a a olhar para ele. – Desgraçaste-te! E a mim! Tens alguma ideia de como estou repugnado com o que fizeste?

– Nem posso começar a...

– Queria casar contigo! Honrar-te e respeitar-te! Cuidei de ti. Só esperava em troca que viesses para a nossa cama conjugal virgem. Exigi demasiado?

– Não.

– Em vez disso estás suja, manchada, e tens o desprazer de me implorar que case contigo! Para criar o filho de outro homem como se fosse meu! – Antes que ela se apercebesse da sua intenção, bateu-lhe ferozmente com o máximo de força. Ela contorceu-se, tentando escapar à sua fúria.

– Galdéria! – insultou. Voltou a bater-lhe, fazendo com que se desequilibrasse da cadeira e caísse no chão.

– Oh, Deus! Oh, Deus! – repetia num tom choroso, apertando a face magoada.
– Então como foi fornicares com o visconde, Emma? Tomaste-o na boca? No traseiro? – Cada comentário assemelhava-se a outro golpe. – Até que ponto estavas disposta a rebaixares-te para conquistares a sua ilustre atenção?

Conseguiu pôr-se de joelhos e tentou equilibrar-se para fugir, mas estava tão perplexa que foi incapaz de reagir. Os seus músculos não obedeciam à mais simples ordem.

Nunca ninguém lhe tinha batido e Emma sentia-se totalmente perturbada pela barbárie, aterrorizada com a brutalidade que ele poderia cometer a seguir. Tentou rastejar, mas ele agarrou-a pelo pescoço, pairando sobre ela e sacudindo-a.

– A tua história é tão patética! Tão obscena! A inocente filha do vigário seduzida pelo nobre senhor! – Apertou-lhe o pescoço, fazendo-a estremecer e gritar. – O que usou para te tentar? Dinheiro? Bugigangas? Quão pouco foi necessário para te convencer a abrires as pernas?

– Nada! – cuspiu ela. – Não me ofereceu nada.

– Deve ter-te prometido algo. O que foi? Amor eterno? Devoção imortal? – Como se tocar-lhe se tivesse tornado subitamente asqueroso, largou-a e afastou-se, mas não sem antes lhe dar um pontapé nas costelas com tanta força que lhe tirou a respiração. – Bem, veremos o que valem as suas malditas promessas, não é verdade? Onde está ele, Emma? Onde está o teu *elegante* visconde agora que te deixou nesta situação terrível?

Passada a explosão de fúria, afastou-se, e, como a perspetiva de maior violência diminuiu, ela foi perdendo o medo. Não lhe parecia que voltasse a bater-lhe, mas não podia ter certezas. Confusa, desorientada, permaneceu no tapete, enroscada. As lágrimas corriam-lhe abundantemente pelas faces.

Harold tinha razão: Como é que John lhe poderia ter feito isto? Como é que ele – ou qualquer homem sensato – poderia ter causado a calamidade para em seguida desaparecer?

Nunca lhe tinha escrito um bilhete para saber como ela estava. Nem sequer enviara o agente imobiliário para se certificar da sua situação. A casa em melhor estado que lhe prometera – que ela insistira não desejar – nunca se concretizara.

Regressara a Londres e esquecera-a.

No seu último dia em Wakefield tinha insistido para que o informasse caso os seus piores receios se realizassem e, por conseguinte, mal as suas suspeitas se haviam confirmado, escrevera-lhe, mas ele não tinha respondido à sua carta. Se albergasse algum afeto por ela, não teria respondido? Ainda que com a única intenção de lhe enviar algum dinheiro por intermédio do agente imobiliário?

Harold tinha sido a sua única esperança, por vaga e remota que fosse. O que lhe aconteceria? À mãe e à irmã? Não conseguia suportar imaginar o seu

destino!

Fragilizada, envergonhada, não saberia dizer quanto tempo permaneceu ali com Harold a observá-la do outro lado da sala, mas a sua voz arrancou-a àquele triste devaneio.

– Deixa-te de lamúrias e levanta-te. Estou farto de ti.

Debilitada e insegura, serviu-se do braço da cadeira para se levantar. Estava toda amarrotada, com o nariz vermelho e manchado do choro, a face inchada e a latejar pela pancada recebida. Tinha o cabelo despenteado; algumas travessas haviam-se soltado e baixou-se para as apanhar.

– Anunciarei os banhos no domingo – disse ele num tom brusco –, mas não podemos aguardar pelas quatro semanas. Apressaremos um bocado e o casamento será a duas semanas a contar de hoje.

Emma não acreditava que ele pensasse que a teria depois daquela cena.

– Não, não o farei.

– Farás, sim! – Avançou com passo pesado na sua direção, pairando sobre ela e voltando a assustá-la com a sua altura.

– E se eu recusar?

– Ordenarei que homens da aldeia te arrastem até à igreja, amarrada e amordaçada, onde te acusarei publicamente de fornicação. Depois serás expulsa. Vestida apenas com a roupa com que vieste ao mundo.

– Ninguém faria uma coisa tão perversa! – protestou, embora sem a confiança que aparentava. Quem poderia prever o comportamento dos outros?

– Para alguém que afirma ter uma visão tão fantástica da condição humana, realmente não conheces as pessoas muito bem. – Soltou uma risada traiçoeira. – Eles vão deliciar-se com a tua queda do pedestal, ficarão tremendamente excitados com a descoberta de que uma pessoa tão piedosa e justa como tu pecou tão abominavelmente. Sobretudo com alguém da laia de Wakefield. Ele é genuinamente detestado por todos.

Não se tratava de uma afirmação necessariamente exata depois de ela o ter convencido a cancelar os despejos e a adiar os alugueres, mas o bónus havia-se dirigido apenas a um punhado dos mais carenciados. Qual era a opinião geral dos restantes? Wakefield era muitas vezes censurada por vários infortúnios, alguns deles por culpa dos Clayton e muitos não. Havia um grupo específico de perturbadores que transbordavam ressentimento e má vontade. Essas almas descontentes seguiriam as ordens de Harold apenas para se vingarem de John?

Harold exalava ódio por ela e teve de perguntar:

– Mas se me odeia tanto, porque quer casar comigo?

– Os benefícios superarão os prejuízos. – Puxou-a, esmagando o lado dela contra a sua parte da frente. Ela sentiu a ereção junto à anca! Estava rijó como

um pau! Por repugnante que parecesse, parecia ter ficado excitado com a luta, a sua inimizade estimulando o desejo.

Emma lutou para se afastar, para criar espaço entre os dois, mas ele agarrou-a fortemente e fletiu-se contra a sua coxa, dando-lhe a perceber o seu estado de excitação. Insultuosamente, acariciou-lhe o seio, beliscando-o e apertando dolorosamente o mamilo.

– Deleito-me com muitos atos obscenos que se passam no quarto. – Inclinou-se para lambar e morder-lhe a orelha. – Estar casado com uma prostituta terá as suas vantagens.

– Filho da mãe – gritou Emma, estremecendo de repugnância e ele apertou-lhe o mamilo com mais força.

– A minha caridade não se estende obviamente à tua mãe demente. Contactarei os asilos de loucos para arranjar uma casa, mas Jane ficará a viver connosco. – Beijou-lhe o pescoço, um beijo molhado e repugnante. – Agora que sei que prenda tem como irmã mais velha, o meu dever cristão decreta que me encarregue da sua educação. Devo libertá-la da tua influência corrupta.

– Nem em mil anos.

Harold riu novamente.

– Terás um teto por cima da cabeça e a tua excelente reputação permanecerá intata. Em troca da minha benevolência, farás tudo o que te disser. Noite após noite, minha querida Emma. Sugiro que te prepares.

Reunindo todas as suas forças, empurrou-o, mas percebeu que se tinha escapado porque ele a soltara. Era muito mais forte do que ela; se quisesse abusar ainda mais dela, poderia fazê-lo sem custo.

– Você está louco! – disse, perturbada e aterrorizada.

– Levarei a melhor em tudo isto! – avisou. – Prepara-te.

Emma deu meia volta, correu para a porta e ao longo do corredor, apressando-se a sair para o ar fresco e para a luz do sol, fugindo à sua aberração e loucura e só parou quando chegou a casa.

Do ^{seu} camarote no balcão do teatro, John perscrutou o ambiente e suspirou.

Nos dois meses em que estivera afastado de Londres, nada tinha mudado, e estava entediado a mais não poder. A peça foi tipicamente medíocre, contou com a presença das mesmas pessoas desinteressantes e as mesmas diversões sórdidas seguir-se-iam ao espetáculo.

Ao passo que anteriormente estaria cheio de energia e ansioso pela noite prolongada e os entretenimentos ao dispor, não conseguia sentir qualquer excitação. Tinha perdido a paciência para pessoas banais que se fingiam amigas e para a diversão superficial que declarara preferir, embora, na verdade, talvez não tivesse *perdido* o interesse por entretenimento frívolo. Suspeitava que nunca estivera presente.

Surpreendentemente começava a reconhecer que detestava muita da libertinagem em que se envolvera. Levara quinze anos de uma vida dissoluta para irritar o pai, para viver abaixo das expectativas desse homem difícil, adotando muitos hábitos nefastos e optando pelos que eram mais suscetíveis de enfurecê-lo.

Quando era jovem, tinha sido fascinante e intrigante testar os seus limites e quebrar todas as regras, mas as condutas que adotara por uma questão de ressentimento e personalidade tornaram-se a norma. Não conseguia explicar porque ou como se deixara seduzir por uma existência tão depravada, mas não podia chafurdar num buraco tão repugnante.

Talvez tivesse finalmente amadurecido. Ou talvez o facto de passar a maior parte do verão no campo com uma azougada e atrevida filha do vigário o tivesse forçado a olhar bem para si – para onde estivera, para onde ia, o que desejava do futuro.

Ao longo do seu breve relacionamento, ela tinha-o repreendido e castigado pelo seu excesso e imoderação, incitara-o a erguer-se e, enquanto ele acreditava que não lhe prestara atenção, dada a sua capacidade de fazer ouvidos moucos ao que não lhe interessava, pelo visto alguma coisa ficara.

A transformação tinha começado logo após o seu regresso a Londres de Wakefield. Sozinho, irritável, furioso e insatisfeito, visitara Georgina e a irmã, tencionando deleitar-se com os prazeres indecentes que lhe teriam fornecido antes de partir para a sua prolongada volta por Yorkshire. Estava preparado para mergulhar no vício, divertir-se com qualquer perversão que Georgina pudesse ter planeado, mas, afinal, fora incapaz de seguir em frente.

Demorara um pouco, tomara outra bebida, envolvera-se em algumas trocas verbais libertinas com Gwenda, mas algures entre a conversa e a indicação de Georgina de que o banho estava pronto, o seu entusiasmo desaparecera. O fascínio que habitualmente encontrava na sua conduta sórdida tinha-se desvanecido e, surpreendendo as duas mulheres e a si próprio, acabara de beber o uísque e saíra sem sequer chegar a tirar um botão de punho.

Na semana anterior, tinha regressado discretamente a Londres, mas não a avisara – nem a qualquer outra pessoa. Durante os sete dias, mantivera-se isolado na casa da cidade, refletindo na sua estada em Wakefield e na viagem a Yorkshire.

Viajara para norte sozinho, tendo todas as oportunidades para meditar, e desenvolvera uma perspetiva diferente. De si e do mundo.

Por último, a indiferença levava-o ao teatro, mas, enquanto olhava em volta para os ricos e ociosos aristocratas que pertenciam à sua esfera social, nenhum dos seus passatempos anteriores ou companhias lhe agradava minimamente.

Quando tinha entrado, alguns dos seus comparsas haviam-se-lhe juntado e contariam com ele para se deleitar com a farra no final do espetáculo. Iriam jogar, beber, confraternizar com prostitutas, mas John detestava a ideia de sair da cidade. Os seus divertimentos favoritos pareciam tão vulgares.

Sorriu ao recordar-se de Emma Fitzgerald. O que pensaria se o visse nesse momento?

Desde o período inicial em Wakefield, quando ela enviara os seus companheiros duvidosos para Londres, não voltara a lançar os dados ou a jogar às cartas. Bebera álcool na única vez em que estivera na casa de Georgina e preferia estar sóbrio. Passara a década anterior num estado de permanente embriaguez e esquecera-se de como era pensar claramente, saltar da cama de manhã, robusto e alerta.

Quanto ao seu comportamento carnal...

Bem, parecia que estava prestes a abandonar a sua fama como libertino promíscuo. Amantes potenciais cruzavam o seu caminho todos os dias, mas, curiosamente, não tinha qualquer desejo de partilhar os seus encantos. Na propriedade de Yorkshire havia uma viúva muito atraente que lhe dera visivelmente a entender que gostaria de iniciar uma ligação, mas as suas sugestões não lhe tinham aumentado a pulsação e muito menos qualquer parte do corpo.

Depois de ter Emma como amante, ninguém se lhe comparava, e ponderava sinceramente se estava destinado a ficar celibatário para o resto da vida.

Junto dela experimentara momentos incalculáveis de felicidade e de paixão e não conseguia encontrar a energia necessária para se envolver com outra pelo

mero objetivo de satisfação carnal. Fornicar por fornicar parecia tão inútil. Para se dar a um trabalho a sério, ansiava mais do que satisfação física.

Desejava alegria, espontaneidade, amizade.

Caso contrário, para quê incomodar-se?

Sorrindo novamente, lembrou-se de quando Emma entrara de rompante na sua biblioteca em Wakefield. Indignada, justa, inflexível, fora decididamente um espetáculo! Tinha-o seduzido e enfeitado como nunca julgara possível.

Pensava nela muitas vezes e tratava-se de muito mais do que uma introspeção aleatória. Especulava a toda a hora sobre como ela estaria e se – por acaso – ficaria nostálgica por sua causa, embora, presumivelmente quaisquer pensamentos que lhe ocorressem fossem memórias de contenção, de ira e de contenda.

A sua fixação nela era ridícula e fútil, mas não conseguia abandoná-la. Preocupava-se a toda a hora com ela, com o seu destino, a tal ponto que agarrou na pluma dúzias de vezes, propenso a interrogar-se sobre o seu bem-estar, mas fora demasiado cobarde para passar as palavras ao papel. Possivelmente Emma ainda estava tão furiosa que teria rasgado quaisquer missivas sem as ler.

Claro que ela também não lhe tinha escrito quando ele estava tão seguro de que o faria. A primeira coisa que fizera ao regressar de Yorkshire fora examinar o correio em busca da sua carta e ficara surpreendido ao ver que nem uma tinha chegado. Se ela tivesse estendido o braço e saltado o abismo que os separava, o gesto dar-lhe-ia coragem para responder, mas não o fizera e não podia censurá-la.

Emma via a ligação de ambos de uma forma muito diversa da sua. Ter-lhe-ia dado um pouco de felicidade? Existira um único momento em que não se mostrara arrogante e dominador? Ela acusara-o regularmente de ser convencido, vaidoso, demasiado presunçoso e duvidava que a separação tivesse diminuído a sua reminiscência.

Como desejava poder alterar o passado!

Aquela última tarde fora tão terrível quando ele planeara que fosse maravilhosa, e tinha eclipsado tudo o mais que ocorrera entre eles. O seu encontro decisivo deveria ter sido maravilhoso e não lhe parecia justo que o momento crucial ensombrasse toda a diversão e alegria.

Sabia que ela continuava em Wakefield porque o agente imobiliário a mencionara numa frase curta no meio de um relatório. A notícia tinha sido escassa, referindo-se exclusivamente ao facto de que se encontrava a aguardar que uma casa conveniente ficasse disponível e que esperava poder efetuar a mudança da família Fitzgerald antes do inverno.

Como era a única informação que John tinha tido dela desde a sua partida,

relera aquele pedacinho mil vezes, procurando illogicamente qualquer significado oculto que pudesse estar inserido no comentário.

Emma teria certamente entrado em contacto com ele, se precisasse da sua ajuda! Se as suas circunstâncias tivessem piorado, avisá-lo-ia, não?

Mesmo quando o absurdo interrogatório lhe surgiu na mente, sacudiu-o. Ela jamais procuraria a sua ajuda. Tinha de aceitar a realidade! Nunca quisera nada dele e se ele quebrasse e lhe oferecesse estupidamente auxílio, seria rejeitado.

O seu orgulho não lhe permitia implorar-lhe que o deixasse sustentá-la. Tinha de esquecê-la, seguir em frente, só que não sabia como.

Exalando outro pesado suspiro, levantou-se e perscrutou o seu séquito, escapando-se do camarote para o corredor. Os companheiros iriam supor que tinha ido fumar ou beber e regressaria dali a pouco. Decorreriam muitos minutos antes que percebessem que se esgueirara.

Com um esforço mínimo recuperou o casaco e o chapéu e depois saiu para a fresca noite de outono. Caía uma chuva miúda e o ar era refrescante após ter estado no interior do teatro bolorento; ficou parado debaixo do alpendre, considerando se deveria passear um pouco antes de chamar a sua carruagem.

Distraído, deu meia volta para se afastar, sem prestar atenção e tropeçou numa senhora encapuzada. Quando lhe agarrou no braço para se desculpar e equilibrá-la, o capuz da capa escorregou e viu-se cara a cara com Caroline. Ficou surpreendido, tendo entendido que – devido aos boatos relativos ao seu noivado desfeito – ela teria partido para umas férias prolongadas em Itália.

– Carol – saudou carinhosamente. – Como estás?

– Como *estou* não é da tua conta, Wakefield – respondeu, empurrando-lhe o braço.

Não merecia tanta animosidade e não conseguia perceber o motivo da sua irritação.

– Não estejas zangada. – Ela manteve-se em silêncio mas olhou para o grupo que a seguia e ele sentiu-se compelido a vincar: – Nunca teríamos sido felizes. A nossa separação foi o mais indicado.

– Sem dúvida – concordou ela, furiosa. – Sinto-me muito aliviada por estar afastada da tua libertinagem e das tuas amantes!

Caroline tivera a ousadia de mencionar as suas amantes! A sua língua estava tão solta que se interrogou sobre se bebera demasiados copos de xerez.

– Lamento se algumas das minhas ações te envergonharam.

– Não lamentas nada. Gostavas de me humilhar.

– Eu não queria...

Caroline interrompeu-o.

– Quem é a tua atual amante? Ainda andas com essa horrível Georgina

Howard?

– Carol!

– Ou compraste um apartamento à tua amiguinha de Wakefield?

– A minha *amiga* de Wakefield?

– Não negues, John Clayton – ripostou bruscamente. – Uma das tuas queridas amigas londrinas teve a amabilidade de me escrever sobre ela no verão passado.

– Recebeste uma carta sobre mim? – perguntou incrédulo e, quando ela esboçou um aceno de cabeça, acrescentou: – O que dizia?

– Oh, o habitual.

– O *habitual*?

– Como aquela desinteressante filha do vigário havia capturado a tua fantasia e como estavas disposto a enganar-me novamente. Foi por isso que viajei rapidamente até ao campo. Imaginei que poderia deter-te. Que estúpida fui! – Fitou-o mordazmente de alto a baixo. – Tenho pena da mulher que acabe casada contigo, Wakefield. De verdade. Ainda bem que não serei eu!

Oh, meu Deus! Ela estava a falar mesmo a sério e não conseguia acalmá-la, mas ansiava por um pouco de cordialidade.

– Tens sabido algo de Ian? – perguntou delicadamente, confiante de que poderia dirigir a conversa para um assunto menos conflituoso do que a sua falta de integridade.

Não existira comunicação com o irmão. Durante o intervalo em que John estivera em Yorkshire, não fora entregue qualquer mensagem na casa de Londres. Rutherford interrogara vários elementos do pessoal ao seu serviço, mas eles não tinham descoberto o seu paradeiro.

– Por que havia de ser contactada por esse vil animal?

– Julguei que vocês os dois estivessem... estivessem... – O que eram eles afinal? Não conseguia descrever exatamente o que observara naquela noite na biblioteca.

– O teu irmão não é nada para mim – alegou Caroline. – É um rufia da classe mais baixa, que se aproxima de mulheres ingénuas e, decerto, nunca do género que me acompanharia.

Empinou o nariz e olhou por cima do ombro para o seu irmão, Adam, que espiara John e se precipitava na direção deles.

– Olá, Adam – saudou John, esforçando-se por ser amável no meio da terrível cena.

– Desanda, Wakefield! – ordenou Adam enquanto agarrava no braço de Caroline e a levava para dentro.

Triste, perturbado, John ainda ficou parado muito tempo depois de eles se afastarem.

Conhecera Caroline desde miúda mas, na verdade, não sabia muito sobre ela. Visivelmente, sentira-se atraída por Ian, tal como Ian se sentira por ela. Agora que se encontrava instalada no seio da sua família, precisava de racionalizar o seu lascivo pecadilho, atribuindo o lapso à baixa condição de Ian.

Como era lamentável que, no único momento em que se soltara e entregara, tivesse de justificar a sua conduta, convertendo-o numa recordação dolorosa.

Desistiu da ideia de caminhar e ordenou ao porteiro que lhe chamasse a carruagem. Enquanto se acomodava no veículo, surgiam-lhe milhares de perguntas: Quem teria avisado Caroline sobre o florescer do seu amor por Emma? Quem poderia ser tão cruel?

As pessoas adoravam Caroline. Ela era demasiado gentil e simpática para ter criado inimigos. Quem não gostava dela? Porque alguém desejaria magoá-la? E quem estaria suficientemente familiarizado com as suas atividades em Wakefield para se encontrar a par de questões tão confidenciais?

Apenas Ian e Georgina. Ian jamais teria feito algo de tão terrível a Caroline. Nem a nenhuma outra mulher. Apenas sobrava Georgina. Mas porquê ela? Qual o seu objetivo?

A carruagem parou à sua porta mas, em vez de descer, ordenou ao cocheiro que o levasse a casa de Georgina e, dentro em pouco, pararam na sua rua tranquila. John espreitou para fora e ficou satisfeito ao ver uma vela brilhar num dos quartos do andar de cima. No caminho, preocupara-se que ela pudesse ter saído. Como desejava uma discussão sucinta, não lhe agradava a ideia de ir atrás dela.

Disse ao cocheiro que esperasse, atravessou o portão e dirigiu-se à porta, batendo. Era tarde e, por conseguinte, não entraria de rompante, sem se fazer anunciar. Bateu mais duas vezes, antes de escutar passos. O mordomo veio atender e, ao ver de quem se tratava, ergueu as sobrancelhas, chocado.

– Lorde Wakefield! Não o esperávamos!

– Tenho de falar com Georgina. Presumo que esteja a pé e me receba?

– Bem... sim... ela está... eu... – Olhou nervosamente para os degraus.

– Falaremos na sala. – O homem não mexeu um músculo e, por conseguinte, acrescentou: – Imediatamente.

– Sim, milorde. Vou informá-la.

Afastou-se, mas com um passo tão vagaroso que John ficou irritado.

– Estou com pressa. Vou subir.

– Mas lorde Wakefield... ela está... porque não me deixa... eu podia...

John já ia a subir e o criado precipitou-se atrás dele, balbuciando incoerentemente. Ao ver que não conseguia deter John, o mordomo pôs-se a gritar:

– Menina Georgina! O lorde Wakefield está *aqui*! Vai a subir. *Agora*! Pensei que gostaria de *saber*!

John não lhe prestou atenção, subitamente desejoso pelo confronto iminente. Na carruagem, não soubera exatamente o que lhe diria, mas a sua intenção fora-se solidificando: estava cansado de Georgina. Não era a mesma pessoa que fora quando tinha estabelecido o acordo com ela e deixara de se enquadrar na sua vida.

Enquanto subia, o mordomo afadigava-se atrás dele e lembrou-se da sua fatídica visita anterior quando quase tinha fornicado com ela e a irmã. Só de pensar no que poderia ter feito causou-lhe um arrepio involuntário, outro sinal de quanto tinha mudado.

A porta do quarto estava entreaberta e empurrou-a... para encontrar Georgina nua com outro homem. Ela ficou em pânico, saltou da cama e enfiou os braços no robe às três pancadas. O seu Romeu – um indivíduo que ele desconhecia – levantou-se aos tropeções do outro lado da cama e agarrou freneticamente nas calças.

Era robusto, calvo, com barriga e uma ereção em rápido declínio.

– John! – Georgina estava a tremer, perturbada, e deu apressadamente a volta à cama para lhe bloquear a visão do amante. – O que estás a fazer aqui?

– Posso perguntar-te o mesmo.

– Não sabia que tinhas voltado.

– Obviamente.

Nervosa, puxou as bandas do robe.

– Isto não é o que parece.

– A sério? – reagiu com uma gargalhada. – O espetáculo era hilariante e sentia-se deleitado com o imprevisto. – A mim *parece-me* que estiveste a fornicar com este vigoroso indivíduo. – Olhou para o seu amante, tentando parecer malévolo, quando não podia importar-se menos. – Qual é o seu nome, *sir*?

– Lorde Wakefield – começou o homem, engolindo em seco. – Não estava a atraí-lo. Nunca o faria! Não me desafie para um duelo! Matar-me-ia! Sou péssimo a manejar pistolas e eu...

John revirou os olhos. Como se entrasse num duelo de morte por causa de Georgina!

– Saia! – ordenou. – O homem tinha conseguido vestir as calças, mas não muito mais e John apanhou o casaco e os sapatos do chão e enfiou-lhos nos braços estendidos. – Vá! Desapareça!

O homem saiu a correr e eles ficaram parados, à escuta, enquanto o mordomo o acompanhava pelas escadas e o empurrava porta fora. Depois, Georgina

aproximou-se e acariciou-lhe meigamente o peito.

– Posso explicar.

– Não há necessidade.

– Tenho estado tão sozinha sem ti. Tinha saudades dia após dia e...

– Desiste! – Afastou-lhe a mão.

– Não estejas zangado, John – implorou, confundindo o seu humor.

– Não estou.

– Nunca tive um amante, antes. Nunca em todos estes anos em que estivemos juntos. Juro que é o primeiro!

– Bem, se excluirmos o momento em que tentaste chupar Ian em Wakefield mas, uma vez que ele te recusou, suponho que não conta.

Arrepiou-se com a revelação de Ian – devia ter a certeza de que ele não o faria! – e depois ocultou a fúria. Virando-se com uma expressão maliciosa, esforçou-se por descobrir como sair daquele fiasco da melhor forma possível.

– Vou compensar-te – ronronou num tom sedutor. – Viajaste uma eternidade. Estás exausto. Deixa-me descontrair-te.

Deu um passo em frente e ele empalideceu, sufocando com o cheiro a suor, ao perfume ranço, ao odor a sexo que pairava à sua volta.

– Não me sinto cansado. Estou em Londres há uma semana.

– Uma semana! – espumou Georgina. – Mas ninguém...

Engoliu uma praga, percebendo que quase admitira uma perigosa consequência e ele completou a frase por ela.

– Ninguém te informou?

Afetando calma, dirigiu-se a uma mesa e serviu-se de uma bebida generosa. Embora se esforçasse para parecer tranquila e controlada, a tremura dos dedos revelava a sua aflição.

– Porque teria pessoas a *informar-me* das tuas idas e vindas?

– Isso é o que pretendo saber.

Cautelosamente perscrutou-o, tentando determinar a melhor resposta.

– Quase não preciso de te espiar – troçou. – Estou mais perto de ti do que qualquer outra pessoa. Se precisar de saber onde estás ou o que estarás a fazer, terei simplesmente de te perguntar.

– Portanto, não te rebaixarias a ponto de meter o nariz nos meus assuntos privados?

– Definitivamente não. Quem te sugeriu que o fiz? Diz-me quem foi e vou chamar-lhe mentiroso na cara!

– Não devias ter escrito a *lady* Caroline no verão passado. – Fora diretamente ao assunto e o seu suspiro de ofensa atraçou-a. – O teu comportamento ultrapassou todos os limites e sou incapaz de perceber porque o fizeste. O que

tentavas conseguir?

Com aquela pergunta, o fingimento esfumou-se e ela encolheu os ombros, supondo erradamente que uma dose de veracidade melhoraria a sua posição.

– Esperava que ela corresse para Wakefield e pusesse a andar aquela pendura religiosa de quem estavas enamorado. – Bebeu o *brandy* de um trago. – Mas a idiota nem isso soube fazer.

– Querias que a Caroline se livrasse da menina Fitzgerald? – A ideia de Georgina ter ciúmes de Emma era tão ridícula que orçava a comicidade e teria soltado uma gargalhada se não estivesse tão furioso.

– Sei que foi estúpido da minha parte, mas já lá vai. – Esboçou um aceno com a mão, como se os seus pecados fossem perdoados por ter confessado.

A megera era fantástica. Em conivência. A manipular. Com artifícios e intrigas. Mas ter conspirado contra Caroline? E Emma?

– Estou feliz por ter vindo aqui esta noite – disse ele.

– Também eu, querido – balbuciou, assumindo que tudo estava resolvido, que conseguira a absolvição. – Passou tanto tempo.

– Não o suficiente – contrapôs, induzindo um esgar que arruinou os traços perfeitos dela. – Estou felicíssimo por ter testemunhado as tuas astúcias enganosas, porque a minha decisão torna-se muito mais fácil.

– Que decisão?

– Acabou tudo entre nós!

– Não! – exclamou Georgina, correndo para ele e apertando-lhe o braço. – Não, depois de tudo o que significámos um para o outro.

– Nunca significaste nada para mim. Nem eu para ti.

– Estás errado! Fiz tudo por ti! Para que fosses feliz! Amo-te! Eu... eu...

A palavra *amor* era tão estranha à sua personalidade que mal conseguiu pronunciá-la e ele sentiu-se repugnado ao ouvi-la da sua boca. O esquema patético aumentou a sua decisão de se ver livre dela.

– A minha secretária contactar-te-á para fazer um acordo financeiro para te aguentares até tomares outras disposições. E dou-te três meses para esvaziares a casa, mas não te atrases. Quero-te fora quando o prazo acabar.

Ficando sem palavras, fulminou-o com o olhar e depois reuniu coragem para murmurar:

– Filho da mãe! Depois de tudo o que fiz por ti! Depois de tudo o que suportei!

– Foste bem paga pelos teus serviços – retorquiu ele cruelmente –, portanto não tentes fazer com que me sinta culpado. Não vai funcionar.

Num tom amargo, estupidamente, explodiu:

– Vingar-me-ei por isto.

– Não, não o farás.

– Conheço todos os teus segredos; ficarás arruinado.

Furioso por ela se ter atrevido a enfrentá-lo, aproximou-se e agarrou-a pelo pescoço, enterrando com força na carne o polegar e os restantes dedos. Usou a pressão adequada para lhe tirar temporariamente o ar; ela atacou-o com as unhas, mas nada pôde contra a sua força.

– Sinto-me grato pelos teus serviços e, assim, silenciarei as minhas opiniões enquanto procuras outro protetor. Contudo... – agarrou-a com força e atirou-a para cima da cama – ...se descobrir que falaste com outras pessoas de mim, do meu irmão, ou de qualquer das mulheres da minha vida, se espalhares uma história que seja, encarregar-me-ei pessoalmente de que não haja um único homem no reino que te queira.

– Filho da mãe! – repetiu.

– Não me provokes, Georgina. Não gostarás do resultado, garanto-te. – Afastou-se, receoso de que, no meio da fúria, lhe batesse com o cinto. Junto da porta, virou-se na sua direção. Parecia mais velha; a pele habitualmente macia e brilhante apresentava-se com rugas e envelhecida e a postura era gasta.

– Não quero voltar a ouvir falar de ti – ordenou. – Parte com a dignidade intata.

Os olhares cruzaram-se numa batalha feroz e, em seguida, ela pôs-se de costas e fixou o teto. Soltou uma gargalhada estranha e inquietante, mas ele não estava disposto a permanecer ou a discutir e, por conseguinte, deu meia volta e desceu rapidamente as escadas.

– Já ajustei contas – gritou Georgina nas suas costas. – Em breve saberás o que fiz. Mas será demasiado tarde... demasiado tarde...

O seu estranho riso perseguiu-o, mas John ignorou-a, sem atender à sua tagarelice sem nexos e percorreu-o uma onda de satisfação por ter cortado com ela. A sensação de liberdade era indescritível.

Sendo uma criatura de hábitos, odiava discussões e evitava-as como à peste. Prolongava situações muito mais tempo do que deveria, apenas porque detestava a confusão que a mudança poderia causar. O facto de a ter mandado fazer as malas era mais um traço promissor da sua personalidade que atribuía a Emma.

Transformara-se num homem novo. Como era deprimente que não tivesse ninguém para anotar as crescentes mudanças!

Subiu para a carruagem, fez sinal ao cocheiro e puseram-se em marcha.

Mas que noite! Quando finalmente pararam diante da casa, foi a primeira vez que não torceu o nariz ao chegar; apreciaria o isolamento. Porém, quando subiu os degraus da frente a correr, o próprio Rutherford abriu-lhe a porta. Devia passar da meia-noite, portanto, a sua presença era um presságio sinistro.

– Tem uma visita, milorde. Na biblioteca.

Emma! Ela tinha engolido o orgulho! Precisava dele! Que maravilha!

Sufocou a excitação, quase incapaz de evitar correr pelo corredor como um rapazinho encantado.

Fingindo indiferença, perguntou:

– A esta hora?

– É o seu irmão, *sir*.

– Ian? – explodiu. Depois de tudo o que se passara até aí nessa noite, não conseguia digerir o acontecimento.

Ian está aqui! Deseja fazer as pazes? Serão más notícias?

Desde a briga que os separara em Wakefield, sentira terrivelmente a falta de Ian, desgastara-se e irritara-se sem saber onde ele estava e como vivia. John lamentava a sua separação, censurava cada maldito detalhe da abominável discussão e ansiava por devolver à relação toda a anterior harmonia.

– Apareceu depois de ter saído para o teatro – clarificou Rutherford. – Informei-o onde estava, mas não quis ir atrás. Respondeu que esperaria o seu regresso... – parou, apreensivo – ...e disse-lhe que poderia ficar.

– Claro, Rutherford – aprovou John. – Ian é sempre bem-vindo aqui. Agora, obrigado por teres esperado, mas podes ir deitar-te...

– Mas tem a certeza...

– Tenho.

Rutherford assentiu com a cabeça e afastou-se, deixando John sozinho na entrada. Aguardou quando o mordomo desapareceu, depois respirou fundo, preparando-se para o que quer que acontecesse e tentando não ser muito otimista. Tendo em conta a discussão anterior, qualquer receção era possível. Ansiava por um final amistoso, mas se o encontro terminasse de uma forma calamitosa, não queria ficar muito desapontado.

Dirigiu-se à biblioteca e entrou. Ian estava de pé, junto à lareira. Impaciente e nervoso, adotara uma postura militar, as mãos atrás das costas e os dedos entrelaçados. Embora de testa franzida, John esboçou um sorriso de orelha a orelha. Estava tão satisfeito por ver o irmão, que não fingiria o contrário!

Apesar dos diferendos, poderiam corrigir a situação. Tinha essa convicção.

– Ian!

– Wakefield! – Não denotou qualquer emoção.

– Tenho-me sentido tão preocupado por tua causa. Como tens passado?

– Não é uma visita social.

– Por favor, Ian! – Sentia-se perplexo e magoado pela atitude de Ian, mas não estava disposto a começar a discutir. – Estou tão feliz por estares aqui. Espero que tenhas vindo para ficar.

– Esta não é a *minha* casa. Num tom áspero, acrescentou: – Nunca o foi.

O sorriso de John desvaneceu-se e suspirou. A reconciliação seria muito mais difícil do que imaginara. Atravessou a sala, ansioso por solucionar os diferendos.

– Então, porque vieste?

– Trago notícias de Wakefield.

De Wakefield? Aconteceu alguma coisa a Emma! Ficou rígido, preparando-se para ser atingido por uma catástrofe.

– O que se passa?

– Emma Fitzgerald está grávida. – Pleno de malícia e de ameaça, avançou até ficarem cara a cara. – Para ocultar a desgraça que lhe infligiste, está prestes a casar com Harold Martin, esse viscoso e irritante *vigário*, e uso a designação com ligeireza, que foi designado para a paróquia depois da morte do seu pai.

– Emma está grávida?! – Sentindo os joelhos a ceder, não conseguiu apreender a notícia e passou por vários picos de êxtase e de terror.

Ele ia ter um filho! Com Emma! Que maravilhoso! Que aterrador!

Por que motivo não lhe escrevera? Ignorava que a ajudaria? Teria realmente tão pouca fé nele?

– Como nunca te incomodarias a falar com o vigário Martin – censurou Ian –, não fazes ideia das terríveis consequências que isto tem para a menina Fitzgerald e não posso permitir que ela as sofra.

– Quando é o casamento? – Foi a única pergunta que parecia importar.

– Dentro de quatro dias.

– Tão depressa?

– A menina Fitzgerald não tem nenhum parente do sexo masculino para a defender e, por conseguinte, serei o seu defensor.

– Ela não precisa de um *defensor* – ripostou John. – Amo-a. Sempre a amei. Agora que me puseste a par da sua situação, ajudá-la-ei.

Ian avaliou-o com uma expressão duvidosa.

– Deixa que te explique melhor: tens duas semanas para retificar as circunstâncias. Ou cumpres as tuas responsabilidades, ou terás de me responder.

– O que estás a exigir? Que me case com ela?

– Sim.

– E se não o fizer? Haverá pistolas ao amanhecer? – inquiriu, trocista.

– Exatamente.

A mão de Ian disparou subitamente. Agarrava numa luva de montar e o cabedal estalou quando bateu na face de John. A cabeça descaiu-lhe para o lado e sentiu o coração apertado.

Poderia Ian envolver-se numa ação tão hedionda? Seria capaz de apontar uma arma ao seu único irmão? Com intenção de o ferir ou matar?

John não conseguiria. Independentemente do que Ian fizesse.

– Ian, não sejas ridículo. Nunca poderia...

– Publica um anúncio de casamento no *Times* – interrompeu-o Ian. – Estarei atento. Se não o vir nos próximos quinze dias, podes escolher os padrinhos.

Bateu os calcanhares, um gesto rude de despedida, e depois passou junto a John como se ele fosse repulsivo.

– Ian... espera! – implorou John, mas ele seguiu caminho e saiu.

John virou-se e fixou as chamas na lareira, após o que deu a volta à secretária e se afundou na cadeira.

Estaria a ser seguido por uma estrela maléfica? Sob uma nuvem negra? Como arranjava tanta tristeza e tormento numa única noite?

Cansado, atordoado, despedaçado e confuso, recostou-se na cadeira e fixou as labaredas. Obviamente seria necessário mais do que uma breve conversa ou um desejo fervoroso para reparar a sua relação com Ian. Talvez nunca acontecesse e tivesse de se adaptar à realidade de que o irmão poderia estar perdido para sempre.

Mas, e quanto a Emma?

Estava prestes a casar. Poderia detê-la? Desejava-o? *Ela* desejava que o fizesse? Caso se precipitasse até Wakefield, iria puni-lo pela sua estupidez romântica? Se decidisse impedir o casamento, haveria tempo bastante para intervir? E como deveria fazê-lo? Estava preparado para cavalgar até à aldeia, entrar de rompante pela igreja e raptá-la no meio da cerimónia como um velho cavaleiro enlouquecido?

O pensamento fê-lo sorrir.

Céus! Amaldiçoava o dia em que conheceu a irritante e exasperante filha do vigário.

– Emma Fitzgerald, aqui vou eu – murmurou para a sala vazia. – Estás preparada?

JANE FITZGERALD escutou o som dos cascos de cavalos a subirem o acesso. Percebeu que tinha uma carruagem ou um vagão atrás, mas teve receio de espreitar para ver quem se aproximava.

Emma tinha saído e, com a notícia de que se casaria com o vigário Martin, Jane sentia-se aterrorizada com a ideia da chegada do futuro cunhado durante a ausência de Emma. Se ele planeasse levar o mobiliário? O que faria?

Não queria estar sozinha com ele. Nem aqui, na sua casa e de forma alguma na reitoria. Embora nunca o tivesse confessado a Emma, o homem assustava-a. Não sabia explicar porquê. Nunca lhe dissera nem fizera nada de rude, mas pela forma como a olhava e lhe falava, era incapaz de suportar a ideia de viver com ele.

Quando Emma tinha abordado pela primeira vez a perspectiva de casamento com o senhor Martin, Jane escutara delicadamente, mas ficara alarmada. Não conseguia entender o que levava Emma a dar um passo tão drástico.

A vida estava a correr-lhes bem, tendo em conta a situação. As circunstâncias poderiam ser muito piores. Não passavam fome. A casa era pequena mas aconchegante e limpa. Não precisavam do vigário Martin.

Emma não se daria conta da sua estranheza? Não sentia os... os... arrepios que provocava?

Se ao menos o visconde não as tivesse abandonado! Jane estivera tão certa de que ele gostara de Emma. Havia testemunhado o afeto que os unia e ainda sofria por causa do seu abandono.

Como podia tê-las deixado entregues a gente como o vigário Martin?

O visitante desmontou, subiu o acesso e, momentaneamente, quem quer que fosse, bateu à porta. Nervosa e amedrontada, espreitou por cima do ombro para a mãe que se balouçava tranquilamente na cadeira, alheia à intrusão.

O visitante voltou a bater. O fogo ardia na lareira e o fumo subia pela chaminé, o que a impedia de fingir que não estava ninguém em casa. Por conseguinte, disse:

– Só um minuto.

Abriu uma fenda da porta e uma golfada de vento frio de outono infiltrou-se por ela. O sol brilhante da tarde marcou presença. Jane pestanejou repetidamente, incapaz de acreditar nos seus olhos.

Estava certamente a olhar para um fantasma!

– Olá, menina Jane – cumprimentou o visconde de Wakefield com um sorriso

e o cabelo louro a brilhar sob a luminosidade. – Lembra-se de mim?

– Visconde de Wakefield?

– Em carne e osso. – Girou de um lado para o outro como para a convencer de que era real. – Ficaria muito honrado, menina Jane, se me chamasse John.

– Assim farei.

– Onde está a tua irmã?

– Fora de casa. A dar à luz um bebé.

– Então... vai demorar horas. Ou talvez dias.

– Sim.

– Muito bem – murmurou misteriosamente.

– Faça favor de entrar.

Sentiu-se repentinamente melhor do que há muito, muito tempo e abriu-lhe a porta de par em par. Ele entrou, avaliando a mãe em silêncio e, em seguida, puxou a cadeira para junto da mesa, como se sempre se tivesse sentado ali. Jane fechou a porta atrás dele, mas espreitou lá para fora, onde havia vários veículos vazios e homens afadigados.

– Quer chá? – perguntou, sentando-se ao lado dele. – Ainda há um pouco e terei todo o gosto em partilhá-lo consigo.

– Não quero nada, minha querida, mas obrigada pela oferta. – Inclinou-se para diante com os braços cruzados um sobre o outro, e a maneira como a examinou, fez com que se sentisse especial e importante. – Deixa-me que te faça uma pergunta.

– Certamente.

– Qual é a tua opinião sobre o vigário Martin?

– Não gosto nada dele.

– Porquê?

– É mau para a Emma.

– Como assim?

– É mal-humorado e grita-lhe constantemente que deveria ser diferente quando penso que ela está muito bem como é. – Também se inclinou para a frente e sussurrou: – E é terrível para a mamã.

– Gostavas que Emma casasse com ele?

– Detestaria. – Ao confessar as suas reservas em voz alta, sentiu-se aliviada. – Não vai permitir, pois não?

– Não, mas ela é extremamente teimosa. Teremos de trabalhar juntos, se quisermos detê-la.

– Ajudá-lo-ei no que puder – ofereceu-se fervorosamente. – O que vamos fazer?

John divulgou a sua estratégia e, quando se calou, Jane sorriu, considerando

que era uma grande ideia.

– E quanto à minha mãe? – perguntou. – Está muito confusa e é difícil persuadi-la a sair de casa.

– Lidarei com a tua mãe. Não precisarás de voltar a preocupar-te com ela. – Levantou-se. – Vais apresentar-me a ela?

Estendeu a mão e Jane agarrou-a e apertou-a com força, gostando de como se sentia segura ao pé dele.

– Sim, vou – acedeu, conduzindo-o através do quarto. – Mãe – chamou, acenando suavemente –, este é o meu amigo John Clayton.

A mãe franziu o sobrolho, refletindo no nome.

– Clayton? Clayton? É parente do visconde de Wakefield?

– Sim, senhora – anuiu delicadamente. – Ele convidou-a para jantar na mansão.

– Que maravilha – aprovou. – Há anos que não vou lá. O Edward vai juntar-se a nós?

John pareceu surpreso e Jane confidenciou:

– Edward era o meu pai. – Corou, envergonhada por ele assistir à confusão da sua mãe. – Às vezes ela não consegue lembrar-se que ele... bem...

John assentiu compreensivamente com a cabeça e dirigiu-se à sua mãe mais uma vez.

– Sim senhora Fitzgerald – mentiu gentilmente. – O Edward enviou-me para que a viesse buscar. Está à sua espera na casa.

– Maravilhoso.

Levantou-se e John amparou-a, enquanto Jane ia buscar os casacos e os chapéus e, em seguida, escoltou-as até à brisa forte, agarrando no braço da mãe e guiando-a para que não tropeçasse nem se desequilibrasse.

Na retaguarda da linha formada pelos veículos de carga, encontrava-se parado um cabriolé moderno, com um cocheiro à espera. John ergueu a mãe de Emma e depois ajudou Jane a subir o degrau. No último segundo, ela deu meia volta e abraçou-se em redor da sua cintura, enterrando o nariz na lã áspera do casaco.

– Sabia que viria buscar-nos! – exclamou. – Sabia mesmo! Tenho rezado todas as noites! Fico tão feliz que esteja aqui!

– Também eu! – Devolveu-lhe o abraço e beijou-a no cimo da cabeça. – Vou tratar de tudo, Jane. Não te preocupes.

– Não me preocuparei – prometeu.

Ele ergueu-a e acomodou-a, cobrindo-lhe as pernas com uma manta e em seguida deu instruções ao condutor. O homem fez estalar as rédeas e partiram a um ritmo tão rápido que o seu estômago se contraiu e ela soltou uma gargalhada ao mesmo tempo que se agarrava à correia. Antes de virarem na curva, ergueu-se

no assento e olhou por cima do ombro na direção da casa onde vivera apavorada em todos os dias que a haviam ocupado.

O grupo de homens estava a conversar com John. Tinham trazido machados e martelos e ele fez um gesto na direção do terrível e degradado casebre.

– Vamos lá deitar mão à obra – ordenou. – Temos pressa.

Um leve sorriso espalhou-se na face da jovem que olhou para a frente, e não voltou a virar-se para trás.

*

Emma caminhou pela estrada esburacada de regresso a casa, forçando-se a seguir em frente. O vento outonal era frio e a sua capa desgastada mal a protegia dos elementos. Tinha os dedos das mãos e dos pés dormentes do frio.

Ergueu os olhos para o céu azul deslumbrante, e para as nuvens que passavam. O chão estava pejado de folhas alaranjadas e amarelas e os ramos das árvores despidos. Havia fumo no ar e os cheiros da estação eram fortes à medida que a colheita acabava e os vizinhos incineravam o lixo.

O inverno não tardaria a chegar.

E depois? Segredou uma voz íntima, mas ela negou-se a refletir nas possíveis e calamitosas respostas.

O parto a que assistira fora relativamente fácil, o trabalho rápido e as dores leves. Quando se preparara para sair, o pai do bebé tinha enfiado um bocado de pão e algumas batatas no saco, portanto ficariam com jantar para compensar o esforço, mas dadas as escolhas terríveis que teria de fazer em breve, o pensamento de uma refeição quente era um leve consolo.

Como detestava regressar a casa! Teria de suportar as divagações e a saúde debilitada da mãe, bem como as perguntas da irmã. Jane interrogava-a sem cessar, querendo saber porque se unia a Harold. A pobre menina era tão otimista! Emma não podia explicar-lhe os horríveis pecados que os adultos costumavam cometer nem a profundidade do seu desespero.

O que havia de fazer?

A solução óbvia residia em contactar novamente John Clayton, o que jamais faria. Tinha-se humilhado uma vez, mas não obtivera resposta à sua queixosa carta.

Se ele tivesse respondido, se tivesse mandado o agente imobiliário passar por sua casa, se tivesse denotado o mínimo interesse, ela não estaria onde estava: receosa, perdida, angustiada, perplexa.

Quando se recordou da última conversa que tiveram em que ele lhe implorara que o contactasse se houvesse um bebé, viu tudo vermelho na frente. Como fora sincero! Que sério! Que ator talentoso!

Levara-a a tomar medidas desesperadas, deixara-a sem opções. Tentara inutilmente resolver o problema, mas tudo dera para o torto. Não podia casar com Harold! Contudo, se o desprezasse, o que seria delas?

Harold lançara-lhe uma emboscada fazendo circular perversamente que teria de haver um casamento rápido. Em seguida, o porco desprezível anunciara os banhos durante o culto de domingo! Sempre que atravessava a aldeia, os conhecidos falavam maldosamente na necessidade de uma cerimônia à pressa.

Ninguém tinha tido impertinência bastante para a interrogar sobre o motivo de estarem tão apressados e, assim, não tivera oportunidade de negar qualquer boato e não estava disposta a abordar o tópico de sua livre vontade.

A especulação era desenfreada e ela encontrava-se num beco sem saída. Se não casasse com ele, a próxima conversa seria que Harold se esforçara galantemente para a livrar do escândalo, mas que ela fora demasiado teimosa para aceitar. Harold seria retratado como o herói e ela transformada na Jezabel da aldeia.

Quando se apercebera do caráter perigoso que ele ocultava escrupulosamente da congregação, não lhe restavam dúvidas de que levaria por diante as suas ameaças de exposição. Embora nunca tivesse assistido a uma acusação pública de fornicção, ouvira falar dos terríveis espetáculos.

Não haviam avançado muito desde a época em que as mulheres eram queimadas na fogueira por ofensas menores e não conseguia suportar a ideia do destino que os homens da aldeia poderiam infligir. Ou as mulheres que ainda conseguiam ser mais perversas.

Não acreditava literalmente que sobrevivesse à humilhação de ser arrastada para a igreja, onde o seu pai tinha feito tanto bem e sido tão respeitado. Harold lançaria comentários maliciosos e inflamatórios, descrevendo a sua ligação com John Clayton. Teria de se ajoelhar, amordaçada e amarrada, prostrada enquanto Harold repetia as suas transgressões.

Eram grandes as hipóteses de que fosse chicoteada, talvez apedrejada ou sofresse um abuso físico semelhante. Com um castigo tão severo, o precioso bebé no seu ventre poderia ser magoado.

Se ela morresse, ou ficasse gravemente ferida, o que aconteceria a Jane e à sua mãe? Dado serem familiares de um pária, ninguém teria coragem bastante para zelar pelo seu bem-estar.

Continuou a andar, tão embrenhada no cálculo das suas aflições que só se apercebeu da presença do cavalo que se aproximava quando estava quase em cima dela. O animal resfolegou e raspou os cascos na sujidade, enquanto o dono puxava as rédeas. Demasiado atolada na sua tristeza para se preocupar com quem lhe barrava o caminho, não ergueu o rosto.

– Olá, Emma – saudou um homem do cimo do cavalo.

Aturdida, estacou, de olhos postos no chão. Aquela sedutora voz de barítono apenas podia pertencer a um homem!

Não olharia para ele! Não o faria de maneira alguma!

Como se ele fosse invisível, contornou-o e seguiu em frente, fixando a estrada, mas sentia os seus olhos – intensos, persistentes – nas suas costas. Uma dúzia de passos à frente, ele deu a volta ao cavalo e seguiu a trote atrás dela.

– Queres boleia? – perguntou.

Cansada, fixou enfurecida a enorme e pesada criatura que ele montava tão graciosamente.

Não iria adorar uma boleia? Não seria maravilhoso – por uns minutos – deixar que outro alguém carregasse o fardo?

– Vá-se embora! – sibilou por entre os dentes cerrados.

Sentia-se tão furiosa com ele! Causara-lhe tanta tristeza, tanta angústia e tribulação, que ansiava por enroscar os dedos à volta do seu belo pescoço e apertar até lhe faltar a respiração.

Se houvesse uma mínima parte dela – uma parte infinitesimal – que tivera finalmente uma onda de alegria absurda e agonizante, ignorou-a. Ele era demasiado cruel para ter aparecido quando mais precisava dele. Tinha de ser um encontro casual. Um acidente. Um acaso.

Muito provavelmente, há umas horas que estava na mansão e já se sentia aborrecido. Desejava talvez reduzir o tédio, atraindo-a para um passeio.

Se tivesse uma pistola na mão, decerto o atingiria no meio do seu coração negro!

Seguiu caminho.

Ele aproximou-se, parecendo não se importar que o ignorasse. Por fim, desmontou, caminhando distraidamente ao lado dela, como se não tivesse qualquer preocupação no mundo. O que era verdade.

– Pareces cansada – disse.

– Sim, *Visconde* de Wakefield. Estou cansada. O que é normal quando se trabalha como um cão.

– Porque não montas enquanto sigo a pé? – Ele desarmava com a sua cortesia.

– Ajudar-te-ei a subir.

– Não vou montar essa besta.

Apressou o passo e ele correu para a alcançar.

– Porque não gostas de cavalos?

– Gosto bastante de cavalos.

– Nunca aprendeste a montar?

– Claro que aprendi! – exclamou, indignada com a ofensa. Qualquer rapariga

bem-educada sabia montar. – Nem sempre fomos pobres!

– Então porque não sobes? Podias aproveitar o descanso.

Furiosa, ela deu meia volta, com as mãos nas ancas e o corpo tenso. O malvado sorria-lhe. Sorria-lhe!

– Caí uma vez. Quando tinha doze anos. Parti o braço.

– Não voltaste a tentar?

– Não, não voltei, Sua Eminente Senhoria. Agora, se me der licença...

Afastou-se, incapaz de estar tão perto dele. Era um homem tão bonito e sedutor. Quando estivera ausente, ela tinha esquecido, e vê-lo agora – demasiado bonito, fantástico, demasiado ilustre... demasiado... tudo! – era mais do que podia tolerar.

Quando se aproximou por trás dela, a sua fúria aumentou.

– Emma, pareces zangada comigo.

– Zangada? Consigo? – Sentia-se tão furiosa que podia ter roído as unhas até meio. – Precisaria de me importar consigo para estar zangada – troçou.

Ele riu. Riu com a fúria dela! Ela imaginou repentinamente como as pessoas mais calmas podiam ocasionalmente ser incitadas a matar. Nesse momento, um hediondo homicídio parecia-lhe uma ideia capital.

– Tive saudades tuas! – confessou ele.

Ela recusou deixar-se arrastar pela declaração.

– Se está aqui por esperar que nos enrolemos no feno como recordação dos velhos tempos, está muito enganado! – Parou bruscamente e ele também. O cavalo foi apanhado desprevenido e esbarrou contra ele. – Vou casar-me no domingo – acrescentou – e bem pode regressar a Londres, às suas prostitutas, às suas amantes, e às suas noivas que não estão realmente comprometidas consigo. *Não* ensombre o meu futuro. Adeus, lorde Wakefield!

A cabana ficava ao virar da curva e ela apressou o passo, ansiando por se refugiar no seu interior onde poderia chorar e lambe as suas feridas em privado.

– Emma! – chamou ele nas suas costas.

Ela cambaleou, agitando os braços de cada lado do corpo e imaginou que poderia passar por louca, vagueando pela floresta e gritando a plenos pulmões.

– O que é necessário para que se vá embora? – berrou. – Por favor, diga-me para que possa fazê-lo já! Não é uma pessoa desejada aqui!

Ele encolheu os ombros e soltou uma gargalhada.

– Lamento, mas não me vou embora.

O que queria dizer? Não naquele momento? Nem dentro de alguns dias? Nunca.

Estava demasiado perturbada para decifrar enigmas.

– Precisam de mim em casa – balbuciou hesitante, afastando-se, desejosa de

que ele desistisse e se fosse embora, para deter a lenta e implacável tortura que experimentava com a sua mera presença.

– Na verdade – anunciou cautelosamente – queria falar contigo sobre a casa, antes que chegasses. Foi por esse motivo que cavalguei ao teu encontro.

As suas palavras eram um aviso ameaçador e ela pensou que o fumo que tinha cheirado à distância se tornara muito mais intenso e o odor a madeira queimada aterrorizou-a.

Frenética, feroz, avançou na sua direção, perscrutando-o, procurando uma pista sobre esta última maquinação, mas ele era perito em ocultar os seus esquemas e emoções. Não conseguiu ler nada no seu semblante.

– O que fizeste agora?

– Foi para teu bem – replicou, despreocupado.

Apesar do estado de nervos em que se encontrava, correu o mais depressa que podia até ao fim do caminho. Com o coração prestes a saltar-lhe do peito, irrompeu pela clareira onde dantes se localizava a sua casa, mas ela desaparecera. Apenas havia os restos da chaminé em pedra e uma pilha de troncos carbonizados. A maior parte ficara reduzida a cinzas, mas algumas chamas ainda brilhavam. Estreitou os olhos e aproximou-se de uma marreta que alguém deixara encostada a uma árvore.

O fogo não tinha sido aleatório. Ele aguardara que ela estivesse fora e em seguida incendiara deliberadamente o local.

Como se não tivesse acontecido nada, ele aproximou-se com as botas luxuosas esmagando as folhas caídas e o belo cavalo seguindo-o.

– Onde está a Jane? – gritou Emma. – Onde está a minha mãe?

– Tenho-as comigo.

– *Como?*

– Isso mesmo.

– Onde estão os nossos bens? Também os destruiu?

– Não. Confisquei tudo o que possui.

Que tirano arrogante!

– Mas porquê? Não temos quase nada. O que pode querer com isso?

– Bom, menina Fitzgerald, deve-me alguns alugueres.

O aluguer? Ele tinha coragem de mencionar o aluguer?

– Mas cancelou o aluguer! Para todos!

– Não para si. Exigiu que não o fizesse, lembra-se? Não desejava um tratamento especial.

Estaria a brincar? A troçar dela? Franziu a testa, mas o seu olhar era imperscrutável.

– Tenciona então leiloar todos os nossos bens para compensar a dívida?

– Exceto se conceber qualquer outra forma de me remunerar pelos meus problemas.

– Que *problemas* lhe criei? – contestou. – Não teria permitido que um... um... *cão* vivesse naquele casebre, muito menos uma família de mulheres empobrecidas. Que fardo pesou nos seus ombros com a nossa presença aqui?

– Sou um empresário, Emma – replicou, irritado. – Estaria disposto a renunciar ao aluguer, se pudesse fazer valer o meu tempo, por assim dizer. O que poderia fazer para alimentar a minha fantasia?

Haviam tido essa mesma conversa antes. No dia em que se conheceram. Como se atrevia a solicitar os seus favores! Depois de toda a confusão que criara! No fim de contas, fora ele que a colocara numa situação difícil! Pela maneira como a olhava – como se fosse o gato e ela o canário – acreditava obviamente que ela cederia num abrir e fechar de olhos.

Que presunção! Que descaramento! Estava tão furiosa que acreditou que poderia explodir.

– Tem a ousadia de supor – começou, aproximando-se dele, disposta a matar – que sucumbiria a uma proposta tão nefasta pela segunda vez?

– Sim – respondeu num tom arrogante, com as mãos atrás das costas. – Tenho tudo o que lhe é querido, tudo o que ama. Como o recuperaria de outra maneira?

– É assim que se diverte? Viajando de propriedade em propriedade, impondo-se de uma forma imoral às suas desprevenidas arrendatárias?

– Só o fiz consigo. – Esboçou um sorriso irritante de orelha a orelha. – Aparentemente desperta o que há de pior em mim.

Estavam cara a cara e Emma fixou os seus hipnóticos olhos azuis, odiando-o e amando-o.

Como seria fácil dizer que sim. Cair nos seus braços e deixar que a levasse para a mansão. Poderia desfrutar do luxo, comer, tomar banho e descansar até se sentir recuperada e descansada.

Recentemente, tinha trabalhado mais do que nunca, tentando ganhar um dinheiro extra, reunir suprimentos para a sua dispensa. O bebé, juntamente com o seu horário excessivo, tinha-lhe aumentado o cansaço. Estava fatigada, atemorizada, mentalmente confusa e trabalhando sob uma nuvem de infortúnio.

Na mansão seria mimada e o repouso iria convir-lhe. A sua dieta estabilizaria, ganharia algum peso, que seria benéfico para o bebé, e Harold não poderia arrastá-la para a igreja se estivesse sob a proteção de Wakefield. Por esse motivo, sentiu-se tentada a aquiescer.

Mas depois... como seria?

John regressaria a Londres e ela ficaria desprotegida novamente. Abandonada com o coração partido e ilusões quebradas. A sua situação com Harold agravar-

se-ia e voltaria ao ponto de partida.

Olhou-o como uma idiota apaixonada. Inclinar a cabeça e o ângulo provocava-lhe tonturas. Tivera uma gravidez quase sem ocorrências, excetuando alguns leves enjoos matinais e vertigens esporádicas. Além disso, não se lembrava de quando comera pela última vez.

O mundo girou à sua volta. Desequilíbrio e ele aconchegou-a imediatamente de encontro ao peito. Era maravilhosa a sensação de estar nos seus braços e respirou fundo, deleitada com o seu cheiro, o seu calor. Tinha toda a tenção de o afastar e manter-se de pé sem o seu apoio, mas iria fazê-lo dentro de um ou dois minutos. Caso se movesse imediatamente, aterraria de costas na sujidade.

– Estás bem? – perguntou ele.

O seu destino previa-se mais sombrio do que nunca e, por conseguinte, nunca mais estaria *bem*, mas mentiu.

– Sim. Estou bem.

Ele aconchegou afetosamente a sua face na palma da mão.

– Há alguma coisa que gostasses de me dizer?

Emma perscrutou-o como se ele tivesse cuspidos. Estaria a referir-se à sua gravidez? A que mais poderia ser?

Ela já informara o malandro – de pouco lhe servira – e não estava disposta a rebaixar-se, voltando a admiti-lo. Preferia morrer na rua a pedir-lhe ajuda! Morreria de fome, ficaria congelada num banco de neve, vender-se-ia como escrava.

Ela tinha algo a *dizer-lhe*? Oh, sim! Tinha milhares de insultos na ponta da língua, mas quando começaram a sair, a sua tontura aumentou, a desorientação cresceu e o estômago revolveu-se.

Desmaiou.

*

Harold estava deitado de costas, com um braço a tapar-lhe os olhos e o suor escorrendo-lhe pelo peito enquanto lutava por acalmar a pulsação. A prostituta que o havia chupado de uma forma espetacular saía, dando-lhe um momento para recuperar antes da próxima rodada.

Graças às mudanças pendentes na sua vida, tivera um clímax impressionante. Fora capaz de engendrar fantasias deliciosas! Frequentemente concentrava-se em Emma, em como a teria sob o seu domínio e controlo. Quando estivera na universidade, o seu amigo Adrian tinha-lhe ensinado inúmeros métodos através dos quais poderia exercer a sua supremacia sobre ela.

Gostava que as prostitutas o chupassem, enquanto fingia tratar-se de Emma,

que conservava amarrada à cama, fungando e implorando.

Ela estava prestes a descobrir quem era o seu marido e senhor!

Mais frequentemente imaginava que era a doce Jane que o satisfazia. Jane, com os seus modos inocentes e o seu corpo de criança. Como seria delicioso tê-la sob o seu teto e dependente dele para a sua própria sobrevivência! Tinha muitas técnicas à disposição que a esclareceriam quanto à gratidão e subserviência.

A porta abriu-se e esboçou um sorriso malévolo. A *madame* adquirira uma nova virgem e, como era um cliente tão valioso, guardara-lhe a jovem.

Para ser o primeiro a tê-la, ver-se-ia obrigado a pagar um preço exorbitante, mas o custo valeria a pena. Imaginaria que se tratava de Jane Fitzgerald e praticaria com ela, domando-a à sua vontade, como mais tarde faria com Jane.

O seu membro excitado latejou. Quando a *madame* o informou de que poderia ter a miúda, começara por fornicar com uma prostituta mais velha, sufocando a lascívia para moderar o desejo desenfreado.

Suficientemente saciado, poderia prosseguir lentamente, moderar o ritmo, faria com que ela chorasse e suplicasse para que fosse clemente. Mas não haveria misericórdia, como Emma estava prestes a descobrir. Ela repetiria os votos; colocara-se de maneira a que não se podia recusar. E depois...

Ah, mais tarde... a sua noite de núpcias seria sublime.

– Ei, tu aí! Miúda! – rugiu num tom áspero, planeando que ela aprendesse a obedecer-lhe desde o início. – Vem cá!

Um homem respondeu-lhe num tom brusco e sarcástico:

– Penso que me confundiu com outra pessoa.

Harold ficou paralisado e franziu o sobrolho. Tinha adormecido? Estava a sonhar?

Não... a voz era real e chegava-lhe da porta. Alarmado, virou-se de lado e engoliu em seco ao mesmo tempo que murchava e cruzava as mãos sobre os genitais, tentando ocultar a nudez.

– Lorde Wakefield! – sussurrou num fio de voz. – Posso explicar.

– Não duvido, mas quer saber uma coisa?

– O quê?

– A sua explicação não me interessa. Na verdade – acrescentou num tom repugnado –, nada em si me interessa.

Wakefield atravessou a ombreira da porta e aproximou-se mais. Com Harold prostrado, o visconde imponente pairava sobre ele. Sentiu-se vulnerável, indefeso e pôs-se em pé de um salto, mas o facto de estar na vertical não melhorou a sua condição. Dado estar nu, tornava-se difícil exhibir qualquer compostura.

Estava envergonhado, mas também enfurecido. Quem era Wakefield para entrar de rompante e pregar moralidade? O famoso aristocrata era um libertino, um devasso para quem nenhum ato sexual era abusivamente desprezível.

– Ouça uma coisa, Wakefield – explodiu, esticando-se a toda a sua altura, o que não chegava para intimidar. – Não sou obrigado a ouvir...

– Seu maldito pervertido! – ferveu o visconde. – Que idade lhe agrada que tenham? Nove? Dez? São apenas meninas? Ou rapazes também?

Apavorado, esforçou-se por refutar e evadir-se.

Uma coisa era ser apanhado num bordel; um solteiro não podia ser censurado por procurar companhia feminina! Até mesmo um religioso tinha os seus desejos carnavais. Mas não poderia justificar a sua predileção aberrante por crianças.

A negação seria o caminho prudente.

– Não faço ideia do que está a falar.

– Cale-se – rugiu Wakefield. – Tive uma longa conversa com a dona do bordel.

Harold estava mortificado até à medula dos ossos. O que é que a velha prostituta se atrevera a confessar? E se ela tivesse mencionado a sua paixão por...?

Céus, nem conseguia pensar nisso!

Era impossível que ela tivesse contado! O que poderia contrapor? O que poderia fazer?

– Wakefield – murmurou –, não podemos discutir o assunto?

– Não.

– Mas decerto entende que um homem tem... *necessidades*.

– Acredite, vigário Martin, que nenhum *homem* dos meus conhecimentos tem o seu tipo de *necessidades*.

Subitamente ocorreu-lhe um pensamento: o que estava Wakefield a fazer no bordel? Não poderia ser um aparecimento fortuito! Devia ter vindo com o mesmo objetivo do que Harold! Estúpido idiota!

– Porque está aqui, *sir*? – Usou o mesmo tom de censura que exalava do púlpito. – Amaldiçoa-me quando está prestes a adotar um comportamento idêntico! Sugiro que limpe a sua própria casa, antes de condenar a sujidade de outra.

Wakefield riu num tom ameaçador e áspero que causou arrepios na espinha de Harold.

– Supõe que desceria tão baixo a ponto de participar nas vulgaridades deste sítio?

– Que outro motivo além da iniquidade levaria um homem a visitar este antro?

– Por que outro motivo, realmente? – Wakefield aproximou-se mais. Parecia

imenso. Alto, de ombros largos, robusto, tremendo de indignação.

Totalmente vestido!

Harold recuou, mas a estrutura da cama bloqueou o recuo. Deitou um olhar ansioso às suas roupas que estavam cuidadosamente empilhadas numa cadeira. Daria o braço direito para as agarrar, mas Wakefield era uma parede impenetrável, impedindo qualquer movimento ou fuga.

– Não é de cavalheiro – tentou argumentar – repreender um indivíduo por apreciar as mesmas tendências básicas que lhe aprazem.

– Ao contrário de si, não estou aqui para fornicar.

– Então, o que veio fazer?

– Avisá-lo somente de que a sua carreira em Wakefield terminou.

– Não!

– Nem precisa regressar à paróquia. Neste momento em que estamos a falar, os seus pertences estão a ser embalados e removidos.

– Não pode fazer isso!

– Já o fiz.

Não podia perder o emprego! Esperara durante anos para conseguir aquele cargo lucrativo! Se fosse dispensado, como ganharia a vida? O seu guarda-roupa moderno e a sua bela carruagem estariam perdidos. Teria de renunciar a Emma e, em seguida, sendo pobre novamente, nunca convenceria outra noiva a casar-se.

Que ignomínia! Ninguém era despedido do cargo de vigário! Não se fazia pura e simplesmente! Seria desonrado, humilhado, alvo de troça.

Como iria explicar a demissão ao pai? O que lhe diria a mãe?

– Vou escrever ao bispo! Ao arcebispo! Protestarei! Farei um apelo! Eu... eu... – Só um louco acreditaria que ele poderia alterar o que tinha transpirado. Wakefield era demasiado poderoso e influente. Levaria a sua avante.

A fúria invadiu-o e tomado de hostilidade, censurou:

– Quem é você para me punir? Com a sua reputação não se encontra numa posição de julgar!

– Bem pensado – admitiu Wakefield com um aceno de cabeça. – Mas como as minhas amantes são adultas, não preciso de me esgueirar pela calada da noite.

– Como a Emma Fitzgerald? A sua relação com ela era certamente aberta, não? – Ao referir-se a Emma, obteve uma impressionante reação do indivíduo arrogante e alegrou-se intimamente. Então... o visconde tinha um ponto fraco! Melhor seria explorá-lo.

– Eu forniquei-a, sabe – mentiu Harold. – Várias vezes. Ela não foi uma grande presa depois de lhe abrir as pernas, mas eu...

Wakefield esmurrou-o com tanta força que ele voou pelo quarto. De braços abertos, aterrou no aparador e as garrafas estilhaçaram-se no chão, quando

tentou agarrar-se. O sangue escorreu-lhe do nariz e pelo peito e levou a mão ao rosto.

– O meu nariz! O meu nariz! – gemeu. – Partiu-me o nariz!

– Ponha-se de pé, seu bastardo viscoso!

Ofegando, gemendo, pôs-se de joelhos e Wakefield bateu-lhe de novo, uma e outra vez, deitando-o várias vezes ao chão. Pontapeou Harold no baixo-ventre diretamente com o bico da bota, fazendo com que ele se dobrasse em dois, choramingando de agonia.

Quando o pior da dor diminuiu, Wakefield inclinou-se sobre ele, agarrou-o pelo pescoço e sacudiu-o como a um cão recalcitrante.

– Se alguma vez pronunciar o nome dela em voz alta, se pensar nela, mato-o. Agora, estou farto de o ver. Saia!

Wakefield ergueu-o por um braço e uma perna, atirou-o para o corredor e, com um ruído baque, ele aterrou na parede oposta.

Clientes e prostitutas dos quartos ao lado espreitavam das portas alinhadas no corredor, curiosos por descobrir a causa de toda a agitação. As escadas situavam-se ao fundo do corredor e ele estava nu, coberto de sangue, com o nariz e as faces inchadas e a latejar.

– Vá! – rugiu Wakefield, nas suas costas. – Saia daqui vigário Martin!

Quando Wakefield mencionou o seu título, gerou-se um borburinho chocado, em seguida gargalhadas que o enraivecaram e escandalizaram. Todos gritavam trocistas, apontando para os seus genitais murchos e o rosto arruinado.

Wakefield pô-lo de pé e atirou-o pelo ar, empurrando-o aos poucos para a escada.

– A minha capa! – implorou ele. – Por favor!

Estendeu a mão num gesto de súplica. O louco aristocrata não podia tencionar expulsá-lo sem roupa? Poderia?

Wakefield bateu-lhe no braço esticado e, apavorado, Harold rastejou até às escadas e caiu por elas.

Tomado por um redemoinho de violência, Wakefield foi atrás e empurrou-o para apressar o seu avanço. Harold aterrou num repugnante monte de carne, deslizando para o salão principal, onde os clientes estavam a beber e a conviver com as prostitutas.

Quando ele rolou para o interior da divisão, fez-se um profundo e surpreso silêncio e, em seguida, todos começaram a rir descaradamente como os espetadores do andar superior.

Harold tropeçou até à porta da frente que um homem gigantesco abriu delicadamente e saiu para a noite fria, seguido pela cacofonia e risos maliciosos.

Wakefield saiu atrás dele como um touro enraivecido, pelo alpendre e pelo

pátio. Harold correu pela via, enquanto pedras e galhos lhe cortavam os pés nus, mas mal se apercebeu. À beira do bosque, parou e olhou por cima do ombro, mas Wakefield continuava, recortado pelo luar.

– Vá, sua doninha nojenta! – provocou. – Não volte a atravessar-se no meu caminho!

Wakefield atirou um objeto e Harold viu quando ele o lançou. Era uma pedra enorme e, surpreendentemente, o visconde tinha uma excelente pontaria. A pedra acertou no meio do peito de Harold, lançando-o para trás. Wakefield lançou outra, e mais outra, cada uma atingindo-o com precisão.

Gelado, exposto e sozinho, Harold gritou e fugiu na direção das árvores.

Emma mexeu-se na cama e John olhou para ver se finalmente acordara. Alguma vez teria de despertar. Uma pessoa não podia ficar a dormir para sempre.

Quando desmaiara junto das ruínas do casebre, tinha-lhe pregado um susto e precipitara-se para a mansão com ela ao colo, seguro de que se encontrava às portas da morte. Estava pálida como um fantasma e magra como um fio e não acordara durante toda a viagem, nem quando a colocara em cima do cavalo, nem quando haviam galopado pelos bosques, ou quando a transportara pelas escadas e mandara a governanta despi-la e metê-la na cama.

Causara decididamente agitação quando entrara na mansão. O resmungar entredentes começara quando os seus empregados tinham reconhecido Emma e transformara-se num verdadeiro clamor quando a tinha levado diretamente para o quarto. O seu pessoal era conservador e não se sentiam muito satisfeitos com a ideia de que colocasse a sua menina Fitzgerald numa posição comprometedora.

Para salvar a pele teve de se explicar rapidamente. Somente a sua obstinada e convicta insistência diante de todos os presentes de que planeava casar com ela, assim que o vigário da paróquia vizinha se disponibilizasse a visitar Wakefield, tinha evitado uma revolta de pleno direito. Vira-se obrigado a mostrar-lhes as alianças que comprara em Londres antes que acreditassem nele.

Os reluzentes aros em ouro haviam acalmado os ânimos e assegurado as suas intenções pelo que o deixaram prosseguir, embora se mantivessem no corredor, prontos a intervir, caso Emma necessitasse da sua ajuda.

De início, ficara aterrorizado com a hipótese de que uma horrível doença a tivesse atacado ou estivesse prestes a desvanecer-se devido a uma enfermidade qualquer. Desesperado e preocupado, sussurrara ao ouvido da sua governanta, mas ela tinha rido e dera-lhe uma palmada na mão, garantindo-lhe que Emma estava simplesmente desgastada pelo ritmo agitado que mantivera desde a sua partida.

Em seguida, confessara que Emma estava grávida, mas a mulher mais velha não se tinha mostrado chocada. Aparentemente, haviam corrido boatos quanto ao estado de Emma e a perspectiva das suas núpcias com o geralmente abominado vigário Martin, mas o nome de John não fora ligado ao escândalo. Com a verdade revelada, o grupo ansiava por sair e espalhar a notícia e, por conseguinte, mandara-os embora, mas não antes de ter escutado uma palestra sobre a delicada condição de Emma.

John não entendera que a gravidez podia cansar demasiadamente uma mulher

nem que uma pesada carga de trabalho prejudicava a mãe e o bebê. Na verdade, pouco sabia sobre o assunto, tendo feito questão de evitar contacto com as mulheres grávidas da família, mas agora que fora informado sobre os detalhes, sentia vontade de apertar o pescoço a Emma.

O que lhe passara pela cabeça, para descurar a saúde daquela maneira?

A governanta repreendera-o, alegando que Emma precisaria de muito descanso, de uma dieta cuidada e de muitos mimos durante a gravidez. Fulminara-o com o olhar como se estivesse a desafiá-lo ou a ajustar contas pelo pesado fardo que ele não assumira.

Como se fosse muito difícil mimar Emma! Mal podia esperar para começar!

Avançando até junto da cama nas pontas dos pés, observou-a como o fazia há muitas horas. Gostava de a olhar, contemplando a pele macia que se erguia e baixava com a subida e descida da colcha, acompanhando a respiração. Esporadicamente, balbuciava algo durante o sono inquieto, e a testa franzia-se de preocupação. Uma vez murmurara o seu nome – e agradou-lhe que mesmo depois de passado tanto tempo, ainda conseguisse perturbar o seu sono.

Quando estava acordada, e na plena posse das suas faculdades, podia fingir que não se importava, irritar-se e tentar desencorajá-lo, mas quando ficou adormecida e vulnerável, chamou por ele.

Tentou retirar algum conforto da situação.

Embora tivesse cometido erros, demonstrado uma conduta cruel e insensata, tudo acontecera porque a amava loucamente. O seu afeto monumental levava-o a dizer coisas que não queria dizer e conduzia a resultados em que nunca pensara.

Não tinha muito jeito para se desculpar ou corrigir as suas falhas e, por isso, percorria um território desconhecido. Ela tinha pouca paciência para equívocos ou banalidades pelo que precisava de avançar com cuidado. Arruinara tudo tão profundamente que não considerava ter muitas mais oportunidades de reparar as suas culpas.

Emma mexeu-se, rolou de costas e colocou um braço sobre a cabeça. A farta cabeleira encaracolada estava espalhada sedutoramente nas almofadas. Era tão bonita, tão maravilhosa, e se ele fizesse as jogadas certas, seria sua para sempre – o truque consistia em levá-la a ceder sem muita agitação ou agravo.

Passara uma eternidade desde que a abraçara, desde que se deitara ao seu lado. Desde o dia em que partira para Londres, não conseguira pensar em mais nada à exceção de quanto lhe sentia a falta. Sem ter consciência do que estava a acontecer, ela tornara-se a melhor parte de si mesmo.

Emma caíra-lhe totalmente em graça, mas ele ignorava em absoluto como o conseguira. Estava completamente enfeitiçado, os seus sentimentos por ela eram fortes e poderosos, incitando-o a uma conduta estranha e errada. Ao longo dos

anos tinha-se consciencializado estoicamente de que acabaria por casar, mas afastara a ideia, recusando avançar para o que havia rotulado de um árduo pesadelo.

Como era maravilhoso e refrescante descobrir que, afinal, não era nada difícil.

Sentiu uma dor no centro do peito, era como se o coração estivesse a inchar de uma enorme alegria. Esfregou o local, sorrindo, refletindo em como era feliz.

Subitamente ansioso por se despir e se aconchegar contra o seu corpo, tirou as roupas.

Já tinha feito isso antes, dera-lhe banho, deitara-a e em seguida também subira para a cama. Nessa tarde horrível cometera gafes umas atrás das outras.

Ao derramar o seu sémen dentro dela, quebrara a sua promessa. Em seguida, para sua grande vergonha, permitira que a arrogância e a insolência se apoderassem da sua língua. Ela tinha ficado apavorada, apanhada, alarmada e ele fora demasiado arrogante para lhe oferecer as promessas que ela precisava ouvir.

O orgulho incitara-o a deixá-la para lutar sozinha, a esforçar-se e a trabalhar para além dos seus limites. Na sua desesperada busca de ajuda, empurrara-a para os braços de Harold Martin. Se Ian não lhe tivesse comunicado a desgraça iminente, John nunca conseguiria um aparecimento providencial para evitar a catástrofe.

Estremeceu ao imaginar o que Martin lhe poderia ter feito em última instância – e também à mãe e à irmã.

Embora a lareira estivesse acesa, as chamas tinham diminuído, a temperatura baixara e ele estremeceu ao sentir o chão gelado por baixo dos pés. Levantou os cobertores e deitou-se devagar com cuidado para não a sobressaltar.

A cama era um casulo quente e estendeu-se, um braço sobre o seu ombro, o outro a rodear-lhe a cintura, uma coxa sobre a sua anca. Ela aproximou-se e ele fechou os olhos, deixando que as suas emoções famintas se enchessem com o contacto e o cheiro dela. A satisfação invadiu-lhe as veias.

Sem hesitar, ela aconchegou-se e, embora ele tivesse imaginado que o encontro seria casto e puro, o seu membro excitado avolumou-se.

Há meses que não tinha relações, desde a ocasião decisiva em que fizera amor com Emma e a sua anatomia lembrava-lhe enfaticamente e sem rodeios essa falta. O seu físico rebelde deveria tê-lo envergonhado, mas não conseguiu lamentar. Emma elevava-o permanentemente ao cume e não ficou surpreso ao constatar que nada havia mudado.

Com uma voracidade insana, desejava-a e não conseguia imaginar que o seu desejo desaparecesse nos próximos cinquenta ou sessenta anos. Surgiu-lhe uma visão hilariante e espontânea de quando fosse velho. Persegui-la-ia à volta do quarto, ainda excitado, ainda insatisfeito, ansioso pela saciedade que só obtinha

na sua companhia.

Fletindo as ancas, deleitou-se com a maneira como o seu pénis se moveu contra a suavidade sedosa do seu abdómen. Fletiu uma vez mais, apenas devido à sensação excecional, e ela arqueou as ancas e encontrou-o a meio do percurso, o corpo tão pronto e ansioso como o dele.

Aceitou a presença dele, sorrindo e ronronando, recebendo a subtil ligação, como se estivesse a meio de um sonho erótico e ele executasse corretamente o seu papel. Em seguida, parou bruscamente, os músculos contraíram-se e franziu a testa.

O tempo pareceu parar, ela conteve a respiração e depois abriu os olhos. Seguiu-se um interlúdio de visível desorientação em que não compreendeu onde estava ou com quem estava e depois a realidade abateu-se sobre ela.

– Tu! – rugiu, como se se tratasse de um cão que não era permitido na casa.

– Olá, querida Emma!

Beijou-a na boca, mas ela afastou-se bruscamente e ergueu-se num cotovelo. Apalpou em volta, desejosa de identificar o que a rodeava e passaram vários segundos antes de perceber que se encontrava no seu quarto.

– Há quanto tempo estou a dormir? – perguntou entre os dentes cerrados.

– Dezasseis horas com uns minutos a mais ou a menos. – Estendeu o braço e entrelaçou uma madeixa de cabelo no dedo.

– Como vim parar aqui?

– Desmaiaste e trouxe-te para casa.

– Ora, muito obrigada – ripostou, furiosa –, mas esta *não* é a minha casa! Como te atreves a presumir isso?

– Já alguma vez te disse como ficas linda quando te irritas?

– Oh!... Tenho de sair daqui! – Atirou os cobertores para trás e o ar frio atingiu-os aos dois, fazendo com que ela olhasse para baixo e visse que estava nua, e ele também. – Ah! – gritou, afastando-se. – Estou nua!

– Exatamente como gosto de te ver.

Agarrou-se freneticamente à colcha, tentando proteger-se do seu olhar lascivo e deambulante, mas em vão. Ele adorava vê-la nua e não estava disposto a desviar os olhos ou a fazer de cavalheiro ante o seu surto imprevisto de modéstia virginal.

Se fosse por ele, nunca a deixaria vestir-se novamente.

– Como vim parar aqui nua?

– Ao seu serviço, menina Fitzgerald. – Mentiu sem qualquer esforço, deixando-a pensar que lhe tirara a roupa, peça a peça, e que se deleitara com cada momento perverso, decadente, inapropriado.

– Seu... seu... – A sua língua puritana não conseguia encontrar uma palavra

suficientemente ofensiva para o descrever. – Onde estão as minhas roupas?

– Queimei-as.

A destruição dos trajes lamentáveis fora uma inspiração e estava satisfeitíssimo por haver tomado essa decisão. A eliminação proporcionara-lhe um triplo benefício: ela não podia fugir sem roupa. Entretanto, ele tê-la-ia sequestrada nua. Quando a roupa elegante que encomendara fosse entregue, teria o prazer de observar a sua total transformação.

Se vivesse até aos cem anos, jamais permitiria que ela voltasse a usar preto, cinzento ou castanho.

– *Queimaste* as minhas roupas?

– Todas.

Indignada, dissecou-o como se fosse uma espécie de inseto repugnante que ela desejasse pisar debaixo dos pés.

– O que devo fazer? Permanecer no teu quarto como uma concubina de harém, satisfazendo os teus caprichos pessoais e ministrando as tuas necessidades carnis?

– Exatamente.

– É uma ordem?

– Não. Esperava que desejasses fazê-lo por vontade própria.

– E se recusar?

– Não podes.

– Então, sou uma prisioneira?

– Não exatamente uma *prisioneira*. – Ela ia ficando cada vez mais enfurecida a cada mudança, e ele sorriu intimamente, ponderando até onde poderia levá-la, antes que explodisse. – Não te esqueças: tens dívidas a pagar.

– Dívidas!

– Lembras-te da renda por pagar?

– De todos os ultrajes, subjugações...

– Amo-te! – Pronto! Dissera a palavra pela primeira vez em voz alta e sentiu-se particularmente orgulhoso de si.

– Pois, eu odeio-te! – sibilou, como resposta.

John riu. Depois das miríades de maneiras com que troçara e se livrara de amantes durante a década anterior, como era hilariante e adequado que a sua única declaração de emoções fortes fosse totalmente posta de lado!

– Não, não odeias! – repreendeu suavemente.

– Odeio, sim! – insistiu ela. – Mesmo!

Com um movimento rápido, agarrou-a pela cintura e deitou-a no colchão, de modo a que ficasse por cima. O seu torso baixou-a, envolveu-a com as coxas e fez deslizar o membro entre as suas pernas, latejando com a urgência de estar tão

próximo do seu destino lascivo.

Esgotadas as forças, Emma deixou de lutar ou de tentar escapar, parecendo derrotada depois de ter batalhado demasiado tempo. Tinha o corpo amolecido, os braços inertes e ele ficou devastado ao ver-lhe os olhos cheios de lágrimas.

– Não faças isso – suplicou ela. – Por favor! Não aguentarei passar por tudo outra vez!

– E o que pensas, minha querida Emma, que serás forçada a *aguentar*?

– Vais convencer-me a estar contigo. Durante um dia ou uma semana. Eu cedo sempre! – Engoliu em seco de tristeza. – Depois, regressarás a Londres.

Ela supunha que ele estava a brincar! Que se tratava de uma visita temporária! Que maravilha seria provar-lhe que estava errada!

– Não vou a parte alguma.

– Não acredito.

Que noz tão difícil de quebrar! Tornavam-se necessárias medidas drásticas e, antes que perdesse a coragem, explodiu:

– Queres casar comigo?

– Para! Magoas-me quando ages assim! Quando me fazes elogios que não sentes! Quando...

John beijou-a, interrompendo a tirada. Durante um breve instante, ela resistiu, depois suspirou e cedeu.

– Casa comigo – repetiu, quando os lábios se apartaram.

– Não!

John pousou a palma da mão sobre o seu ventre e massajou-o em círculos lentos, desenhando o ser pequenino no interior.

– Não há algo que precisas de me dizer?

Quando se apercebeu de que ele descobrira o seu segredo, o olhar ensombrou-se de fúria.

– Eu disse-te!

– Quando?

– Mal suspeitei. Escrevi-te uma carta.

O corpo dele ficou tenso e estreitou os olhos. Desde o seu encontro conturbado e horrível com Georgina que conjeturara sobre a que aviso ela se referia, e se poderia relacionar-se com Emma. Estaria a aludir a uma carta? Tê-la-ia roubado?

Se assim fosse, havia muitos métodos pelos quais poderia descobrir e outros tantos para se vingar.

A sua ex-amante iria arrepender-se para sempre do dia em que os seus caminhos se tinham cruzado.

– Escreveste-me?

– Sim, mas nunca respondeste. – Lágrimas corriam-lhe pelas faces e ele enxugou-as. – Nunca vieste buscar-me.

– Então, pensaste que não me importava?

– Sim. Estive sozinha todo este tempo.

Começou a chorar abundantemente e ele encostou-a ao peito, apertando-a e acariciando-a, esfregando as mãos para cima e para baixo ao longo das costas. Magoava-o que ela tivesse sentido que não podia depender dele, mas na verdade passara a vida aperfeiçoando a arte da indiferença. O que mais poderia ter concluído?

– Chiu! – acalmou-a. – Já passou. Vai ficar tudo bem. Estou aqui, agora.

– Tenho estado tão assustada.

Vinda da dura e tenaz Emma, tratava-se de uma enorme confissão e ele sorriu, beijando-lhe o cabelo, e a face.

– Não recebi a tua carta, Em. Juro.

– Então como sabias?

– Ian descobriu o teu estado de alguma forma. Informou-me e vim imediatamente.

– Estava com medo de ter de casar com outra pessoa e não o teria suportado. Estava tão confusa, estava tão... tão... assustada com...

– Não te preocupes com Harold Martin – interrompeu, surpreendendo-a com a percepção total da sua situação. – Nunca mais te incomodará.

– Mas ele sabe tudo sobre nós e ameaçou...

John abafou a raiva, sem querer que ela percebesse como tinha sido provocado pelo vigário, mesmo enquanto especulava sobre que coação o porco perverso usara para a aterrorizar, mas realmente não queria saber. Se alguma vez desenterrasse todos os factos, ver-se-ia obrigado a perseguir e matar a doninha ofensiva.

– O senhor Martin e eu tivemos uma conversa aberta – disse com a máxima tranquilidade possível –, e ele decidiu que este não é o cargo nem a cidade que lhe convém. Mudou-se.

– De certeza?

– Absoluta.

Ela começou a tremer, presa de um enorme alívio e aparentemente deu-se conta de que ele e Martin haviam tido mais do que uma discussão educada, mas não pressionou, o que o satisfazia. Não queria nem sonhar em alarmá-la mais, relatando onde tinha encontrado o desprezível corrupto, ou quais as suas intenções.

– Obrigada.

– De nada.

Examinou-a, fitando os seus belos olhos castanhos, contente e feliz somente por estar com ela. Transbordando de satisfação e de afeto, disse perplexo:

– Vou ser pai.

– É verdade – admitiu ela.

– Então, também devia tornar-me marido. – Imobilizou-a sobre a cama. – Menina Fitzgerald, há uma proposta em cima da mesa e a sua resposta não foi adequada. Só me contentarei com um sim.

– Falas a sério...

– Claro que falo, raios! – exclamou, irritado. – A mulher tinha um orgulho letal. – Achas que não tenho nada de melhor para fazer do que andar pelo campo, propondo casamento a mulheres ingratas?

– O que beneficiaria se casasse contigo?

– Emma! – rugiu, exasperado. – Que tal um teto por cima da cabeça? Comida na dispensa? Roupas, estabilidade e segurança?

– Isso é tudo muito bonito – começou ela furiosa, mas...

John era um homem orgulhoso e ela espicaçara-lhe a petulância. Não era capaz de tolerar uma ofensa às suas intenções ou à sua integridade:

– Fazes ideia de quantas mulheres neste mundo desejariam estar no teu lugar?

– É isso o que me preocupa. Quantas mulheres terei de...

– Nenhuma. Desapareceram. Para sempre.

– A tua amante também?

– Separei-me dela antes de sair de Londres.

– O álcool? O jogo?

– Acabaram.

Emma fitou-o com um ar duvidoso e incrédulo.

– A sério?

– Tiveste um efeito extremamente destrutivo na minha personalidade. O álcool e o jogo causam-me um tédio de morte. Quanto a outras mulheres – acrescentou, trocista –, nenhuma consegue acordar-me a fantasia.

– Porquê?

– Porque não estão no teu lugar!

– Esperas que acredite nessa idiotice?

Ele acalmou-se. Podia ser aquela a única oportunidade de a fazer compreender quanto a amava. Voltou a beijá-la, uma simples fusão de lábios e de língua, e ficou exuberante de alegria quando ela se lhe uniu no beijo.

– No que se refere a maridos, não sou um grande partido.

– Não, não és.

– Mas vou mimar-te sempre, cuidar de ti e prometo amar-te para o resto dos meus dias. Até ao último suspiro.

– Oh, John...

– Diz que sim, Em. Casa comigo.

– Sou tão idiota – murmurou ela. – Durante uma eternidade, permaneceu silenciosa, pensativa e introspetiva, e entrou em pânico porque, por uma vez, não conseguia decifrar-lhe os pensamentos. O silêncio prolongou-se enquanto ela lutava por uma resolução.

Por fim, ela perguntou:

– Viveríamos aqui em Wakefield?

John mal conseguiu dominar-se para não erguer o punho de contentamento.

– A maior parte do ano.

– Cuidarias da minha mãe e da minha irmã?

– Como se fossem minhas.

– Serás um pai dedicado para os nossos filhos?

– Espero que tenhamos uma dúzia.

– Se alguma vez te desviares do bom caminho, aceitarás humildemente a castração?

– Essa é uma proposta difícil, menina Fitzgerald, mas por si – respondeu com uma gargalhada –, consentiria.

– Falo a sério, John. Se pronunciaries os votos, exigirei que os honres. Ficaria devastada se arranjasses outra depois de mim.

– Eu sei. Nunca o faria.

Emma perscrutou-lhe o rosto em busca de um equívoco ou hesitação, mas foi em vão e finalmente concluiu que a sua proposta era genuína.

Suspirou, cedendo.

– Sim, casarei contigo.

Nunca tinha havido qualquer outra escolha. Nenhuma outra decisão teria sido adequada ou satisfatória. Ele não conseguia explicar porque perdera tempo e adiara. Normalmente não era tão alheio e culpou a sua falta de astúcia por ser ditador, narcisista e presunçoso, ficando extremamente aliviado por ter recuperado a sensatez antes que fosse demasiado tarde.

Ignorava o que seria dele se a tivesse perdido devido à sua estupidez ou preconceito. Como poderia viver sem ela?

– Quando? Amanhã?

– Bom, gostaria de algum tempo para fazer planos. Nem sequer tenho roupa para vestir na ocasião. – Observou-o com uma expressão cáustica. – Aparentemente alguém me queimou tudo o que tinha.

– Então, uma semana. Não posso esperar mais.

– Um mês.

– Duas semanas – negociou num tom arrogante. – E é definitivo.

- Sim, visconde de Wakefield – anuiu delicadamente.
- É tão bom quando fazes o que te peço.
- Não te habitues.

Ele riu mais uma vez a alto e a bom som. No seu casamento, jamais haveria um momento de tédio.

Sentia-se cansado dos galanteios, cansado da dureza verbal que tivera de aguentar para a conquistar. A separação fora triste e estava pronto para experimentar algumas das recompensas por ser um homem quase casado.

- Agora... quanto a essas dívidas que tens de pagar...
- As minhas dívidas! Que ousadia!

Tentou saltar da cama, mas ele agarrou-a. Ao ver que não conseguia fugir, começou a bater-lhe com os punhos, mas, como estava presa, não conseguiu dar qualquer golpe eficaz.

John inclinou-se para a acariciar e assim que lhe tocou de uma forma íntima, ela deixou de oferecer resistência. Fitou-o com um olhar enamorado e sedento e assentiu com a cabeça, um gesto de permissão e capitulação. Ele beijou-a ternamente e, em seguida, moveu-se para se colocar entre as suas lascivas coxas.

- Onde estávamos? – perguntou com um sorriso.
- Discutíamos sobre como deveria pagar o dinheiro que te devo.
- Ah, sim. Tínhamos estabelecido que favores sexuais reduziriam o atraso, mas não debatemos mais condições.
- Não concordámos em nada disso – retorquiu ela num tom formal e correto.
- Não serei intimidada.
- Muito bem, então. Estabelecerei as condições sem nenhuma interferência tua. – Fingiu ponderar e depois ordenou impetuosamente: – Receber-me-ás da maneira que quiser, as vezes que requisitar os teus serviços, desde agora até ao casamento.

- Detesto quando as tuas tendências aristocráticas vêm ao de cima.
- Eu sei. É o que adoro em ti.
- Déspota – resmungou entredentes.
- Pensa em como te divertirás a emendar-me.
- Será um trabalho de uma vida.
- Sim, sem dúvida. – Mas era assim que Emma estava no seu melhor, providenciando alívio, organizando, ajudando. Que homem de sorte ele era!

Emma esboçou um sorriso malicioso e perguntou:

- Então, milorde Wakefield como quer que comece? O que deseja?
- A resposta foi tão básica. Tão elementar. Tão essencial.
- A ti. Só a ti.

Sumário

- [Ficha Técnica](#)
- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)